

Carlos Augusto Pereira dos Santos  
Maria Núzia Rocha Aguiar

# VAI-SE O HOMEM, MAS FICA O NOME...



Perfil biográfico  
e genealógico de  
Murilo Rocha Aguiar

Editora

**SER  
TÃO  
CULT**



Carlos Augusto Pereira dos Santos  
Maria Núzia Rocha Aguiar

# **VAI-SE O HOMEM, MAS FICA O NOME...**



Perfil biográfico  
e genealógico de  
Murilo Rocha Aguiar

Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**  
Sobral-CE  
2023

**Vai-se o homem, mas fica o nome...** Perfil biográfico e genealógico de Murilo Rocha Aguiar  
© 2023 copyright by: Carlos Augusto Pereira dos Santos, Maria Nússia Rocha Aguiar  
Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138  
Renato Parente - Sobral - CE  
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222  
contato@editorasertaocult.com  
sertaocult@gmail.com  
www.editorasertaocult.com

**Coordenação Editorial e Projeto Gráfico**  
Marco Antonio Machado

**Coordenação do Conselho Editorial**  
Antonio Jerfson Lins de Freitas

**Conselho Editorial**

Andreia Rodrigues de Andrade  
Camila Teixeira Amaral  
Cid Morais Silveira  
Geranilde Costa e Silva  
Gilberto Gilvan Souza Oliveira  
João Batista Teófilo Silva  
Maria Aparecida de Sousa  
Raul Max Lucas da Costa  
Telma Bessa Sales  
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros

**Revisão**

Antonio Jerfson Lins de Freitas

**Diagramação e capa**

João Batista Rodrigues Neto

S237v Santos, Carlos Augusto Pereira dos.

Vai-se o homem, mas fica o nome.../ Carlos Augusto Pereira dos  
Santos, Maria Nússia Rocha Aguiar. - Sobral CE: Sertão Cult, 2023.

256p.

ISBN: 978-65-5421-089-8 - e-book - pdf

ISBN: 978-65-5421-088-1 - papel

Doi: 10.35260/54210898-2023

1. Biografia (Murilo Aguiar)- Camocim, Ceará. 2. Genealogia. 3. Camocim, Ceará. 4. Política- Camocim, Ceará. I. Aguiar, Maria Nússia Rocha. I. Título.

CDD 920



# Sumário

## Capítulo I

Vida familiar e comercial.....	7
--------------------------------	---

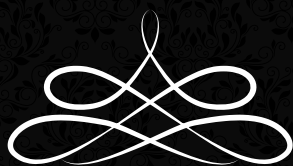
## CAPÍTULO II

Trajetória Política.....	33
--------------------------	----

Murilo Aguiar. Deputado constituinte.....	33
Murilo, líder político .....	43
“Quem for do meu lado me acompanhe até a Praça”. As versões sobre a origem dos apelidos “Cara Preta” e “Fundo Mole”	45
Murilo prefeito de Camocim.....	51
Murilo volta ao Parlamento Estadual .....	74
Legislatura de 1963 a 1966 .....	82
“União Pelo Ceará” .....	85
Legislatura de 1967 a 1970 .....	90
Cassação dos direitos políticos .....	94
O Acordo de 1970.....	104
As Batalhas da Barroquinha.....	112
O Retorno à vida política de Murilo Aguiar em 1982 .....	121
A morte em plenário .....	128
Gonzaguistas decepcionados com alguns colegas da AL..	138
Vai-se o homem, mas fica o nome.....	147
Fontes .....	152
Bibliografia .....	158
Sites consultados.....	161

## CAPÍTULO III

Genealogia da família Aguiar (Murilo Rocha Aguiar) .....	165
Thomé Ximenes de Aragão / Margarida Nunes Barbosa (tetra- vós de Murilo Rocha Aguiar) .....	191
Transcrição do Registro de Casamento de Anacleto Francisco Ximenes de Aragão e Maria Maximiana Ximenes de Aragão...	193
Adrião Ximenes de Aragão / Joaquina Quintina (Quitéria) de Carvalho(bisavós de Murilo Rocha Aguiar) .....	196
FILHOS .....	196
Transcrição do Registro de Casamento de Adrião Ximenes Aragão e Joaquina Quitéria de Carvalho .....	198
Manoel Florêncio de Aguiar / Constância Ximenes de Aragão Aguiar (avós de Murilo Rocha Aguiar) .....	199
De Arnaut de Holanda a Murilo Rocha Aguiar (linha ma- terna) .....	212
Do Coronel Manuel Francisco de Aguiar (neto de Antônio Vaz de Aguiar) a Murilo Rocha Aguiar (linha materna) .....	214
Moisés Cavalcante Rocha e Virgínia de Aguiar Rocha (avós maternos de Murilo) .....	220
Vicente de Paula Aguiar .....	223
A descendência de Murilo Rocha Aguiar e Maria Stela ....	236



# Capítulo I









## Vida familiar e comercial

II

*Em novembro de 14  
A história há de lembrar  
Mais um acontecimento  
No norte do Ceará:  
Uma cidade sorria  
Pois em CAMOCIM nascia  
MURILO ROCHA AGUIAR.<sup>1</sup>*

**C**amocim-Ceará, final do século XIX. A partir do ano de 1877, com o início das obras da construção da Estrada de Ferro de Sobral, tendo Camocim como ponto inicial, o então distrito de Granja passa por uma transformação a partir da sua emancipação política, em 1879. A outrora vila de pescadores deslumbrou o historiador e viajante Antônio Bezerra em sua viagem pelo interior do estado no ano de 1889, a ponto de afirmar que a localidade era a que mais tinha progredido na província àquela época. Na descrição da cidade, legou-nos a impressão de um lugar agitado,

---

1 BARBOSA, Medeiros. *Deputado Murilo Aguiar (1914-1985)*. 1999. Baturité-CE, p. 01.

[...] constante do povo nas ruas, a afluência de passageiros desta e da província do Maranhão que concorrem ao hotel, certa animação nas transações comerciais, o grito da locomotiva anunciando a saída ou chegada de trens de Sobral, os navios ancorados no porto a receberem carga para dentro e fora do império, causam a quem desembarca aqui pela primeira vez uma agradável impressão<sup>2</sup>.

Nas décadas seguintes, o município seguia sua sina de ser o “eixo do povoamento e da civilização que demandou a Amazônia, [...], firmado no porto de Camocim e alicerçado no altiplano da Ibiapaba”<sup>3</sup>. Deste modo, porto e ferrovia contribuíram para essa conjugação de progresso que o município experimentava, corroborando com a ideia de “eixo” ou de porta de entrada e saída para a atividade econômica desenvolvida na então zona norte do Ceará e estados vizinhos.

Naqueles primeiros anos do século XX, com seu porto utilizado por navios de calado médio, Camocim recebia diretamente as novidades trazidas do sul do país e de outros continentes. Existia um clima geral de prosperidade (relativa) e através da pequena baía onde se situa o porto de Camocim (foz do Rio Coreaú), eram desembarcadas mercadorias que iam abastecer o norte do Estado, porque, na época, inexistiam estradas de rodagem e ferrovias que o ligasse a Fortaleza. Havia sim uma estrada de ferro contingenciada ao norte nascida em Camocim e passando por Sobral, atingindo uma parte do Piauí, que permitia a distribuição de gêneros e outros produtos, beneficiando

---

2 BEZERRA, Antônio. *Notas de Viagem*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1965, p. 64.

3 CARNEIRO, Glauco. *J. Macêdo: uma saga empresarial brasileira*. 1ª ed. São Paulo: EDICOM, 1989, p. 31.

os municípios situados à margem dos trilhos. Fazia-se também o caminho inverso: toda a mercadoria produzida no norte do Ceará e em parte do Piauí seguia para Camocim, dali continuando, via marítima, para Belém e depois Amazonas e também Fortaleza<sup>4</sup>.

É neste contexto e ambiente que nasce Murilo Rocha Aguiar, em 25 novembro de 1914, segundo filho do casal Vicente e Iracema<sup>5</sup>. Meses antes, em julho daquele mesmo ano, estourou o conflito da Primeira Guerra Mundial, que passou a dominar o noticiário internacional.

No Ceará, viviam-se os conflitos da guerra interna com a deposição da oligarquia Accyolina do poder estadual. As repercussões da briga entre “marretas” x “rabelistas” chegaram a Camocim. Se o casal morasse no antigo Largo Velho estaria no centro nervoso dos acontecimentos, como narra um contemporâneo daqueles tempos:

O Coronel Marcos Franco Rabêlo ainda não estava há muito tempo no Governo do Estado quando o padre Cícero Romão Batista, que dominava quase todo o sertão do sul do Estado, mancomunado com outros políticos decaídos, convulsionou-o para apeá-lo do poder. [...] Um dia, circulou a notícia contristadora de que já estavam ocupando várias cidades, inclusive Sobral e que marchavam rapidamente sobre Massapê e Granja, e, em seguida, Camocim. [...] Para prevenir uma possível colaboração com os correligionários, o chefe democrata mandou prender seus adversários mais graduados, inclusive seu próprio irmão, que era *marreta*...

---

4 *Idem*.

5 Do casal Vicente de Paulo Aguiar e Iracema Rocha Aguiar nasceram: José Moacir Rocha Aguiar, Murilo Rocha Aguiar, Maria Moema Rocha Aguiar e Iracema Rocha Aguiar Tavares.

[...] Todavia, antes tinha chegado em Camocim num cargueiro do Comércio e Navegação, o Tenente Corrêa Lima, ainda muito jovem, que foi organizar a defesa da cidade. [...] Mandou tirar os *prisioneiros* que estavam incomunicáveis numa casa do próprio Largo Velho, botou-os defronte da residência do próprio chefe democrata, todos perfilados, mas de cabeças baixas, como se fossem para o *paredão* e, andando de um lado para o outro, na frente daqueles chefes de família ali humilhados, começou: - Os senhores, com seus correligionários ensanguentaram todo o Estado, corre sangue desde Juazeiro até Granja e a qualquer momento deveremos estar sendo atacados aqui, pelos bandidos do padre Cícero. Mas, ai dos senhores se eles chegarem até Camocim. Os primeiros tiros que derem, no primeiro minuto que formos atacados, os senhores serão fuzilados sumariamente!

E virando-se com energia para o sargento que o acompanhava: - Meta-os novamente no xadrez.<sup>6</sup>

Não fuzilaram ninguém e os *marretas* voltaram ao poder tempos depois através do seu chefe local, Coronel Adonias, que havia fugido anteriormente e “voltava da sua longa ausência. [...] A cidade estava cheia de bandeira de papel sêda de todas as côres, notadamente perto da gare e em toda a extensão da Rua Senador Jaguaribe, onde residia o ressuscitado *dono* da situação em Camocim”.<sup>7</sup> Tudo indica que a família Aguiar estava do lado da oposição, visto que vamos encontrar Vicente Aguiar fazendo parte da comissão de festejos que recepcionou o deputado federal Moreira da Rocha, do Partido Democrata, em sua visita a Camocim no ano de 1918<sup>8</sup>.

---

6 LIMA, João Evangelista de Souza. *Adolescência na Selva*. Rio de Janeiro: EDIPREL, 1967, p. 101-103.

7 *Idem*, p. 105.

8 O Deputado Federal Manoel Moreira da Rocha era conhecido no meio político como *Mané Onça*. Chegou a Camocim em 31 de agosto de 1918 com



Rua Senador Jaguaribe. Camocim-CE, anos 1930.

**Fonte:** Acervo Raimundo Wilson.

Na seara comercial, já na década de 1910, a família Aguiar se sobressaía no cenário local, explorando o comércio de mercadorias proporcionado pelo movimento do porto e da ferrovia através da firma V. Aguiar & Cia, dentre outras casas comerciais conceituadas na Zona Norte do estado, como as firmas Nicolau Carneiro e Albuquerque & Cia., situadas na Praça da Estação. Sintonizado com o movimento associativista da época, Vicente Aguiar foi sócio fundador, juntamente com seu sogro, Moysés Cavalcante Rocha<sup>9</sup>, da Associação Comercial de Camocim, da qual foi seu primeiro presidente<sup>10</sup>. Posteriormente, Murilo

---

sua comitiva pelo vapor Pyreneus. *Jornal Folha do Littoral*, Camocim-CE, 08 de setembro de 1918, n. 15, p. 01. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

9 Moysés Cavalcante Rocha, casado com D. Virgínia Aguiar, filha do coronel Manuel Francisco de Aguiar, deputado provincial e prefeito de Tianguá, era o avô materno de Murilo Aguiar. Foi o terceiro prefeito de Camocim, de 1921 a 1923.

10 Além dos comerciantes de Camocim, a Associação Comercial em sua fundação, contava com firmas sócias dos municípios de Sobral, Massapê, Granja, Cariré, Riachão (atual Uruoca), Ipu, Santa Cruz (Reriutaba), Tianguá, Pires Ferreira, Viçosa e dos estados de Pernambuco e Pará. *Jornal Folha do Litto-*

Aguiar viria a presidir também a referida instituição<sup>11</sup>. Da pena de Frota Aguiar, primo legítimo de Murilo, num livro de memórias, temos um panorama das principais famílias camocinenses comerciantes de então:

Lembro-me como se fosse hoje, das famílias Veras, Coelho, Cavalcante Rocha, Aguiar Rocha, Menescal Carneiro, Ramos, Cavalcante, Chaves, Vasconcelos, Praxedes, Menezes, Pessoa, Morel, Cela, Trévia, Fontenele, Barros e Gomes Lima. Talvez haja omissão. Culpem-me a memória<sup>12</sup>.

Socorrendo a memória do autor, entre as décadas de 1920 e 1930, quando aportavam em Camocim uma média de 100 embarcações (entre nacionais e estrangeiras), além de 200 aeronaves (Correios e cargas)<sup>13</sup> anualmente, podemos acrescentar ainda uma significativa rede de comércio, indústria e profissões:

### **COMMERCIO, INDUSTRIA E PROFISSÕES**

Advogado: Francisco Menescal Carneiro.

Alfaiatarias: João Hippolito da Costa, Thomaz de Souza.

Algodão (Fábrica de descaroçar) Nicolau & Carneiro

Apicultor: Antonio de Cavalcanti.

Armarinho e fazendas: Elis Asfora & Sobrinho.  
José Gomes Parente.

---

ral, Camocim-CE, 22 de setembro de 1918, n. 13, p. 01. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

11 Os registros da Associação Comercial de Camocim trazem o nome de Murilo Aguiar como presidente no ano de 1943. Como tradicionalmente estes cargos de associações duram dois anos em média, acredita-se que o mandato tenha ido até 1944, mesmo porque, em seguida, ele entrou em campanha para deputado estadual em 1945.

12 AGUIAR, Frota. *O Último Canto do Cisne!* ... Rio de Janeiro, Editora Cátedra, 1993, p. 23.

13 Anuário Estatístico do IBGE, 1933.

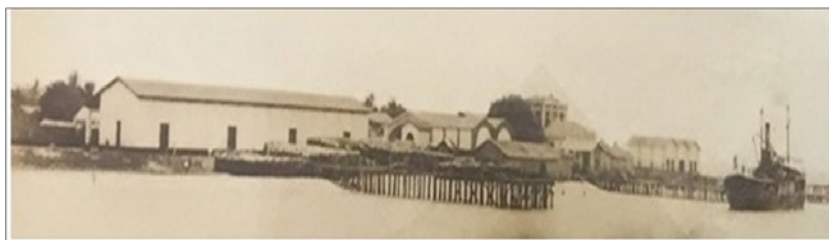
Banco: Nicolau & Carneiro.  
 Barbearias: José Archanjo de Souza. José Rodrigues Silva. José Sabino. • Melchiades Lopes do Prado. Raymundo Valle.  
 Botequins e bilhares: Motta & Motta, Raymundo Gomes de Oliveira Filho.  
 [...]
   
 Comissões e consignações: Albuquerque & Cia. José Nicolau F. Cavalcanti. F. Felinto Cavalcanti. Lourenço Liberato & Martins. Nicolau & Carneiro. Ulysses Borges.  
 Dentista: Carlos Vianna Tavares:  
 Engenheiro civil: Dr. Edmundo Monte.  
 Ferragens: Bellaratino Carneiro de Araujo, Leonel Dias da Fonseca & Filho, Veras & Cia.  
 Ferreiros: Francisco Lopes Ferreira. Francisco das Chagas Ferreira, Luiz de França Bevilaqua, Manoel Ximenes de Aragão, Manoel Sergio.  
 Funileiros: Juvenal Juvencio de Medeiros, Antonio Pereira Vianna.  
 Gelo (Fábrica de): José Militão de Carvalho Menescal.  
 Guarda-livros: Arthur da Silva Ramos. José Arimathéa Carneiro.  
 Hotel Perales: Maria Isabel Perales.  
 Modistas: Eurides de Mello (roupas brancas). Maria de Souza Neves. Anna Alice Rodrigues. Maria Isabel Perales. Rosa de Mello Monteiro. Luiza Balbino<sup>14</sup>.

Como se pode observar, a variedade e diversidade comercial no município de Camocim era muito significativa, derivando daí a ascensão social da família Aguiar. Aliás, o comércio e a política estão no sangue dos Aguiar desde os tempos mais remotos, espalhando-se por várias regiões do

---

14 Almanaque Laemmert, 1922, ed. 078 e 079, p. 308. A relação de atividades comerciais é extensa. Na fonte referida estão relacionadas as companhias de navegação com representação em Camocim, além de oleiros, ourives, padarias, pedreiros, parteira, pensões, farmácias e drogarias, pintores, fabricantes de redes, fábricas de sabão, sal, vinagre, sapateiros, secos e molhados (ramo em que se destaca a firma Aguiar & Cia), dentre outros.

estado, alguns se aventuraram nos seringais do Norte do país, afinal, Camocim era um porto de onde partiam “as fornadas de cearenses que, centenas de anos depois, foram ocupar a Amazônia e escrever a epopeia da conquista do Acre”<sup>15</sup>; e depois se estabeleceram em vários municípios cearenses.



Porto de Camocim. 07 de maio de 1919.

**Fonte:** Carnegie Institution. Department of Terrestrial Magnetism, 1919.

Como se pode perceber, Murilo Aguiar nasceu num contexto de intensa beligerância. No entanto, o ano seguinte, 1915, também não foi fácil. Além dos efeitos da Primeira Guerra Mundial, o Ceará caminhava para mais uma seca. Quando Murilo Aguiar foi batizado pelo padre José Augusto da Silva<sup>16</sup>, na Matriz de Bom Jesus dos Navegantes, Camocim era, ao mesmo tempo, um ponto de atração e de partida de flagelados que tentavam sobreviver na terrível “Seca do 15”, que atingia a todos indistintamente. No dizer de um dos integrantes da família Aguiar já referido: “O movimento do porto, por certo devido à crise climática – a implacável seca, era intenso. E triste, quando se observava

<sup>15</sup> CARNEIRO, *Op. cit.*, p. 31.

<sup>16</sup> Pe. José Augusto da Silva foi o construtor da Igreja Matriz de Bom Jesus dos Navegantes e prefeito de Camocim (1919-1920), tendo assumido o posto de administrador em 22 de abril de 1919. *Jornal Folha do Littoral*, Camocim-CE, 01 de maio de 1919, n. 46, p. 01. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.



levas de *retirantes* em conveses e porões de navios, como se animais irracionais fossem. Fui um deles!”<sup>17</sup>

Na década de 1910 nasceriam outros filhos ilustres de Camocim. Em 1919, a 08 de agosto, nasceu José Dias de Macedo. Cinco anos mais novo do que Murilo, teriam estudado com as mesmas professoras, ou tiveram aulas em momentos diferentes com o professor Pedro Morel? A infância destes meninos foi como outra qualquer dos filhos das famílias mais abastadas da cidade, ou o tino comercial de ambos foi forjado já muito cedo nos estabelecimentos dos pais? J. Macêdo muito tempo depois se tornaria capitão da indústria nacional. Murilo, aos 17 anos, assumiria a administração de um armazém da firma Chagas Barreto em Santa Cruz (Reriutaba). A política viria depois.

São parcas, para não dizer quase nenhuma, as informações sobre a adolescência de Murilo Aguiar em pequenos registros em seus perfis biográficos publicados. A linha do tempo destas informações começa apresentando a trajetória estudantil do jovem Murilo: depois dos estudos primários em Camocim, foi para Fortaleza estudar no Colégio Castelo Branco e, posteriormente, ingressa no Seminário em Sobral, onde continuou os estudos secundários, até 1928. Não era nenhuma vocação religiosa a motivação do envio de Murilo para o Seminário, mas, naquela época, esse tipo de instituição era quem melhor oferecia uma educação de qualidade. (Ou deixou os estudos para vir trabalhar com seu pai?). Entre 1929 e 1930 não temos mais informações sobre nosso biografado, provavelmente atuou no comércio de seu pai no entorno da Estação Ferroviária.

Naquele momento, Camocim, assim como o resto do Brasil, vivia o começo da Era Vargas. As consequências políti-

---

17 AGUIAR, Frota. *O Último Canto do Cisne! ...* Rio de Janeiro, Editora Cátedra, 1993, p. 23.

cas da Revolução de 1930 colocaram como representante na cidade o prefeito interventor Gentil Barreira<sup>18</sup>. O jovem Murilo, por outro lado, viu a cidade dar um salto progressista na administração do operoso prefeito, que envidava todos os esforços para a melhoria do porto e da expansão da Estrada de Ferro de Sobral rumo ao Piauí, buscando a consolidação do município como entreposto comercial. A cidade naquele período era quase sempre descrita como “uma linda cidade, localizada à beira mar, numa planície arenosa, próxima da foz do Coreaú e a 9 km da barra do rio Camocim, dispondo do porto mais franco do Estado”. O município era considerado “muito rico”, com cerca de 22 mil habitantes e produtor de sal, cera de carnaúba, “algodão, farinha, goma de mandioca, mamona e cereais”.<sup>19</sup>

As ligações familiares e comerciais da família Aguiar renderam a Murilo Aguiar uma espécie de “estágio” no comércio varejista regional. Em 1931, aos 17 anos de idade, assumiu uma filial da Casa Chagas Barreto & Cia de Sobral em Santa Cruz (atual Reriutaba)<sup>20</sup>. A temporada em Santa Cruz, que “não ultrapassou os 12 meses”, permitiu a Murilo construir uma rede de contatos entre os municí-

---

18 Gentil Pinheiro Barreira, advogado e político ligado à Zona Norte, mas nascido em Cachoeira, hoje Solonópole-CE, em 10 de fevereiro de 1895. Exercia a advocacia em Camocim e Zona Norte do estado, quando foi nomeado interventor em Camocim entre 1930 e 1935. Foi também prefeito de Fortaleza entre fevereiro e maio de 1935. Dentre outras obras de infraestrutura da cidade, construiu o Mercado Municipal, Agência dos Correios e Telégrafos e Prefeitura Municipal. Em 1933 contratou o Engenheiro Militar Capitão José Rodrigues da Silva, que elaborou uma planta da cidade onde constavam 29 ruas e seis praças. Foi deputado estadual para a Assembleia Nacional Constituinte pela UDN em 1946, exercendo o mandato de Deputado Federal sucessivamente até 1959. Faleceu no dia 10 de junho de 1970.

Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/barreira-gentil>. Acesso em: 03 jan. 2022.

19 MARTINS FILHO; GIRÃO, *Apud* LEAL, Angela Barros. *Murilo Aguiar. 1914-2014: Amor à política por toda a vida*. Fortaleza: Ágil, 2014, p. 30.

20 “Francisco das Chagas Barreto abriu um armazém no minúsculo vilarejo de Santa Cruz, a 300km de Fortaleza, encarregando Murilo, com então 17 anos, de sua administração”. Cf. LEAL, *Op. Cit.*, p. 28.

pios de “São Benedito, Cariré, Santa Quitéria e Ipu”, que lhe seria útil na volta à terra natal, em 1932, quando empreendeu a constituição de sua firma individual, “que em breve se tornaria uma das mais importantes do Norte do Estado”<sup>21</sup>.

Murilo atingiria a maioria já dono do próprio negócio, em 1932, a firma “Murilo Aguiar - Comissões, Consignações, Representações e Conta Própria”, e somente no final da década de 1950, passaria a chamar-se “Murilo Aguiar & Cia Ltda”. Além das consignações e representações comerciais de firmas do Norte do país, Murilo seguia a origem do negócio do pai - secos e molhados<sup>22</sup>. As histórias contadas por familiares e seus contemporâneos reafirmam o tino comercial que se sobressaiu no jovem comerciante, que logo foi guindado para cargos de relevância no comércio e na política locais, como veremos mais adiante.

Comércio e política, aliás, sempre foram dois setores que se entrelaçaram nas relações sociais desde muito tempo. Não seria diferente com o jovem Murilo, que se tornara, como se dizia antigamente, “um bom partido”. Cinco anos depois de montar o negócio, em 14 de maio de 1937, já estava casado com Maria Stela Rocha, filha do comerciante e político Antonio de Carvalho Rocha (Coronel Tonico Rocha) e Eduvigis Angelim Rocha. As origens políticas dos noivos posteriormente renderam frutos, a ponto de sogro e genro se tornarem deputados estaduais dez anos depois, eleitos que foram simultaneamente para a Assembleia Estadual Constituinte de 1947<sup>23</sup>.

21 LEAL, *Op. cit.*, p. 29-30.

22 “A firma vendia gêneros alimentícios - farinha, açúcar, feijão, arroz, bebida, latas de biscoito - e Murilo estendia suas viagens até a região Norte do Brasil para adquirir produtos diferenciados, que comercializava no atacado, ou dos quais fazia a representação comercial”. Cf. LEAL, *Op. cit.*, p. 30.

23 Murilo Aguiar era neto de Moysés Cavalcante Rocha, ex-prefeito de Camocim entre 1921 e 1922. Maria Stela Rocha era filha de Antonio Carvalho



Casamento de Murilo e Maristela. Camocim-CE, 1937.

**Fonte:** Acervo da Família Aguiar.

O enlace matrimonial de Murilo e Maristela não ficou apenas na memória dos convidados para as cerimônias

---

Rocha, que, na época do casamento, era comerciante em Camocim. Foi Vereador e Presidente da Câmara Municipal de Granja. “Eleito Deputado Classista, em 1936, representou na Assembleia a agricultura e a pecuária”. *In: Os Constituintes de 1947. Assembleia Legislativa do Estado do Ceará.* Disponível em: <https://www.al.ce.gov.br>. Acesso em: 05 jan. 2022.

civil e religiosa realizadas na Comarca de Camocim e na residência da noiva, respectivamente<sup>24</sup>. O jornal *A Razão* de Fortaleza, em sua coluna social noticiou o evento quatro dias após sua realização:

ENLACE AGUIAR—ROCHA. Realisou-se no dia 14 do corrente, em Camocim, com o comparecimento do que a sociedade camocinense tem de mais seleta, o enlace matrimonial do Snr. Murilo Aguiar, alto comerciante local, com a Senhorinha Maria Stela Rocha, dileta filha do Deputado Antonio de Carvalho Rocha. Por esse motivo, foi servido em casa dos pais da nubente, um luto almoço, depois do qual, o feliz casal tomou o avião para Fortaleza de onde se transportará ao Balneario Hotel, em Pirapora, com a idéia de ali gosar a sua Lua de Mel. Os nubentes pertencem à duas tradicionais famílias desta zona, são pessoas altamente relacionadas e gosam da maior estima em nosso meio<sup>25</sup>.

Numa década, o casal Murilo e Maristela constituíram uma família de seis filhos (Maria Zelma, José Stélio, Maria Nússia, Maria Cláudia, Murilo Aguiar Filho e Francisco de Paula. Posteriormente é acrescido à prole o filho caçula, Antônio Alberto (Bebeto), ao tempo em que seu envolvimento na política crescia com sua ascendência comercial e social em Camocim. Aos poucos seu nome ganhava as páginas dos anuários e de publicações como a “Vida dos Municípios”, apresentando a família e a fortaleza de sua firma comercial, como nos informa LEAL (2014, p. 36): “comerciante na cidade de Camocim, é o chefe da firma individual que tem seu nome, e que foi fundada em agosto

24 Ver registro de casamento na Igreja e/ou Registro de Casamento civil.

25 No Lar e na Sociedade. Jornal *A Razão*. Fortaleza-CE, Ano I, 18 de maio de 1937, n°. 290, p. 02. Em todas as citações de documentos e jornais, manteremos a grafia da época.

de 1932 [...]. Importação, exportação, comissões e consignações são os seus ramos de negócios. É ele agente dos Serviços de Navegação da Amazônia e da Administração dos Portos do Ceará, empresa de navegação”<sup>26</sup>.

Por outro lado, Camocim, na década de 1940, experimentava o que se chamou de “fenômeno associativo”, que ocorria no país, observado tanto nas chamadas classes produtoras e conservadoras, quanto nas categorias profissionais relacionadas ao mundo do trabalho do porto e da ferrovia. Se os comerciantes se associavam na Associação Comercial e nos Retalhistas, e clubes de caráter elitista e de distinção, os trabalhadores procuravam sua representação social nos vários sindicatos existentes na cidade (pequenos agricultores, salineiros, estivadores, portuários, construção civil etc.), além de outras entidades beneficentes, políticas, mutualistas, culturais, religiosas, dentre outras.

Deste modo, logo Murilo Aguiar foi lembrado para assumir cargos importantes nas associações de representação comercial e social do município<sup>27</sup>. Aos 29 anos, portanto em 1943, assumiu a presidência da Associação Comercial de Camocim, entidade fundada em 1918 por seu avô, Moy-sés Cavalcante Rocha, uma das mais antigas associações deste tipo no Ceará, que possuía uma rede de contatos com instituições congêneres dentro e fora do estado. Com certeza, esta capilaridade associativa facilitou a candidatura de Murilo a deputado estadual constituinte em 1947.

Observando a documentação da Associação Comercial de Camocim conclui-se que ela era uma espécie de caixa de ressonância dos problemas que o município enfrentava

---

26 ALBUQUERQUE, *Apud* LEAL, *Op. Cit.*, p. 36.

27 Murilo Aguiar também foi presidente do Camocim Club, “sociedade dançante, com sede própria, ponto de sociedade elegante da terra”. Cf. MARTINS FILHO; GIRÃO, *Apud* LEAL, *Op. Cit.*, p. 36.

cotidianamente. Embora os ofícios e atas se reportem aos fatos ligados à atividade comercial, mormente os relacionados com a regularização de trabalhadores do porto, a questão dos impostos alfandegários, é significativa a preocupação dos sócios com assuntos de natureza política, moral e controle social, se autointitulando os “verdadeiros intérpretes” da sociedade camocinense. Deste modo:

[...] é a Associação Commercial que repercute junto às congêneres, no estado e no país, os problemas advindos com o assoreamento do porto, das condições de tráfego da ferrovia, dos períodos de estiagem, na busca de obras públicas e atuando na distribuição de roupas e alimentos. Vale ressaltar, também, a íntima relação da associação com o poder público, sendo alguns prefeitos e vereadores originários dessa agremiação classista<sup>28</sup>.

A documentação referida acima, que permite fazer estas análises, é anterior ao momento no qual Murilo assumiu a presidência da Associação Comercial de Camocim. Contudo, como sócio, com certeza observava o papel de protagonismo da associação classista a ponto de, em alguns momentos, chamar para si a responsabilidade de criticar e/ou atuar junto à administração municipal:

Preocupados com a estrutura da cidade, os comerciantes, através de ofícios, reivindicam das autoridades o policiamento da área portuária e comercial, chegando mesmo a pagar a segurança dessas áreas, aluguéis de residências para funcionamento de Posto Telegráfico, dentre outras ações de menor porte. Como proprietária de terras, a Associação faz

---

28 Estas e outras passagens podem ser verificadas nos Livros de Atas da Associação Comercial de Camocim, especialmente o Livro de Actas, 1924-1934.

doações para a construção de prédios próprios dos Correios e Telégrafos, Banco do Brasil e Quartel da Polícia Militar, ou incentiva e faz gestões junto à Prefeitura para doar terrenos ao governo estadual e federal para a instalação de prédios como o do INPS, Cepesca, dentre outros. Por outro lado, ela atuou no loteamento de terras de sua propriedade na periferia da cidade para pessoas de baixa renda. Também, vendeu áreas para a instalação de uma fábrica de beneficiamento de caju, agora transformada na fábrica de calçados Democrata e, mais recentemente, para a construção do Liceu de Camocim<sup>29</sup>.

Por outro lado, ter sido diretor da Associação dos Retalhistas de Camocim<sup>30</sup>, que reunia os comerciantes do varejo, neste mesmo período, contribuiu para a sua vitória posterior como prefeito municipal. Mas como era o perfil de Murilo comerciante? Muitas são as histórias contadas, algumas já publicadas. Buscaremos a partir daqui recuperar um pouco dessa trajetória através de diversas fontes. Vale salientar que a atividade comercial e industrial de Murilo Aguiar sempre acompanhou o percurso de sua vida política.

De jovem trabalhador que subia a Serra da Ibiapaba “no lombo do burro” para desfrutar do pomar do Monsenhor Aguiar em Tianguá, Murilo passou a viajar para as plagas do Norte em busca do sortimento do seu comércio. Tendo que assumir a assistência do restante da família após a morte do pai em 1952, Murilo solidificava sua atuação co-

---

29 SANTOS, Carlos Augusto P. dos. *Entre o Porto e a Estação: cotidiano e culturas dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE. 1920-1970*. Fortaleza: INESP, 2014, p. 72.

30 Fundada para reunir os pequenos comerciantes, a Associação dos Retalhistas de Camocim foi criada em 23 de abril de 1934 e instalada a 26 de junho do mesmo ano, definia-se como sendo uma “sociedade beneficente e instrutiva”. Fonte: Estatutos da Associação dos Retalhistas de Camocim. Art. 1º, p. 3.



mercial percorrendo os municípios vizinhos e outros mais distantes como representante do Lloyd Brasileiro, destinando aos comerciantes “recursos que permitiriam a eles pagar seus fornecedores, e estes aos produtores, garantindo o reembolso no mercado futuro”<sup>31</sup> ampliando, desta forma, sua rede de contatos e amizade por toda a região Norte do Ceará.

As lembranças do tempo de comerciante de Murilo Aguiar por seus contemporâneos são as mais variadas. Ao relembrar da chegada dos pais a Camocim, a senhora Francisca das Chagas de Oliveira (mais conhecida como Chiquinha Fumaça) revela: “Meus pais são da Serra da Meruoca e vieram pra cá [...]. Nessa época, o seu Murilo ainda tinha o escritório dele ao lado da Estação. Meu pai foi lá e começou a trabalhar pro seu Murilo, carregando aqueles caixão de Quinado Imperial”<sup>32</sup>.

Além de atentar para a localização da firma M. Aguiar & Cia, ela faz referência ao Quinado Imperial, uma bebida bastante popular, espécie de vinho adicionado com quinina, vendido como tendo propriedades terapêuticas, prometendo ser eficaz no tratamento de febres, malária e falta de apetite, engarrafado por Luiz Antunes & Cia, de Caxias do Sul, RS.

Como dito anteriormente, a abrangência da empresa comercial de Murilo Aguiar era regional. Neste sentido, as lembranças do Sr. José da Costa Sotero corroboram essa afirmação, enfatizando a clientela diversificada da firma:

O Alfredo Coelho era compadre, mas era intrigado com ele. Ele botava uma pessoa pra

31 LEAL, *Op. Cit.*, p. 26 a 37.

32 Francisca das Chagas Oliveira (Chiquinha Fumaça), professora aposentada. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

comprar as mercadorias que vinha pro Alfredo Coelho, que era navio de açúcar. [...] O Seu Murilo comprava o açúcar todinho e saía despachando nos vagões do trem, [...] saindo aqui de Camocim, fazia toda baldeação e ia até Crateús. Ele vendia o navio de açúcar todinho até Crateús. Já era encomendado, era conhecido de todo mundo, ele ia e voltava e vendia todinho, o açúcar não demorava muito tempo não. Isso foi por muitos anos<sup>33</sup>.

Da citação acima, pode-se dizer que a clientela do açúcar era fiel e o lucro certo. No entanto, as querelas políticas dos dois compadres às vezes provocavam problemas de logística para Murilo Aguiar no sentido de atender seus clientes, como assevera o Sr. José da Costa Sotero:

[...] quando foi um dia chegou um navio de açúcar para o Alfredo Coelho. O Seu Murilo mandou comprar, já tudo certo para levar. Quando o portador chegou lá ele disse que não tinha açúcar para vender para ele não, disse que não vendia para ele nem um quilo de açúcar. Aí ele botou a campanguinha dele debaixo do braço, viajou para Pernambuco e comprou um navio de açúcar, para cumprir com os compromissos dele<sup>34</sup>.

Afora a empresa comercial sediada em Camocim, o espírito empreendedor de Murilo Aguiar se diversificava por outros municípios e estados, com fazendas de gado e sítios na Serra da Ibiapaba, como lembra seu ex-motorista, José Genésio de Vasconcelos:

[...] ele tinha essas fazendas dele. A Fazenda Mulungu no Carirê, um sítio lá em Tianguá,

---

33 José da Costa Sotero. 86 anos, funcionário público municipal aposentado. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

34 *Idem*.

outro em Ubajara. Isso tudo lhe dava renda, tinha um gadinho lá que lhe dava renda. Mas a renda dele mesmo era uma aposentadoria. Seu Murilo era aposentado como deputado. Ele vivia dessa aposentadoria e dessas atividades dele, mas não tinha uma renda grande não. Tinha as coisas dele. Tinha a ORGAPE (Organização Atlântica de Pesca), que era dele e o Murilo Filho tomava de conta<sup>35</sup>.

A filha Núzia Aguiar retifica a informação acima dizendo que o sítio na Serra da Ibiapaba era em São Benedito, e não em Ubajara, além de acrescentar que as rendas de seu pai advinham do comércio, da exploração de salinas, sítios e fazendas. A aposentadoria como deputado só viria a partir de janeiro de 1981<sup>36</sup>.

Em tempos distintos da vida, Murilo Aguiar visitava estes lugares e outros não citados por José Genésio de Vasconcelos, seja para minimamente administrá-los ou em repouso de temporadas com a família, principalmente no período em que se encontrava cassado pela ditadura civil-militar de 1964. As referências dos familiares a estes momentos e algumas fotografias de Murilo com filhos e netos são abundantes no trabalho publicado para marcar o seu centenário de nascimento: *Murilo Aguiar. 1914-2014: Amor à política por toda a vida*, de Angela Barros Leal. Transcrevemos aqui algumas passagens relacionadas a estes momentos e lugares:

As visitas ao povo e a ajuda prestada não arrefeceram. Porém, o tempo se expandiu para outras atividades. Tornaram-se mais frequen-

35 José Genésio de Vasconcelos, 60 anos, advogado. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

36 A pensão parlamentar foi requerida ao Instituto de Previdência do Estado do Ceará (IPEC) e legalizada em março de 1981 pelo Tribunal de Contas do Estado (TCE), com base no Art. 2º da Lei Nº 10,122, de 14 de março de 1977.

tes as viagens à Fazenda Mulungu, no município de Cariré, onde era sagrado passarem os feriados da Semana Santa, celebrado com queima de Judas e leitura do testamento. Passava longas temporadas no sítio Olho D'Água, em Tianguá, o mesmo que costumava visitar, menino ainda, chegando no lombo do burro, para colher e saborear as frutas de lá.

Desse sítio, que a família dividira após o falecimento do Monsenhor Aguiar, e que pertencera ao bisavô de Murilo, Manoel Francisco de Aguiar, Deputado Provincial nos tempos ainda de Dom Pedro II, fôra comprando as partes aos parentes, de uma em uma, até conseguir a posse da propriedade inteira. Teria nele uma intensa produção de café, “a maior da Serra Grande”, como dimensiona o irmão, Gonzaga Aguiar. Nesse sítio, sonhava ir morar quando se aposentasse.

Viajava ainda à Fazenda Bonito, também em Cariré, local que, embora desprovido de uma casa, fazia questão de visitar; ia a Viçosa do Ceará, para conversar com os amigos; ia às fazendas de gado no Maranhão, no distrito Lago das Pedras, para onde seguia depois de deixar os netos no Carnaval de Tianguá<sup>37</sup>.

Voltemos um pouco, antes do tempo em que os fatos acima são narrados. Ao tempo que antecede a entrada de Murilo Aguiar na política partidária, ao Camocim dos anos 1940, período em que o município experimentava um significativo crescimento. Publicações de âmbito nacional estampavam os frutos desse crescimento e, logicamente, levavam “os filhos da terra a ambicionarem mais espaço político no cenário estadual”<sup>38</sup>.

---

37 LEAL, *Op. Cit.*, p. 84-85.

38 *Idem*, p. 37.

Em 1941, o município tinha uma população de 22.750 habitantes e era administrado pelo comerciante João da Silva Ramos (1935-1943). Além do Banco Auxiliar Agrícola, que fora presidido por seu pai e por Murilo, havia na cidade o Banco do Commercio e da Lavoura, que funcionavam como Sociedades Cooperativas de Responsabilidade Limitada e que naquele momento estavam se transformando em Sociedades Anônimas. “Essas duas organizações bancárias, apesar de modestas e dispendo de pequeno capital, têm prestado relevantes benefícios ao commercio e à lavoura não só de Camocim mas de toda a zona, principalmente ao pequeno comerciante e ao pequeno agricultor”, dizia a reportagem da Revista *O Cruzeiro*<sup>39</sup>.

Embora a ênfase da reportagem acima referida fosse uma espécie de prestação de contas da administração do então prefeito nomeado João da Silva Ramos<sup>40</sup>, contemporâneo de Murilo Aguiar, outras informações dão conta de como o município de Camocim se apresentava no cenário estadual, notadamente pela presença do porto e da ferrovia.

O município de Camocim é um dos mais importantes do Estado do Ceará. [...] O porto

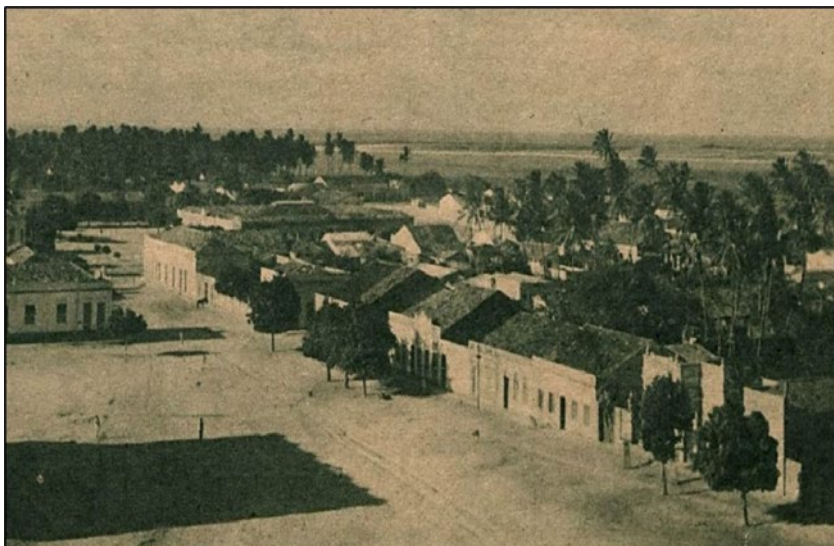
39 Camocim. Revista *O Cruzeiro*, 29 de Março de 1941, edição 22, p. 49.

40 OBRAS E MELHORAMENTOS. O sr. João da Silva Ramos, que dirige com dynamismo o município de Camocim, já realizou as seguintes obras e melhoramentos: conservação das estradas carroçáveis de Camocim-Chaval, passando pelos districtos de Almas e Barroquinha. e de Camocim e Granja, no que foi gasta a importância de réis 6:3831600, conclusão do predio onde funcionam a Prefeitura Municipal, o Forum. o Grupo Escolar, uma dependencia para a Mesa de Rendas Estaduaes, tendo sido dispendida a importancia de réis 15:340\$000. No serviço de limpeza publica, a Prefeitura emprega anualmente a quantia de 6:000\$000. No ano passado, a Prefeitura adquiriu terreno e material para a construção do mercado da villa de Barroquinha, devendo a construção ser iniciada dentro em breve. O município mantém actualmente 10 escolas, que estão localizadas nos logares onde mais se sentia a exigência educacional. Além destas, o município subvenciona mais duas escolas mantidas pela Cruzada Nacional de Educação. O prefeito João da Silva Ramos tem demonstrado na sua administração um grande empenho em resolver os problemas capitaes de seu município. Fonte: Camocim. Revista *O Cruzeiro*, 29 de Março de 1941, edição 22, p. 49-50.

de Camocim é visitado, no seu ancoradouro Interno, pelos vapores de pequeno calado do Lloyd Brasileiro, da Companhia Commercio e Navegação, do Lloyd Nacional e por outros de empresas particulares. O município de Camocim é também servido pela Estrada de Ferro de Sobral, que o atravessa de norte a sul, sendo o seu ponto inicial a cidade do mesmo nome. Há, apenas uma estrada carroçável, aberta às expensas da Prefeitura Municipal, ligando a sede do município aos districtos de Barroquinha, Almas e Chaval, estendendo-se até a cidade de Parnahyba, que é o centro commercial do vizinho Estado do Piauhy. O districto de Almas, que é litoraneo como o de Guriú tem o seu lugar de destaque no município em virtude da indústria da pesca. Os demais produzem, em pequena escala, cera de carnaúba, algodão, milho, feijão, farinha de mandioca e polvilho. Em todos os distritos há incipiente pecuária, sem ainda o cuidado da seleção e melhoramento dos rebanhos<sup>41</sup>.

---

41 Revista *O Cruzeiro*, 29 de Março de 1941, edição 22, p. 49.



Vista panorâmica da cidade de Camocim, apanhada do alto da Matriz, 1941.

**Fonte:** Revista *O Cruzeiro*, 29 de Março de 1941, edição 22, p. 49.

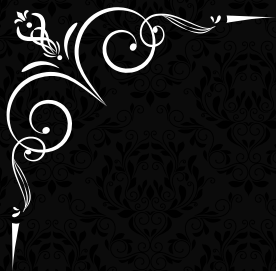
Como dito acima, a conjuntura socioeconômica de Camocim nos anos 1940 fazia com que “os filhos da terra” sonhassem com uma representação maior no cenário político estadual. Mas como se faz um líder? Trazendo a questão para a ascensão de Murilo Aguiar em Camocim e na Zona Norte cearense, vários foram os requisitos, digamos assim, que forjaram a personalidade de Murilo Aguiar, para dar esse passo de entrar para a política partidária, embora esse campo não fosse uma novidade em sua família.

No entanto, sair de uma posição confortável de comerciante estabelecido para a disputa política sempre tinha algum risco. Por outro lado, sua decisão talvez estivesse fundamentada na experiência adquirida na presidência de entidades de classe e caráter social, aliado ao tino comercial ou mesmo no exemplo de sua convivência familiar testemunhada por muita gente que teve a oportunidade

de conviver com o futuro líder que deixaria no futuro um forte legado na história da sua família, do seu município e do estado.

Seria repetitivo citar os vários testemunhos de familiares, correligionários, amigos e admiradores contidos nos escritos de cunho biográfico já citados neste trabalho. Porém, parece-nos que este “chamado” para a política, já que alguns ressaltam o caráter intuitivo de Murilo Aguiar, era algo inevitável por sua necessidade de sempre querer ajudar o próximo e, talvez, tenha percebido que a política pudesse ser esse caminho, como se mostrou efetivamente e que será melhor analisado no próximo capítulo.





# Capítulo II







## Trajetória Política

*Murilo era um homem medularmente político.  
Lúcio Alcântara.*

### **Murilo Aguiar. Deputado constituinte**

*XIII  
No ano 47  
Teve participação  
Como um bom constituinte  
Quis que a Constituição  
Só ao povo projetasse  
E o Ceará se tornasse  
um exemplo prá nação.<sup>42</sup>*

“Quando Murilo Rocha Aguiar tomou assento na Assembleia Constituinte de 1947, já era o terceiro político do clã dos Aguiar a ter uma cadeira naquela casa legislativa”. Assim começa um perfil biográfico do deputado camocinense nas hostes da União Democrática Nacional (UDN), onde seu pai militou anteriormente<sup>43</sup>. Simultaneamente, naquela legislatura, a 12<sup>a</sup> da

---

42 BARBOSA, *Op. Cit.*, p. 05.

43 Conseguimos identificar o nome de Manuel Francisco de Aguiar, que foi deputado provincial e prefeito de Tianguá.

história do parlamento cearense, Murilo teria a companhia de seu sogro, o coronel Antônio de Carvalho Rocha (Tonico Rocha), que também se elegera deputado constituinte<sup>44</sup>. Sua experiência como comerciante e dirigente classista em Camocim com certeza pesou para sua indicação como membro da Comissão de Indústria e Comércio e Segundo Secretário da Mesa Diretora em 1950.

Mas o objetivo maior daquela legislatura seria construir a Carta Constitucional do Ceará, acompanhando o processo de redemocratização que vivia o país, após o encerramento da Era Vargas: “A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará com função constituinte foi instalada em 27 de fevereiro de 1947, agregando 45 parlamentares”<sup>45</sup>. Entre eles, com esta incumbência precípua, estava um camocinense, que, embora não fosse um graduado, era “dotado de grande inteligência e falava muito bem em público”, como diria o ex-deputado Stênio Dantas<sup>46</sup>.

Voltando à atmosfera política do ano de 1947, as duas eleições que ocorreram no estado movimentaram sobremaneira o município. Com a volta da normalidade democrática, as eleições para Governador, Senador, Deputado Federal e Estadual foram marcadas para 19 de janeiro de 1947. A disputa pelo Governo do Estado colocou Camocim, de alguma forma, no centro da ebulição política, visto que Faustino de Albuquerque, candidato da UDN, tinha sido magistrado em Camocim (foi o primeiro juiz da Comarca de Camocim) e, mesmo informalmente, era apoiado pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), que tinha em Ca-

---

44 CEARÁ. Assembleia Legislativa do Estado. Memorial Deputado Pontes Neto. Deputados Estaduais: 15ª Legislatura. 1959-1962. 2. ed. – Fortaleza: INESP, 2006, p. 161.

45 ANO 180. A História da Assembleia Legislativa do Ceará. Fortaleza-CE: Fundação Demócrito Rocha, 2014, p. 65.

46 LEAL, *Op. Cit.*, p. 118.

mocim uma célula muito ativa. Do outro lado, pelo Partido Social Democrático (PSD), o candidato era o general camocinense Onofre Muniz, apoiado pela Igreja Católica.

Mesmo sem aceitar publicamente o apoio dos comunistas, Faustino de Albuquerque era o candidato preferido e recomendado por eles, enquanto o general Onofre Muniz era declaradamente o candidato apoiado pela Igreja Católica. Essa eleição, além de revelar a oposição UDN versus PSD, mostrava o claro embate ideológico entre religiosos e comunistas<sup>47</sup>.

O embate em Camocim favoreceu extraordinariamente a votação de Faustino de Albuquerque, com uma maioria superior a 80% dos votos válidos, o maior registrado no Ceará<sup>48</sup>. Embora Faustino de Albuquerque declarasse publicamente ser contrário ao apoio dos comunistas à sua candidatura, dele, efetivamente, se beneficiou. Essa “coligação” não oficial da UDN/PCB, que permitiu esse arranjo político favorecendo Faustino de Albuquerque, por sua vez, ia “na contramão dos acordos políticos firmados no restante do país, onde o PCB, tendencialmente, coligava-se com o PSD, mas, que no Ceará, com o apoio da Igreja Católica, este partido desenvolveu sua campanha baseada prioritariamente no combate ao comunismo”<sup>49</sup>.

Realizadas as eleições de janeiro de 1947 e somados os votos, a UDN teve ampla maioria no estado do Ceará. Em Camocim, entre os mais de 13 mil eleitores aptos a votar,

---

47 SANTOS, Carlos Augusto P. dos. *Cidade Vermelha*. Os comunistas nos espaços do trabalho. Camocim-CE. Fortaleza: UFC, 2007.

48 Apesar de Camocim ter sido o berço de nascimento do general Onofre Muniz, sua votação não passou de 15,67 %, isto é, 483 votos. Em outros municípios onde o PCB também se destacava e a UDN era forte, Faustino de Albuquerque obteve bons índices, como 73,07% em Crateús e 72,80% em Caucaia, apesar da atuação separada desses partidos. Fonte: SANTOS, 2007.

49 SANTOS, 2007, p. 24.

Faustino de Albuquerque obteve a votação de 3.084 votos, o correspondente a 84, 33% do total<sup>50</sup>.

Os resultados eleitorais em Camocim expressaram a ampla maioria da UDN no município, que se confirmaria posteriormente nas eleições para prefeito e vereadores em 7 de dezembro de 1947. Logicamente, esse panorama vinha se desenhando no estado desde 1945 com a adesão da “União Democrática Cearense - UDC, criada em 15 de março de 1945”, à seção cearense da UDN. Murilo Aguiar, por exemplo, filiou-se à UDN a convite do “experiente político Gentil Barreira” já preparando sua futura candidatura<sup>51</sup>.

É nesta conjuntura, portanto, que surge o candidato a deputado estadual Murilo Aguiar, que se tornaria futuramente um “chefe político” local e regional. Vale salientar que, naquele momento “de redemocratização de 1946 instala-se em um cenário de extrema competitividade que exigirá um novo estilo de chefia”<sup>52</sup>. Ao romper os laços com seus antigos aliados locais, talvez Murilo Aguiar já anteviesse ou compreendesse melhor esses novos tempos que moldaram novos tipos de chefia política.

Como analisa seu neto Sérgio Aguiar:

Ele surge ali próximo do surgimento do Partido Comunista, numa terra que era a “Cidade Vermelha” e ele conseguiu por meios próprios

---

50 Fonte: T.R.E. Cf. “Gazeta de Notícias”, Fortaleza, 4/2/47, p. 3. *Apud* NOCA, Francisco Wilson. *Sermões, Matracas e Alcatrão*. Religiosos e comunistas na luta pelo poder. 1946-1950. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora/Fundação Cultural de Fortaleza, 1996, p. 153.

51 A UDC era composta, entre outros, pelo médico e político Manuel Nascimento Fernandes Távora, [...] José Borba de Vasconcelos, José Pompeu Pinto Accioly, José Cavalcante Parente e Plínio Pompeu de Saboia Magalhães”. *In*: LEAL, *Op. Cit.*, p. 37.

52 CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. Virgílio, Adauto e César Cals: a política como arte da chefia. *In*: PARENTE, Josênio; ARRUDA, José Maria. (Orgs.). *Era Jereissati*. Modernidade e Mito. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, p. 16.

num primeiro momento na UDN, seu primeiro partido, depois, onde dedicou a vida inteira, pelo PSD, para poder fazer a coisa acontecer<sup>53</sup>.

Recuperando minimamente o clima da campanha eleitoral de 1947, onde um filho da terra ousava disputar uma cadeira no parlamento estadual, pode-se dizer que as lembranças físicas daquele tempo, estão com a família, que até hoje preserva algum material de propaganda,

[...] como flâmulas e espelhos de bolso, e como um cartazete que o mostrava de corpo inteiro, com a mão esquerda descansando dentro do bolso da calça, a direita repousando no cinto, ambas emoldurando a corrente de um relógio de algibeira, o olhar perdido à distância e o rosto sério, adotando a maturidade muito além de sua idade real<sup>54</sup>.

Aos 33 anos de idade, portanto, Murilo Aguiar, da União Democrática Nacional (UDN), com o número 22222, chega ao legislativo cearense. E chegou de maneira significativa para um estreante. Do total de 101.175 votos dados aos udenistas para deputado estadual, ele teve exatos 4.300 votos, distribuídos entre Camocim e outros municípios onde fora votado e que se fizera conhecido “pessoalmente, em suas viagens de negócios”<sup>55</sup>, ficando na terceira posição entre os udenistas e em quarto no cômputo geral<sup>56</sup>. Os

53 Sérgio Aguiar se refere ao breve momento de legalização do Partido Comunista Brasileiro (PCB) entre 1945-46, quando seu avô se candidatou pela primeira vez, e à presença do partido na cidade de Camocim naquele momento. No entanto, o PCB já existia na cidade desde 1928. Sérgio de Araújo Lima Aguiar, 51 anos, Deputado Estadual (PDT). Entrevista realizada pelo autor. Janeiro de 2022, Camocim- CE.

54 LEAL, *Op. Cit.*, p. 37-38.

55 LEAL (2014) assinala a votação de Murilo em cidades como Santa Quitéria e Tianguá. *Idem*, p. 37.

56 Entre os udenistas, ficou assim a classificação: 1°. Antonio Perilo Teixeira: 4. 368; 2° Adahil Barreto Cavalcante: 4. 321 e 3°. Murilo Rocha Aguiar:

resultados da eleição e os eleitos figuravam nos jornais do país, alguns até antecipando em primeira página o secretariado do governo de Faustino de Albuquerque, como o *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro:

### **O SECRETARIADO**

Fortaleza: 24 (Asp.). Podemos antecipar que o secretariado do governo Faustino de Albuquerque será o seguinte: Interior: Sr. Clodoveu de Arruda; Fazenda: Acrísio Moreira da Rocha; Polícia: Ademar Távora; Agricultura: Deputado Stênio Gomes; Educação: Valmique Albuquerque. O prefeito dessa capital será o sr. Leite Maranhão da Silva<sup>57</sup>.

Passada a comemoração da vitória, o deputado Murilo Aguiar e a família tiveram de se mudar para Fortaleza. A mudança de domicílio e os preparativos para a instalação da Assembleia Constituinte ocorreram em meados de fevereiro de 1947, após “os festejos de Carnaval, que naquele ano se deu de 16 a 18 do referido mês”. Como diria o historiador cearense Geraldo Nobre, os constituintes de 1947 da UDN eram um misto de homens experientes e “estreados capacitados intelectual e moralmente, de palavra fácil e raciocínio rápido e eficientes como Barro dos Santos, Álvaro Lins e Murilo Aguiar”<sup>58</sup>, que tinham a responsabilidade de elaborar a Carta Constitucional do Ceará.

---

4.300 votos. O primeiro lugar geral foi José Valdemar de Alcântara e Silva com 5.375 votos. Fonte: CEARÁ. Assembleia Legislativa. Memorial Pontes Neto - MALCE. *Os constituintes de 1947*. 3. edição revista e atualizada. Fortaleza: INESP, 2017, p. 34-35.

57 *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, terça-feira, 25 de fevereiro de 1947. n.º 16.045, p. 01. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

58 NOBRE, Geraldo. *Democracia à prova*. Legislativo Estadual do Ceará, 1947-1997. Fortaleza: INESP, 1998, p. 75. *Apud* LEAL, *Op. Cit.*, p. 39.





Quadro dos Constituintes de 1947.

**Fonte:** CEARÁ, 2017, p. 38.

Como se disse acima, o ano de 1947 ainda reservaria outras emoções políticas em Camocim. Com efeito, aquela eleição seria a última que Murilo Aguiar ainda estaria aliado ao líder da família Coelho, Alfredo Othon Coelho, proprietário de terras, comerciante e herdeiro do espólio político dos Veras/Coelho desde os tempos do Império. Murilo e Alfredo eram compadres que apadrinharam filhos de ambos. Murilo, eleito deputado estadual, surgia como uma liderança a mais no xadrez político local. Mas em 1947 a parceria de ambos garantiu a ampla vantagem da UDN na Prefeitura e na Câmara Municipal. Mais à frente falaremos do rompimento dessa parceria política. Na disputa pelo executivo, o candidato da UDN, Francisco Ottoni Coelho, obteve 2.609 votos, contra 716 do candidato do Partido

Republicano (PR), Joaquim Rocha Veras<sup>59</sup>, e 118 votos dados ao candidato João Braga Filho, do PSD. No Legislativo, dos nove vereadores eleitos, oito eram do grupo udenista.

CAMOCIM				
CARGO	PARTIDO / COLIGAÇÃO	SITUAÇÃO	CANDIDATO	VOTOS
PREFEITO	-	Eleito	FRANCISCO OTONI COELHO	2.609
	-	Não Eleito	JOAQUIM ROCHA VERAS	761
	-	Não Eleito	JOÃO BRAGA FILHO	118
VEREADOR	UDN	Eleito	ALFREDO OTONI COELHO	489
		Eleito	JOSÉ MOACIR ROCHA AGUIAR	460
		Eleito	JOSÉ TERCEIRO FONTENELLE	388
		Eleito	SETEMBRINO FONTENELLE VERAS	272
		Eleito	FERNANDO TRÉVIA	246
		Eleito	LUIZ ALVES NOBREGA	239
		Eleito	EDUARDO NORMANDIO DE ALBUQUERQUE	180
		Eleito	JOSÉ SILVESTRE MAGALHÃES	159
		Suplente	JOSÉ DE PAULA GOLIVEIA	73
		VOTOS DE LEGENDA		
	TOTAL DO PARTIDO			2.506
	PR	Eleito	PEDRO TEIXEIRA DE OLIVEIRA	484
		Suplente	ODILON FRANCISCO DA ROCHA	93
		Suplente	JOÃO FARIAS DE SOUSA	83
		Suplente	JOSÉ PEREIRA DE SOUSA	43
		Suplente	SOTERO LOPES	16
		Suplente	ELIEZER RIBEIRO VERAS	16
		Suplente	ALBANITA BRITO DE SOUSA	7
		Suplente	CIRILO JOSÉ DE CALDAS	5
PSD	Suplente	JOÃO FERREIRA FERRO	4	
	VOTOS DE LEGENDA			-
	TOTAL DO PARTIDO			751
	Não Eleito	JOAQUIM PEREIRA DE BRITO	82	
	Não Eleito	EDMUNDO PINTO DE ALMEIDA	62	
PR	Não Eleito	MANOEL PINHEIRO DA ROCHA	36	
	Não Eleito	MANOEL SALDANHA DE BRITO JUNIOR	27	
	VOTOS DE LEGENDA			-
TOTAL DO PARTIDO			207	
VOTOS EM BRANCO			33	
VOTOS NULOS			66	
VOTOS VÁLIDOS			3.497	

Fonte: TRE/CE

QUOCIENTE ELEITORAL	389
QUOCIENTE PARTIDÁRIO	
UDN	8
PR	1
PSD	0

Fonte: TRE/CE

Resultado Geral das Eleições em Camocim. 1947.

**Fonte:** TRE/CE.

<sup>59</sup> Apesar de concorrerem pelo Partido Republicano (PR), o candidato a prefeito Joaquim Rocha Veras, assim como o único vereador eleito nesta legislatura, Pedro Teixeira de Oliveira, eram filiados ao Partido Comunista do Brasil (PCB). Em 1946, os comunistas tiveram uma efêmera legalidade no país, contudo, em 1947, por ocasião das eleições municipais, o registro do partido estava cassado. No Ceará, os filiados do PCB tiveram guardida do PR, o que permitiu que o grupo de Camocim pudesse concorrer às eleições. Para uma análise mais aprofundada da militância comunista em Camocim, ver: SANTOS, 2007.

Deixemos um pouco a política local para seguir o desempenho de Murilo Aguiar na Assembleia Legislativa do Ceará. A elaboração da Carta Magna do Ceará transcorreu de 24 de fevereiro a 21 de junho de 1947, uma segunda-feira que se tornou feriado por força de um decreto lei, “tendo em vista sua significação histórica e política do fato”<sup>60</sup>.

Neste primeiro mandato (1947-1950), Murilo Aguiar teve a companhia de seu sogro, Antonio Carvalho Rocha (Tonico Rocha), compondo a Mesa Diretora desta 12ª Legislatura como 2º e 1º Secretários, respectivamente. Num levantamento dos seus cinco mandatos, Murilo Aguiar frequentou a Secretaria da Mesa Diretora várias vezes: 1950 - 2º Secretário; 1959 - 3º secretário; 1963 - 3º secretário; 1964 - 4º secretário e 1983 - 2º secretário<sup>61</sup>.

A atuação parlamentar de Murilo Aguiar no cotidiano na Assembleia Legislativa nessa primeira passagem e nos mandatos posteriores ainda está para ser recuperada nos arquivos. No que se pode compulsar minimamente, podemos perceber a maior preocupação da classe comercial e industrial de Camocim através de seu representante, isto é, o crônico problema do assoreamento do porto de Camocim, que afetava a todos. A primeira ação de Murilo Aguiar foi requerer ao Governo Federal a solução do problema que, como veremos, só viria muito tempo depois e em doses homeopáticas:

### **Deputado Murilo Aguiar**

05/03/47- O Deputado Murilo Aguiar traz à Casa um requerimento solicitando que se faça um apelo ao Governo Federal no sentido de ser

---

60 SOUSA, José Bonifácio de. *Datos e fatos para a História do Ceará*. 1947, RIC, 1964. T.LXXVIII, Ano LXXVII. *Apud* LEAL, *Op. Cit.*, p. 39.

61 MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará* (1950-1951). Fortaleza: ABC, 1997, p. 337-361.

recuperado o Porto de Camocim, salientando a importância da drenagem deste ancoradouro, não só à economia municipal como à economia estadual. O Sr. Presidente põe em votação o requerimento do deputado Murilo Aguiar, sendo o mesmo aprovado unanimidade<sup>62</sup>.

No entanto, do primeiro para o segundo mandato observa-se um hiato de oito anos. Neste ínterim, a família cresceria com o nascimento de Francisco de Paula - seu futuro herdeiro político, em novembro de 1947 em Fortaleza, além das atenções voltadas para a consolidação da sua liderança política. Vale salientar que nesse primeiro mandato, Murilo Aguiar “se dividia entre Camocim e a Capital, não se distanciando das missões legislativas nem deixando de lado as atividades comerciais e políticas em sua base”<sup>63</sup>.

As atividades políticas em Camocim consistiam tanto em viabilizar antigas aspirações da população camocinense, quanto a de representar o governo do estado quando das solenidades de praxe, como a posse do prefeito eleito Francisco Ottoni Coelho. As atas da Câmara Municipal registram:

[...] Imediatamente o Sr. Presidente, de acordo com o regimento interno designou a comissão destinada a introduzir no recinto da Mesa o Prefeito a ser empossado a qual teve a seguinte constituição: José Moacir Aguiar, Setembrino Veras e Fernando Trévia. [...] A seguir o prefeito empossado sentou-se à direita do Presidente que facultou o uso da palavra, fazendo uso dela o Sr. Vereador José Moacir Rocha Aguiar que em suscintas palavras manifestou

---

62 Anais da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, 1947.

63 LEAL, *Op. Cit.*, p. 41.

em nome da maioria da Câmara a satisfação de todos por se atingir hoje a última etapa da constitucionalização do país com a posse do Governador eleito livremente a 7 de dezembro último. [...] Compareceu à sessão o Deputado Murilo Aguiar, representante do Exmo Sr. Governador do Estado e o Sr. deputado Antonio Barros dos Santos<sup>64</sup>.

A família Aguiar e aliados fizeram a honra da Casa do Povo naquela solenidade. Talvez nem soubessem ou suspeitassem que em breve a “harmonia” política seria quebrada.

## **Murilo, líder político**

XXII

*MURILO tratava o povo  
Num mesmo comportamento,  
Sabia ser cordial,  
E nisso ele foi atento.  
Não fugiu do sacrifício,  
Fez do trabalho um ofício,  
E da luta, um divertimento.*<sup>65</sup>

A base eleitoral de Murilo Aguiar, a semente plantada que passou de pai para o filho, Francisco de Paula Rocha Aguiar (Chico Aguiar) e depois para o neto, Sérgio de Araújo Lima Aguiar (Sérgio Aguiar), sem dúvida foi aquela que começou com seu avô, Moysés Cavalcante Rocha, prefeito entre 1921 a 1922, além dos 4.300 votos recebidos

64 Fonte: 1º Livro de Atas das Sessões Ordinárias da Câmara Municipal de Camocim – 1948. Ata da Sessão Solene da Câmara Municipal de Camocim para dar posse ao Prefeito diplomado do Município, p. 09 e 10.

65 BARBOSA, *Op. Cit.*, p. 08.

por Murilo Aguiar para deputado estadual em 1947. Neste sentido, era natural que a sua condição de deputado eleito acrescentasse ao grupo da UDN, naquele momento, um peso maior nas alianças políticas com a Família Coelho. Não temos condições e nem provas para afirmar, mas é provável até que a indicação de Francisco Ottoni Coelho para prefeito nas eleições de 1947 pode ter sido fruto de acordo, consenso até, que os Coelhos ficassem com a indicação para a Prefeitura e os Aguiar se arriscassem numa candidatura a deputado e na eleição seguinte as posições se invertessem. Essa probabilidade parece adquirir alguma credibilidade pelo que aconteceu com a tentativa de reaproximação ocorrida duas décadas depois, em 1970.

Voltando ao rompimento político dos udenistas em Camocim, algumas situações corroboram a hipótese levantada acima. Em 1950, quando há a cisão, a maioria dos vereadores eleitos em 1947 ficaram com Murilo Aguiar. Infelizmente, as fontes do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará (TRE-CE) não informam os dados relativos à votação dos eleitos em 1950. Outras fontes informam posteriormente que Murilo Aguiar mudou de partido e foi para o PSD e a maioria dos 2.413 eleitores aptos a votar elegeram seu indicado, Setembrino Fontenele Veras, a prefeito, e José Hindenburg Sabino Aguiar como o vereador mais votado<sup>66</sup>.

---

<sup>66</sup> Nas atas das eleições do TRE-CE para o ano de 1950, faltam os resultados de Camocim e vários outros municípios. Nesta segunda legislatura, pós redemocratização, foram eleitos, além de Setembrino Fontenele Veras, prefeito, os vereadores: Joaquim Pereira de Brito (Presidente da Câmara), Francisco Veras Fontenele, Francisco Martiniano Marques, Francisco de Paulo Rocha, Francisco Ottoni Coelho, José Hindenburg Sabino Aguiar, João Oldernes Fiúza Lima, João Demétrio Tahim, José Silvestre Magalhães e Manuel Saldanha de Brito Júnior (Suplente). Fonte: 2º Livro de Atas das Sessões Ordinárias da Câmara Municipal de Camocim – 1948. Ata da Sessão Extraordinária da Câmara Municipal de Camocim para dar posse ao Presidente da Câmara Municipal de Camocim, p. 81v.

Ainda sobre os eventos de 1950, várias versões são dadas para os fatos que ocorreram num comício em que se decidiria o candidato da UDN às eleições de 1950, inclusive para a origem dos grupos políticos que pontificariam desde então no município: os famosos Cara Pretas e Fundo Moles. O universo destas versões povoa a memória das pessoas, frequentam os livros de história e literatura.

**“Quem for do meu lado me acompanhe até a Praça”. As versões sobre a origem dos apelidos “Cara Preta” e “Fundo Mole”**

XIV

*Já no ano 50*

*Um seu gesto teve aprovo,*

*Pois rompeu com a UDN*

*Surgindo um projeto novo:*

*Num comício da cidade*

*Mastrando tranquilidade*

*Saiu nos braços do povo.<sup>67</sup>*

O historiador camocinense Carlos Manoel do Nascimento, através do depoimento do Sr. Orion Menezes, testemunha dos fatos que geraram o rompimento dos grupos das famílias Coelho e Aguiar, recupera um pouco da história aqui referida onde Murilo Aguiar não tendo respaldo para indicar o médico Dr. Colares, então genro do próprio Alfredo Coelho, proferiu em praça pública a famosa frase: “Quem for do meu lado me acompanhe até a Praça’, hoje a praça da Estação; aí menino, ficou pouca gente lá no palanque do Alfredo Coelho. pouca gente; a ‘multidãozo-

67 BARBOSA, BARBOSA, *Op. Cit.*, p. 05.

na' acompanhou Murilo Aguiar"<sup>68</sup>. Camocim entraria para a história dos chamados de acompanhamento com antecedentes históricos, como assinala Angela Barros Leal (2014) ao comparar o brado de Murilo Aguiar ao de Duque de Caxias em plena Guerra do Paraguai (Sigam-me os que forem brasileiros):

Não que as duas batalhas se assemelhassem - pelo menos não em termos de poderio bélico - mas, dentro do clima nacional de acirramento político, as palavras devem ter soado apropriadas para selar o momento a partir do qual a cidade se dividia em duas hostes: os Cara Preta e os Fundo Mole, que se alternariam no poder<sup>69</sup>.

A divisão política geraria outras divisões. A partir daí, a geografia da cidade adquiriu uma nova simbologia com a Praça da Estação tendo novos usos e sentidos, ficando para sempre associada à militância do grupo, ao palco das campanhas políticas, das comemorações das vitórias, dos espaços de comunicação (irradiadora Voz de Camocim, depois Rádio União), cartório eleitoral etc.

O escritor camocinense José Maria Trévia também dá sua versão destes fatos. Transcrevemos aqui, embora longo, um trecho resumido de uma de suas crônicas, intitulada "CARA PRETA OU FUNDO MOLE":

Em um curto espaço de tempo, contado a partir do esfacelamento das alianças, essas duas

---

68 Entrevista com o Sr. Orion Menezes, funcionário público aposentado, 73 anos, realizada em 04/03/2008. Camocim-CE. Fonte: NASCIMENTO, Carlos Manuel. A cidade nas ondas do rádio: memórias e histórias dos serviços de alto-falantes de Camocim. In: SANTOS, Carlos Augusto P. dos; NASCIMENTO, Carlos Manuel do; ROCHA, Francisco Pereira. *Sobre Camocim*. Política, Trabalho e Cotidiano. Sobral: UVA, 2013, p. 126.

69 LEAL, *Op. Cit.*, p. 41.



forças políticas passaram a ser identificadas por seus respectivos apelidos, ambos emergentes de conversas e boatos de origens desconhecidas, consolidando as históricas alcunhas das duas tradicionais correntes partidárias de Camocim. Aos filiados do antigo Partido Social Democrático – PSD, liderados por Murilo Aguiar, coube o epíteto de **Cara-Preta**, enquanto os filiados da antiga e extinta União Democrática Nacional – UDN, receberam o título de **Fundo-Mole**, ambos pronunciados e grafados quase sempre no singular, mesmo quando o termo se achava reconhecidamente no plural. Algumas versões foram surgindo, buscando explicar as origens dos tais apelidos, porém, apenas um deles apresentou uma explicação convincente, ou com base mais fundamentada, como veremos em seguida. Sobre aquela alcunha de Cara-Preta, que identificava Murielistas, havia quem defendesse a ideia de que a mesma estaria ligada à presença de algumas manchas pretas no rosto do líder Murilo Aguiar. Particularmente, não dou credibilidade a essa versão, pois estive fisicamente próximo a ele inúmeras vezes, reconhecendo-o como um homem de pele clara e isento de qualquer mancha escura em seu rosto. Desfrutei da amizade de alguns dos seus filhos, principalmente Francisco Aguiar, frequentando a sua casa e estudando juntos, na mesma sala da Associação Comercial, na Rua Dr. João Tomé, onde funcionavam as séries primárias do Ginásio Padre Anchieta. Foi este um período durante o qual o senhor Murilo Aguiar foi Prefeito de Camocim, residindo na nossa então Rua Senador Jaguaribe. Outros observadores, entretanto, defendiam a tese de que, em décadas passadas, houve uma malograda tentativa de emboscada a um importante partidário do Senhor Alfredo Coelho, cujos autores se encontravam, por ocasião do atentado, com máscaras pretas ou rostos pintados de preto. Com

estas características, começaram a correr as especulações e boatos, levantando suspeitas a adversários políticos, acusando-os de serem eles os caras com o rosto preto, ou com a cara preta. Adveio, então, desta longa evolução, os termos que se consagraram na política camocinense: - “Os cara preta são eles”, ou “eles são os cara preta”. Instalando-se, segundo alguns, como “ele é Cara Preta”.

No entanto, se buscarmos detalhes sobre a formação da teoria sobre esta versão, parece-nos não existir nada palpável, haja vista a falta de consistência nos passos da sua evolução formada de conjecturas, especulações e boatos. Faltam, evidentemente, bases para credibilidade, mormente pela existência de versões onde se detecta indícios de verdade.

Existe ainda, uma terceira versão, sobre Cara-Preta, dando conta de que o apelido veio do rosto escuro e manchado de um capataz que acompanhava Murilo a todos os lugares, como garantia de segurança em tempos belicosos”. Esta é considerada a versão mais provável na opinião de Francisco Aguiar, conforme [...] que ele expressou sobre o assunto, para inserção no livro “MURILO ROCHA AGUIAR – Amor à Política por toda vida”, autoria de Angela Barros Leal, tornando-se, por conseguinte, na minha modesta opinião, a que alcança maior aceitação, pela lógica e pela credibilidade da fonte. [...]

No que concerne àqueles que detinham o apelido de Fundo-Mole, a explicação mais divulgada refere-se às calças frouxas nas partes traseiras de homens pertencentes à família Coelho, ou mais, dizia-se que os mesmos tinham as nádegas muito magras, expressa na linguagem coloquial como “bunda batida”, deixando o fundo das calças de linho bastante frouxo, o que derivou o termo Fundo-Mole.

Vale registrar que estas alcunhas logo deixaram de ser pejorativas. Em ambos os lados

houve aceitação dos mencionados epítetos e nenhum dos dois se intimidou, incorporando-os com naturalidade e propriamente se identificando ao estilo “eu sou Cara Preta” ou, por outra, “eu sou Fundo-Mole”, ditos e repetidos com orgulho<sup>70</sup>.

Nas lembranças do neto Sérgio Aguiar, mais uma versão sobre os apelidos jocosos dos grupos políticos de Camocim é incorporada a esta construção da memória:

[...] O que aconteceu foi a desmoralização de Murilo quando foi falar e lhe negaram o microfone. E ao negar o microfone ele não tinha outra atitude a tomar a não ser aquela, que estava sendo decepcionado [...] e quem o tivesse como homem de bem o acompanhasse até a Estação. [...] E por isso daí ele ficou sem legenda, passou quatro anos no limbo. Foi quando as pessoas começaram a chamar o Murilo de Cara Preta porque ele tinha um veículo Ford que era denominado Cara Preta. E quando foram fazer a referência, perguntavam, qual Murilo? O Murilo do Cara Preta<sup>71</sup>.

Versões à parte, o que se pode depreender da construção da liderança de Murilo Aguiar como líder é um crescimento de seu prestígio político após o rompimento com os Coelho. Desta forma, conseguiria eleger a si e a seus aliados até 1970, quando os grupos tentaram uma reaproximação com a candidatura única e consensual do Dr. José Maria Primo de Carvalho, como dito acima.

---

70 TRÉVIA, José Maria Sousa. *Memórias de um saudosista*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, p. 44-47, 2017.

71 Sérgio de Araújo Lima Aguiar. 51 anos, Deputado Estadual (PDT). Entrevista realizada pelo autor. Janeiro de 2022, Camocim- CE.

Para os já cognominados Cara Pretas, o triunfo de Setembrino Veras para a prefeitura em 1950 selaria a consolidação do grupo a ponto de, terminado o mandato de prefeito, o mesmo seria indicado por Murilo Aguiar para disputar a eleição de deputado estadual. Nas eleições de 1954, a rivalidade entre Fundo Moles e Cara Pretas extrapolaram os limites do município, com cada grupo buscando eleger seu representante. A UDN candidatou Francisco Ottoni Coelho, que havia sido prefeito entre 1947 a 1950, que obteve 1.960 votos, não conseguindo se eleger. Já Setembrino Fontenele Veras, que quatro anos antes tinha sido eleito prefeito com o bordão de “Vaqueiro da Esperança”, uma alusão ao “Cavaleiro da Esperança”, expressão nacionalmente atribuída ao líder comunista Luís Carlos Prestes (teria sido uma jogada de marketing para atrair os votos dos comunistas camocinenses?), receberia 4.664 votos, elegendo-se pelo PSD<sup>72</sup>.



Setembrino Veras. Quadro óleo sobre tela. Camocim-CE.  
Autoria: Totôe.

**Fonte:** Acervo: Rosa Maria Navarro Veras.

---

<sup>72</sup> Fonte: Resultado Geral das Eleições no Ceará, 1954, TRE/CE.

Como se pode perceber, desde 1947, a família Aguiar atuou politicamente para manter uma cadeira na Assembleia Legislativa do Ceará e, afora um breve período de ausência (1951-1954), essa cadeira completa 76 anos de história em 2023, com quinze mandatos (Murilo Aguiar (05), Francisco de Paula Aguiar (05) e Sérgio Aguiar (no exercício do quinto mandato), além de quatro outros apoiados diretamente, como foi o caso de Setembrino Veras (1955-1958) e Coronel Libório Gomes da Silva (1971-1974 e 1975-1978) e Francisco Rocha Aguiar (irmão de Murilo Aguiar, eleito para o mandato de 1979-1982). Isto é, mesmo quando Murilo teve seus direitos políticos cassados (1969-1981), conseguiu eleger pessoas da família e aliados próximos.

## **Murilo prefeito de Camocim**

XV  
 No ano 54  
 Em intensa atividade  
 Deu ele ao PSD  
 Mais brilho, mais qualidade:  
 O povo viu nesse pleito  
 MURILO AGUIAR ser eleito  
 Prefeito de sua cidade.<sup>73</sup>

Eu conheci seu Murilo pela primeira vez no ano que o Setembrino se candidatou a deputado e ele a prefeito. E eu morava pra lá do Mucambo, entre o Mucambo e os Tucuns. Eu nasci nos Tucuns e eu vinha um dia de tarde

---

73 BARBOSA, BARBOSA, *Op. Cit.*, p. 05.

do Mucambo quando encontrei aquele carro, aquele Jeep, aí duas pessoas dentro, quando me viram pararam, perguntaram onde eram os Tucuns, e a casa do Rafael, que era um morador, um proprietário que tinha lá. Eu respondi “lá perto da minha casa”, aí perguntei: “Com quem estou falando?” Setembrino ia dirigindo o Jeep. “Eu sou Setembrino e esse é o Murilo Aguiar”. Mas eu já sabia, que eu já votava pra ele na época, porque ele tinha um cabo eleitoral no Mucambo, com o nome de Joaquim Caetano. E o Mucambo é de Chaval. Eu tinha pouco menos de vinte anos e ele, como político, as pessoas falavam que ele ajudava os pobres, os necessitados e era conhecido de muita gente<sup>74</sup>.

Assim começa o testemunho do Sr. José da Costa Sotero quando perguntado como tinha conhecido Murilo Aguiar. As lembranças dele corroboram com o que muitos dizem de sua performance política, própria de uma época onde o assistencialismo, o compadrio e as relações de amizade eram mais interessantes do que propriamente uma bandeira de representatividade política de classe ou de outra natureza.

Se as relações de compadrio eram um componente importante na trajetória de um político daquela época, pois: “O constante convite para apadrinhar crianças na região Norte era boa prova disso, lembra o filho Murilo. São muitos os testemunhos neste sentido, no decorrer do tempo”; por outro lado, este tipo de atitude ia criando uma imagem de “pai dos pobres”, como assinalam pessoas próximas de Murilo Aguiar, como José Maria Gomes, motorista de Murilo Aguiar entre 1961 e 1985, segundo o qual [...] “Cuidava de nós como um pai”, ou de sua secretária a partir de

---

74 José da Costa Sotero. 86 anos, funcionário público municipal aposentado. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

1981, Rita Araújo: “Não deixava ninguém passar fome. Ele mesmo tomava a frente de cada caso, como garantia que ia ser resolvido”<sup>75</sup>.

No plano político partidário e já com a experiência de ter sido deputado estadual, Murilo Aguiar concorreria às eleições de 1954 para prefeito de Camocim pela coligação PSD/PSP/PTB, obtendo expressiva votação<sup>76</sup>. Para seu neto, atual Deputado Sérgio Aguiar (PDT), assumir o executivo de uma cidade, tendo passado por uma experiência no legislativo, possibilita ao gestor ter uma visão ampla da gestão pública, sendo “uma escola, sem dúvida nenhuma. No parlamento é onde está o acirramento dos debates, [...] ou apresentar ideias e propostas que possam se tornar leis”<sup>77</sup>.

Desta forma, no dia 25 de março de 1955, aos 41 anos de idade, Murilo concretizava o sonho de qualquer político: governar sua terra natal. O dia todo foi de preparativos para a posse do prefeito, que ocorreria a partir das 19 horas. No dia anterior, a Câmara Municipal já havia se instalado e eleito o vereador José Maria Parente Viana para presidente. Além dele, tomaram posse os vereadores: Alfredo Veras Coelho, Amanajás Passos de Araújo, Francisco Veras Fontenele, Francisco Basílio Cardoso, Gregório Francisco Alexandrino, João Demétrio Tahim, Kleber Pessoa Navarro Veras e Luís Lopes Viana<sup>78</sup>.

Cumprido o cerimonial de estilo, Murilo Aguiar fez o juramento de praxe diante de vereadores e autoridades pre-

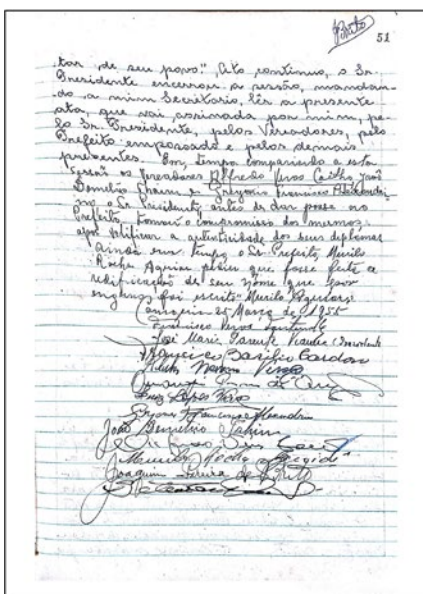
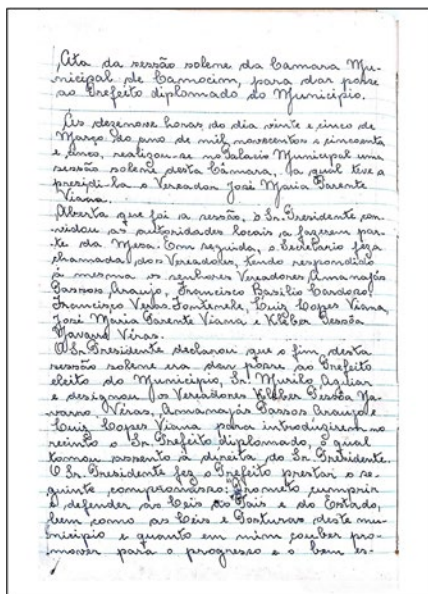
75 LEAL, *Op. Cit.*, p. 57-58.

76 Embora na memória política se diga que a votação foi expressiva, as fontes do TRE/CE não trazem os números da eleição de 1954, apenas a relação dos prefeitos eleitos em cada município.

77 Sérgio de Araújo Lima Aguiar. 51 anos, Deputado Estadual (PDT). Entrevista realizada pelo autor. Janeiro de 2022, Camocim-CE.

78 Ata de Posse do Prefeito Murilo Rocha Aguiar. 1955. Fonte: 3º Livro de Atas das Sessões Ordinárias da Câmara Municipal de Camocim. 1951-1957, p. 50-51.

sentes: “Prometo cumprir e defender as leis do País e do Estado, bem como as Leis e Posturas deste município e quanto em mim couber promover para o progresso e o bem estar de seu povo”<sup>79</sup>. Era uma sexta-feira e aqueles correligionários mais festeiros com certeza emendaram aquele final de semana nas comemorações. Nos arquivos da Câmara Municipal ficou registrado:



Ata da Sessão Solene de Posse do Prefeito Murilo Aguiar.

**Fonte:** 3º Livro de Atas das Sessões Ordinárias da Câmara Municipal de Camocim, 1951-1957, p. 50-51.

Um detalhe importante pode ser percebido na feitura da ata: “Em tempo: comparecido a esta sessão os Vereadores Alfredo Veras Coelho, João Demétrio Thaim e Gregório Francisco Alexandrino, o Sr. Presidente, antes de dar posse ao Prefeito tomou o compromisso dos mesmos, após

<sup>79</sup> Ata de Posse do Prefeito Murilo Rocha Aguiar. 1955. Fonte: 3º Livro de Atas das Sessões Ordinárias da Câmara Municipal de Camocim. 1951-1957, p. 50-51.



verificar a autenticidade dos seus Diplomas”. Os três vereadores citados eram opositores de Murilo Aguiar e não haviam comparecido na sessão onde foi eleito o Presidente da Câmara Municipal e dado posse aos vereadores, talvez como protesto, visto que na configuração partidária entre os nove edis eleitos, seis eram do PSD, ou seja, uma maioria folgada que permitiria a Murilo Aguiar trabalhar com tranquilidade política.

No entanto, a tranquilidade permitida pela maioria na Câmara foi perturbada pelos anos de seca que enfrentou em seu mandato. Já no ano da eleição, 1954, tivemos uma seca moderada. Se em 1955 o inverno foi bom, em 1956 novamente se enfrentou seca moderada, para concluir em 1958, esta sim, classificada como extrema<sup>80</sup>. Afora os problemas que toda seca traz, eles são multiplicados, visto Camocim ser sempre um lugar de atração de retirantes por sua condição litorânea. Porém, foi nesta adversidade que se sobressaiu o perfil de administrador de Murilo Aguiar, ativando “sua vasta rede de conhecimentos e da influência social e política que conquistara em quatro décadas de vida, conseguindo avanços em terra, ar e mar”<sup>81</sup>.

Para termos uma ideia destes avanços, recorreremos ao próprio Murilo Aguiar, num dos poucos registros feitos por ele mesmo, para uma publicação que marcou o primeiro centenário de Camocim, escrito por um contemporâneo dele, o jornalista Tóbis de Melo Monteiro. Por muito tempo, este livro foi a única fonte de pesquisa sobre o município de Camocim disponibilizado na Biblioteca Pública Pinto Martins:

---

80 NUNES, L. F. C. V.; MEDEIROS, P. H. A. Análise histórica da severidade de secas no Ceará: efeitos da aquisição de capital hidráulico sobre a sociedade. *Revista de Gestão de Água da América Latina*, 17, e 18, 2020, p. 10. Disponível em: <https://doi.org/10.21168/rega.v17e18>. Acesso em: 18 jan. 2022.

81 LEAL, *Op. Cit.*, p. 55.

## RESULTADO DE UMA PESQUISA

No dia 15 de janeiro de 1984 fiz uma carta e mandei a 6 ex-Prefeitos de Camocim, meus amigos, fazendo apenas 3 perguntas:

- a) Qual o período do seu governo?
- b) Quais as principais realizações feitas?
- c) Que fato de relevo, aconteceu que poderemos considerar histórico?

Apenas um respondeu ao meu questionário. Trata-se do Deputado Estadual, Sr. Murilo Aguiar. Vejamos, aqui, as suas respostas:

- a) de 1955/59;
- b) Construí o Serviço de Abastecimento D'água em convênio com o DNOCS;
  - Construí o Mercado Auxiliar;
  - Construí o calçamento das principais ruas;
  - Construí várias unidades escolares, inclusive o prédio onde funciona a Escola Estadual Padre Anchieta;
  - Construí estradas carroçáveis interligando Distritos;
  - Porto: Obtive autorização do Presidente Juscelino Kubitschek para construção do cais de atracação e do armazém do porto, o que foi feito;
  - Draga: Consegui a vinda de uma draga para abertura de nosso ancoradouro, mas com 35 dias de trabalho ela pifou, tendo sido rebocada para Natal a fim de ser consertada. Não mais voltou, uma vez que o Presidente Kubitschek já estava fora do Governo e a sua ordem anterior não foi integralmente cumprida;
  - Rodagem: Consegui autorização presidencial para que fossem iniciadas as construções da estrada de rodagem Camocim-Coreaú e Chaval-Parnaíba, onde foram empregados cerca de 20.000 flagelados da seca de 1958;
  - \_ Campo de Pouso: Consegui recursos do Ministério da Aeronáutica para ampliação do

nosso campo de pouso, onde foram empregados 600 pais de família que passavam fome, também na seca de 1958;

c) O fato que considero histórico, no período de minha administração, foram as honrosas visitas do então Governador Dr. Parsifal Barroso e do Ministro da Viação, Comandante Ernani do Amaral Peixoto, que, a nosso convite, vieram verificar, *in loco*, a situação de calamidade pública em que se encontrava o município, invadido que estava por flagelados deste e dos municípios vizinhos<sup>82</sup>.

Destas obras elencadas, a construção do Serviço de Abastecimento D'água em convênio com o DNOCS foi de suma importância para a infraestrutura do município, visto que uma tentativa de se implantar um sistema desta natureza datava do ano de 1925, quando a administração municipal aprovou e ampliou o contrato de abastecimento d'água da cidade com o concessionário Manoel Pinto Filho<sup>83</sup>. Para a inauguração desta, o prefeito chegou a convidar o Presidente Juscelino Kubitschek para vir a Camocim, conforme destaca o jornal *Diário Carioca*, do estado do Rio de Janeiro:

### **JK CONVIDADO A IR A CAMOCIM**

Um convite ao presidente Juscelino Kubitschek para presidir a cerimônia de inauguração do serviço de abastecimento de água da cidade de Camocim, no Ceará, foi feito ontem no Catete ao próprio Presidente pelo Prefeito daquela cidade, o Sr Murilo Aguiar. O Prefeito de Camocim que se fazia acompanhar do deputado

---

82 MONTEIRO, Tóbis de Melo. *Camocim Centenário*. 1879-1979. Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1984, p. 26.

83 Prefeitura Municipal de Camocim. Lei N° 100 de 25 de agosto de 1925. Fonte: Jornal *Brazil Livre*. Agosto de 1925. Sobral-CE.

estadual Wilson Roriz, foi apresentado ao Presidente pelo Deputado Armando Falcão<sup>84</sup>.

Na campanha presidencial de 1955, JK esteve em Camocim fazendo um comício “realizado sob o sol do meio-dia, diante da residência de Murilo, com Juscelino discursando, da varanda da casa, para um mundo de gente usando os chapéus de palha que Murilo mandara trazer de Sobral especialmente para o evento”, como afirma sua filha Núzia Aguiar<sup>85</sup>. Com certeza, JK prometera algumas obras para o município, como podemos entrever do relato de Murilo Aguiar, acima citado, algumas delas realizadas ainda em seu mandato como prefeito.

### XXIII

*O povo de CAMOCIM  
Para sempre há de lembrar  
Quando viu o PRESIDENTE  
JUSCELINO ali chegar.  
E a cidade então cresceu  
Com o encontro que se deu  
de MURILO e JK.<sup>86</sup>*

---

84 Na verdade, o jornal se equivoca quando diz que Murilo Aguiar fora apresentado ao Presidente por Armando Falcão naquela oportunidade. Juscelino Kubitschek já tinha sido recepcionado por Murilo Aguiar em sua residência e pelas ruas da cidade quando de sua campanha à Presidência da República em 3 de agosto de 1955. Para a citação, a fonte é: *Diário Carioca*, sexta-feira, 22 de novembro de 1957, p. 3.

85 LEAL, *Op. Cit.*, p. 63.

86 BARBOSA, *Op. Cit.*, p. 08.



Juscelino Kubitschek em campanha para Presidente da República em Camocim, 1955.

**Fonte:** Acervo da Sra. Elda Aguiar.

A estes melhoramentos, acrescentaríamos outras duas obras em que Murilo Aguiar teve intensa participação em suas construções e funcionamento, a Maternidade e Hospital de Camocim, que, após sua morte, em sua homenagem, se tornou Hospital Deputado Murilo Aguiar, hoje constituído hospital polo da região, e o Educandário Imaculada Conceição, na época uma escola para moças, hoje Instituto São José.

Quando da inauguração do hospital, em 30 de julho de 1958, Murilo Aguiar conseguiu o apoio das Irmãs Capuchinhas para seu funcionamento inicial:

Nos primeiros anos, contou com os trabalhos de nossas irmãs: Mariana Maria e Pascoalina Maria. Atendendo prontamente à solicitação do então prefeito desta cidade, na época, Sr. Murilo Rocha Aguiar, a nossa Madre Geral, Irmã Josefa Maria de Aquiraz, concedeu a licença para as irmãs residirem no hospital, com a finalidade de prestarem serviços e presença à saúde<sup>87</sup>.

No Livro de Tombo da Paróquia de Bom Jesus dos Navegantes há o registro da inauguração da obra, onde mostra o prestígio político de Murilo Aguiar em conseguir as verbas necessárias para a construção do hospital e de trazer as principais autoridades do estado naquele momento:

#### **Inauguração da Maternidade Hospital de Camocim.**

No dia 30 de julho de 1958, constituiu espetáculo de fé e civismo a inauguração da Maternidade Hospital desta cidade, construído pelo Governo Federal, graças a iniciativa e os esforços do Prefeito local, Sr. Murilo Aguiar.

Foi convidado para presidir a cerimônia de inauguração o Sr. Parsifal Barroso, candidato ao Governo do Estado. A sua presença emprestou às festas desse dia brilho invulgar. Foi elaborado pela Sociedade Mantenedora da Maternidade-Hospital um belo programa que foi integralmente executado.

Viajando por avião da Real, às 7 horas da manhã chegou a esta cidade o Sr. Parsifal Barroso, seguido de uma luzida comitiva, composta dos Srs. Wilson Gonçalves, candidato a Vice-Governador, os deputados federaes, Francisco Menezes Pimentel, José Martins Rodrigues

---

87 ALVARENGA, Irmã Maria de Salete Matos. *Instituto São José. 50 anos construindo na educação o sonho franciscano e paz. Ciência e fé. História e vida. Camocim-CE. Sográfica – Sobral Gráfica Ltda, 2000, p. 21.*

e Carlos Jereissati. Do campo de pouso um imenso cortejo com as mais calorosas ovações acompanhou ao Sr. Parsifal até a casa do Sr. Murilo Aguiar, onde foi ofertado um ligeiro lanche aos ilustres recém-chegados, em seguida o Sr. Parsifal e comitiva se dirigiram para a Igreja Matriz onde foi celebrada uma missa em ação de graças pelo Revmo. Pe. Fulton, contando com a assistência de um número consolador de fieis e sendo solenizada pelo câoro do Ginásio Imaculada Conceição.

Após a missa, o Sr. Parsifal seguiu para o Edifício da Maternidade onde ao chegar cortou na entrada a fita simbólica no meio das mais calorosas aclamações da multidão que ali se apinhava. Ato seguido, o Vigário acolitado procedeu digo por Monsenhor José Carneiro da Cunha procedeu a benção do Edifício. Finda a benção, efetuou-se uma solene sessão; usaram da palavra diversos oradores: Dr. José Vieira de Ibiapina que pronunciou um substancial discurso sobre os inúmeros benefícios de uma maternidade numa localidade de população avultada, o Sr. José Barreto proferiu uma magistral peça oratória sobre o triunfo e regozijo do povo de Camocim na concretização desta obra de tão grande relevância social. O Sr. Murilo Aguiar o maior benfeitor dessa obra de grande vulto entregou a Maternidade-Hospital ao povo de Camocim num gesto simbólico e com palavras repassadas de mais viva emoção; dissertaram ainda sobre o acontecimento do dia, enaltecendo os méritos do Sr. Murilo os oradores Sr. José Martins Rodrigues, o Sr. Nazareno, funcionário do Banco do Brasil, o Sr. Américo Barreira; por último com a palavra fluente e fácil do Sr. Parsifal Barroso, discorrendo sobre o grande melhoramento de que naquella instante estava sendo beneficiada a população de Camocim, foi encerrada a sessão. Logo após a sessão, o Vigário concluiu os

trabalhos de inauguração, benzendo as imagens ofertadas à Capela do Edifício.

Cumpre assinalar que exerceu papel preponderante nas cerimônias de inauguração o côro lítero-musical do Ginásio Imaculada Conceição, executando maviosas peças musicas, bem como a banda de música local apresentando expressivos dobrados.

A Direção da Maternidade-Hospital ficou confiada às Irmãs Terceiras Capuchinhas sob a chefia do Dr. José Vieira Ibiapina. Foram as primeiras irmãs da Maternidade:

Irmã Mariana Maria de Belém.

Irmã Pascoalina Maria de Esperantina.

Irmã Giovana Maria de Joaseiro<sup>88</sup>.



Ginásio Padre Anchieta. Camocim. Anos 1950.

**Fonte:** IBGE.

88 I Livro de Tombo da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, Camocim-CE, p. 178-180.





Hospital Maternidade de Camocim, 1957.

**Fonte:** Arquivo do autor.

Com relação ao educandário, há muito a população cobrava uma escola específica para a educação das moças da sociedade camocinense. Neste sentido, Murilo Aguiar atuou primeiramente para o objetivo de se ter na cidade uma escola para moças e, posteriormente, para rapazes, como vimos acima na sua relação, o Educandário Padre Anchieta. Os recursos financeiros municipais à época eram poucos, no entanto, o próprio prefeito e o seu rol de amigos buscavam atender às demandas:

[...] Mas, para tanto, faltava dinheiro, que foi surgindo mediante doações vindas de pessoas amigas da comunidade, como o Sr. Murilo Rocha Aguiar e o Sr. José Torquato, este camocinense, próspero empresário na Capital cearense, que incansavelmente, enviava iates carregados de todo material necessário para a construção do atual Instituto São José<sup>89</sup>.

89 ALVARENGA, *Op. Cit.*, p. 21.

Voltando ao evento de inauguração do hospital, percebe-se a visão pragmática de Murilo Aguiar. Em ano de eleição, conseguia inaugurar uma obra de vulto e reunir em torno de si os candidatos à eleição majoritária de seu partido em sua cidade e ser recebido pelo Presidente da República, demonstrando prestígio político, além de impulsionar a sua própria candidatura a deputado estadual.



Murilo Aguiar (segundo da esquerda para a direita) sendo recebido pelo Presidente Juscelino Kubitschek. Rio de Janeiro, 1958.

**Fonte:** Arquivo Nacional.

Politicamente, segundo os relatos, Murilo Aguiar se mostrava incansável na solução dos problemas do município e de seus correligionários. Sérgio Aguiar, por exemplo, ao exaltar a capacidade de servir ao povo de seu avô, traz isso para si como lembrança, a partir da observação das campanhas políticas:

Naquela eleição de 1982 eu via o trabalho dele, as caminhadas que fazia, e acho que isso me

inspirou pra poder caminhar, não ter hora pra parar, sempre mais um pra você poder fazer, sempre mais um pra levar, e o que ele demonstrava era isso: ser aquele homem espirituoso, que dava sempre um empurrão na vida da gente, pra que a gente pudesse crescer cada vez mais, e eu, como gostava, ele dizia: “estude que você vai longe”.

E acrescenta quanto ao perfil do seu avô como político e sua importância para o povo camocinense:

Foi um homem realizador, [...] e isso ele fazia com muito esmero. [...] Ele ajudou muitas famílias, seja na Estrada de Ferro, seja no próprio poder público estadual, a tornarem-se funcionários e terem aí suas carreiras na vida. Mas a capacidade de servir, aí eu já vou para as semelhanças, além do biotipo físico, a gente sempre procurou ouvir os mais simples, os mais humildes, sempre procurou ajudar essas pessoas. E assim como ele fazia, eu procuro dentro da medida do possível também fazer<sup>90</sup>.

A maneira de fazer política de Murilo Aguiar, que aliava a assistência ao eleitorado e o arrojo em conseguir obras para o município, forjava nele a atitude de “quem quer vai, quem não quer manda”, realçada por sua ex-secretária Rita Araújo, atualmente ainda atuando no gabinete do deputado estadual Sérgio Aguiar, há quarenta anos trabalhando a serviço da família. Um exemplo disso foram as três licenças pedidas pelo prefeito Murilo Aguiar à Câmara Municipal para se ausentar de Camocim a serviço do município. Transcrevemos uma delas:

---

90 Sérgio de Araújo Lima Aguiar. 51 anos, Deputado Estadual (PDT). Entrevista realizada pelo autor. Janeiro de 2022, Camocim- CE.

[...] Expediente: Mensagem Nº 2/58, datada de 24/3/1958, dirigido, digo de autoria do Snr. Prefeito Municipal Murilo Rocha Aguiar, dirigido ao Snr. Presidente e demais Vereadores, na qual solicita desta Câmara, licença de 60 dias para se ausentar deste Município “e, se o caso exigir, viajar até à Capital da República onde tratarei mais de perto das providências a serem adotadas”, para evitar as conseqüências da seca”. (Aprovado por unanimidade)<sup>91</sup>.

Esta disposição de Murilo Aguiar, segundo alguns, fazia dele um homem obstinado, que não media esforços para conseguir seus objetivos, mesmo que isso gerasse alguns dissabores por conta de denúncias, principalmente em período eleitoral, dos seus adversários. Contudo, a vontade de fazer sua “política” parecia importar muito mais para ele, como nos diz Frota Aguiar em um dos seus livros de memórias:

Já afastado de minha terra natal, vivendo em paragens do Rio de Janeiro, testemunhei de longe surgir, na área político-administrativa, Murilo Rocha Aguiar, o ex-seminarista, com credenciais positivas de homem público, investido de defensor das coisas da coletividade de sua comuna, quer no âmbito municipal, quer no estadual e no federal. Essa afirmação. De intenção cívica, jamais desmerecerá os demais homens públicos da terra, também, mercedores de respeito pelo que realizaram. Com aquela firme obstinação. Uma das suas características. O impetuoso político invadia Gabinetes Ministeriais e convocava quem o pudesse ajudar – até o que escreve essas recordações, na conquista daquilo que perseguia. A

---

91 2ª Sessão Extraordinária da Terceira Legislatura – 1º Período Legislativo do Ano de 1958. 29 de Março de 1958.

sobrevivência do porto de Camocim era sua forte preocupação!

Embora de físico franzino existia dentro do peito desse valoroso lutador um dínamo humano, irradiando energias<sup>92</sup>.

Poderia se fazer uma extensa lista de favores pessoais ou familiares que Murilo Aguiar fez a quem privou de sua convivência. Ainda hoje é possível ouvir estas histórias nas esquinas e calçadas da cidade quando nos reportamos ao tempo do velho Murilo Aguiar. Estas histórias, contadas e recontadas, vão adquirindo sentidos diversos que reforçam este lado de sua memória, e fatalmente se estabelecem comparações, às vezes até anacrônicas, com os seus descendentes na seara política. O próprio neto, deputado Sérgio Aguiar, ao analisar a trajetória política da família no parlamento estadual, que neste ano de 2023 completa 76 anos, reconhece que, apesar da conjuntura social ser outra, não realizaram metade da obra feita pelo avô:

O tempo passa. Para o meu avô foi muito mais difícil as coisas pra ele. Com meu pai, as coisas já foram se tornando menos difíceis. Comigo, graças a Deus a gente tem trabalho, não que eu seja melhor do que os outros. E eles mesmos me deram oportunidade de estudar, de ter uma formação acadêmica que me ajuda muito, para poder entrar e poder sair aonde for, discutir vários temas e assuntos com bastante segurança e tranquilidade. [...] Cada um a seu tempo, conseguiram honrar seus mandatos. [...] Guardadas as devidas proporções e seu tempo, todos puderam fazer algo, entretanto, eu costumo dizer que Chico Aguiar, Sérgio Aguiar, Cláudia, que já foi vereadora e vice-prefeita, Stélio Júnior, que já foi ve-

---

92 AGUIAR, *Op. Cit.*, p. 24.

reador, Murilo Filho que já foi prefeito, todos nós Aguiar, descendentes de Murilo Aguiar, não conseguimos chegar ainda à metade da experiência, da vivacidade e da capacidade que ele tinha de poder olhar as coisas e conseguir encontrar ali as suas respostas adequadas<sup>93</sup>.

Uma das histórias que perduram no tempo e que se contam entre os mais velhos mostra o lado do desprendimento pessoal de Murilo Aguiar. Assim como ele saiu de Camocim em 1952, sem mandato político nenhum, com uma comitiva de pessoas rumo à capital do país para falar com o Presidente Getúlio Vargas e ser recebido no Palácio do Catete<sup>94</sup>, era capaz de ouvir as lamúrias e o drama de uma dona de casa, viúva, com uma prole de 14 filhos e prestes a ser despejada da casa onde morava e de, efetivamente, resolver em tempo recorde o futuro daquela família.

Conta-se que esta senhora, moradora no bairro do Cruzeiro, certa tarde chegou na casa do Sr. Murilo contando sua história e realçando a iminência de se ver na rua com sua prole. Naquela época, casas de aluguel não eram tão fáceis de se arranjar. Fim de tarde, o Sr. Murilo ouvia, em meio as outras pessoas que o procuravam, o desespero da viúva, provavelmente uma das inúmeras comadres que tinha na cidade. Ao final, disse para a viúva que não tinha como resolver a questão naquele momento, mas que ela fosse atrás de uma casa, para alugar ou comprar, e voltasse depois a falar com ele. A senhora voltou uma hora

---

93 Sérgio de Araújo Lima Aguiar, 51 anos, Deputado Estadual (PDT). Entrevista realizada pelo autor. Janeiro de 2022, Camocim-CE.

94 “Cansado de promessas, decidi levar uma comitiva perante o então Presidente Getúlio Vargas, para tratar não só da dragagem, mas também de outros assuntos ligados a Camocim [...]. Compunha a ‘embaixada’ camocinense, “sob a direção do chefe político e capitalista Murilo Aguiar, autoridades como o prefeito Setembrino Veras, Fernando Cela, Presidente da Associação Rural de Camocim, o Padre Inácio Nogueira Magalhães e Eloy Carvalho Lima”. Fonte: LEAL, *Op. Cit.*, p. 50.

depois, mas bastante desolada. Explicou para ele que encontrara uma saída, mas o proprietário dificultava a situação, pois não alugaria uma casa, mas só venderia se fosse o terreno todo, que tinha duas casas. O Sr. Murilo perguntou de quem era o terreno e as casas, ela disse e então ele mandou ela ir para casa e aguardar, pois, quando terminasse de atender as pessoas iria lá falar com o proprietário. Assim o fez e as negociações não duraram mais do que dez minutos. Recebeu as chaves e entregou para a viúva, que não acreditava naquilo que acabara de acontecer. Ele teria dito: - Tome a chave! As casas e o terreno agora são seus para você morar e, no futuro, seus filhos construirão as casas deles.

Para quem estava prestes a ir para a rua e de repente ganhar duas casas e terreno com fundo correspondente, imagina-se a felicidade, a gratidão que esta família passou a nutrir por Murilo Aguiar. No entanto, a história não termina por aqui. Décadas depois ele lembrou do caso remexendo nos seus documentos, encontrando a escritura do terreno e das casas. Então chamou a Fortaleza um dos filhos da viúva, que ele tinha ajudado a entrar na Polícia Militar, e lhe entregou um envelope dizendo: “Aí dentro está o documento do terreno e das casas da sua mãe. Lá em Camocim, procure a Iolanda do cartório e passe para o nome de quem ela quiser. Eu já falei com ela e a escritura está paga”. Com este último gesto, ele evitou que um dia esta propriedade pudesse figurar no rol de herança da família e provocar alguma questão judicial. Na verdade, Murilo Aguiar completou a ação que livrara tempos atrás de uma família entrar na mendicância.

Voltando à administração do prefeito Murilo Aguiar, já se disse que os problemas do porto, especialmente a falta de uma dragagem, era motivo de preocupação para ele,

posto que também afetava o comércio em geral. A demanda pelo pleno funcionamento através de uma dragagem foi motivo de promessa política, fato que se repetiria décadas depois, quando seu filho, Francisco de Paula Aguiar, como deputado estadual, também prometeu a mesma coisa. Assim como em 1957, na década de 1990, as dragas vieram, quebraram e não fizeram o serviço completo. De forma literária, o escritor José Maria Trévia narra a saga da tentativa de dragar o porto de Camocim durante a administração de Murilo Aguiar:

Retrocedendo a 1957, que não foi ano de eleições, ocorreu um fato em Camocim que fazia com que acreditássemos em campanha eleitoral, naquele dia 03 de março, domingo de carnaval. Uma chuvinha fraca e persistente refrescava a brisa que vinha do mar, mas não impedia que a tarde permanecesse agradável, enquanto uma multidão se movimentava nas imediações da Praça da Estação e se distribuía pela extensão do cais. A cada instante, o foguetório pipocava não dando tempo a que a fumaça se dispersasse antes que novos estampidos pontuassem o firmamento. À frente da multidão, ou envolto por centenas de amigos e correligionários, o então prefeito de Camocim Murilo Rocha Aguiar não escondia a sua satisfação por mais um êxito alcançado durante a sua administração. Naquele momento, entrando pela Barra de Camocim, uma draga avança lentamente pelo estuário e se expõe diante dos olhares de uma multidão esperançosa no que seria a redenção do Porto e a realização de um sonho do povo camocinense. Os corações se encheram de alegria e orgulho, pois o Porto de Camocim seria finalmente dragado, a fim de melhorar sua profundidade na entrada da barra e no seu canal de navegação, indo até o cais de acostamento que, nos dias de então, ainda



era servido pelo velho trapiche de carnaúbas, de fantástica e inacreditável resistência.

Numa semelhança aos períodos de campanha, as paródias retornaram naquela tarde, com a mesma vibração, trazendo o fundo musical para o povo extravasar sua alegria e homenagear o seu líder. O Antonio da Tó, ou Antonio Catrevage, como era também conhecido, era Cara-Preta de carteirinha e distribuía pequenas folhas de papel com a letra e indicação da música sobre a qual seria executada a paródia. A música escolhida foi a marcha carnavalesca Saca-Rolha, e os Cara-Preta se esbaforiram de tanto provocar os adversários e cantar, seguindo a letra da paródia, que há bem pouco tempo fora datilografada.

“As dragas vão dragar, / a do Alfredo e a do Murilo Aguiar, / a do Alfredo vai para a Santa Maria, prá descascar a melancia/ que eles produzem por lá”.

[...] Infelizmente, a draga não desenvolveu o trabalho que deveria realizar no Porto de Camocim, onde trabalhou poucas semanas, finda as quais apresentou um defeito e o conserto não pode ser efetivado. Após alguns meses, a Empresa contratada desistiu do trabalho, rescindiu o contrato e levou a draga de volta ao seu Estado de origem<sup>95</sup>.

Outro espaço importante do mundo do trabalho em Camocim era a ferrovia, vital para a economia local em conjugação com as atividades desenvolvidas no porto. Murilo Aguiar, com seu prestígio político, sempre que podia colocava no quadro de empregados da Rede de Viação Cearense (RVC), posteriormente, Rede Ferroviária Federal de Sociedade Anônima (RFFSA), amigos seus e pais de família em busca de emprego. No ano de 1950, a direção da ferrovia quis retirar as oficinas de manutenção dos trens

95 TRÉVIA, *Op. Cit.*, p. 52-53.

e transferir funcionários para outros municípios. A população reagiu, interrompendo o leito da ferrovia e os funcionários entraram em greve, naquilo que ficou chamado como “Rebelião da Ferrovia”. Na época, Murilo Aguiar era deputado estadual e seu compadre, Alfredo Coelho, presidente da Associação Comercial de Camocim. Àquela altura de janeiro de 1950, eles ainda não tinham rompido politicamente e tentaram acalmar os ânimos na cidade, que já vinham se acirrando desde final de 1949, fazendo um papel de interlocução. O envio de telegramas assinados por ambos às autoridades dá bem a ideia da defesa dos postos de trabalho feita pela população, já que a Estrada de Ferro de Sobral, sem dúvida, era a maior empregadora no município.

Em resposta ao seu radiograma, informamos que estamos empregando todos os esforços no sentido de que a tranquilidade volte a reinar em nossa terra. O povo, entretanto, continua intransigente, com o objetivo de conseguir um pronunciamento definitivo do sr. Ministro da Viação sobre a permanência das oficinas da Estrada de Ferro [...] Toda a população, sem distinção de classe ou de credos, percorre as ruas da cidade, numa demonstração evidente de que pretende fazer valer os seus direitos. Logo mais, daremos melhores informações sobre os resultados que estamos empregando. Abraços.

Murilo Aguiar e Alfredo Coelho<sup>96</sup>.

A solução deste episódio foi resolvida com o pedido dos dois líderes camocinenses pela intervenção do governador do estado na questão, que no calor das discussões, era

---

96 Telegrama publicado no jornal O Povo, janeiro de 1950. Fortaleza-CE. Apud OLIVEIRA, André Frota de. *A Estrada de Ferro de Sobral*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 1994, p. 105-106.

uma demanda da população em garantir os postos de trabalho por quem de direito. Deste modo, foi pedido a vinda a Camocim do

Governador do Ceará, Faustino de Albuquerque, seu secretário Bonavides e o engenheiro Virgínio Santa Rosa, representante do Ministério da Viação que realizaram na Associação Comercial uma magna sessão, após o comício na Praça da Estação, onde asseguraram a permanência das oficinas e ainda prometeram a dragagem do porto<sup>97</sup>.

As atividades decorrentes do funcionamento do porto e da ferrovia ainda seriam alvo de promessas não cumpridas ao longo do tempo pelos governos sucessivos. Há na cidade uma sensação de que os políticos locais falharam em prestígio no sentido de manter estas frentes de trabalho ininterruptamente e em pleno funcionamento a ponto de se submeter a esta classe o fechamento de ambas na década de 1970. Por outro lado, pouco se analisa as condições macros das políticas públicas de governo ligadas ao mercado internacional que, ao final e ao cabo, é quem decide os caminhos do sistema capitalista no qual estamos mergulhados. A decisão pelo incentivo em massa à indústria automobilística foi apenas uma delas, que teve impacto determinante no caso do esfacelamento das ferrovias nacionais e dos eixos econômicos em torno delas, como foi o caso de Camocim.

Enquanto isso, o prefeito Murilo Aguiar continuou trabalhando como prefeito ou como deputado no sentido de dotar o município de outras obras de infraestrutura, que

---

97 SANTOS, 2007, p. 75.

seriam concretizadas nos mandatos seguintes dos prefeitos aliados ao seu grupo político.

## **Murilo volta ao Parlamento Estadual**

XVI

*No ano 58*

*Novamente candidato,*

*MURILO viu o seu nome*

*Pelo povo ser lembrado:*

*Quando terminou o pleito*

*Ele já estava eleito*

*Prá ASSEMBLÉIA DO ESTADO .<sup>98</sup>*

Afora os fatores conjunturais que afetavam a economia brasileira e que incidiam diretamente no município de Camocim, o cotidiano seguia a marcha inexorável no tempo. De algum modo, a performance como prefeito de Camocim alimentou o desejo de Murilo de voltar ao parlamento estadual. Como naquela época ainda não havia o instituto da reeleição, os políticos que se destacavam regionalmente e que não queriam ficar sem mandato só tinham o caminho da deputança estadual ou federal.

Com efeito, a partir de 1958, Murilo Aguiar é eleito e reeleito por mais três mandatos até ser cassado pela ditadura civil-militar instaurada no país a partir de 31 de março de 1964, que exploraremos mais à frente. Após a anistia, Murilo Aguiar ainda disputaria as eleições de 1982, onde conquistou seu quinto mandato. Nestes pleitos, sua votação foi sempre crescente e se consolidou como representante legítimo, não só de Camocim, como na en-

---

98 BARBOSA, *Op. Cit.*, p. 06.

tão Zona Norte do estado do Ceará, conforme mostra a tabela abaixo<sup>99</sup>:

**Quadro 1.** Quadro de votação de Murilo Aguiar para Deputado Estadual

Ano/Eleição	Partido	Votação
1947	UDN	4.300
1958	PSD	Não informada
1962	“UNIÃO PELO CEARÁ” (PSD/UDN)	6.855
1966	ARENA	7.927
1982	PDS	30.026

**Fonte:** Boletins eleitorais referentes às eleições de 1947, 1958, 1962, 1966 e 1982 do TRE/CE.

Voltando à administração municipal realizada por Murilo Aguiar no período de 1955 a 1958, os ecos deste período repousam na memória dos literatos aqui já citados. José Maria Trévia recupera em sua escrita um pouco da atmosfera vivida naqueles tempos. Consolidada a ruptura das famílias Aguiar e Coelho, ambas passavam a lutar para solidificar suas posições no cenário local, tanto na disputa pelo governo local, quanto na representação parlamentar. Murilo, neste sentido, trabalhava para emplacar o terceiro prefeito (de uma série de seis) desde que rompera e voltar à cadeira na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, que inaugurara em 1947<sup>100</sup>. Portanto, as disputas para prefeito e deputado se davam simultaneamente, acirrando ainda mais os pleitos, mas sem maiores anormalidades, segundo nosso escritor:

99 Tabela elaborada a partir dos boletins eleitorais do TRE/CE.

100 Numa longa duração no comando da Prefeitura de Camocim, que só seria interrompida nos anos de 1971 a 1972, e que duraria por 24 anos, Murilo Aguiar trabalhou para eleger Setembrino Fontenele Veras (1950); a si próprio (1954); Carlos Trévia (1958); seu irmão, João Batista Rocha Aguiar (1962); novamente Setembrino Fontenele Veras (1966); e seu concunhado, João Pascoal de Melo (1972).

Tínhamos pela frente mais um ano de eleição, ao estilo daqueles que já conhecíamos há vários anos. [...] Até mesmo os partidários mais apaixonados não costumavam ousar com críticas desrespeitosas aos seus adversários, preferindo os elogios a seus partidários, principalmente com paródias que os letristas tão bem sabiam criar, adaptando-as às músicas já consagradas pelos cantores, como as marchas carnavalescas ou músicas e folguedos juninos. Havia inúmeras delas, cantadas pelo povo simpatizante do candidato a quem a letra dos seus versos enaltecia, das quais exemplificamos algumas, a fim de que possamos recordar as campanhas eleitorais, com seus comícios e suas passeatas, naqueles bons tempos nos redutos interioranos.

“Temos mesmo que votar/ no Murilo Aguiar/  
foi ele o melhor prefeito/ do nosso lugar. / O  
deputado anima mais a gente, / arranja tudo,  
é consciente/ só no Murilo devemos confiar/ e  
é com ele em quem nós iremos votar”.

Pelo lado do Senhor Alfredo Coelho, da UDN, havia também confiança e vibração. Na campanha de 1958, uma paródia, que era a preferida pelos Fundo-Mole, apresentava, assim, a letra da composição:

“Vai, Edmundo governar o Camocim, / Manoel  
Gomes junto dele ganha sim, / ganha sim, ga-  
nha sim, para o bem de Camocim/ Osmundo  
Campos moço de valor/ será eleito para vereaa-  
dor/ e Alfredinho prá deputado, na assembleia  
será honrado<sup>101</sup>.

Naquelas eleições de 03 de outubro de 1958, uma sexta-feira, Camocim pertencia à 32<sup>a</sup> Zona Eleitoral, juntamente com o município de Chaval, e tinha apenas 6.444 eleitores aptos a votar. Num tempo em que os números de abstenção eram mais modestos, 5.362 votantes compare-

---

101 TRÉVIA, *Op. Cit.*, p. 51-52.

ceram às urnas, ou seja, 83,21% do eleitorado se fez presente para escolher os candidatos aos cargos disputados. Ao final, Murilo Aguiar foi eleito deputado estadual pelo PSD e, de quebra, elegera Carlos Trévia e José Maria Parente Viana para prefeito e vice-prefeito, respectivamente, pela coligação PSD/PSP<sup>102</sup>.

Se na Legislatura de 1947, Murilo Aguiar teve o aprendizado da Constituinte Estadual, em 1958 sua atuação ampliou-se para o conjunto de municípios da então região Norte do estado. Municípios como Chaval, Granja, Uruoca, Massapê, Tianguá, Ubajara, Reriutaba, Ipu, dentre outros, vão se constituindo na sua base política, seja por conta dos laços familiares ou comerciais que fez durante toda a vida. Abaixo, uma amostra das andanças de Murilo Aguiar por estes municípios em plena campanha eleitoral de 1958, onde ele visitou a cidade de Ipu juntamente com o candidato a governador Parsifal Barroso, da coligação PTB/PSD.

Municípios como Ipu legaram à família Aguiar vários rendimentos políticos. Francisco Rocha Aguiar, médico, irmão de Murilo Aguiar, foi prefeito de Ipu, assim como sua esposa, e deputado estadual<sup>103</sup>. Em tempos distintos já foram situação e oposição e, ainda hoje, Sérgio Aguiar man-

102 Além do Prefeito Carlos Trévia e do Vice-prefeito José Maria Parente Viana, foram eleitos os seguintes vereadores nas eleições de 1958: Coligação PSD/PSP: Pedro Vêras, Raimundo Nonato de Vasconcelos, Luís Lopes Viana, Manoel Araújo Coutinho, Jaime Geminiano de Sousa, Joaquim Soares Parente e Joaquim Pereira de Brito. Coligação: UDN/PRT/PRP: Osmundo Rodrigues Campos, Octávio de Santana, Maria Carmelita Veras de Paula e Tomaz de Aquino Cavalcante. Infelizmente, a fonte não traz os números totais dos eleitos. Fonte: TRE/CE: Boletim Eleitoral - Nrs. 13/59 e 14/59 e Eleições 1958: Resultado. Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Fortaleza, 2001.

103 Rocha Aguiar foi eleito prefeito de Ipu em 1966. Em 1972, conseguiu eleger sua esposa Maria Antonieta Rocha Aguiar para o mesmo cargo. Foi eleito deputado estadual por um mandato (1979/1982), representando Camocim. Murilo Aguiar hoje é nome de escola no Ipu, assim como em Uruoca e Camocim.

têm aliados no município, rendendo-lhe uma boa quantidade de votos.

Sem querer fazer uma análise metodológica do porquê da manutenção destas alianças políticas no tempo, pode-se inferir que, em alguns casos, “as bases de apoio político” dos vários movimentos da política estadual, observa-se ainda “a predominância de clãs políticos familiares como representação da força da política local”<sup>104</sup>.

## I PU VISITADO PELOS CANDIDATOS

As aproximações e o pleito de 3 de outubro os candidatos demarcam o sertão em propaganda de suas candidaturas. Assim foi que até este mês tivemos primeiramente a visita do Dr. Parisfal Barroso e sua comitiva. Candidato pelo PTB e PSD veio acompanhado do Sr. Murilo Aguiar que será votado para Deputado Estadual pelo Ipu.

Quando este Jornal estiver circulando deverá estar nesta cidade a caravana do Coronel Virgílio Távora, também em propaganda de sua candidatura. Esta visita, que está anunciada para o dia 30, será acompanhada do candidato a vice governador, Sr. Acrísio Moreira da Rocha, do General Sombra, Padre Palhano e outros candidatos pela Coligação Democrática, constituída pela UDN PSP PR, e os dissidentes do PTB e outros, teremos também a visita do Dr. Olavo Oliveira candidato ao Senado.

### O dia do Anicão

27 de setembro

Quantas vezes já tivemos a oportunidade de encontrar algum pobre, que discretamente nos estende a mão, balbuciando um pedido, que muitas vezes lhe é negado. Ou início de encontro com o mendigo, em sua pobre choupina, onde podemos observar a grande miséria, sua condição inseparável.

Por isso é que as Luízas de Estrelita, inventricas pela mais ardente lagarta da cidade, obrigam-se à sombra acolhedora das cortinas brancas das abnegadas Filhas de São Vicente e inclinarem com elas aquelas em que Cristo mais vemente se encarna — os pobres — quando-lhes não só o bom material, mas o conforto de suas palavras e seus frágeis estôrgos espargem em sorrisos.

Quando à miséria se une a velhice, a desolação é completa. O velho curvado sobre o bastão, fôlego e inteligência nos pelo resto da jornada que lhe falta, é um verdadeiro drama humano que os olhos se despidam.

Se pudéssemos conhecer a história de cada velho, compreenderíamos melhor a necessidade de atingir um pouco o fim de sua existência. O anicão é o batalhador que chega ao fim da luta. É a majestade da pessoa humana que tomba. É no dia que universalmente

lhe é consagrado, o 27 de setembro, curvamos a face respeitosamente, prestamo-lhe a homenagem que lhe é devida. De vêz que o “anicão não é um mortal que se fadta, é um mortal que começa”.

### RIFA DE UM RIFLE

— HUSQVARNA —

João Araújo Lima, responsável pela rifa de um rifle HUSQVARNA, do Estado Ipuense, avisa aos portadores de cartuchos que por motivos superiores, o sorteio foi transferido para o dia 15 de novembro do corrente ano, inadvertidamente.

Ipu, setembro de 1968

### Mercearia o Dico

DE

RAIMUNDO SOUSA SALLES  
Telefone — 458  
Completo sortimento de biscoitos e conservas em geral  
Bebidas nacionais e estrangeiras.  
Preço “5 de julho”, 201  
SOBRAL — CEARÁ

### ARMAZÉM “VERDES MARES” de G. M. Frota

Teclados populares, com grande e variado sortimento, aos menores preços da praça.  
Comprar no Armazém “VERDES MARES” é fazer economia, que é a base da prosperidade.  
Armazém “VERDES MARES” de Gerardo Magela Frota  
Rua do Arco, N.º 17 (Torneio da Religião) — SOBRAL — CEARÁ

### PELA SOCIEDADE

J. A. S.

Volto a fazer nessa crônica social. O tempo, contida péssimo com a seca que nos assola porém a notícia que a todos faz viver, como a notícia salvadora no meio da sociedade levanta os ânimos fracos e a cruzada continua.

O nosso principal club britânico, mais um mês, com a tradicional festa do dia 26 de agosto, dia de aniversário de fundação de nosso Município.

Reuniam em nosso Jardim o que temos de mais fino em nosso meio social, vibrando todos como uma só família.

### A CESAR O QUE É DE CESAR

Ipu em Jornal, nascido sob o calorço de uma pleiade de ipuenses venturosos, pretende continuar no caminho para o qual foi traçado. Sem paixão política e tão somente visando elevar o nome da terra a “matar”, para que seu nome se eleve no conceito das grandes metrópoles.

Anunciamos em nossas páginas o que nos foi solicitado desde que haja responsável para tal.

Somos muitas vezes incompreendidos mas o mundo está cheio destas incompreensões.

Pretendemos seguir o caminho por nós traçado.

Ninguém pode agrair a todos de uma só vez.  
Demos à Cesar o que é de Cesar.

Murilo Aguiar visita Ipu.

Fonte: *Ipu em jornal*. 1958, ed. 09, p. 4.

104 MARINHO, Cristiane Maria; NOBRE, Maria Cristina de Queiroz. As bases tradicionais da experiência neoliberal no Ceará: a força eleitoral dos clãs políticos familiares. In: PAIVA, Maria Jeanne Gonzaga de [et al.]. *Capitalismo, trabalho e política social*. Série CEURCA: volume 2. São Paulo: Blucher, 2017, p. 158.



Confirmada a Mesa Diretora da Assembleia daquela legislatura, Murilo Aguiar figurou na terceira secretaria em 1959. No plano do executivo, o governador Parsifal Barroso teve sua posse prestigiada pelo Vice-Presidente João Goulart. Naquele ano pré-eleitoral para a presidência da República, como terceiro secretário, ele “recebia a honrosa visita dos candidatos à Presidência da República”. Marechal Lott (1959), Ademar de Barros e Jânio Quadros (1960) visitaram o Ceará<sup>105</sup>. Nestes contatos, com certeza, Murilo Aguiar não deixou de pedir aos presidenciáveis as verbas necessárias para as demandas de sua terra natal.

Num tempo em que ainda não tínhamos a energia elétrica de Paulo Afonso, era necessário melhorar a estrutura de abastecimento de energia através da Usina de Luz da Prefeitura. Deste modo, o prefeito Carlos Trévia oficia à Câmara Municipal, no ano de 1961, uma verba conseguida por Murilo Aguiar para melhoramento da referida usina.

[...] Hum ofício S/N datado de 29/3/1961 – de autoria do Snr. Prefeito Municipal Carlos Trévia, no qual, traz ao conhecimento dessa Casa, que o Deputado Murilo Aguiar conseguiu, na esfera federal, uma verba especial de Cr\$ 2.000.000,00, destinado ao reaparelhamento elétrico da Uzina de Luz desta Prefeitura, que abastece a cidade<sup>106</sup>.

Neste período, entre 1959 e 1961, Murilo Aguiar procurou resolver outro problema crucial no município: o melhoramento do Porto de Camocim. Com efeito, este espaço do trabalho imprescindível para a economia local, desde os

105 LEAL, *Op. Cit.*, p. 63.

106 Fonte: 7ª Sessão Ordinária – 4ª Legislatura, 1º Período Legislativo. 12 de Abril de 1961. Antes desta usina, movida à óleo diesel, a cidade era abastecida por outra usina semelhante, de propriedade privada da família Cela, desde 1925, a Companhia de Força e Luz de Camocim.

tempos imperiais, era objeto de discussão nos jornais e relatórios governamentais. Situações como o alfandegamento, as dragagens e aparelhamento do porto são constantes nestes papéis. No entanto, a execução de tais obras se arrastou com o tempo, merecendo apenas paliativos. Para termos uma ideia dessa morosidade, desde os anos 1930 que essas melhorias eram prometidas pelos sucessivos governos federais, visto que a obra seria de responsabilidade da União. Resultado da época da chamada Era Vargas, ficaram os estudos de viabilidade e algumas tentativas de dragagem. Com a vinda do candidato a Presidente da República Juscelino Kubitschek, as promessas foram renovadas, como dito anteriormente e, no final de seu governo, foi lançada a pedra fundamental da construção do Cais do Porto. Em 1959, o então Ministro de Viação e Obras Públicas, Ernani do Amaral Peixoto, fez uma visita ao Ceará, onde inaugurou obras, lançou outras, almoçou com trabalhadores e beijou crianças. No Ceará, ele esteve em Fortaleza, inaugurando melhorias no Porto do Mucuripe e, em Camocim, foi recebido com muita festa, como mostram algumas fotos, onde se pode perceber a multidão que compareceu ao cais com representações escolares, de trabalhadores e da sociedade civil organizada. Murilo Aguiar, juntamente com o ministro, comandou a solenidade do lançamento da pedra fundamental para o tão sonhado cais do porto e do armazém, além de outras obras naquele espaço portuário.



Ministro de Viação e Obras Públicas Ernani Peixoto do Amaral (primeiro da esquerda para a direita, de óculos e terno branco). Murilo Aguiar é o quarto, de terno preto). Solenidade de lançamento da pedra fundamental do Cais do Porto de Camocim. Setembro de 1959.

**Fonte:** AVAP. FGV/CPDOC.



População camocinense representada na Solenidade de lançamento da pedra fundamental do Cais do Porto de Camocim. Setembro de 1959.

**Fonte:** AVAP. FGV/CPDOC.

Apesar de toda a festa realizada, com certeza Murilo Aguiar não se sentia bem com a morosidade que a obra apresentava. Já naquele tempo, as obras públicas se ressentiam das idas e vindas da política, da mudança de governo e da burocracia ministerial. Embora tivesse começado em 1959, as obras do Cais do Porto de Camocim em 1961 se arrastavam “tartarugamente”, como assinalou o jornalista Fernando Pessoa no jornal *A Noite*, em junho daquele ano. Segundo o articulista, o então candidato a presidente, Jânio Quadros, prometera de cima de um “jeep” do Padre Palhano, em Sobral, “incentivar as obras do Porto de Camocim”, por conhecer a “necessidade de atender a esses melhoramentos, por tratar-se de um porto bem abrigado e de significação para toda a zona norte, não só do Estado do Ceará como do Piauí”<sup>107</sup>.

Palavras jogadas ao vento! Com efeito, somente ao final de 1961, quando o Ministro da Viação e Obras Públicas era Virgílio Távora, guindado a esta condição quando do governo parlamentarista do Primeiro Ministro Tancredo Neves, foi que as obras do Porto de Camocim e Mucuripe tiveram alguma aceleração.

## **Legislatura de 1963 a 1966**

Murilo Aguiar seguia colhendo os dividendos políticos de sua atuação como parlamentar. Os quase sete mil votos obtidos na eleição de 07 de outubro de 1962 foram prova disso. Aliando uma presença significativa no parlamento estadual, continuava no seu jeito simples de fazer amigos e eleitores nos municípios onde era votado, visitando

---

107 *Jornal A Noite*. Rio de Janeiro, ed. 15751, 10 de junho de 1961, p. 4. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

o eleitorado mesmo fora do período eleitoral, atendendo os pedidos mais urgentes, chamando todo mundo pelo nome. Os depoimentos sobre este período confirmam seu jeito de fazer política, procurando sempre fortalecer sua base política, trazendo ex-adversários para compor o seu grupo, como aconteceu com o Sr. Francisco Carneiro da Rocha, o “popular Chico Branco”:

Na época de 1962, Batista Aguiar era prefeito aqui. Vivia lá em casa pelejando até que eu consegui ficar com o Seu Murilo. [...] Antes eu era Alfredista. E Seu Murilo era muito bom, só ouvia falar das coisas boas que ele fazia. Ele não veio, mas botou seu irmão, Batista Aguiar, e o Luís Lopes, que era vereador nessa época, até que eles me conseguiram<sup>108</sup>.

O Sr. Francisco Carneiro da Rocha era um líder no distrito de Amarelas que, a partir de sua adesão ao grupo Murilista, passou a ser um dos seus mais fiéis cabos eleitorais. Durante o período em que Murilo Aguiar esteve cassado dos seus direitos políticos, juntamente com o comerciante Adroaldo Martins de Moura eram quem “sustentavam a política Cara Preta em Camocim”, como se dizia antigamente. Em outro trabalho memorialístico sobre Murilo Aguiar, Chico Branco dá mais detalhes de sua convivência com seu chefe político: “Ele era um político nato. Para ele, o sentido de ganhar uma eleição era ajudar a população. E mesmo quando passava a eleição, ele continuava do mesmo jeito. [...] Chico, pode ser apenas um voto, mas eu vou atrás. Faço política somando e não diminuindo”<sup>109</sup>.

108 Francisco Carneiro da Rocha (Chico Branco), 86 anos, aposentado. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

109 Francisco Carneiro da Rocha (Chico Branco). In: LEAL, *Op. Cit.*, p. 70.

Deste modo, quando as atividades da Assembleia Legislativa permitiam, estava lá Murilo Aguiar percorrendo cidade e interior no seu jipe, pelas estradas e veredas de “Amarelas, Barroquinha, Araras e Bitupitá, na fronteira com o Piauí. Pedra Branca, Tatajuba e tantas outras, de belezas deslumbrantes em tempos de ebulção eleitoral”<sup>110</sup>.

As eleições de 1962 atingiram a meta do grupo murilista: manter a hegemonia local e a cadeira da família na Assembleia Legislativa. Desta vez, o poder municipal ficou nas mãos do irmão de Murilo Aguiar, João Batista Rocha Aguiar (PSD), que ao final saiu-se vencedor com boa folga de 1.193 votos sobre seu oponente, Alfredo Veras Coelho (UDN), fazendo também uma boa maioria na Câmara Municipal, elegendo 07 dos 11 vereadores<sup>111</sup>. No plano estadual, um movimento de coligação partidária mexeu com o ambiente político, a chamada “União Pelo Ceará”, substanciada entre os maiores partidos cearenses naquele momento: UDN/PSD/PTN.

---

110 *Idem*.

111 João Batista Rocha Aguiar, prefeito eleito, obteve 2.905 votos, enquanto Alfredo Veras Coelho, 1.712,, que teve como vice-prefeito Setembrino Fontenele Veras. Os vereadores eleitos foram os seguintes: Pelo PSD: Luís Lopes Viana, Amanajás Passos de Araújo, Antônio Marques de Almeida, Maurício Lacerda Rêgo, João Oldernes Fiuza Lima, Luís Damião de Oliveira e Raimundo Ferreira de Albuquerque. Pela UDN: Maria Carmélia Veras de Paula, Carlos Nóbrega, Octávio de Sant’Anna e Grigório Francisco Alexandrino. Fonte: Resultado Geral das Eleições no Ceará, 1954, TRE/CE.



Aguiar em 1962.

**Fonte:** Acervo da Família Aguiar.

### **“União Pelo Ceará”**

O grande acordo entre as forças políticas do Ceará, classificado de “elevado e patriótico”, foi “firmado em 28 de julho de 1962, trazendo a assinatura dos presidentes dos três partidos de maior representatividade: Waldemar Alcântara (PSD), Gentil Barreira (UDN) e Parsifal Barroso (PTN)”<sup>112</sup>.

No entanto, o grande artífice deste acordo foi o governador Parsifal Barroso (PTB), que, rompido com Carlos Jereissati, presidente deste partido, articulou a candidatura de Virgílio Távora (UDN), com o objetivo de derrotar Carlos Jereissati, que apoiou Adahil Barreto. Mesmo perdendo o

---

112 LEAL, *Op. Cit.*, p. 71.

pleito para governador, Carlos Jereissati conseguiu se eleger senador pela sigla petebista<sup>113</sup>.

Por outro lado, tirando o “patriotismo” desse tipo de análise mais exaltadora das coligações partidárias, é preciso compreender também outros significados deste tipo de aliança, como por exemplo, a fragilidade das elites políticas, que não conseguiam manter

[...] sua permanência continuada no governo do Estado ou na hegemonia política local. Daí a alternância das facções da classe dominante no poder ou a formação de grandes coligações, bem como a grande influência da política cearense sobre o que se passava nacionalmente – os fatos políticos e econômicos nacionais repercutiam no Estado, visto que as divergentes elites locais não tinham condições de se opor em bloco<sup>114</sup>.

Afora os ganhos e perdas deste tipo de coligação ou os perigos advindos dela, como a quebra de acordos e traições, os atores políticos também escrevem e desempenham seus papéis nesta construção. Neste sentido, no plano estadual, coube a Murilo Aguiar ser o emissário na costura do acordo em torno de um “nome comum” para Governador naquele ano.

Murilo tinha ido, naquele mesmo dia, no horário do almoço, à casa de Paulo Sarasate com a missão de entregar a indicação dos nomes da UDN que o PSD e o PTN haviam deliberado indicar como o ‘candidato comum ao posto de

---

113 Para uma análise mais aprofundada desse movimento, ver: RIBEIRO, Francisco Moreira. *A reação política conservadora: o caso da União Pelo Ceará*. Rio de Janeiro, UFRJ/IFCS. Dissertação de Mestrado em História Social, 2000.

114 FARIAS, Airton. *História do Ceará*. 6. ed. rev. e ampl. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012, p. 370.



Governador do Estado'. Virgílio era um deles, e assim foi o indicado 'em pleno acordo'<sup>115</sup>.

Virgílio Távora foi eleito e, após as solenidades de praxe, a melhor música para os ouvidos de Murilo Aguiar foi, sem dúvida, o anúncio do Plano de Metas Governamentais (PLAMEG) feito pelo governador, "pois incluía a pavimentação de grandes vias de circulação, que ligariam os portos de Fortaleza e Camocim ao Cariri, e a construção da Companhia Docas do Ceará, prestigiando também o Porto de Camocim"<sup>116</sup>.

No entanto, a "União Pelo Ceará" era um acordo de cúpula, com pouco efeito nas rivalidades paroquiais. Como podemos observar, PSD e UDN disputaram o poder em Camocim e na grande maioria dos municípios cearenses. Por outro lado, os efeitos da ditadura civil-militar inaugurada pelo golpe de abril de 1964 atingiriam em cheio a legislatura de 1962-1966. Já em 1965, o Ato Institucional Nº2 (AI-2) extinguiria os partidos políticos e seus registros, implantando o bipartidarismo: o partido governista, representado pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA), e os opositoristas (oposição consentida, vale dizer) uniram-se no Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

Na correlação de forças, Murilo Aguiar e seus adversários em Camocim ficaram todos abrigados na ARENA. Contudo, há de se observar agora que a disputa política não se daria somente pela conquista do voto ou das manhas e artimanhas próprias de uma campanha eleitoral, de parte a parte. Entraria em campo um outro componente, próprio num regime de exceção: o denunciamento; seja por questões meramente eleitorais, de matriz ideológica, ou

---

115 LEAL, *Op. Cit.*, p. 71.

116 *Ibidem*, p. 72.

mesmo por outros crimes que o adversário político poderia imputar a outro. Neste sentido, quem tivesse um maior prestígio junto à cúpula militar poderia obter a eliminação ou desmoralização política de seus oponentes. O próprio governador Virgílio Távora não estava imune às tentativas de seus adversários em conspirar para sua cassação:

A patente de coronel e o legado dos Távoras como revolucionários históricos preservavam Virgílio de ser jogado na vala comum dos políticos. Entretanto, suas ligações pessoais com o ex-presidente João Goulart e de modo especial sua breve passagem pelo Ministério da Viação e Obras Públicas, em 61, colocavam-no sob suspeita e tornavam-no vulnerável às investidas dos adversários que exigiam a sua cassação<sup>117</sup>.

Estes fatores, a partir de 1964 passariam a figurar nas preocupações cotidianas de Murilo Aguiar, como uma série de denúncias a seu respeito e perseguições no meio político, como veremos posteriormente.

Apesar disso, Murilo Aguiar seguia na sua caminhada, figurando nos quadros do Diretório Estadual da ARENA e participando da escolha indireta do Governador do Estado. É que na nova configuração política imposta pela ditadura civil-militar, os prefeitos das capitais e os governadores passaram a ser escolhidos de forma indireta, dentro daquilo que se convencionou chamar de “política de segurança nacional”. Com a renúncia de Virgílio Távora ao cargo de governador para concorrer à Câmara Federal, Murilo Aguiar fez parte do colégio eleitoral formado por “60

---

117 CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. Virgílio, Adauto e César Cals: a política como arte da chefia. In: PARENTE, Josénio; ARRUDA, José Maria (org.). *Era Jereissati*. Modernidade e Mito. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, p. 19.

deputados que compareceram à Assembleia, atendendo à convocação militar para a eleição indireta”<sup>118</sup>. Desta forma, Plácido Aderaldo Castelo foi o escolhido pelo regime militar: “Em setembro de 1966, por indicação do presidente da República, Humberto Castelo Branco, foi eleito pela Assembléia Legislativa estadual governador do Ceará. Sucedendo Virgílio Távora, assumiu o cargo em janeiro do ano seguinte”<sup>119</sup>.

Embora o instituto da eleição indireta fosse um recurso de controle do poder pelos militares nos grandes centros urbanos, as eleições para deputados, senadores, prefeituras do interior e vereadores das capitais continuaram sendo diretas, uma tentativa de demonstrar para a população um verniz democrático do regime.

Ainda em 1966, antes do pleito eleitoral, uma onda de denunciismo varreu a Assembleia atingindo Murilo Aguiar e outros deputados. Deste modo, as questiúnculas paroquiais acabaram tendo repercussões na imprensa e no plenário da Assembleia. Algumas dessas acusações, como o uso político do Hospital, ainda hoje são levantadas pelos adversários dos Aguiar, mormente em período eleitoral, apesar da universalização do atendimento via Sistema Único de Saúde (SUS).

Mesmo diante deste clima sombrio, Murilo Aguiar se defendeu no âmbito do parlamento, recusando suas imunidades parlamentares para se acarear com seus acusadores, “por não transigir na defesa de minha dignidade. [...] Tem sido até hoje o meu comportamento não deixar nenhuma acusação à minha pessoa sem a devida contes-

---

118 LEAL, *Op. Cit.*, p. 74.

119 Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/placido-aderaldo-castelo>. Acessado em: 29 jan. 2022.

tação, uma vez que o Poder Legislativo, no momento que vive a Nação, pouco vale perante a opinião pública”<sup>120</sup>.

Vale salientar a última parte da fala de Murilo Aguiar, expressa na condição em que se encontrava a classe política naquele momento, colocando um novo componente na análise conjuntural - a opinião pública. O que é interessante observar é que, num regime de exceção, a opinião pública tinha poucos canais para sua expressão livre. Então, pode-se perguntar: como esta opinião pública era formada? Ou mesmo, não era sintomático que a opinião pública fosse incensada como importante para a legitimação do poder? Neste sentido, o aparato militar aparece como um defensor dessa opinião pública contra o mau exemplo dos políticos que estivessem envolvidos em escândalos de corrupção. O tempo e a história mostrariam posteriormente que ninguém estava livre dos desmandos cometidos durante a ditadura civil-militar, sejam militares ou políticos.

É nesta conjuntura que Murilo Aguiar concorreria mais uma vez nas eleições para deputado estadual, que naquele ano de 1966 ocorreriam em 15 de novembro.

## **Legislatura de 1967 a 1970**

No novo arranjo eleitoral, no sentido de acomodar as forças políticas nos estados e municípios, o regime ditatorial de 1964 usou do artifício das sublegendas, estendido aos partidos permitidos no cenário eleitoral, ARENA e MDB. No entanto, este expediente foi utilizado em maior escala pelo partido situacionista face aos vários grupos abrigados sob a tutela do governo.

---

120 LEAL, *Op. Cit.*, p. 75.

No Ceará, como assinala Aroldo Mota, este artifício é bem exemplificado no chamado “pacto dos coronéis”, onde a ARENA se constituiu em três sublegendas, cada uma sob a liderança de um coronel, no caso Adauto Bezerra, Virgílio Távora e César Cals<sup>121</sup>, que à época representavam “a força política hegemônica no estado, revezando-se no poder de acordo com alianças que cada coronel estabelecia com o poder federal: ora governo, ora deputado, ora senador. Este era o lema: aliados na cúpula, divididos na base”<sup>122</sup>.

No plano municipal, como já dissemos, as forças políticas ficaram sob o abrigo das sublegendas da ARENA. O grupo de Murilo Aguiar ficou na Arena 1 e os Coelhos na Arena 2. Murilo Aguiar retornou com Setembrino Veras para a disputa da prefeitura, vencendo novamente. Para a Câmara Municipal, o grupo Murilista reafirmou sua hegemonia conseguindo sete das onze cadeiras<sup>123</sup>.

Quanto a Murilo Aguiar, sua votação, que beirou os oito mil votos (7.927), foi acrescida em mais de mil sufrágios em relação à eleição anterior. Dentre os municípios em que obteve maior votação, podem-se destacar os seguintes:

121 MOTA, Aroldo. História política do Ceará *apud* CARVALHO, R. V. A. Virgílio, Adauto e César Cals: a política como arte da chefia. In: PARENTE, José; ARRUDA, José Maria (org.). *A Era Jereissati – modernidade e mito*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002, p. 21.

122 CARVALHO, Rejane V. A. Virgílio, Adauto e César Cals: a política como arte da chefia. In: PARENTE, José; ARRUDA, José Maria (org.). *A Era Jereissati – modernidade e mito*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002, p. 10.

123 Para Prefeito e Vice-Prefeito nas eleições de 1966, Setembrino Veras e João Oldernes Fiúza Lima pela Arena 1 obtiveram 2.737 votos contra Francisco das Chagas Sobrinho e Osmundo Rodrigues Campos, da Arena 2, que obtiveram 2.013 votos, uma diferença de 724 votos. Na eleição proporcional foram eleitos 7 vereadores pela Arena 1: Carlos José Pessoa Navarro Veras (Kaizé), Luis Lopes Viana, Raimundo Filomeno Ferreira, Antônio Marques de Almeida, Raimundo Ferreira de Albuquerque, Joaquim Pereira de Brito e Manuel Soares Veras. Pela Arena 2 foram eleitos: Raimundo Pereira Neto, Maria Carmelita Veras de Paula, Antônio Minguiera Braga e Octávio de Sant’Anna.

**Quadro 2.** Votação de Murilo Aguiar, 1966.

MUNICÍPIO	VOTAÇÃO
CAMOCIM	2.762
IPU	1.388
MASSAPÊ	982
GRANJA	808
RERIUTABA	605
FORTALEZA	395
CHAVAL	277
GUARACIABA	202

**Fonte:** Boletim eleitoral referente à eleição de 1966. TRE/CE.

Além destes oito maiores colégios eleitorais, distribuídos entre a capital, Zona Norte e Serra da Ibiapaba, Murilo Aguiar obteve votação em outros 57 municípios, demonstrando uma significativa capilaridade eleitoral, sufragado em todas as regiões do estado<sup>124</sup>.

Nesta legislatura, como já dissemos, bastante tumultuada pelo advento do regime ditatorial, ainda assim, Murilo Aguiar, antes da sua cassação em 1969, conseguiu alguns melhoramentos para o município durante o governo de Plácido Castelo. No plano rodoviário, foi asfaltada a Estrada Litorânea Granja-Camocim. Segundo Marcelo Linares, o governo Plácido Castelo construiu várias obras que não foram tão divulgadas, como a criação da Codagro e a Cepesca. “A última implantou duas fábricas de gelo em

---

124 Na Zona Norte e Ibiapaba, além dos municípios elencados do Quadro 2, Murilo Aguiar foi votado em Martinópole, Uruoca, Senador Sá, Coreaú, Meruoca, Sobral, Santana do Acaraú, Bela Cruz, Marco, Cariré, Pacujá, Ipueiras, Santa Quitéria, Crateús, Hidrolândia, São Benedito, Carnaubal, Ubajara, Tianguá e Viçosa do Ceará. Fonte: Boletim eleitoral referente à eleição de 1966, TRE/CE.

Camocim e Aracati, servindo de base às suas principais colônias de pesca”<sup>125</sup>.

Outro melhoramento para a cidade de Camocim chegou no final de 1969 - a energia elétrica de Paulo Afonso. Este melhoramento, há muito uma demanda da população e das forças políticas, dentre elas, Murilo Aguiar, chegava num ambiente de escuridão política. No entanto, a chegada da luz elétrica numa comunidade é sempre festejada e associada com a ideia de progresso e modernização. E em Camocim não seria diferente. Acabava o sinal que anunciava o desligamento da antiga usina que fornecia energia à base de óleo diesel às dez horas da noite. A energia de Paulo Afonso virava realidade.

Os jornais de 1925 narram a imponente festa realizada quando da inauguração desse benefício trazido à cidade naquele ano, com festas para a elite e o populacho, solenidades etc., quando o serviço foi oferecido por uma empresa privada<sup>126</sup>. No entanto, em 1969, a única fonte que encontramos sobre o evento trata-se das anotações do pároco, monsenhor Inácio Nogueira Magalhães, no Livro de Tombo da Paróquia de Bom Jesus dos Navegantes:

No dia 28 de Dezembro de 1969 no meio do regozijo de toda a população camocinense na Praça da Estação foi inaugurada oficialmente a iluminação elétrica da cidade de Camocim, fornecida pela energia proveniente das grandes turbinas da Cachoeira de Paulo Afonso-Bahia. Após o grande comício, onde discursa-

125 LINHARES, Marcelo. *Virgílio Távora: sua época*. Fortaleza: Casa José de Alencar/Programa Editorial, 1996. Coleção Alagadiço Novo, 94, p. 331.

126 Para conferir a programação dos festejos, que duraram dois dias em comemoração à chegada da luz elétrica pública em Camocim no ano de 1925, ver: *Jornal A Imprensa*, Anno 1, Nº 49, 09 de setembro de 1925, ou conferir postagem do blog Camocim Pote de Histórias: <https://camocimpotedehistorias.blogspot.com/search?q=Luz+elétrica>.

ram muitos oradores, inclusive o Governador Plácido Aderaldo Castelo realizou-se no grande salão de recreio do Patronato um grande banquete, onde se registraria bom número de convivas, quer da cidade local, quer de outras localidades<sup>127</sup>.

Mesmo cassado, é improvável que Murilo Aguiar não tenha participado desta festa comemorativa, embora houvesse impedimento legal. No entanto, salta aos olhos que, mesmo numa fonte religiosa e com as relações de amizade de Murilo Aguiar com o pároco local, um murilista convicto, ele tenha suprimido o nome do amigo político no registro paroquial. Teria sido uma conveniência de ele se resguardar de problemas posteriores com as autoridades? É uma hipótese plausível, visto que, em outros momentos, o mesmo pároco não economizava elogios ao político referido nesta fonte. Sinal daqueles tempos!

## **Cassação dos direitos políticos**

A cassação dos direitos civis e políticos de qualquer cidadão deixa sequelas para sempre. Para um político militante não seria diferente e, para alguém que trazia “a política no sangue”, como era o caso de Murilo Aguiar, o impedimento de estar na cena política deve ter provocado um desalento tamanho, superado a muito custo.

Com efeito, desde 1964 que as cassações políticas se iniciaram no Brasil e no Ceará. Num primeiro momento, seis deputados estaduais foram cassados por “falta de de-

---

127 Fonte: 3º Livro de Tombo da Paróquia de Bom Jesus dos Navegantes. 1962-1989, p. 15.



coro parlamentar”<sup>128</sup>. Com os vários Atos Institucionais (AI), o torniquete político baseado em delações e travestidos de rigor ideológico ia apertando cada vez mais e o regime ia fazendo suas vítimas, tanto nas hostes da ARENA, quanto no MDB. Com a promulgação do AI-5 em 13 de dezembro de 1968, segundo o historiador Geraldo Nobre, as cassações:

[...] decorriam do esquema de vigilância dos órgãos oficiais de informação, quer da Segurança Pública, quer das Forças Armadas, recheados, não raro, por notícias de veracidade contestável, divulgadas pelos meios de comunicação, ou por simples insinuações de pessoas vingativas ou apenas maledicentes”<sup>129</sup>.

Além dos deputados estaduais, alguns deputados federais cearenses também foram cassados. Não satisfeito, o regime ditatorial ainda em outubro de 1964 pressionou a Assembleia e outra leva de deputados teve mandatos cassados, como assinala o historiador Airton de Farias:

A segunda leva de cassações de mandatos de deputados estaduais no Ceará só seria concluída a 17 de outubro de 1964, alcançando Cândido Ribeiro Neto, do PSD, Aurimar Pontes, do PTB, e Amadeu Ferreira Gomes, do PTN, todos indiciados no Inquérito Policial Militar (IPM) do contrabando de café, e Francisco Vasconcelos Arruda, do PR, por desvio de Kombis. Um

128 “Em 9 de abril de 1964, seis deputados estaduais do Estado do Ceará foram cassados por motivos políticos: o próprio Raimundo Ivan, além de José Pontes Neto, Amadeu Arrais, José Fiúza Gomes, Aníbal Fernandes Bonavides e Blanchard Girão. Depois de formalizadas as cassações, todos foram presos no 23º Batalhão de Caçadores. Posteriormente, eles teriam o decoro parlamentar restituído pelo Poder Legislativo”. Disponível em: <https://portaldoservidor.al.ce.gov.br/index.php/todas-as-noticias>. Acesso em: 02 fev. 2022.

129 NOBRE, Geraldo da Silva. *Democracia à prova: legislativo estadual do Ceará. 1947-1997*. Fortaleza: INESP, 1998, p. 102.

dos argumentos usados para o golpe foi o do combate à corrupção, de modo que os militares instauraram vários inquéritos para apurar irregularidades<sup>130</sup>.

Finalmente, com a promulgação do AI-5, uma nova leva de deputados foi cassada em 14 de março de 1969, na qual foi incluído Murilo Aguiar. No rol de alegações, “subversão” e o fato de alguns deputados terem visitado o ex-presidente João Goulart no exílio, dentre outras acusações, que foram suficientes para a degola dos deputados “Sebastião Brasilino de Freitas, Ernâni Viana, José Firmo Aguiar, Raimundo Ferreira Ximenes Neto, Haroldo Martins, Luciano Magalhães, Dorian Sampaio, Moslair Cordeiro Leite e Murilo Aguiar”<sup>131</sup>.

A cassação de Murilo Aguiar provocaria nele um primeiro abalo na sua saúde, quando do exercício do mandato de deputado estadual. A outra provocaria sua morte, como se verá adiante. O impacto da notícia ouvida pelo rádio é lembrada por seu filho, Francisco de Paula, que naquele dia acompanhou seu pai à casa de um amigo deputado que iria ser cassado, para prestar-lhe solidariedade:

De volta à sua casa, enquanto jantava deixou o rádio sintonizado na Voz do Brasil, que anunciava estado por estado os nomes dos Deputados Estaduais cassados pelo Conselho de Segurança Nacional. A listagem passou por São Paulo, Rio de Janeiro, subiu para Bahia, Alagoas, Rio Grande do Norte e quando chegou o Ceará, “conta Francisco, o primeiro nome anunciado foi o dele”. [...] “Na mesma

---

130 FARIAS, Airton de. As esquerdas e o golpe civil-militar de 1964 no Ceará: análises de um estudo de caso. In: *Contraponto* - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 9, n. 1, jan./jun. 2020, 789-809, p. 801.

131 LEAL, *Op. Cit.*, p. 82.

hora meu pai deu um grito e caiu para trás”. O cardiologista Haroldo Costa Lima, que morava na mesma Monsenhor Bruno, atendeu e o medicou. Para o homem de quase 55 anos acostumado a afirmar que “a política só tinha porta de entrada” ser empurrado bruscamente para saída sem motivos reais se mostrava uma desmedida agressão física e emocional. “O que se conta” resume Larissa, que sequer havia nascido na época, mas que não cansou de escutar as histórias familiares “é que um adversário político de Camocim que mantinha relações estreitas com um general muito influente pediu a cabeça do meu avô”. À falta de um motivo concreto apunham sobre Murilo Aguiar a acusação vaga de “empreguismo”<sup>132</sup>.

Com efeito, as diversas acusações dos adversários de Murilo Aguiar vinham desde o início dos anos 1960. No entanto, nada foi provado enquanto rito processual, na investigação da materialidade dos fatos. E se “empreguismo” era um crime previsto em lei, deste ele não pôde se defender, posto que os inúmeros empregos conseguidos por sua influência e prestígio eram públicos e notórios entre as chefes de famílias camocinenses, como mostram vários depoimentos de seus contemporâneos. Por outro lado, arranjar-se um emprego via indicação política naquela época não era mérito só dele. Outros políticos, até mesmo seus adversários locais, também usavam desta prática.

José Genézio Vasconcelos, seu motorista por muito tempo, confirma a obsessão de Murilo Aguiar por empregar seu povo: “Ele tinha um negócio diferenciado quando era para pedir emprego, ele pegava o cabra e levava lá. Ele

---

132 *Idem*, p. 81-82.

não mandava recado. [...] Toda vida admirei muito isso. [...] O sonho dele era emprego e renda”<sup>133</sup>.

No funcionalismo público, eram famosas as temporadas dos “contratos” que cada ala política distribuía entre seus apadrinhados. A disputa era para quem mais trazia contratos para seus eleitores. A professora Francisca Oliveira relembra deste tempo:

Quantos professores não tem aqui empregado pelo seu Murilo? O pessoal da Estrada de Ferro, o pessoal do DAER, eu conheço tudo, alguns são hoje até “fundo mole” de briga. (risos). [...] O meu contrato foi ele que deu na minha mão, me deu o meu e da Vilani Vasconcelos do José Airton, outro da Fransquinha da Serra e do Antonino da Meruoca, ele mandava pra mim, eu entregava<sup>134</sup>.

Não podendo estar diretamente junto aos seus eleitores, Murilo Aguiar utilizava de uma rede de colaboradores, para exercer minimamente uma comunicação entre ele e seus amigos mais próximos, seja para entregar os “contratos”, seja para solucionar pendências ou mesmo dar notícias. Francisca Oliveira ainda guarda um destes bilhetes, quando era vereadora na Câmara Municipal de Camocim, onde é citada como intermediária de um pedido para empregar alguém. No documento, pode-se perceber no seu teor os tipos de favores que ele costumava fazer no sentido de atender os inúmeros pedidos de emprego e outras demandas.

---

133 José Genésio de Vasconcelos, 60 anos, advogado. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

134 Francisca das Chagas Oliveira (Chiquinha Fumaça), 84 anos, professora aposentada. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

Fortaleza, 28 de Junho de 1980

Prezado amigo Adroaldo  
o meu abraço

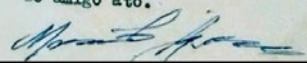
Peço-lhe a gentileza de avisar ao Miguel Arruda Neto e a Raimundo José da Silva para virem aqui fazer o teste no DAER para um emprego em Granja de motorista. Quanto a Raimundo José da Silva, voce dê o recado 'ármã Versadora Francisquinha, porque o candidato foi ela quem indicou.

Sobre o João Batista Costa, filho do Afonso Puliquero, diga que ele se apresente ao Orlei que já tem ordem para empregal-o na Cepesca, na vaga de um que morreu.

Sem mais, com os meus agradecimentos, mando-lhe o meu cordeal abraço.

Irei até ai para o dia 5 de Agos

Do amigo ato.



Bilhete assinado por Murilo Aguiar, 1980.

**Fonte:** Acervo da Sra. Francisca Oliveira (Chiquinha Fumaça).

Enquanto pôde, empregar as pessoas fazia parte do cotidiano de Murilo Aguiar. Mesmo no dia anterior à sua morte, ainda buscava empregar seus amigos, como foi o caso do Sr. José da Costa Sotero:

[...] eu por um dia deixei de ganhar um emprego do Estado, e entreguei muito emprego, ele fazia os envelopes, os contratos e me dava pra mim entregar. Das pessoas que ainda lembro que entreguei, foi a Cocota, mãe da Maritana, eu entreguei a muita gente, e nunca pedi um pra mim. Quando ele viu que eu estava desempregado, ele me pediu os documentos<sup>135</sup>.

Francisco Carneiro da Rocha (Chico Branco), um dos mais fiéis seguidores da política de Murilo Aguiar, assinala a dificuldade de permanecer arranjando emprego para as

135 José da Costa Sotero. 86 anos, funcionário público municipal aposentado. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

pessoas depois de cassado, mas, no entanto, não deixa de reafirmar a maneira como Murilo Aguiar fazia para empregar seus eleitores:

Parou tudo, parou tudo, mas ele nunca deixou de atender o povo. Não conseguiu mais nada no tempo dele cassado. Mas, aqui e acolá ele conseguia um emprego pra um, pra outro. Foi o homem que mais arrumou emprego para o povo foi ele. Na Estrada de Ferro, ele arranhou demais, na Mesa Federal, em todos os setores ele arrumava, os Correios, em toda parte ele arrumava. [...] Ele era cassado, mas arrumava emprego<sup>136</sup>.

Sérgio Aguiar arremata esta questão do “empreguismo” como uma prática própria da época política do seu avô, fazendo o contraponto com a atualidade, onde o ingresso de servidores na esfera pública se dá pelo mérito dos concursos:

Ele ajudou muitas famílias, seja na Estrada de Ferro, seja no próprio poder público estadual, a tornarem-se funcionários e terem aí suas carreiras na vida, Hoje [...], os concursos são constitucionalmente colocados, mas ressalto dele a capacidade de servir, [...] de sempre ouvir os mais simples, os mais humildes e ele sempre procurou ajudar estas pessoas<sup>137</sup>.

Como podemos perceber, esse era o jeito de fazer política de Murilo Aguiar, isto é, mesmo cassado, mesmo tendo seus direitos políticos suprimidos, ele não deixava de participar da cena política do município de Camocim,

---

136 Francisco Carneiro da Rocha (Chico Branco), 86 anos, funcionário público aposentado. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

137 Sérgio de Araújo Lima Aguiar. 51 anos, Deputado Estadual (PDT). Entrevista realizada pelo autor. Janeiro de 2022, Camocim- CE.

principalmente. Mesmo estando proibido de participar das campanhas políticas, dava um jeito de visitar os amigos na calada da noite, na madrugada, driblando os adversários, ou discursando nas vitórias da sacada da janela da sua própria casa. Como dizia um amigo dele de longas datas, Manoel de Castro, que atuava na região do distrito do Guriú, ele “visitava sempre os amigos, andava pelas ruas para falar com o povo, mesmo sem ser época de campanha. Contaminava esse jeito dele, de bondade”<sup>138</sup>.

Por falar em driblar os adversários, os mais diversos pedidos chegavam aos candidatos e chefes políticos daquela época. Se não era um emprego, uma melhor colocação na repartição pública, uma transferência para a cidade natal ou mesmo uma ajuda em dinheiro para resolver uma necessidade doméstica, uma operação médica, dentaduras, fotografias, material de construção ou mesmo uma moradia; em tempo de eleição, política e futebol caminhavam juntos. Na campanha política, times se formavam, e os já formados, com alguma tradição no esporte local, recorriam aos políticos para renovarem seus “ternos”, como se pode atestar no ofício do Maguary Esporte Clube de Camocim, enviado a Murilo Aguiar na campanha de 1976, pedindo-lhe um “terno completo, nas cores vermelho e branca em listras vertical, com gola ou sem gola, [...] meiões brancos, [...] e calções vermelhos, tudo em número de 15, além de uma bola oficial Copa Rio - Drible”<sup>139</sup>.

Mas esse não era um pedido qualquer, tinha que estar bem fundamentado. Através do ofício, a diretoria do Maguary mapeia a região de sua influência como que a mostrar para o líder político o alcance da sua futura doação e reafirmam sua fidelidade:

---

138 LEAL, *Op. Cit.*, p. 84.

139 Fonte: Arquivo do Maguary Esporte Clube. Camocim-CE. Ofícios, 1976.

[...] nós que fazemos a equipe mais jovem do MAGUARY ESPORTE CLUBE, da Rua Santos Dumont, agregando todo o Bairro da Brasília e Arraial, da qual sempre fomos fiel e seguidora da sua política, toda família Maguaryense e, todos os bairros citados acima<sup>140</sup>.

Por outro lado, precedendo tudo isso, o rasgado elogio que acaricia o ego de todo político antecede a lista de pedidos:

Confiando no grande prestígio de V. Exa (sic) decorrente de uma liderança tradicional e incontestante, de que é possuidor aqui em Camocim, como em todo território Nacional, e na magnitude (sic) do seu coração<sup>141</sup>.

E o pedido do uniforme é fechado com uma exortação a um futuro vitorioso nas eleições que se aproximavam: “[...] e ficaremos sempre na convicção de estarmos sempre ao seu lado para comemorar mais uma vitoriosa batalha no próximo pleito que se aproxima”<sup>142</sup>.

Na relação dos documentos que denominamos de “Baú do Maguary” não encontramos nenhum que se referisse ao recebimento do referido uniforme. É provável que tenha recebido face à maneira como foi pedido.

Da mesma forma como podia atender um pedido de um terno de camisas para um time de futebol, Murilo Aguiar era capaz de mover céus e terra para ajudar um amigo. Mesmo cassado, conseguia mobilizar até o governador para minorar a dor de um correligionário seu à beira da morte, como ocorreu com Luiz Lopes Viana, ex-vereador

---

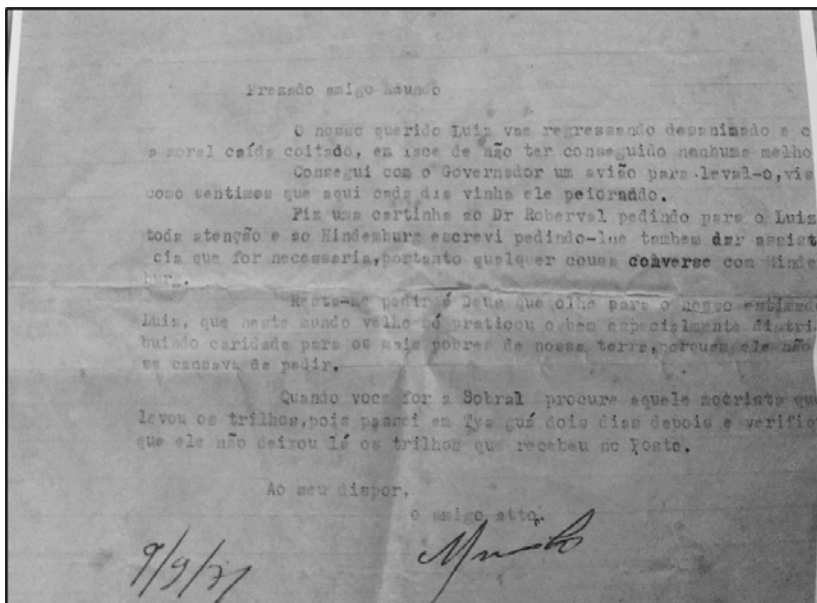
140 *Idem.*

141 *Idem.*

142 *Idem.*



e vice-prefeito de Camocim, como podemos depreender do bilhete enviado ao seu filho, Edmundo Lopes, reproduzido e transcrito abaixo:



Bilhete de Murilo Aguiar para Edmundo Lopes. 1971.  
**Fonte:** Acervo de Raimundo Frederico Lopes.

Prezado amigo Edmundo,

O nosso querido Luiz vai regressando desanimado e a moral caída coitado, em face de não ter conseguido melhoras.

Consegui com o Governador um avião para levá-lo, vi como sentimos que aqui cada dia ele vinha piorando.

Fiz uma cartinha ao Dr. Roberval pedindo para o Luiz toda atenção e ao Hindenburg escrevi pedindo-lhe também dar assistência que for necessária, portanto qualquer coisa converse com Hindenburg.

Resta-me pedir a Deus que olhe para o nosso estimado Luiz, que neste mundo velho só praticou o bem, especialmente distribuindo

caridade para os mais pobres de nossa terra,  
porquem ele não se cansava de pedir.

Quando voce for a Sobral procure aquele moto-  
rista que levou os trilhos, pois passei em Tyan-  
guá, pois passei dois dias depois e verifiquei que  
ele não deixou lá os trilhos que recebeu no Posto.

Ao seu dispor,  
O amigo. Att.  
9/9/71 Murilo

Ressalte-se também o sentido prático e objetivo de Muri-  
lo Aguiar. Num tempo em que a comunicação entre as pes-  
soas não era tão avançada como agora, num mesmo bilhe-  
te, aproveitando o portador, ele colocava a família Lopes a  
par do que pôde fazer pelo patriarca, ultimava providências  
para assistência e ressaltava a figura daquele, além de co-  
brar uma demanda pessoal. Esse era Murilo Aguiar.

Voltemos à seara política, enfocando uma das poucas  
tentativas - que depois se revelou frustrada -, de acordo  
entre os grupos políticos majoritários de Camocim para as  
eleições de 1970, onde “cara pretas” e “fundo moles” deci-  
diram se unir em chapa única.

## **O Acordo de 1970**

Mesmo com as desavenças da política local, abriu-se  
um hiato na rivalidade entre Cara Pretas e Fundo Moles  
no ano de 1970 e os grupos chegaram a um acordo para  
as eleições daquele ano. Por conta de ajustes do calendário  
eleitoral nacional, a eleição municipal seria para um man-  
dato de apenas dois anos.

Pelo acordado, os Coelho indicaram o candidato a pre-  
feito, os Aguiar, o vice-prefeito e todos votariam no candi-  
dato a deputado estadual Coronel Libório Gomes da Silva

(indicado por Murilo Aguiar). Nas eleições de 1972, as indicações seriam o inverso, como assinala o atual deputado estadual Sérgio Aguiar, neto de Murilo Aguiar:

Quando chegou em 1969, nós estávamos fragilizados, tinha sido cassado o mandato do meu avô e ficamos sem representação política. Foi feito um acordo para ser indicado por eles, nossos adversários, o candidato a prefeito, nós indicamos o vice-prefeito e eles votariam no nosso deputado estadual, coronel Libório, que à época era chefe da Casa Militar de Plácido Castelo, o camocinense com maior destaque e que estava à altura, além da fidelidade e amizade que tinha ao meu avô Murilo, para substituí-lo. Fonseca Coelho era candidato pela primeira vez em 1970 e, no frigidar dos ovos, desviaram ou não cumpriram o acordado em votar integralmente no Coronel Libório, mil e quinhentos eleitores votando em Fonseca Coelho e o coronel Libório ficou como primeiro suplente por causa de 400 votos. Então, houve a partir dali uma descrença. E quando foi em 1972, quando tinham que reafirmar o acordo, [...] Murilo Aguiar indicando a cabeça e os adversários indicando o vice, eles não cumpriram. E aí lançou-se a candidatura de Pascoal de Melo, concunhado de Murilo Aguiar, contra o Dr. Aristóbulo, sobrinho do Dr. José Maria Primo de Carvalho, genro, na época, do Alfredo Coelho<sup>143</sup>.

A falta dos 400 votos para a eleição do Coronel Libório, que o deixou na primeira suplência, deve ter sido muito traumática para os Aguiar. Na verdade, Sérgio Aguiar confunde este episódio com a votação para deputado estadual naquela eleição. Os “votos desviados” que foram dados pelos Coelhos ao parente Fonseca Coelho não foram 1.500, mas apenas

---

143 Sérgio de Araújo Lima Aguiar. 51 anos, Deputado Estadual (PDT). Entrevista realizada pelo autor. Janeiro de 2022, Camocim- CE.

418<sup>144</sup>. De qualquer forma, quatrocentos votos foi o número que ficou faltando ao candidato “cara preta” para ser eleito.

Contudo, a referida eleição parece não ter empolgado muito o eleitorado, acostumado às refregas, disputas, comícios, um pouco de festa com as músicas e paródias que exaltavam ou ridicularizam os adversários mutuamente, como era comum naqueles tempos. Dos 10.801 eleitores aptos a votar, somente 7.431 compareceram às urnas, destes, 914 anularam seus votos e 1.814 deixaram em branco as cédulas eleitorais. Ao final, um pouco mais da metade dos eleitores aptos sufragaram os nomes de José Maria Primo de Carvalho<sup>145</sup> e Luís Lopes Viana, prefeito e vice-prefeito, respectivamente, com 5.520 votos<sup>146</sup>.

Como dito acima pelo deputado Sérgio Aguiar, o acordo durou pouco. Na leitura da família Coelho, os dois anos da boa administração do Dr. Zé Maria seriam suficientes para derrotar qualquer candidato indicado por Murilo Aguiar. Mais uma vez, o líder “Cara Preta” usou de toda sua intuição e experiência política e lançou seu concunhado, João Pascoal de Melo, um pacato funcionário público fazendário estadual. Nessa eleição ele venceu o Dr. Aristóbulo, sobri-

---

144 Os dois deputados mais votados em Camocim nesta eleição foram Libório Gomes da Silva (3.116) e Fonseca Coelho (418) votos. Fonte: Eleições de 1970. Ata Geral da Apuração, TRE/CE.

145 José Maria Primo de Carvalho, médico, natural de São José do Belmonte, sertão pernambucano, faleceu em Fortaleza em 23 de agosto de 2016, aos 85 anos, em decorrência de complicações de sua saúde. [...] Chegou a Camocim no ano de 1958 para fundar e comandar a Campanha de Erradicação da Malária. [...] Em dezembro de 2010 foi agraciado com o Título de Cidadão Camocinense pela Câmara Municipal. Disponível em: <http://www.camocimonline.com/2016/08/ex-prefeito-de-camocim-drjose-maria.html>. Acesso em: 04fev. 2022.

146 Além do prefeito e vice-prefeito eleitos em chapa única, a Câmara Municipal ficou composta com os seguintes vereadores: Antônio Minguiera Braga, Carlos José Pessoa Navarro Veras, Otávio de Santana, Edmundo de Paula Moreira, Tomás Zeferino Veras Coelho, Haroldo Carvalho de Oliveira, Raimundo Pereira Neto, Silas Chaves Fontenele, Francisco Romão de Meneses, Artur Carneiro de Queirós e Francisco Fontenele Frota. Fonte: Eleições de 1970. Ata Geral da Apuração, TRE/CE.

nho do então prefeito, Dr. José Maria Primo de Carvalho, por uma diferença apertada, de somente 226 votos<sup>147</sup>.

Apesar da vitória para prefeito, o grupo político de Murilo Aguiar sofreu um primeiro revés na trajetória de sua hegemonia, perdeu a maioria na Câmara Municipal, elegendo apenas quatro vereadores para aquela legislatura<sup>148</sup>.

O grupo liderado por Alfredo Veras Coelho, com a maioria de sete vereadores contra quatro do prefeito, desde o início da legislatura procurou dificultar a administração de João Pascoal de Melo, trazendo de volta o clima de animosidades no terreno político do município, que culminou na abertura de uma Comissão Processante contra o prefeito e sua posterior cassação, como mostra a documentação da Câmara Municipal relativa ao período.

Por outro lado, as tentativas de cassar o prefeito João Pascoal de Melo era uma forma de atingir também Murilo Aguiar. Com efeito, a maioria das acusações de caráter administrativo procuravam vincular o prefeito com pessoas ligadas ao grupo “Cara Preta” e seu mentor político<sup>149</sup>. Com o afastamento do prefeito e após os trâmites judiciais, verificaram-se várias “falhas processuais” que trouxeram de volta o prefeito ao cargo quinze dias depois.

Mesmo procurando participar de alguma forma das campanhas políticas, o fato de Murilo Aguiar estar cassa-

147 João Pascoal de Melo obteve 4.637, contra 4.411 votos de Aristóbulo Primo de Carvalho. Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Eleições 1972. Resultado Oficial no Ceará, p. 36.

148 Os vereadores eleitos pelo grupo “Fundo Mole” foram: José Maria de Lima, Jonas Marques da Silveira, Raimundo Filomeno Ferreira, Álvaro Domingues Ferreira, José Carlos Vasconcelos, Augusto Teles da Silva e Ângelo Cornélio Beviláqua Cruz. Os “Cara Pretas” elegeram: Carlos José Pessoa Navarro Veras, Maria Luiza Navarro Veras, João Gomes da Silva e Francisco Romão de Menezes. Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Eleições 1972, Ata Geral de Apuração.

149 A atmosfera da eleição de 1972 e as acusações que geraram o processo de cassação do prefeito João Pascoal de Melo estão descritas e analisadas em SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *O Parlamento Camocinense. Fatos Históricos. 1879-2019*. Sobral: Editora SertãoCult, 2020, p. 224-235.

do dificultou sobremaneira sua desenvoltura no comando do seu grupo. Isso foi contribuindo para a perda da hegemonia no comando da Prefeitura Municipal de Camocim. Os dois pleitos seguintes foram conquistados por seus adversários que, numa engenharia de aumento dos mandatos imposto pela legislação da então ditadura militar, acabaram por perfazer doze anos. Deste modo, em 1976, Edilson Veras Coelho, filho do seu arquirrival, Alfredo Veras Coelho, vence as eleições e inicia um período de doze anos de comando da família Coelho no poder municipal<sup>150</sup>. Por conta do elástico dos mandatos, Edilson Veras Coelho teve seu mandato aumentado em dois anos (1977-1982). Nas eleições de 1982, os Coelhos apostaram suas fichas na candidatura da senhora Ana Maria Beviláqua Moreira Veras (1983-1988), que venceu a disputa eleitoral contra o Coronel Libório<sup>151</sup> e ficou no comando por mais seis anos até 1988, quando os Aguiar retomam o comando da prefeitura através de Murilo Rocha Aguiar Filho (1989-1992), popularmente conhecido como Murilinho<sup>152</sup>.

---

150 Nas eleições de 1976, Edilson Veras Coelho foi eleito prefeito de Camocim pela ARENA 1, com 5.401 votos, contra 4.994 de João Batista Rocha Aguiar, candidato da ARENA 2. Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Eleições 1976, Ata Geral de Apuração.

151 Em 1982, Ana Maria Beviláqua Moreira Veras, candidata pelo Partido Democrático Social (PDS 1), foi eleita com 8.237 votos, derrotando o candidato do Partido Democrático Social (PDS 2), Libório Gomes da Silva, que obteve 8.066 votos. Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Eleições 1982, Ata Geral de Apuração.

152 Na retomada do poder pelos Aguiar, Murilo Rocha Aguiar Filho (Murilinho), candidato pelo Partido Social Cristão (20), foi eleito com 8.407 votos, contra Edilson Veras Coelho, do Partido da Frente Liberal (25), que obteve 8.259 votos. Para a Câmara Municipal foram eleitos os vereadores: Maria Cláudia Aguiar Neves, Antônio de Araújo Melo, José Mardônio da Rocha, Francisco Martins de Oliveira, Raimundo Marques de Almeida, José João Alexandrino, José Carlos Vasconcelos, Osvaldo Mateus Monteiro, Tânia Pessoa Navarro Veras, Antônia Rocha Barros Martins, João Tibúrcio do Nascimento, José Guilherme de Sousa, Alfredo Coelho Cruz, Joaquim Francisco da Fonseca Coelho Neto, Roosevelt de Araújo Queiroz, Luciano Aguiar Trévia, Francisco Carneiro da Rocha, Eduardo Araújo Brito e Aurea Praxedes Mendes. Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Eleições 1988, Ata Geral de Apuração.

No parágrafo acima, descrevemos a trajetória do revezamento do comando na política camocinense até o início dos anos 1990. No entanto, o objetivo maior deste trabalho é contribuir para a escrita de uma narrativa acerca do líder político Murilo Aguiar. Desde sua cassação, até sua volta em 1982, quando obteve de volta seus direitos políticos e concorreu ao quinto mandato como deputado estadual, muitos episódios de sua vida privada e pública ainda estão para ser contados e relatados. Continuemos nesse objetivo, enfatizando mais um episódio que mostra o caráter de Murilo Aguiar, como relembra seu filho, sucessor na política, Francisco de Paula Rocha Aguiar:

Sua índole e postura enquanto empresário eram tão respeitadas que, durante a situação financeira difícil pela qual passamos, na seca dos anos 1950, um outro renomado comerciante, já conhecido de meu pai, chamado Chagas Barreto, ofereceu cinco vagões cheios de mercadoria para reabastecer os armazéns de Murilo Aguiar em Camocim<sup>153</sup>.

Completando essa informação, o historiador e memorialista sobralense, César Barreto Filho, relembra, na crônica “Gratidão”, como Murilo Aguiar, décadas depois, quis “pagar” o gesto do compadre Chagas Barreto através da política. A citação é longa, mas essencial para compreendermos os gestos dos envolvidos nesta história:

“Gratidão é uma moeda rara e, em extinção!”  
A frase acima é do ex-governador do Estado do Ceará, José Parsifal Barroso, mas, perfeitamente atual e aplicável nas relações de natureza política.

---

153 LEAL, *Op. Cit.*, p. 60.

[...] Nas eleições estaduais do ano de 1978, o líder político sobralense, Cesário Barreto Lima, resolveu candidatar-se a uma vaga de deputado federal, atendendo pedido pessoal do governador nomeado, seu chefe político, o Cel. Virgílio Távora.

O ex-prefeito de Sobral tomou a decisão na última hora, quase no final do prazo eleitoral para registro de candidaturas pela Justiça Eleitoral.

[...] A cidade de Camocim, na região praiana da Zona Norte do Estado, estava entre os colégios eleitorais mais cobiçados pelos candidatos aos cargos majoritários e proporcionais.

A liderança virgilista da região era o Deputado Estadual Murilo Aguiar. Era um político cumpridor da palavra empenhada. Respeitado na região como homem que honrava os acordos de natureza política.

Um candidato a Deputado Federal, fazendo dobradinha somente em Camocim com o Deputado Estadual Murilo Aguiar, saía do município com mais de 5 mil votos.

Nas eleições de 1974, Murilo Aguiar sufragou o nome do Cel. do Exército, Haroldo Sanford Barros, como Deputado Federal indicado pelo senador Virgílio Távora.

[...] A ligação do político de Camocim com a cidade de Sobral na época, tinha raízes profundas, inclusive de natureza familiar, Murilo Aguiar era muito amigo e compadre do poderoso comerciante sobralense, Francisco das Chagas Barreto Lima, genitor do ex-prefeito Cesário Barreto Lima.

[...] O pai de Cesário Barreto, sabedor das dificuldades financeiras do compadre e amigo, Murilo Aguiar, começou a despachar quinzenalmente, um vagão, carregado de mercadorias pela estrada de ferro Sobral/Camocim.

O líder político Murilo Aguiar ao receber o primeiro vagão, abarrotado de diversas mercadorias, telefonou imediatamente ao compadre sobralense, Chagas Barreto:



- Chagas, que loucura é essa? Como eu vou conseguir te pagar?...

O velho comerciante sobralense, conhecido pelas suas respostas sábias e pela característica sinceridade, respondeu sem meias palavras:

-Murilo, tá ficando abestado depois de velho? Não sabe mais vender? Paga com o apurado!

O chefe político praiano nunca esqueceu a grandeza do gesto de amizade, da confiança e, principalmente, da solidariedade do compadre sobralense.

“Gratidão se paga com gratidão”.

Seu Murilo Aguiar, enxergou na candidatura a deputado federal do filho do compadre Chagas Barreto, a oportunidade de uma retribuição à sua generosidade, ao mesmo tempo, render homenagem ao amigo recentemente falecido.

[...] Decidiu comunicar a decisão em caráter irrevogável ao chefe político, governador Virgílio Távora.

Murilo Aguiar já estava decidido a devolver o dinheiro já gasto pelo candidato Haroldo Sanford e votar no filho do seu saudoso compadre, praticamente sem nenhuma despesa eleitoral. Numa eleição disputadíssima como a de 1978, o gesto do deputado de Camocim, causou uma tremenda celeuma nas hostes virgilistas. O deputado Sanford ameaçou romper politicamente com o governador do estado se perdesse o colégio eleitoral de Camocim.

O chefe do Executivo Estadual usou toda a sua malícia, toda a experiência de vários anos de comando político para reverter a delicada situação.

O deputado federal Haroldo de Sanford Barros continuou sendo votado pelos Aguiar, em Camocim e, Cesário Barreto Lima ganhou o cobiçado colégio eleitoral da cidade de São Benedito, reduto fechado do jovem político, Tomaz Brandão, candidato a deputado estadual.

“Entre mortos e feridos salvaram-se todos”!

Haroldo Sanford conseguiu se reeleger para deputado federal e, Cesário Barreto Lima tam-

bém foi eleito com uma votação expressiva na cidade de Sobral, onde recebeu 70% dos votos válidos. No município de São Benedito também saiu consagrado das urnas com mais de seis mil votos, representando 80% dos votantes.

[...] O deputado de Camocim ficou assim impedido de pagar na mesma moeda da gratidão, a dívida contraída com o generoso compadre sobralense, Chagas Barreto Lima<sup>154</sup>.

Ressalte-se que no período compreendido pela história acima, 1974-1978, Murilo Aguiar estava cassado e não fez, pessoalmente, dobradinha com candidatos a deputados federais, mas com seus indicados, no caso Libório Gomes da Silva e Francisco Rocha Aguiar (seu irmão), respectivamente. Com o auxílio das atas eleitorais, fazemos aqui alguns reparos à história contada pelo historiador sobralense. Em 1974, Murilo Aguiar apoiou para Deputado Federal Ernesto Gurgel Valente, que obteve 3.044 votos. Haroldo Sanford em 1974 concorreu às eleições para Deputado Estadual. Nas eleições de 1978, Chagas Barreto obteve 22 votos em Camocim e Haroldo Sanford, 4.578<sup>155</sup>.

## **As Batalhas da Barroquinha**

Como já se disse anteriormente, Murilo Aguiar fazia de tudo para participar da vida política de Camocim, mesmo estando cassado e impedido pela lei. Algumas notas podem ser lidas nas atas da Câmara Municipal de Camocim, notadamente, em tempo de eleição, como a de 1976, onde o vereador Álvaro Domingues Ferreira denunciou a presença do ex-deputado na Festa de Nossa Senhora dos Nave-

---

154 LIMA, César Barreto. "Gratidão". In: *Essa é do Cesário*, p. 127-131.

155 Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Eleições de 1974 e 1978, Ata Geral de Apuração.

gantes em Barroquinha, segundo ele, fazendo campanha política para seu irmão candidato, João Batista Aguiar.

Usou da palavra o Sr. vereador Alvaro Domingues Ferreira para denunciar à Câmara, as atitudes políticas assumidas pelo ex-deputado cassado pelo AI-5, Murilo Aguiar, neste Município onde está, abertamente fazendo campanha política em favor de seus correligionários, acrescentando que diante da provocação, e apenas, feita pelo referido ex-deputado ao Sr. Francisco Coelho Cruz, numa festa dansante na sede do Distrito da Barroquinha, que resultou em conflito, muito embora tivesse o mesmo ex-deputado se homiziado no miquitório do sação em que se realizava a referida festa. Terminou pedindo ao Sr. Presidente que desse conhecimento desse pronunciamento aos Exmos. Senhores Comandante da 10ª Região Militar; Comandante do IV Exército e ao Sr. Delegado Especial de Polícia de Camocim<sup>156</sup>.

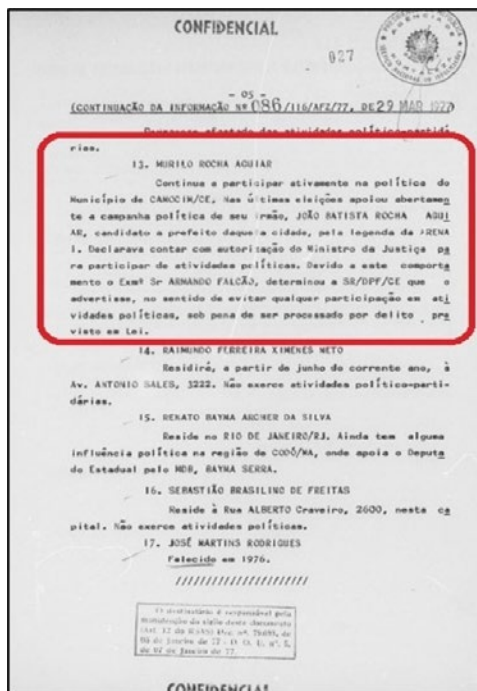
Este primeiro entrevero entre os grupos políticos no distrito de Barroquinha é objeto de relatório do Serviço Nacional de Informações (SNI), com data de março de 1977, reafirmando a presença de Murilo Aguiar na cena política, que transcrevemos abaixo:

1.3. MURILO ROCHA AGUIAR. Continua a participar ativamente na política do Município de CAMOCIM/CE. Nas últimas eleições apoiou abertamente a campanha política de seu irmão, JOÃO BATISTA ROCHA AGUIAR, candidato a prefeito daquela cidade, pela legenda da ARENA 1. Declarava contar com a autorização do Ministro da Justiça para participar de atividades políticas. Devido a este comportamento,

---

156 51ª Sessão Ordinária. 8ª Legislatura. 16 de agosto de 1976, p. 46v. Fonte: Câmara Municipal de Camocim.

o Exm° Sr, ARMANDO FALCÃO, determinou a SR/DPF/CE que o advertisse no sentido de evitar qualquer participação em atividades políticas, sob pena de ser processado por delito previsto na lei<sup>157</sup>.



Informação N° 086/116/AFZ/77, de 29 MAR 1977.

**Fonte:** Serviço Nacional de Informações -SNI.

Este primeiro entrevero em Barroquinha, que acabou redundando em agressões físicas de parte a parte, entrou para a história política do município em forma de música de campanha, explorando o episódio pelo lado dos Aguiar. O folclórico senhor Nonato Mesquita, compositor das músicas de campanha dos “Cara Pretas”, assim narrou o acontecido:

<sup>157</sup> Informação N° 086/116/AFZ/77, de 29 MAR 1977. Fonte: Serviço Nacional de Informações -SNI.

Eu vou contar para o povo  
o que vi acontecer.  
Na Festa da Barroquinha  
Foi um desespero a valer.  
O bando de Fundo Mole  
invadiram o salão,  
botaram no Carequinha<sup>158</sup>  
no meio da multidão.

Chegou o Pedro Mandioca  
no salão mais o Ferreira,  
foi pesada e bofetada  
nos caboclos do Mingueira.  
Entrou um tal de Luciano  
que chegou de supetão,  
o Pedro pegou seguro  
botou o cabra no chão.  
Fundo Mole conhecendo  
que a parada era pesada  
correram para o fundo,  
se esconderam na Chapada<sup>159</sup>.

Como já sabemos, as eleições de 1976 foram vencidas pelos adversários de Murilo Aguiar. As agressões físicas que ocorreram naquele ano não foram esquecidas pelos contendores. Em sua segunda versão, ocorrida três anos depois, um novo componente foi acrescentado: o uso de arma de fogo. Desta vez, as provocações acabaram por resultar num tiroteio em pleno salão do clube onde estava acontecendo uma festa dançante, resultando em quatro pessoas baleadas: Murilo Aguiar e seu amigo, vereador Ronaldo Benevides, pelos “Cara Pretas”, e os irmãos Francisco Coelho Cruz e Alfredo Coelho Cruz (Carrasco), pelos “Fundo Mole”. Até no tiroteio, as baixas foram divididas.

---

158 Apelido carinhoso dado a Murilo Aguiar pelos seus correligionários.

159 Música livremente lembrada de autoria do Sr. Nonato Mesquita. In: SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos Santos. *A Casa do Povo*. História do Legislativo Camocinense. Sobral: Sobral Gráfica e Editora Ltda, 2008, p. 98-99.

Na versão corrente e repetida no tempo entre os “Cara Pretas”, conta-se o seguinte, como relembra Sérgio Aguiar:

[...] Dia 14 de agosto de 1979. Minha mãe, Alba, tinha 30 anos e estava gestante da minha terceira irmã, Geovana, nascida em 20 de agosto de 1979, seis dias depois do atentado. [...] Tivemos conhecimento pela televisão, na manhã do dia seguinte, já comentando que os feridos estavam na Santa Casa de Sobral e [...] que provavelmente alguns deles não escapariam. [...] Naquele momento, quem estava no poder eram os Fundo Moles, na gestão do Edilson Coelho. Era justamente no ano do Centenário de Camocim, então se imaginava que tinham muita força. Pelo que tomei conhecimento, também da história, quem era uma espécie de mentor político era o Alfredinho (Alfredo Veras Coelho Filho), que acho que nesta época era suplente de deputado, ou coisa assim. E isso daí deu uma demonstração de que no final da ditadura militar, iniciando a reabertura em 1980, poucos meses antes, tentaram tirar do mapa Murilo Aguiar porque ele já se renunciava como candidato a prefeito em 1982 e então poderia estragar os planos dos nossos adversários. Então essa foi a motivação<sup>160</sup>.

Diferentemente de Sérgio Aguiar, que situa o episódio dentro da conjuntura de abertura da ditadura civil-militar e a possibilidade de Murilo Aguiar voltar à cena pública na política local, o Sr. José da Costa Sotero relaciona a violência do episódio de Barroquinha mais às questões pessoais existentes entre as famílias, atribuindo aos Coelhos um plano de eliminação de Murilo Aguiar:

---

160 Sérgio de Araújo Lima Aguiar. 51 anos, Deputado Estadual (PDT). Entrevista realizada pelo autor. Janeiro de 2022, Camocim-CE.

O Carrasco (Alfredo Cruz) e o irmão dele, o Chico, combinaram pra matar ele (Murilo Aguiar) na Barroquinha. Seu Murilo estava dançando até com uma cunhada minha, a Fransquinha, quando ele soltou ela, ele saiu e foi para o banheiro. Quando chegou no banheiro, eles estavam pastorando. Aí o Carrasco acompanhou, quando chegou lá puxou o revólver para atirar na cabeça dele, e ele bateu na mão que baixou e disparou na barriga. Aí o Raimundo José, que era irmão dele da segunda família, era meio doido, foi lá no Carrasco deu um tiro na barriga dele, atirou nele. Seu Murilo gritou já baleado que não era para matar ninguém. Era capaz de ter acontecido outras mortes se tivesse morrido gente de um lado e do outro<sup>161</sup>.

Para quem foi testemunha ocular do episódio, como o amigo e correligionário Francisco Carneiro da Rocha (Chico Branco), relembrar este fato não constitui apenas uma lembrança pura e simples. A carga de emoção e o embargo na voz se fazem presentes na sua fala:

Me lembro, eu estava lá na hora, quando seu Murilo se levantou da mesa, estava eu, Raimundo José, Seu Murilo, um bocado na mesa, bebendo cerveja. Aí Seu Murilo foi ao banheiro, quando chegou lá o Alfredo Cruz pegou o revólver e atirou. Ele disse “Que exagero é esse rapaz?!” [...]. A gente trazendo o Seu Murilo e ele disse: “- Chico, eu tô morto, Chicol!”. E aí me deu um passamento e não aguentei. E aí trouxeram ele para cá e levaram para Sobral, Fortaleza, então ele escapou, graças a Deus<sup>162</sup>.

---

161 José da Costa Sotero. 86 anos, funcionário público municipal aposentado. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

162 Francisco Carneiro da Rocha (Chico Branco), 86 anos, funcionário público aposentado. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

Quando perguntada sobre o tiroteio de Barroquinha, Francisca das Chagas Oliveira (Chiquinha Fumaça), visivelmente emocionada, não contém as lágrimas, expressando um sentimento de quem sofreu com aquele incidente, como se Murilo Aguiar fosse uma pessoa de sua família, afinal, ela o considerava “como um pai”, foi seu padrinho de casamento, deu-lhe um contrato de professora e a incentivou a entrar na política. Ela chegou a ir a Sobral visitar Murilo Aguiar na Santa Casa:

Fui para Sobral. Aí disseram: não pode entrar porque ele está na UTI. “Por que então o pessoal está entrando? Por que eu sou preta, é? Tá entrando de um por um. Por que é que eu não posso entrar?” Depois veio um homem lá e disse: “calma que a senhora vai entrar agora!” Aí, quando desapertou, eu entrei. “Seu Murilo, aqui é a Chiquinha”. “Tô aqui também, Neginha. Não se preocupe, que vai dar tudo certo!”<sup>163</sup>

Uma grande corrente de oração se formou em Camocim pedindo a pronta recuperação do seu líder. Murilo Aguiar foi operado pelo renomado Dr. Neves, amigo particular, que retirou partes do seu intestino. “O local do corpo onde meu pai recebeu os tiros era o mesmo onde o Papa João Paulo foi atingido”, observa o filho Bebeto, ainda grato. Só que meu pai ficou sem sequelas”<sup>164</sup>.

Com a recuperação de Murilo Aguiar, era a hora de agradecer a Deus e ao povo a graça de ter sobrevivido ao tiroteio que, ao final, todos sobreviveram. Para tanto, celebrou-se uma missa na Igreja Matriz e Murilo Aguiar rece-

---

163 Francisca das Chagas Oliveira (Chiquinha Fumaça), 84 anos, professora aposentada. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

164 LEAL, *Op. Cit.*, p. 93.



beu a população em sua casa da rua Senador Jaguaribe. Uma grande faixa saudava: “AGRADECEMOS AO DIVINO ESPÍRITO SANTO PELA SAÚDE E RESTABELECIMENTO DO NOSSO CHEFE M. AGUIAR”. Tanto na missa, quanto na casa de Murilo Aguiar, seu amigo Francisco Carneiro da Rocha (Chico Branco) falou e discursou aos presentes. Mais uma vez, a emoção retorna com essa lembrança: “Teve uma missa muito grande aqui. Dei graças a Deus por ele estar vivendo e ter se recuperado e ter uma grande vitória na vida dele. [...] Deus deu outra vida a ele. Ele merecia. Ele era muito bom”<sup>165</sup>.



Francisco Carneiro da Rocha (Chico Branco) discursando ao lado de Coronel Libório e Murilo Aguiar, Camocim-CE, 1979.

**Fonte:** Acervo Família Carneiro da Rocha.

---

165 Francisco Carneiro da Rocha (Chico Branco), 86 anos, funcionário público aposentado. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

De alguma forma, as manifestações de carinho de grande número de populares a Murilo Aguiar em Camocim pelo restabelecimento de sua saúde foi uma espécie de ensaio de sua volta à arena política, que ocorreria em 1982.

Na verdade, desde o final dos anos 1970 e meados da década de 1980 que a conjuntura política apontava para “um intenso movimento de redemocratização, com a substituição das ditaduras militares que desde há várias décadas dominavam o panorama político internacional”<sup>166</sup>. No Brasil, esse processo teve suas especificidades, avanços e recuos, como mostra a historiografia do período, desembocando naquilo que se convencionou chamar de “distensão lenta, gradual e segura”, comandada pelo Presidente Ernesto Geisel e seu Ministro da Casa Civil, Golbery de Couto e Silva.

Sintonizado com estes acontecimentos, Murilo Aguiar fazia suas incursões à Camocim em maior ou menor intensidade, a depender do clima político, afinal, desde junho de 1979 que o Presidente Figueiredo havia enviado um projeto de anistia ao Congresso Nacional. Não temos como comprovar, mas, por certo, Murilo Aguiar deve ter acompanhado de alguma forma o “IV Encontro Regional dos Movimentos pela Anistia do Nordeste em Fortaleza na virada de junho para julho de 1979”, onde “foi aprovado um manifesto avaliando a proposta governamental”<sup>167</sup>. Não era ainda o fim do regime, mas o governo já admitia discutir o tema da anistia.

Embora houvesse a possibilidade de retornar à disputa eleitoral como candidato a prefeito de Camocim, como

---

166 SILVA, Francisco Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano*. O tempo do regime autoritário. Ditadura Militar e Redemocratização. Quarta República (1964-1985), p. 315.

167 RODEGHERO, Carla Simone. A anistia de 1979 e as heranças da ditadura. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano*. O tempo do regime autoritário. Ditadura Militar e Redemocratização. Quarta República (1964-1985), p. 377.

vimos acima, assinalada pelo neto Sérgio Aguiar, a envergadura política, o histórico parlamentar de Murilo Aguiar, acabaram por levá-lo a concorrer a mais um mandato como deputado estadual, o quinto da sua carreira.

## **O Retorno à vida política de Murilo Aguiar em 1982**

XVII

*Assim seguiu seu roteiro  
Em meio a grandes façanhas,  
Nas lutas que ele perdeu  
E até nas que foram ganhas:  
Por ser um homem disposto,  
MURILO trazia no rosto,  
A poeira das campanhas.<sup>168</sup>*

Gonzaga, um dos irmãos de Murilo Aguiar, relembra a volta dele a Camocim após o período de cassação dos seus direitos políticos: “Um dos momentos mais marcantes entre nós foi sua chegada em Camocim após a cassação política. Foi emocionante ver o povo da cidade o esperando como se fosse um ídolo, um líder, um santo<sup>169</sup>.”

As eleições de 1982 aconteceram no clima de abertura democrática. Murilo Aguiar retoma seu título de eleitor e se prepara para mais uma refrega eleitoral<sup>170</sup>. No plano estadual, as forças políticas do tempo da ditadura selaram

168 BARBOSA, *Op. Cit.*, p. 06.

169 Gonzaga Aguiar (irmão de Murilo Aguiar). *In: LEAL, Op. Cit.*, p. 83.

170 “Manoel de Castro, amigo próximo que o conheceu em campanha, conta ter sido convidado por Murilo a ir com ele ao Tribunal Regional Eleitoral, para o recebimento de um título de eleitor, sem informar de quem seria. ‘Quando já estávamos lá, vi que era o título do próprio Murilo’, revela. ‘Fiquei surpreso e feliz porque para ele aquele momento era muito importante, de poder votar novamente, depois de tanto tempo’”. *In: LEAL, Op. Cit.*, p. 91-92.

mais um acordo, à feição da “União Pelo Ceará”, ocorrido há duas décadas, procurando manter o poder nas mãos dos líderes de maior representatividade eleitoral daquela época. Portanto, depois de muito tempo, voltava-se a votar para governador e a questão maior era a sucessão de Virgílio Távora, que encerrava o ciclo de governadores indicados pelo governo ditatorial. Promoveu-se, então, o famoso “Acordo de Brasília”:

Gonzaga Mota, virgilista, seria candidato a governador; o vice-governador seria indicado por Aduino Bezerra, sendo ele próprio o candidato; o senador seria o próprio Virgílio Távora; e o prefeito de Fortaleza seria indicado pelo então ministro César Cals. [...] O PMDB lançou seu presidente, Mauro Benevides, que, embora derrotado, foi o mais votado em Fortaleza. O Partido dos Trabalhadores (PT) marcou presença com o municipalista Américo Barreira<sup>171</sup>.

Com o “Acordo de Brasília”, Gonzaga Mota teve votação expressiva em Camocim, recebendo 14.707 votos contra 197 dados a Mauro Benevides (PMDB), e apenas sete eleitores sufragaram o municipalista Américo Barreira (PT)<sup>172</sup>. A disputa da histórica rivalidade política dos “cara pretas” x “fundo moles” ficaria para a eleição de deputado e prefeito.

Naquela conjuntura, a rivalidade foi apimentada no campo das comunicações com a chegada de duas rádios AM em Camocim, ligadas diretamente aos grupos políticos locais. Se num passado recente trocavam-se farpas através dos antigos serviços de som - os chamados Sonoros

---

171 PARENTE, Francisco Josênio C. O Ceará dos “coronéis” (1945 a 1986). In: SOUZA, Simone (org.). *Uma Nova História do Ceará*. 3ª ed. rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004, p. 407.

172 Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Eleições 1982, Ata Geral de Apuração.

*Pinto Martins e A Voz de Camocim*, este implantado por Murilo Aguiar quando do rompimento político de 1950 -, agora, nos anos 1980, Camocim entrava na era da radiodifusão, que se constituía como uma estratégia política de manutenção do poder.

Desta forma, um grupo político que se prezasse tinha de ter um veículo midiático que lhe desse sustentação, no caso, uma emissora de rádio. O governo federal, por sua vez, foi pródigo em distribuir concessões de rádio para seus aliados no final do chamado período de distensão da ditadura civil-militar. Daí que em Camocim o grupo político Coelho/Veras não perdeu tempo e conseguiu colocar no ar a Rádio Pinto Martins, 1450 AM. Não demorou muito e Murilo Aguiar conseguiu também uma concessão, com a Rádio União de Camocim, 820 AM, inaugurada um mês antes da eleição de 1982, que tinha como embrião a comunitária irradiadora dos anos 1950. “Sabia valorizar a importância da comunicação de massa [...]”<sup>173</sup>.

Abaixo, transcrevemos a íntegra do decreto de concessão da Rádio União de Camocim pelo Governo Federal.

### **DECRETO Nº 86.168, DE 29 DE JUNHO DE 1981**

Outorga concessão à RÁDIO UNIÃO DE CAMOCIM LTDA., para estabelecer uma estação de radiodifusão sonora em onda média de âmbito regional, na cidade de Camocim, Estado do Ceará.

---

173 LEAL, *Op. Cit.*, p. 93.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, combinado com o artigo 8º, item XV, letra “a”, da Constituição, e tendo em vista o que consta do Processo MC nº 11.477/80 (Edital nº 33/80),

**DECRETA:**

Art. 1º - Fica outorgada concessão à RÁDIO UNIÃO DE CAMOCIM LTDA., nos termos do artigo 28 do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão, aprovado pelo Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963, para estabelecer, sem direito de exclusividade, uma estação de radiodifusão sonora em onda média de âmbito regional, na cidade de Camocim, Estado do Ceará.

Parágrafo único - O contrato decorrente desta concessão obedecerá às cláusulas baixadas com o presente e deverá ser assinado dentro de 60 (sessenta) dias, a contar da publicação deste decreto no *Diário Oficial* da União, sob pena de se tornar nulo, de pleno direito, o ato de outorga.

Art. 2º - Este decreto entrará em vigor, na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, DF, 29 de junho de 1981; 160º da Independência e 93º da República.

**JOÃO FIGUEIREDO**<sup>174</sup>

---

174 Fonte: Senado Federal. Secretaria de Informação Legislativa.



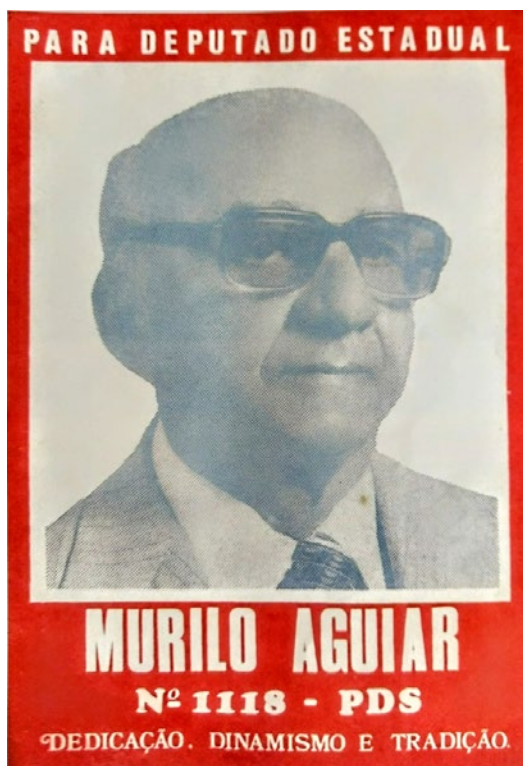
Fachada da Rádio União de Camocim. Camocim-CE.  
**Foto:** Aroldo Viana.

Na inauguração da Rádio União, houve uma grande festa, cuja atração principal foi o sanfoneiro baiano, radicado em Fortaleza, Azeitona (1933-2000). Na recordação de um eleitor presente ao evento, temos a seguinte recordação:

Dessa eu lembro! Dia 14 de Outubro de 1982 aconteceu a inauguração da Rádio União. Eu morava na Fazendinha. Fomos num pau-de-arara assistir o evento que teve a presença do sanfoneiro Azeitona dando seu show, cantando as músicas do Gonzagão. Era período eleitoral, Murilo Aguiar era candidato e Azeitona muito engraçado brincou com o público: “no dia da eleição, quem não votar no Padim Murilo vai ficar da minha cor” Pois sua pele fazia jus ao apelido. rrsrsrs...<sup>175</sup>

---

175 ROCHA, Francisco. Comentário à postagem A RÁDIO UNIÃO DE CAMOCIM. 21 de setembro de 2015. Disponível em: <https://camocimpotedehistorias.blogspot.com/2015/09/v-sc-07-radio-uniao-de-camocim>. Acesso em: 21 fev. 2022.



Cartaz de propaganda de Murilo Aguiar, 1982.  
**Fonte:** Acervo da Família Aguiar.

A volta de Murilo Aguiar às campanhas políticas em 1982 não foi apenas o seu retorno à condição de líder político de Camocim e região, mas, de alguma forma, toda a efervescência da campanha serviu de “iniciação” do seu neto adolescente, Sérgio Aguiar:

A grande paixão da minha vida foi quando em 1982 eu vim para essa eleição de prefeito aqui em Camocim, foi a primeira vez que participei assim, eu, embora muito jovem, mas já vendo o trabalho dele, as caminhadas que ele fazia e eu acho que isso tudo me inspirou<sup>176</sup>.

---

176 Sérgio de Araújo Lima Aguiar. 51 anos, Deputado Estadual (PDT). Entrevista realizada pelo autor. Janeiro de 2022, Camocim-CE.



Ao final e ao cabo das eleições, Murilo Aguiar foi reconduzido ao parlamento estadual com pompa e circunstância na sessão solene do dia 06 de janeiro de 1983 no Centro de Convenções, juntamente com

[...] os deputados estaduais também diplomados naquele dia - Ubiratan Aguiar, de Castelo de Castro, Osmar Diógenes Aquiles Peres Mota, Etevaldo Nogueira Lima, Pinheiro Landim - estava Murilo Rocha Aguiar, pelo PDS. Aos 68 anos, completados seis semanas antes, era um homem maduro, tranquilo, ciente do que ainda era capaz de fazer. [...] disposto a continuar trabalhando por aqueles que representava. Tinha o respaldo dos 30.026 sufrágios recebidos, posicionando-se como sétimo deputado estadual mais votado. A volta trazia para ele “um sabor de Vitória”, assegura Beбето. Murilo assumiu a parte da 2ª Secretaria da Mesa da Assembleia, que já ocuparam anteriormente<sup>177</sup>.

A eleição de Murilo Aguiar em 1982 foi tranquila. Sua base eleitoral pouco se alterou se comparada à de 1966. Seus 30.026 votos, nos principais colégios eleitorais, foram assim divididos:

**Quadro 3.** Votação de Murilo Aguiar, 1982.

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>VOTAÇÃO</b>
CAMOCIM	8.108
GRANJA	4.780
IPU	4.133
MARCO	3.077
CHAVAL	1.985
URUOCA	1.808
FORTALEZA	1.485

**Fonte:** Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Eleições 1982, Ata Geral de Apuração.

177 LEAL, *Op. Cit.*, p. 91-93.

Embora a eleição de 1982 tenha marcado o retorno triunfal de Murilo Aguiar à Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, de um político cassado pela ditadura sob o arbítrio do famoso AI-5, na política local ele sofreu um novo revés eleitoral, com a eleição de Ana Maria Beviláqua Moreira Veras, candidata apoiada pelo prefeito Edilson Veras Coelho, derrotando seu amigo fiel, Coronel Libório Gomes da Silva. Os Aguiar voltaram ao poder na eleição seguinte, de 1988, com seu filho Murilo Rocha Aguiar Filho (Murilinho), doze anos depois de perder a hegemonia no município. No entanto, Murilo Aguiar não viveria mais entre os seus para comemorar esta vitória do seu legado político.

## **A morte em plenário**

XVIII  
Do ano 85  
O Ceará ainda escuta  
Os ecos de uma tragédia  
Que trouxe o rigor da luta:  
No plenário onde atuou  
MURILO AGUIAR tombou  
No meio de uma disputa.<sup>178</sup>

A eleição para o quinto mandato como deputado estadual de alguma forma já apontava para o final de uma carreira política pontificada de êxito, mas também de muita atribulação. Em 1979, quando era socorrido para Sobral, atingido por um tiro em Barroquinha, disse para o Dr. Rocha que o acompanhava: “Se eu não resistir, sussurrou Murilo, precavido, ‘meu sucessor é o Chico, e eu quero que você dê apoio a ele’”<sup>179</sup>.

---

178 BARBOSA, *Op. Cit.*, p. 06.

179 LEAL, *Op. Cit.*, p. 93.

Tendo sobrevivido e conseguido mais um mandato, seus planos políticos incluíam mais uma vez ser prefeito de Camocim após o término do seu mandato, como afirma seu ex-motorista José Genésio de Vasconcelos: “[...] ele me disse, me lembro como se fosse hoje, que o sonho dele era terminar a política como prefeito de Camocim, porque queria muito ajudar a pobreza. Isso depois que ele terminasse o mandato de deputado”<sup>180</sup>.

Afora os planos de futuro, a rotina de Murilo Aguiar como deputado estadual transcorria sem maiores problemas, levantando cedo, percorrendo as Secretarias de Estado, levando consigo seu secretário parlamentar, José Genésio de Vasconcelos, despachando no escritório no Edifício C. Rolim, atendendo aos eleitores em suas demandas, ou mesmo abrigando conterrâneos de passagem por Fortaleza em busca de cuidados médicos, num anexo da sua casa na rua Monsenhor Bruno; quando o destino veio lhe pregar uma última peça, quando da eleição da Mesa Diretora da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará em 1985.

No dia 28 de fevereiro daquele ano, a caminho de casa para o almoço, Murilo Aguiar e seu motorista/secretário travam o seguinte diálogo, naquele que seria o último trajeto que fariam juntos:

- Genésio, o que é que tu acha? O Governador está querendo que eu seja o Presidente da Assembleia, mas eu não tenho estudo pra isso.
- Seu Murilo, faça o que o seu coração manda.
- Meu coração não está pedindo, mas como sou homem de partido, sou homem de grupo [...] e se o Governador quiser e não tiver outro jeito, eu vou”<sup>181</sup>.

---

180 José Genésio de Vasconcelos, 60 anos, advogado. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

181 José Genésio de Vasconcelos, 60 anos, advogado. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

No tabuleiro eleitoral daquela eleição prenunciava-se um empate entre os contendores: governo e oposição. A entrada de Murilo Aguiar no jogo se dava pela sua condição de ser mais idoso do que o candidato da oposição, deputado Castelo de Castro. Nestes casos, o regimento da Assembleia beneficiava Murilo Aguiar, que tinha 70 anos completos.

Na biografia dos deputados publicados pelo INESP, relativa ao deputado Murilo Aguiar, traz o seguinte trecho:

Quando da renovação da Mesa Diretora da Assembleia Legislativa em 1985, apresentaram-se à disputa dois candidatos: Murilo Aguiar e Castelo de Castro. O primeiro, apoiado pelo Governador do Estado, Gonzaga Mota, enquanto Castelo de Castro recebia o beneplácito da oposição e do Presidente da Casa, Aquiles Peres Mota. A previsão do resultado de empate favorecia o mais velho, no caso Murilo Aguiar. A votação decorreu em clima dos mais tumultuados na história do Legislativo Cearense. Quase no final da apuração, o Presidente concluiu pela anulação de um voto favorável a Murilo Aguiar, determinando a vitória de Castelo de Castro. Não suportando o impacto do resultado, viu-se acometido de infarto do miocárdio, falecendo logo após atendimento hospitalar. Como homenagem dos deputados, foi dado o seu nome ao Auditório da Assembleia Legislativa do Ceará<sup>182</sup>.

Voltemos um pouco para o centro dos fatos que antecedem ao dia da eleição da Mesa Diretora da Assembleia. Anteriormente, em 1982, já comentamos aqui como se deu o famoso “Acordo de Brasília” que levou Gonzaga Mota a ser o nome “abençoado” entre os coronéis para a manutenção

---

182 CEARÁ. Assembleia Legislativa do Estado do. Memorial Deputado Pontes Neto. *Deputados Estaduais: 15ª Legislatura 1959-1962*. 2. ed. Fortaleza: INESP, 2006, p. 162-163.

do poder no final da ditadura civil-militar de 1964. No entanto, no exercício do governo, o que inicialmente parecia ser apenas um mero despachante dos desejos políticos dos coronéis, o jovem técnico, ex-secretário de Virgílio Távora, começou a gostar de ser governador, procurando aos poucos se livrar da influência deles e constituindo em torno de si um grupo político próprio, incentivado por vários setores sociais. Na eleição da Mesa Diretora da Assembleia, em fevereiro de 1985, essa independência política de Gonzaga Mota teria o primeiro teste:



Gonzaga Mota. “Com ele o Ceará começou a mudar”.

**Fonte:** fortalezaemfotos.com.br.

Havia uma semana que o carnaval de 1985 tinha passado quando o governador chamou ao Palácio da Abolição os principais deputados da Frente Liberal naquela quinta-feira, 28 de fevereiro. Sérgio Aguiar contextualiza o fato:

A eleição estava muito parelha para a presidência da Assembleia para o biênio 1985-1986. Tanto é que a eleição, pelo próprio regimento da Assembleia, poderia ser marcada do dia 1º até 28 de fevereiro. E ela foi marcada justamente em 28 de fevereiro, porque quem estava conduzindo o processo era o presidente da Assembleia, Aquiles Peres Mota, ligado ao grupo “virgilista” e que tinha o apoio naquele momento dos “cesistas” e dos “emedebistas”, que na época eram os oposicionistas. Já pelo outro lado, o meu avô Murilo Aguiar, muito ligado ao governador Gonzaga Mota, [...]. Então, ele estava ali, não tinha nenhuma pretensão para disputar a presidência da Mesa, mas no dia 28 de fevereiro ele foi chamado ao Palácio pelo Governador Gonzaga Mota, que disse que ele deveria ser o candidato. Porque naquela época ele era o mais velho, tinha 70 anos completos, e tudo se prenunciava ocorrer um empate. No empate haveria um segundo turno e, nesse segundo turno, no segundo escrutínio, como é chamado, ele deveria ser o vitorioso por causa da idade. Tem uma passagem, alguns recortes de jornais, que o governador perguntou: “você está preparado para ser o presidente da Assembleia?” Ele foi tomado de surpresa pelo convite. Ele disse: “Eu sou um homem de poucas letras, mas de muito conteúdo”<sup>183</sup>.

As lembranças do ocorrido pelos familiares e amigos e aquilo que foi noticiado pela imprensa parecem mostrar um Murilo Aguiar entre indeciso, mas, ao mesmo tempo, firme diante do desafio que se aproximava. Ao mesmo tempo em que dizia “Governador, eu não tenho idade para isso”, ponderando o peso da idade, submetia-se à possibilidade de que, essa mesma idade, daria a vitória ao grupo ao

---

183 Sérgio de Araújo Lima Aguiar. 51 anos, Deputado Estadual (PDT). Entrevista realizada pelo autor. Janeiro de 2022, Camocim-CE.

qual pertencia: “Se o Governador quiser e não tiver outro jeito, eu vou”; para ao final concordar, entre sua humildade e sua experiência política. “Eu sou um homem de poucas letras, mas de muito conteúdo”. Talvez, no íntimo, o que tenha pesado para sua decisão final teria sido o que poderia realizar como político para o povo que representava, especialmente Camocim, com aquela oportunidade de presidir o parlamento cearense.

Por outro lado, como assinala Angela Barros Leal:

Além da confiança política, existia uma aproximação familiar entre Gonzaga Mota e Murilo, que estava perfeitamente a par do jogo de xadrez que se estabelecia na sede do Executivo, para onde se dirigiu antes do meio-dia. Aceitou a incumbência como uma missão partidária, deixando bem clara a sua postura perante os que o cercavam em expectativa: “A indicação do meu nome para presidente da Assembleia eu recebo como uma missão para o bem do meu Ceará. Se eleito vou fazer o melhor que puder”<sup>184</sup>.

O que ocorreu naquele dia, e no dia seguinte, foi intensamente explorado pelos principais jornais da capital cearense, *O Povo*, *Diário do Nordeste* e *Tribuna do Ceará*, em suas manchetes principais:

**Murilo Aguiar morre na disputa.**

Diário do Nordeste, 01 de março de 1985.

**Murilo é enterrado como presidente da Assembléia.**

Diário do Nordeste, 02 de março de 1985.

**Castelo ganha, há tumulto e Murilo morre.**

O Povo, 01 de março de 1985.

---

184 LEAL, *Op. Cit.*, p. 12.

## **Muita emoção marcou o adeus de Murilo Aguiar.**

Diário do Nordeste, 02 de março de 1985.

## **Falecimento de Murilo Aguiar consterna cearenses.**

Tribuna do Ceará.

## **Mauro Benevides lamenta morte de Murilo Aguiar.**

Tribuna do Ceará.

## **Aureliano no sepultamento de Murilo Aguiar.**

Tribuna do Ceará.

Sem dúvida, os jornais reconstituíram o antes, o durante e o depois daquela eleição, como se pode notar nas manchetes acima. Alguns camocinenses guardam estes recortes até hoje como verdadeiras relíquias, como a Sra. Francisca das Chagas Oliveira (Chiquinha Fumaça). O conteúdo dos jornais pode ser consultado em seus arquivos digitais. No entanto, a fonte jornalística às vezes é muito objetiva e cirúrgica, não trazendo a dramaticidade dos fatos, como no exemplo abaixo:

### **Castelo ganha, há tumulto e Murilo morre**

Em sessão bastante tumultuada, com pancadarias e agressões físicas, o deputado Castelo de Castro (PMDB) foi proclamado eleito ontem Presidente da Assembleia Legislativa, com 23 votos contra 21 de Murilo Aguiar (Frente Liberal), escolhido para substituir o deputado Antônio Câmara, candidato inicial. Murilo Aguiar faleceu a 1h40min de hoje, vítima de enfarte cardíaco, no Prontocard, para onde foi levado ao sentir-se mal horas depois da confusão<sup>185</sup>.

Neste trabalho, buscou-se inserir ao contexto do fato outras fontes e percepções sobre ele. Não com o intuito de confrontar versões, mas, sobretudo, para acrescentar

---

185 Jornal *O Povo*, 01 de março de 1985.



outras falas e sentimentos daqueles que direta ou indiretamente estiveram envolvidos naquele acontecimento.

O próprio autor destas linhas escreveu sua relação com o acontecido, citada rapidamente por Angela Barros Leal no livro que marcou o centenário de nascimento de Murilo Aguiar<sup>186</sup>. Neste espaço, pedimos licença para transcrevê-la:

28 de fevereiro de 1985. Encontrava-me na cidade de Itapipoca fazendo um estágio no então ITERCE (Instituto de Terras do Ceará), hoje IDACE. A tarde transcorria modorrenta quando pegando uma fresca no quintal do escritório da repartição, peguei o meu portátil e aleatoriamente, sintonizei uma rádio de Fortaleza, que subitamente entrou com um repórter ao vivo transmitindo as eleições para a renovação da Mesa Diretora da Assembleia Legislativa. Qual não foi minha surpresa ao ouvir que o então Deputado Murilo Aguiar disputava aquela eleição. Tratei de chamar os outros colegas para informar o acontecimento e assistir comigo aquele evento. Alguns já me parabenizavam pelo fato do conterrâneo ilustre estar chegando ao cargo máximo do legislativo. Pensei em como os camocinenses acompanhavam aquela transmissão, visto que era difícil sintonizar as rádios da capital. Murilo Aguiar era um político quase mitológico que povoava o imaginário de boa parte da população camocinense, endeusado por seus correligionários e odiado por adversários. Com a disputa acirrada, minha torcida aumentava a cada voto, mas, logo instalou-se uma confusão que o repórter não sabia definir bem, com a retirada do deputado para um hospital da cidade. [...] Na transmissão radiofônica ainda pude ouvir que o voto anulado em questão tinha sido o do

---

<sup>186</sup> LEAL, *Op. Cit.*, 2014.

próprio Deputado Murilo Aguiar, o que teria contribuído ainda mais para o infarto do mesmo e até para a tentativa de revide físico contra o Presidente da Casa, Aquiles Peres Mota, por parte de alguns de seus filhos presentes. Para mim ficou a imagem de um homem que morrera em pleno exercício de sua vocação, não se evocando aqui nem qualidades nem defeitos, mas, simplesmente exercendo seu ofício. Na madrugada do dia seguinte, viria a notícia fatídica de sua morte<sup>187</sup>.

Mas, o que teria acontecido para além da derrota proclamada pelo presidente da mesa apuradora dos votos daquela eleição, tida e havida como empatada? Traição? Má fé? Voltemos, pois, aos bastidores da disputa. Na versão contada por Sérgio Aguiar, seu avô teria assumido a traição de um colega de bancada:

Na política sempre há os bastidores. E surgiu um boato de que determinado deputado iria naquele momento da ruptura de Gonzaga Mota e os coronéis, [...] iria mostrar que estaria indo de malas e bagagens para o grupo do Virgílio Távora, ou seja, ia ficar na oposição para com o governador Gonzaga Mota. E Murilo Aguiar, muito esperto, muito sábio na área da política, soube disso e foi até a pessoa e conversou com ele e tudo. Mas dizem que o sinal na primeira votação seria rasurado o voto. Na hora de sair o resultado, Castelo de Castro 23, Murilo Aguiar 22 e um voto nulo, Murilo Aguiar levantou a mão e disse que foi ele próprio que tinha ficado nervoso e tinha rasurado o voto para poder tirar toda e qualquer suspeita sobre aquele que poderia ter mostrado sua verdadeira face.

---

187 Quinta-feira, 9 de agosto de 2012. FATOS DA POLÍTICA DE CAMOCIM-CE - A MORTE DO DEPUTADO MURILO AGUIAR. Quinta-feira, 9 de agosto de 2012. Disponível em: <https://camocimpotedehistorias.blogspot.com>. Acesso em: 25 fev. 2022.

Não obtendo a maioria de 24 votos, a votação foi para segundo escrutínio, sendo declarado três resultados diferentes: 24 a 22; 23 a 21 e 23 a 22 pró Castelo de Castro. As várias contagens e recontagens acabou resultando em tumulto no plenário e aumentando a tensão entre as bancadas, visto que o presidente da Assembleia, Aquiles Peres Mota, já teria dito que o PMDB venceria aquela eleição de qualquer jeito. Antes de sofrer o infarto que o levaria à morte, Murilo Aguiar teria dito a Aquiles Peres Mota: “Companheiro, como é que você fez isso comigo?”<sup>188</sup>.

A ata daquela sessão registraria ainda:

Proclamado o resultado, generalizou-se tumulto no Plenário e nas Galerias, com agressões físicas e verbais entre Deputados e assistentes, tendo ocorrido, inclusive, o fato de um cidadão, estranho à Assembleia, haver tomado violenta e inesperadamente, as cédulas votadas das mãos do Sr. Presidente, rasgando-as no Plenário, à vista de todos<sup>189</sup>.

Os documentos e os seus segredos. Quem seria o “cidadão estranho”? Com a filmagem da sessão, com certeza ele já foi identificado, mas não figura em documentos posteriores nem nas notícias dos jornais. Seria um dos filhos de Murilo Aguiar que estavam na sessão e entraram no tumulto em defesa do pai?

No entanto, não somente Aquiles Peres Mota teria manobrado para a derrota de Murilo Aguiar, os próprios “gon-

188 MAIA, Fernando, Diário Político. *O Estado*. Fortaleza-CE. 21 nov. 2016.

189 ATA DA 2ª SESSÃO PREPARATÓRIA DA 3ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 21ª LEGISLATURA DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ. In: DIÓGENES, Osmar Maia. *Cronografia do Ceará*. Social, política e legislativa. Fortaleza-CE: Edições INESP, 2022, p. 245.

zaguistas” lamentaram o não compromisso de alguns deputados para com a chapa da Frente Liberal:

## **Gonzaguistas decepcionados com alguns colegas da AL**

Deputados do grupo gonzaguista estão decepcionados com alguns companheiros da Assembléia Legislativa que se comprometeram em votar no candidato oficial e não cumpriram com o compromisso firmado anteriormente. Um dos parlamentares que afirma estar decepcionado, foi o líder do grupo, deputado Raimundo Bezerra que não quis revelar os nomes dos deputados comprometidos com o Palácio da Abolição.

A decepção do parlamentar gonzaguista foi manifestada no discurso do encaminhamento da votação para presidente da Assembléia. Ontem, em entrevista ao Diário do Nordeste, Raimundo Bezerra reafirmou sua decepção dizendo que determinadas pessoas assumem compromissos e estes compromissos, quando não correspondidos em atos assumidos, geram decepções. Interrogado sobre quem havia faltado com os compromissos, disse que o momento é muito difícil, por isso, preferia se abster de citar nomes<sup>190</sup>.

O segredo em política parece ser algo sagrado. Murilo Aguiar, em plena eleição, escondeu a “traição” de um colega. Raimundo Bezerra não declinou os nomes dos deputados em questão. Passados 37 anos, ninguém ainda teve a coragem de revelar os nomes daqueles que foram o pivô da derrota de Murilo Aguiar e seu consequente falecimen-

---

190 Jornal *Diário do Nordeste*, Fortaleza-Ceará, 02 de março de 1985.

to. Mas o tempo cura todos os males. Como testemunha ocular dos fatos, membro da mesa apuradora dos votos, o ex-deputado Osmar Diógenes teve a coragem de, finalmente, dar a sua versão daquela tragédia da política cearense em livro lançado em fevereiro de 2022. Transcrevemo-la na íntegra para conhecimento de todos:

### **VITÓRIA DESVIADA**

O dia 28 de fevereiro de 1985 registra para a história da Assembleia um rastro de tragicidade. Naquela data, aconteceu a eleição à presidência da Mesa Diretora da Casa. O momento político do Ceará era tumultuado. Estava no governo Gonzaga Mota oriundo de uma escolha de seu nome por Virgílio Távora para a chefia do Executivo cearense. Posteriormente, por motivos que a história já registra, houve uma divisão do grupo, fazendo com que boa parte dos deputados da Casa passasse à liderança política de Gonzaga Mota. O restante dos parlamentares ligados a Virgílio, compondo uma oposição, continuou firme no seu propósito de evitar a todo o custo que Gonzaga Mota e o seu grupo conseguissem ganhar o pleito para presidente da Assembleia. Naquela época, tinha representação na Casa do Povo a presença de um aguerrido e pequeno número de deputados ligados ao Movimento Democrático Brasileiro. Pelos fatos, verificava-se que, possivelmente, na votação, haveria um empate. Para tanto, o governador Gonzaga Mota reuniu no palácio os seus liderados para que se buscasse uma fórmula democrática para esse pleito. A solução seria que, no caso de empate, como manda o Regimento interno, o deputado eleito seria o mais idoso entre os dois concorrentes. Então, com esse fato, chegou-se ao nome de Murilo Aguiar, em seu quinto mandato.

A sessão foi iniciada e a Assembleia estava repleta, com muita gente no plenário. Presidiu a reunião o deputado Aquiles Peres Mota, então presidente da Assembleia, sobremodo ligado ao virgilismo. E representava a responsabilidade, segundo ele, de evitar que o governador conseguisse fazer o presidente. Meu nome foi escolhido para ser um dos dois apuradores do pleito; o outro foi o deputado João Viana, uma figura importante desde o partido da União Democrática Nacional ao Virgílio Távora. Iniciada a votação, na Mesa estávamos o presidente Aquiles Mota, eu, ao seu lado direito; e João Viana ao lado esquerdo. Aquiles Mota disse quase ao meu ouvido, “vamos mostrar que Gonzaga Mota não elegerá o presidente”. Esse fato me deixou na expectativa do que poderia acontecer. Na realidade, já corria a informação do empate. E cochichos revelavam que em uma das chapas entregues ao grupo do Murilo Aguiar, no verso, haviam passado um “x” para que essa fosse anulada e, consequentemente, o resultado seria favorável por um voto de diferença ao deputado Castelo de Castro.

Procedemos então a fazer a verificação dos votos. Naquela ânsia, no nervosismo, presente em todos nós, o deputado Aquiles passou as chapas e não encontrou aquela marcada com um “x” no seu verso, que anularia o voto. Sob o clima da apuração, disse para mim: “eu vou anunciar o resultado da eleição com a vitória do deputado Castelo de Castro”, no que eu lhe falei: “Aquiles, não faça isso, porque foi empate. Vamos recontar as chapas, vamos tirar essa dúvida”. E apelei, veementemente, à recontagem.

Esses fatos ora relatados, eu tenho o filme de toda a reunião, que pode comprovar tudo isso que estou dizendo. Naquele momento, eu peguei as chapas que estavam na mesa. Quando mal comecei a recontar, uma pessoa chegou-se à mesa dos trabalhos e jogou todas as chapas para o alto. Elas se espalharam pelo plenário, que, repleto de estranhos, muitas pessoas ras-

garam várias chapas. Então, Aquiles repetiu: “eu vou anunciar a vitória do Castelo de Castro”. Nesse momento, eu pedi ao Aquiles para que assim não o fizesse e ele me respondeu o seguinte: “o Brasil é o país dos fatos consumados”; e anunciou a vitória do Castelo. Foi um tumulto dentro do plenário. O deputado Murilo Aguiar saiu de sua bancada, dirigindo-se à mesa. Eu, Aquiles e João Viana estávamos em pé, ele aproximou-se do presidente e colocando as mãos sobre seus ombros, disse: “Aquiles, amigo velho, por que é que você fez isso comigo?” Naquele momento, ele começou um desmaio. Os que estavam próximos seguraram-no para que ele não caísse. Houve um anúncio imediato no sistema de som do plenário da Assembleia pela presença de um médico. Não apareceu nenhum. Ou porque não havia médicos funcionários, que deveriam estar de plantão num momento como esse, ou então, se estavam, não compareceram.

O fato é que Murilo Aguiar foi levado ao hospital Prontocárdio, mas faleceu no dia seguinte. Foi uma tristeza enorme para todos aqueles que estavam ao lado de Murilo, porque na realidade a vitória dele aconteceu, por ser o mais idoso dos candidatos. Ele pagou com a vida. Houve uma revolta muito grande e o fato foi consumado, com a vitória declarada do Castelo de Castro.

No enterro, os nossos amigos convidaram-me para que eu fosse orador dos últimos momentos ao lado do túmulo do Murilo Aguiar. Eu me lembro de uma música que era muito tocada à época que dizia assim: “não dá mais pra segurar, explode coração!” Foi assim que terminei o meu discurso fúnebre, entre lágrimas, dizendo que nós estávamos entregando, segundo a nossa concepção, à Gaia, nossa mãe terra, o corpo do presidente eleito, o que se configurou para nós, com uma vitória desviada, da Assembleia Legislativa do Ceará.

Não se trata de uma opinião pessoal, é um fato que pode ser verificado pelo tumulto mostrado no filme que hoje faz parte do arquivo do Memorial da Assembleia.

Pode ser que existam versões diferentes, mas na minha visão que estava, ali, ao lado do presidente, eu que acompanhei a apuração dos votos com João Viana, posso garantir que a chapa viciada, que se anularia, não foi encontrada, o que resultaria, conseqüentemente, no empate, que seria declarado presidente o que tivesse maior idade, aquele mais idoso. Esse registro ficou nas páginas da história da Assembleia como um dia trágico, um momento que jamais sairá da memória da Casa.

Não me cabe condenar aqui, de modo algum, a reputação do deputado Aquiles Peres Mota, um companheiro, um eminente deputado, credor de todo respeito, um fiel correligionário do Virgílio Távora, que usou naturalmente todos os recursos por ele considerados viáveis para que o governador Gonzaga Mota não fizesse o presidente da Assembleia Legislativa.

Eis a minha interpretação dos fatos para a história que o faço de coração<sup>191</sup>.

O caro leitor deverá tirar suas conclusões depois das várias versões aqui apresentadas. O fato é que Murilo Aguiar acabou sucumbindo ao internamento no PRONTO-CARDIO, vindo a falecer na primeira hora do dia 1º de março de 1985. Quase que simultaneamente a sessão na Assembleia Legislativa foi reaberta:

Reaberta a Sessão, o Sr. Presidente dizendo-se profundamente consternado informa que o Sr. Deputado Murilo Aguiar fora acometido de mal súbito, encontrando-se no momento,

---

191 DIÓGENES, Osmar Maia. Cronografia do Ceará. Social, política e legislativa. Fortaleza-CE: Edições INESP, 2022, p. 239-241.



hospitalizado no PRONTOCÁRDIO, razão por que designava Comissão constituída dos Srs. Deputados Everardo Silveira, Antonio Câmara, José Humberto, EufRASINO Neto, e Barros PInho; para visitarem-no e informarem-se do real estado de saúde do Deputado enfermo, suspende, a seguir, a Sessão até o retorno da mencionada Comissão.

Com a volta da Comissão, a Sessão é reaberta à 00:45 (Zero hora e quarenta e cinco minutos) do dia 1º de março, tendo o Sr. Presidente comunicado ao Plenário a extrema gravidade do estado de saúde do Sr. Deputado Murilo Aguiar<sup>192</sup>.

Lido e analisado posteriormente, percebe-se que um documento pode revelar ou esconder muito do que ele pretende narrar, dependendo das conveniências e das condições de sua produção. Numa ata de eleição seria “incômodo” dizer que Murilo Aguiar já estava morto, face ao que tinha acontecido no plenário e pelas circunstâncias em que tudo ocorreu.

Em Camocim, a notícia do falecimento de Murilo Aguiar, após a grande expectativa gerada com a sua possível vitória para presidente da Assembleia Legislativa, caiu como uma bomba. Francisca das Chagas Oliveira (Chiquinha Fumaça) conta como ela soube:

Oh! Meu Deus, a mamãe me chamou e disse assim: “minha filha, tu não sabe de uma coisa, o seu Murilo morreu!” Aí eu disse: “mentira, mãe”. Aí eu telefonei pro Antônio, que confirmou. Não tem mais uma pessoa aqui, já foi todo mundo pra Fortaleza. [...] aí a Marlene telefonou: “Neguinha, você quer ir?” “Ora se eu

---

192 ATA DA 2ª SESSÃO PREPARATÓRIA DA 3ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 21ª LEGISLATURA DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ. In: DIÓGENES, Osmar Maia. Cronografia do Ceará. Social, política e legislativa. Fortaleza-CE: Edições INESP, 2022, p. 245.

quero!” Eu fui, fiquei na casa do José Maria Aguiar. O corpo ficou na Assembleia. E eu chorando... comecei a pegar na cabecinha dele. Aí eu fui lá com a Marlene até chegar no Parque da Paz, muita gente, [...] quando o caixão baixou, aí a Marlene gritou: “acabou o pai de família dos pobres de Camocim. O que será de nós?” Aí fui, fui o enterro todo chorando<sup>193</sup>.

O testemunho acima é apenas um exemplo de como a recepção da morte de Murilo Aguiar chegou a Camocim. Se fôssemos perguntar a uma dezena de pessoas como isso se deu, com certeza daria para se escrever um outro livro.

Quem não pôde acompanhar o velório em Fortaleza, restou lamentar a morte do líder profundamente. A cidade se enlutou. Outros mandaram rosas e mensagens de telegrama, como a família do Sr. Edmundo Lopes: “NES-TE CRUEL MOMENTO VENHO EXTERNAR E COMPARTILHAR A DOR SUFOCANTE DA PERDA DO INESQUECÍVEL E GRANDE AMIGO MURILO PT EDMUNDO LOPES E FAMÍLIA”.

---

193 Francisca das Chagas Oliveira (Chiquinha Fumaça), 84 anos, professora aposentada. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS	
RECIBO DO TELEGRAMA ABAIXO DISCRIMINADO	
DESTINO	Esopo reservado a autenticação mediante
Será processado pelo expedidor	
ECT	Esopo reservado a autenticação mediante
HORA DA TRANSMISSÃO	02 03 11
INICIAIS DO OPERADOR	
INDICAÇÕES DE SERVIÇOS TAXADOS	
E ASSINATURA — ENDEREÇO	DESTINATÁRIO: MARIA ESTELA E FILHOS
	RUA MONSIEUR BRUGN, 1300 — ALDEOTA (bairro)
	(Rua, Av. etc.) FORTALEZA ESTADO: CEARÁ (bairro)
	CIDADE: FORTALEZA ESTADO: CEARÁ (ou nome da estação telegráfica, se radiograma)
NESTE CRUEL MOMENTO VENHO EXTERMINAR E COM PARTILHAR A DOR SUPLENTE DA PERDA DO INESQUE- CÍVEL E GRANDE AMIGO MURILLOFF	
RAIMUNDO LOPES E FAMÍLIA	

Telegrama enviado a Maria Estela e Filhos. 02 de março de 1985.

**Fonte:** Acervo de Raimundo Frederico Lopes.

A repercussão da morte de Murilo Aguiar foi além das fronteiras do estado do Ceará. O vice-presidente da República, Aureliano Chaves, veio pessoalmente acompanhar seu sepultamento e expressou seu pesar pelos jornais. Na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, políticos discursaram e registraram nos anais dessas casas legislativas o acontecimento. Trazemos na íntegra o discurso do então Senador Lúcio Alcântara, amigo pessoal de Murilo Aguiar:

O SR. LÚCIO ALCÂNTARA (PDS — CE. Pronuncia o seguinte discurso.) Sr. Presidente, Srs. Deputados, todo o país tomou conhecimento, pela imprensa, da tumultuada sessão da Assembléia Legislativa do Ceará, destinada à escolha da Mesa Diretora para o biênio 1985.1986.

Não fora lamentável, por si só, a maneira como transcorreu a sessão, restaria por deplorar consequência funesta dela decorrente. Refiro-me ao falecimento do Deputado Estadual Murilo Aguiar, que tombou em meio à refrega, quando mais acesas estavam as discussões e exaltados os ânimos. Temperamentos crispados pela tensão levaram a reunião a um clímax de exacerbação que culminou com a morte do veterano Deputado, cujo coração não resistiu às comoções da disputa, uma vez que era candidato ao cargo de Presidente da Assembléia Legislativa.

Aos homens de ação os deuses reservam o privilégio de tombar em pleno campo de luta. Murilo Aguiar foi político, sempre e durante toda sua vida. Injustamente apenado por ato da Revolução de 1964, viu-se privado do mandato de Deputado Estadual e teve cassados seus direitos políticos, o que lhe valeu uma marginalização formal por longos anos, sem que fosse abalado sua incontestável liderança na zona norte do Estado. Dele pode-se dizer que foi imolado no altar da política. Sem recusar missões, aceitou a derradeira, que lhe foi solicitada por companheiros, na convicção do que não lhes poderia faltar, ainda que demandasse sacrifício acima de suas forças. O infausto acontecimento encheu de justa dor a família do morto e enlutou os políticos cearenses, no seio dos quais sempre gozou de sólido prestígio.

O drama impõe a todos uma reflexão profunda. O limite das disputas políticas está aquém da paixão, o que não se pode casar com a responsabilidade inerente aos detentores de mandatos populares. As contendas políticas não podem ser dirimidas no torvelinho das emoções e dos arrebatamentos. A serenidade que deve reinar nos espíritos dos homens públicos não exclui a firmeza de posições e o entusiasmo, ingredientes indispensáveis à atividade política.

A indignação da família enlutada é compreensível, mas espero que venha a ser substituída pelo conforto de saber que Murilo Aguiar morreu como viveu, fazendo política, e cumprindo dever para o qual foi convocado por amigos e correligionários<sup>194</sup>.

A família Aguiar seguiu o conselho de Lúcio Alcântara. Continuou a fazer política, pois, apesar de tudo, todos sabiam que um dia herdariam o legado político de Murilo Aguiar, o que acabou acontecendo de forma vitoriosa e em dose dupla. No plano estadual, um ano depois, nas eleições de 1986, seu filho, Francisco de Paula Rocha Aguiar (PMDB), saiu consagrado das urnas como o quinto mais votado do estado, com 28.983 votos. Dois anos depois, seria a vez de outro filho, Murilo Rocha Aguiar Filho (PDC), retomar o poder local, vencendo Edilson Veras Coelho. Se ser prefeito de Camocim era o último desejo de Murilo Aguiar, como afirmam familiares e amigos, este desejo acabou sendo realizado na pessoa do filho, que tinha seu mesmo nome, depois seu neto, Sérgio Aguiar, por duas vezes seguidas, mas isso já é uma outra história.

### **Vai-se o homem, mas fica o nome...**

Apesar de toda a trajetória, carisma e serviços prestados a Camocim, não foi fácil fundar uma fortuna nomenclatural de Murilo Aguiar no município. Logo após sua morte, a troca de nome de uma simples rua não foi aprovada na Câmara Municipal. Logicamente que aí está intrínseco o jogo de poder que passa pela construção de uma memória na seara política.

---

194 República Federativa do Brasil. Diário do Congresso Nacional. Seção 1. Ano XL. Nº 003. Capital Federal. Terça-feira, 5 de março de 1985, p. 0118.

Embora em Fortaleza, rapidamente, os colegas deputados tenham lhe honrado com o nome do Auditório da Assembleia Legislativa, na Câmara Municipal de Camocim, uma semana depois da morte de Murilo Aguiar, os ânimos ainda estavam bastante acirrados. O então vereador, Carlos José Pessoa Navarro Veras, apresentou um projeto “sugerindo que fosse dado o nome de Deputado Murilo Aguiar a atual rua Dr. João Thomé”<sup>195</sup>. O Projeto sequer foi posto em votação e caiu no esquecimento. Vale lembrar que o grupo da família Coelho tinha maioria à época.

Sete meses depois, em 25 de outubro de 1985, o vereador Ronaldo Torres de Sá e Benevides apresentou requerimento solicitando à Câmara Municipal a permissão para ser colocado, na Praça Vicente Aguiar, um busto do ex-prefeito e deputado estadual Murilo Rocha Aguiar.<sup>196</sup> Na sessão seguinte, a propositura foi rejeitada por 06 votos a 04 dos vereadores presentes. Não tendo espaço na praça, o grupo político afixou o busto à frente do Hospital Deputado Murilo Aguiar, que passou a ter seu nome desde então. Posteriormente, foi lido e aprovado requerimento na Câmara Municipal pedindo que fosse “oficializado o nome do Deputado Murilo Aguiar à praça fronteira à estação ferroviária, inclusive a aposição de seu busto no mesmo local”, de autoria do vereador Eduardo Araújo Brito,<sup>197</sup> num momento em que os Aguiar passaram a administrar a cidade novamente. Inexplicavelmente, no entanto, não sabemos o porquê da não oficialização do projeto apresentado pelo vereador Roosevelt Araújo Queiroz, “denominando de Avenida Deputado Murilo Aguiar a avenida que, nascendo

---

195 Projeto de Lei Nº 01/85. Ata da 6ª Sessão Ordinária. 5º Período. 10ª Legislatura. 08 de março de 1985, p. 182.

196 Ata da 11ª Sessão Ordinária. 6º Período. 10ª Legislatura. 25 de outubro de 1985, p. 198v.

197 Ata da 26ª Sessão Ordinária. 1º Período Legislativo. 11ª Legislatura. 06 de abril de 1990, p. 104v.

na Praça denominada Murilo Aguiar segue pela orla Marítima até o lugar denominado ‘Barreiras’<sup>198</sup>, aprovado na sessão seguinte de 28 de junho de 1991.

A fortuna nomenclatural em torno do nome de Murilo Aguiar foi crescendo com o tempo. A CE 071, no trecho entre Camocim e Aprazível,<sup>199</sup> tem o nome de Rodovia Murilo Aguiar, homenagem, aliás, justa, visto aos esforços feitos em 1958 por Murilo Aguiar em dar trabalho para os flagelados da seca naquele ano. O ginásio poliesportivo de Camocim, obra erguida na administração de Sérgio Aguiar, também se chama Ginásio Poliesportivo Deputado Murilo Aguiar. No setor da educação, onde o velho líder atuou bastante quando vivo, a nomenclatura também está presente. Quando da inauguração do Liceu, teve seu nome aprovado na Assembleia Legislativa para Liceu de Camocim Deputado Murilo Aguiar (hoje, transformado para Escola de Ensino Médio de Tempo Integral Deputado Murilo Aguiar). Na rede de ensino público municipal também existe uma escola com seu nome, a Escola de Ensino Fundamental Deputado Murilo Aguiar, localizada no Km-05, SN, Zona Rural do município.

No território da política, dez anos depois da morte de Murilo Aguiar, foi aprovado o Projeto de Lei Nº 001/1995, do Poder Legislativo, que denominou o “Plenário da Câmara Municipal de Camocim de Deputado Murilo Aguiar”<sup>200</sup>. Na época, o presidente da Câmara Municipal de Camocim era o vereador José Genézio de Vasconcelos, seu fiel motorista e secretário parlamentar. Hoje, na entrada do

---

198 Ata da 17ª Sessão Ordinária – 1º Período Legislativo. 3ª Sessão Legislativa. 11ª Legislatura. 21 de junho de 1991, p. 148.

199 Lei Nº 11.797, de 13/03/91 (DO de 14/03/91) denomina de Rodovia Deputado Murilo Aguiar a Estrada Estadual CE-071 que liga Aprazível à cidade de Camocim.

200 Ata da 2ª Sessão Ordinária. 1º Período Legislativo. 3ª Sessão Legislativa. 12ª Legislatura, 24 de fevereiro de 1995, p. 294.

plenário está afixada uma placa de vidro com os seguintes dizeres, à modo de resumo biográfico:

### **MURILO ROCHA AGUIAR**

Comerciante e político, nasceu a 25 de novembro de 1914, em Camocim-CE. Filho do cel. Vicente de Paula Aguiar e de d. Iracema Rocha Aguiar, foi o segundo de uma prole de 13 filhos. Feitos os estudos primários em Camocim com o prof. Pedro Morel, veio para Fortaleza estudar no *Colégio Castelo Branco*, seguindo, depois, para o Seminário de Sobral, onde continuou os secundários, até 1928. Deixando os estudos, dedicou-se ao comércio, estabelecendo-se em 1931 em Reriutaba, de onde se transferiu em 1932 para Camocim, aqui constituindo a firma individual *M. Aguiar e Cia. Ltda*, uma das mais importantes do norte do Estado à época, tornando-se, ao mesmo tempo, figura de proa da sociedade, no seio da qual desfrutou de arraigadas simpatias e conceito. Exerceu os cargos de diretor da *Associação dos Retalhistas*, do *Camocim Club* e da *Associação Comercial de Camocim*, aos 29 anos de idade, cuja entidade foi fundada por seu avô, cel. Moysés Cavalcante Rocha, sendo a mais antiga da região, e seu primeiro presidente.

Murilo Aguiar casou-se a 14 de maio de 1937, em Camocim, com d. Maria Stela Rocha Aguiar, filha do cel. Antônio de Carvalho Rocha e Eduviges Angelim Rocha, resultando do matrimônio, sete filhos: Maria Zelma, José Stélio, Maria Núzia, Maria Cláudia, Murilo Filho, Francisco de Paula (ex-deputado estadual e ex-presidente do TCM) e Antonio Alberto.

Como político, seguiu à orientação tradicional de seu pai, filiando-se à União Democrática Nacional (UDN), sob cuja legenda foi eleito deputado estadual à Assembleia Constituinte de 1947. Foi eleito Prefeito Municipal de Camocim em 1954. Voltou a ser eleito deputado estadual



em 1958 com 8.122 votos, o terceiro mais votado daquele pleito e, posteriormente, reeleito em 1962 e 1966. Em 1969 teve os direitos políticos cassados pela ditadura militar. Com a Lei de Anistia volta ao campo político e se elege em 1982 aos 68 anos de idade. Na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará ocupou a 2ª Secretaria em 1949; a 3ª em 1959 e 1963; e a 4ª em 1964, além da 2ª em 1982. No campo das comunicações foi fundador do serviço de alto-falantes *A Voz de Camocim*, em 1951 e da *Rádio União*, em 1982. Murilo Aguiar faleceu, em Fortaleza, a 1º de março de 1985, quando disputava a eleição para a Presidência da Assembleia (período 1985-86), antes de concluir seu mandato.

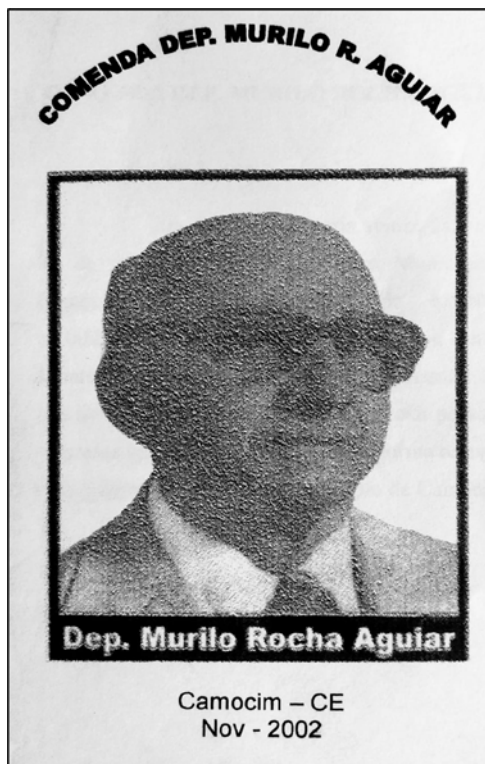
Dentre várias homenagens que recebeu *post mortem*, o nome de Murilo Aguiar foi dado pelos deputados ao Auditório da Assembléia Legislativa do Ceará e ao Plenário da Câmara Municipal de Camocim, pelos vereadores do município.<sup>201</sup>

Ainda em Camocim, por iniciativa do vereador Marcos Antônio Monteiro Freitas, a Câmara Municipal de Camocim, em 06 de março de 2002, aprovou Projeto de Resolução nº 002/2002, que instituiu a Comenda Murilo Aguiar, “destinada a agraciar pessoas e empresas que tenham contribuído de forma relevante para o desenvolvimento de Camocim”.<sup>202</sup> Na primeira e única edição realizada no ano de 2002, seis pessoas foram agraciadas: os familiares Francisco de Paula Rocha Aguiar, José Stélio Rocha Aguiar, Sérgio de Araújo Lima Aguiar e Elda Maria Tavares Aguiar, além do ex-deputado federal Bismarck Maia e o sindicalista Edmilson Lira de Oliveira.

---

201 Texto da placa de entrada do Plenário Deputado Murilo Aguiar da Câmara Municipal de Camocim.

202 Fonte: Livreto “Comenda Dep. Murilo R. Aguiar”. Camocim-CE, nov. 2002. Fonte: Acervo do autor.



Capa do livreto “Comenda Dep. Murilo R. Aguiar”. Camocim-CE, 2002.

**Fonte:** Acervo do autor.

Feitos estes registros, cabe dizer ainda que Murilo Aguiar, como um líder político regional, tem seu nome perenizado em escolas e praças em outros municípios da região, especialmente Chaval, Uruoca e Ipu. Como dissemos no início deste tópico, vai-se o homem, mas fica o nome.

## **Fontes**

### **Manuscritas**

Anais da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, 1947.

Livro de Actas. 1924-1934. Arquivo da Associação Comercial de Camocim.

1º Livro de Atas das Sessões Ordinárias da Câmara Municipal de Camocim – 1948. Ata da Sessão Solene da Câmara Municipal de Camocim para dar posse ao Prefeito diplomado do Município, p. 09 e 10.

2º Livro de Atas das Sessões Ordinárias da Câmara Municipal de Camocim – 1948. Ata da Sessão Extraordinária da Câmara Municipal de Camocim para dar posse ao Presidente da Câmara Municipal de Camocim, p. 81v.

3º Livro de Atas das Sessões Ordinárias da Câmara Municipal de Camocim, 1951-1957, p. 50-51.

51ª Sessão Ordinária. 8ª Legislatura, 16 de agosto de 1976, p. 46v. Fonte: Câmara Municipal de Camocim.

Projeto de Lei Nº 01/85. Ata da 6ª Sessão Ordinária. 5º Período, 10ª Legislatura, 08 de março de 1985, p. 182.

Ata da 11ª Sessão Ordinária. 6º Período, 10ª Legislatura, 25 de outubro de 1985, p. 198v.

Ata da 26ª Sessão Ordinária. 1º Período Legislativo, 11ª Legislatura, 06 de abril de 1990, p. 104v.

Ata da 17ª Sessão Ordinária – 1º Período Legislativo, 3ª Sessão Legislativa, 11ª Legislatura, 21 de junho de 1991, p. 148.

Ata da 2ª Sessão Ordinária. 1º Período Legislativo, 3ª Sessão Legislativa, 12ª Legislatura, 24 de fevereiro de 1995, p. 294.

1º Livro de Tombo da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, Camocim-CE, p. 178-180.

3º Livro de Tombo da Paróquia de Bom Jesus dos Navegantes, 1962-1989, p. 15.

## **Impressas**

*Folha do Littoral*. Camocim-CE, 08 de setembro de 1918, n. 15, p. 01. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

*Folha do Littoral*, Camocim-CE, 22 de setembro de 1918, n. 13, p. 01. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

*Folha do Littoral*, Camocim-CE, 01 de maio de 1919, n. 46, p. 01. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

*Ipu em jornal*. 1958, ed. 09, p. 4. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

*Jornal Brazil Livre*. Agosto de 1925. Sobral-CE.

*Jornal A Imprensa*, Anno 1, Nº 49, 09 de setembro de 1925.

*A Razão*. Fortaleza-CE, Ano I, 18 de maio de 1937, nº 290, p. 02. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

*Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, terça-feira, 25 de fevereiro de 1947, nº 16.045, p. 01. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

*Diário Carioca*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 22 de novembro de 1957, p. 3.

*Jornal A Noite*. Rio de Janeiro, ed. 15751, 10 de junho de 1961, p. 4. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Almanaque Laemmert, 1922, ed. 078 e 079, p. 308. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Anuário Estatístico do IBGE, 1933.

Estatutos da Associação dos Retalhistas de Camocim.

Revista *O Cruzeiro*, 29 de Março de 1941, edição 22, p. 49-50.

CEARÁ. Assembleia Legislativa do Estado do. Memorial Deputado Pontes Neto. *Deputados Estaduais: 15ª Legislatura 1959-1962*, 2. ed., Fortaleza: INESP, 2006.

CEARÁ. Assembleia Legislativa. Memorial Pontes Neto - MALCE. *Os constituintes de 1947*. 3. edição revista e atualizada, - Fortaleza: INESP, 2017.

Resultado Geral das Eleições em Camocim, 1947. Fonte: TRE/CE.

Resultado Geral das Eleições no Ceará, 1954. TRE/CE.

Eleições de 1958: Resultado. Tribunal Regional Eleitoral do Ceará, Fortaleza, 2001.

Resultado Geral das Eleições no Ceará. 1962, TRE/CE.

Eleições de 1970. Ata Geral da Apuração, TRE/CE.

Informação Nº 086/116/AFZ/77, de 29 MAR 1977. Fonte: Serviço Nacional de Informações -SNI.

Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Eleições 1972, Resultado Oficial no Ceará.

Boletim Eleitoral - Nrs. 13/59 e 14/59, TRE/CE.

Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Eleições 1976, Ata Geral de Apuração.

Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Eleições 1982, Ata Geral de Apuração.

Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Eleições 1988, Ata Geral de Apuração.

BARBOSA, Medeiros. DEPUTADO MURILO AGUIAR (1914-1985). Baturité-CE.

Senado Federal. Secretaria de Informação Legislativa.

República Federativa do Brasil. Diário do Congresso Nacional. Seção 1. Ano XL. N° 003. Capital Federal. Terça-feira, 5 de março de 1985, p. 0118.

Arquivo do Maguary Esporte Clube. Camocim-CE, Ofícios, 1976.

Jornal *Diário do Nordeste*, Fortaleza-Ceará, 02 de março de 1985.

Jornal *O Estado*. Fortaleza-CE. 21 nov. 2016.

### **Iconográficas**

Rua Senador Jaguaribe. Camocim-CE, Anos 1930. Fonte: Acervo Raimundo Wilson.

Porto de Camocim. 07 de maio de 1919. Fonte: Carnegie Institution. Department of Terrestrial Magnetism, 1919.

Casamento de Murilo e Maristela. Camocim-CE, 1937. Fonte: Acervo da Família Aguiar.

Vista panorâmica da cidade de Camocim, apanhada do alto da Matriz, 1941. Fonte: Revista *O Cruzeiro*, 29 de Março de 1941, edição 22, p. 49.

Quadro dos Constituintes de 1947. Fonte: CEARÁ. Assembleia Legislativa. Memorial Pontes Neto - MALCE. *Os constituintes de 1947*. 3. edição revista e atualizada. Fortaleza: INESP, 2017, p. 38.

Ata da Sessão Solene de Posse do Prefeito Murilo Aguiar. Fonte: 3° Livro de Atas das Sessões Ordinárias da Câmara Municipal de Camocim, 1951-1957, p. 50-51.

Juscelino Kubitschek em campanha para Presidente da República em Camocim, 1955. Fonte: Acervo da Sra. Elda Aguiar.

Ginásio Padre Anchieta. Camocim, Anos 1950. Fonte: IBGE.

Hospital Maternidade de Camocim. 1957. Fonte: Arquivo do autor.

Murilo Aguiar (segundo da esquerda para a direita) sendo recebido pelo Presidente Juscelino Kubitschek. Rio de Janeiro, 1958. Fonte: Arquivo Nacional.

Solenidade de lançamento da pedra fundamental do Cais do Porto de Camocim, Setembro de 1959. Fonte: AVAP. FVG/CPDOC.

População Camocinense representada na solenidade de lançamento da pedra fundamental do Cais do Porto de Camocim, Setembro de 1959. Fonte: AVAP. FVG/CPDOC.

Murilo Aguiar em 1962. Fonte: Acervo da Família Aguiar.

Bilhete assinado por Murilo Aguiar, 1980. Fonte: Acervo da Sra. Francisca Oliveira (Chiquinha Fumaça).

Informação Nº 086/116/AFZ/77, de 29 mar. 1977. Fonte: Serviço Nacional de Informações -SNI.

Francisco Carneiro da Rocha (Chico Branco) discursando ao lado de Coronel Libório e Murilo Aguiar, 1979, Camocim-CE. Fonte: Acervo Família Carneiro da Rocha.

Fachada da Rádio União de Camocim. Camocim-CE. Foto: Aroldo Viana.

Cartaz de propaganda de Murilo Aguiar, 1982. Fonte: Acervo da Família Aguiar.

Gonzaga Mota. “Com ele o Ceará começou a mudar”. Fonte: [fortalezaemfotos.com.br](http://fortalezaemfotos.com.br).

Telegrama enviado a Maria Estela e Filhos, 02 de março de 1985. Fonte: Acervo de Raimundo Frederico Lopes.

Capa do livreto “Comenda Dep. Murilo R. Aguiar”. Camocim-CE, 2002. Fonte: Acervo do autor.

## **Orais**

José Genésio de Vasconcelos, 60 anos, advogado. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

Francisco Carneiro da Rocha (Chico Branco), 86 anos, funcionário público aposentado. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

José da Costa Sotero. 86 anos, funcionário público municipal aposentado. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

Francisca das Chagas Oliveira (Chiquinha Fumaça), 84 anos, professora aposentada. Entrevista realizada pelo autor. Camocim-CE, 2021.

Sérgio de Araújo Lima Aguiar. 51 anos, Deputado Estadual (PDT). Entrevista realizada pelo autor. Janeiro de 2022, Camocim-CE.

## **Bibliografia**

AGUIAR, Frota. *O Último Canto do Cisne!* Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1993, p. 24.

ALVARENGA, Irmã Maria de Salete Matos. *Instituto São José*. 50 anos construindo na educação o sonho franciscano e paz. Ciência e fé. História e vida. Camocim-CE. Soográfica – Sobral Gráfica Ltda, 2000.

ANO 180. A História da Assembleia Legislativa do Ceará. Fortaleza-CE: Fundação Demócrito Rocha, 2014.

CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. Virgílio, Aduino e César Cals: a política como arte da chefia. In: PARENTE, Josênio; ARRUDA, José Maria.(org.). *Era Jereissati*. Modernidade e Mito. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.



DIÓGENES, Osmar Maia. *Cronografia do Ceará. Social, política e legislativa*. Fortaleza-CE: Edições INESP, 2022.

FARIAS, Airton. *História do Ceará*. 6. ed. rev. e ampl. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

FARIAS, Airton de. As esquerdas e o golpe civil-militar de 1964 no Ceará: análises de um estudo de caso. *In: Contraponto - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI*. Teresina, v. 9, n. 1, jan./jun. 2020, p. 789-809.

LEAL, Angela Barros. *Murilo Aguiar. 1914-2014: Amor à política por toda a vida*. Fortaleza: Ágil, 2014.

LIMA, João Evangelista de Souza. *Adolescência na Selva*. Rio de Janeiro: EDIPREL, 1967.

LINHARES, Marcelo. *Virgílio Távora: sua época*. Fortaleza: Casa José de Alencar/Programa Editorial, 1996. Coleção Alagadiço Novo, 94.

MARINHO, Cristiane Maria, NOBRE, Maria Cristina de Queiroz. As bases tradicionais da experiência neoliberal no Ceará: a força eleitoral dos clãs políticos familiares. *In: PAIVA, Maria Jeanne Gonzaga de [et al.]. Capitalismo, trabalho e política social*. Série CEURCA: volume 2. São Paulo: Blucher, 2017.

MONTEIRO, Tóbis de Melo. *Camocim Centenário. 1879-1979*. Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1984, p. 26.

MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará (1950-1951)*. Fortaleza: ABC, 1997.

NASCIMENTO, Carlos Manuel. *A cidade nas ondas do rádio - Memórias e Histórias dos Serviços de Alto-Falantes de Camocim*. Capítulo III. Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, 2009.

NOBRE, Geraldo da Silva. *Democracia à prova: legislativo estadual do Ceará. 1947-1997*. Fortaleza: INESP, 1998, p. 102.

NOCA, Francisco Wilson. *Sermões, Matracas e Alcatrão*. Religiosos e comunistas na luta pelo poder. 1946-1950. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora/Fundação Cultural de Fortaleza, 1996, p. 153.

NUNES, L. F. C. V.; MEDEIROS, P. H. A. *Análise histórica da severidade de secas no Ceará*: efeitos da aquisição de capital hidráulico sobre a sociedade. *Revista de Gestão de Água da América Latina*, 17, e 18, 2020, p. 10. Disponível em: <https://doi.org/10.21168/reg.v17e18>. Acesso em: 18 jan. 2022.

PARENTE, Francisco Josênio C. O Ceará dos “coronéis” (1945 a 1986). In: SOUZA, Simone (org.). *Uma Nova História do Ceará*. 3ª ed. rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

RIBEIRO, Francisco Moreira. *A reação política conservadora: o caso da União Pelo Ceará*. Rio de Janeiro, UFRJ/IFCS. Dissertação de Mestrado em História Social. 2000.

RODEGHERO, Carla Simone. A anistia de 1979 e as heranças da ditadura. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano*. O tempo do regime autoritário. Ditadura Militar e Redemocratização. Quarta República (1964-1985).

SANTOS, Carlos Augusto P. dos. *Cidade Vermelha*. Os comunistas nos espaços do trabalho. Camocim-CE. Fortaleza: UFC, 2007.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos Santos. *A Casa do Povo*. História do Legislativo Camocinense. Sobral: Sobral Gráfica e Editora Ltda., 2008.

SANTOS, Carlos Augusto P. dos; NASCIMENTO, Carlos Manuel do; ROCHA, Francisco Pereira. *Sobre Camocim*. Política, Trabalho e Cotidiano. Sobral: UVA, 2013.

SANTOS, Carlos Augusto P. dos. *Entre o Porto e a Estação*: cotidiano e culturas dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE. 1920-1970. Fortaleza: INESP, 2014.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *O Parlamento Camocinense: fatos históricos. 1879-2019*. Sobral-CE: Sertão Cult, 2020.

SILVA, Francisco Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano. O tempo do regime autoritário. Ditadura Militar e Redemocratização. Quarta República (1964-1985)*.

TRÉVIA, José Maria Sousa. *Memórias de um saudosista*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

### **Sites consultados**

<https://camocimpotedehistorias.blogspot.com/search?q=Luz+elétrica>

<http://www.camocimonline.com/2016/08/ex-prefeito-de-camocim-drjose-maria.html>

<https://www2.senado.leg.br>

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniaooold/camocim-de-meu-tempo-1.721113>

<http://www.politicaemevidencia.com.br/2014/11/familia-aguiar-prepara-homenagens-pelo.html>

<http://www.antonioviana.com.br/2009/site/coluna.php?id=6687>

<https://oestadoce.com.br/coluna/homenagem-a-murilo-aguiar-agora-em-camocim>

<https://blogdoedisonsilva.com.br>

<https://www.al.ce.gov.br/index.php/ultimas-noticias/item/35577-2511wr-solene-murilo-aguiar>

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/barreira-gentil>

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/virgilio-de-morais-fernandes-tavora>

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/placido-aderaldo-castelo>

<https://portaldoservidor.al.ce.gov.br/index.php/todas-as-noticias>



# Capítulo III







## Genealogia da família Aguiar (Murilo Rocha Aguiar)



**Imagem 1** - Brasão da família Aguiar.

**A**guiar é um nome de família onomástico da língua portuguesa. Sua origem é toponímica, que por sua vez deriva do nome de uma ave, a Águia, descendendo da ilustre e antiga família de Guedeãos (Guedes), e tomou apelido do Senhorio d'Aguiar (Aguiar de Sousa), na província de Trás os Montes.

O primeiro a usar o nome Aguiar foi D. Mem Pires de Aguiar (ou Mendes Peres d'Aguiar), senhor da Torre do Castelo de Aguiar de Sousa. Ele casou com D. Maior Garcia de Portocarreiro e viveram no tempo de D. Afonso Henriques, I Rei de Portugal, e deles descendem os que assim se chamaram.

D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca, cantou os Aguiarres na seguinte trova:

'd'Aguiar foram senhores,  
Verdadeiros e leais,  
De antigos antecessores,  
Mas não tiveram mais,  
Por pertencer a Aguiarres'

Manuel de Sousa da Silva, insigne linhagista, a seu respeito escreveu esta quintilha:

'desse Don Guedes antigo,  
Tem os de nome honrado,  
de Aguiar sublimado,  
Por terem o seu abrigo,  
nesta terra assim chamada'.

A família "Aguilares", muito qualificada na Espanha, onde a origem deu-se por um bisneto de Dom Pedro Mendes de Aguiar, de nome D. Gonçalo Anes de Aguiar, que morreu valorosamente combatendo os Mouros na Veiga de Granada e salvando o infante D. Sancho.

Dos de Cordova é braço  
Tão ditoso em gerar  
Apelido de Aguilar  
Dos Godos é geração  
Em Castela não tem par.  
(D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca).



**De Luzia de Aguiar e Oliveira a Madalena de Sá  
(Aguiar e Oliveira)**

**LUZIA DE AGUIAR E OLIVEIRA e SIMÃO GONÇALVES DE TEIVE** (Ilha São Miguel – Açores) **São decavós** de **Murilo Rocha Aguiar** – A MATRIARCA DESTE RAMO DA FAMÍLIA. Luzia teve conhecidos dois filhos, **Domingos de Aguiar e Oliveira** e **Luzia de Aguiar e Oliveira**.

1. **DOMINGOS DE AGUIAR E OLIVEIRA** – Casou com **Inês Lopes Madeira**, sua sobrinha, filha do segundo casamento de Luzia, sua irmã, com o Capitão Amaro Lopes Madeira (português).

2. **LUZIA DE AGUIAR E OLIVEIRA** – conjugou duas vezes:

I. O primeiro casamento ocorreu em meados de 1635, com o **Capitão Domingos de Santhiago Montenegro (eneavós de Murilo Rocha Aguiar)**, espanhol que veio a Pernambuco com a Tropa do Conde Bonholo, na Guerra Holandesa. Tiveram um único filho:

**F1. Felipe de Santiago Oliveira**, que casou com **Luourença Maciel de Andrade, (octavós de Murilo)**, filha de Baltazar Maciel de Andrade e Jerônima Mesquita de Azevedo, com sucessão de cinco filhos:

**F1.N1. Domingos Santiago Montenegro** – Capitão irmão da Misericórdia de Olinda, casou com **Brites de Albuquerque**, filha do Capitão Francisco Dias Leite e D. Luzia de Albuquerque (irmã do Capitão-Mor Thomé Teixeira Ribeiro e sobrinha do Capitão-Mor do Ceará, Diogo Coelho de Albuquerque), com sucessão:

**F1.N1.B1. Francisco Dias Albuquerque Montenegro** – casado com **Maria Madalena Souto Maior**, filha de Luís Correa e Isabel Madeira, esta, filha de Domingos de Aguiar e Oliveira e Inês Lopes Madeira (esposa e sobrinha de Domingos);

**F1.N1.B2. Domingos de Melo Montenegro** – casado com **Joana Câmara Albuquerque**;

**F1.N1.B3. Felipe Dias de Melo Montenegro** – Clérigo;  
**F1.N2. Felipe Bezerra de Melo Montenegro** – casou com **Maria** e tiveram quatro filhos:

**F1.N2.B1. Maria Bezerra Montenegro** – casou com Manoel Vaz da Silva, filho de Manuel Vaz Carrasco e sua primeira esposa, Luisa de Sousa Bezerra;

**F1.N2.B2. Felipe Bezerra (ou Santiago) Montenegro** – casou duas vezes: a primeira com uma filha do Gonçalo Alves Calheiros, e a segunda com Luzia, filha de Manoel Costa Calheiros e sua esposa;

**F1.N2.B3. Antônio Bezerra Montenegro** – casou com a prima **Antônia**, filha de Manoel de Andrade;

**F1.N2.B4. Manuel Bezerra Montenegro** – casou com uma filha do capitão Manoel Alves do Vale (Trucunharém-PE);

**F1.N3. Manuel de Andrade** – Capitão em Tejuçupapo, onde casou e teve:

**F1.N3.B1. Antônia**, que casou com seu primo, Antônio Bezerra Montenegro, filho de seu tio Felipe Bezerra Montenegro;

**F1.N4. Brites Bezerra** – casou com José de Souza e tiveram:

**F1.N4.B1. Antônio Bezerra de Menezes** – casou com Joana Barbosa;

**F1.N4.B2. Rosaura Bezerra;**

**F1.N5. Inês Montenegro** – casou com o meio tio, **Domingos de Aguiar e Oliveira**, filho do Capitão português Amaro Lopes Madeira, cuja sucessão será tratada adiante.

II. O segundo enlace matrimonial de Luzia de Aguiar e Oliveira (filha) foi com o Capitão português **Amaro Lopes Madeira (octavós de Murilo Rocha Aguiar)**. Desse enlace são conhecidos dois filhos: **Domingos de Aguiar e Oliveira** e **Inês Lopes Madeira** (casou com seu tio, irmão de sua mãe, já citada anteriormente).

**F1. Domingos de Aguiar e Oliveira** – casou com sua meio sobrinha, **Ignêz Montenegro**, filha de seu meio irmão, Felipe Santiago Oliveira, e de Lourença Maciel de Andrade. Domingos e Ignez são **heptavós de Murilo Rocha Aguiar**. Tiveram:

**N1.** Gonçalo Lopes Madeira;

**N2.** Domingos de Santhiago (Aguiar) Montenegro;

**N3.** Nicácio de Aguiar e Oliveria;

**F1.N1. Gonçalo Lopes Madeira** – que foi casado com **D. Jerônima**. Tiverem:

**F1.N1.B1. Gonçalo Lopes Madeira** – Igarassu-PE.

**F1.N2. Domingos de Santhiago (Aguiar) Montenegro** - casou com **Lourença Aguiar Dias Ximenes**, filha de Duarte Ximenes de Aragão e Felippa de Abreu Soares Ximenes de Aragão (**hexavós de Murilo Rocha Aguiar**), com sucessão (2 filhos):

Lourença é origem dos Ximenes Aragão (cristãos novos), de Pernambuco e de todos os do Ceará (segundo Cândido Pinheiro Koren de Lima - Coleção Borges da Fonseca – Branca Dias).

**F1.N2.B1. João Dias Ximenes Galegos** ou **João da Soledade** – ex-frade, casou com **Sebastiana Vaz Carrasco (pentavós de Murilo Rocha Aguiar)**, filha do primeiro casamento de Manoel Vaz Carrasco e tiveram:

**F1.N2.B1.Tr1. Tomé Ximenes Madeira de Vasconcelos** – com descendência no Ceará (adiante).

**F1.N2.B1.Tr2. Joana Maria de Jesus**, casou em (PE) com José Marques;

**F1.N2.B1.Tr3. Manuel Ximenes de Aragão** – descendência no Ceará;

**F1.N2.B1.Tr4. Joaquim Ximenes de Vasconcelos;**

**F1.N2.B1.Tr5. Rita Maria Mantelasa**, da Ordem 3<sup>a</sup> de N.S.Carmo;

**F1.N2.B2. José Ximenes de Aragão** – Alferes de Infantaria em Recife;

**F1.N3. Nicácio de Aguiar e Oliveira** – casou com **Madalena de Sá**, filha de Manoel Ribeiro Azevedo e Madalena Sá, sendo esta irmã do Capitão-Mor do Ceará, Sebastião de Sá, e de Leonardo de Sá, ambos filhos de Diogo de Barros e Bárbara de Barros, **hexavós de Murilo Rocha Aguiar** (Nobiliarquia Pernambucana). Tiveram a seguinte sucessão:

**F1.N3.B1. Domingos de Aguiar e Oliveira** – casado com **Francisca Couto Almeida**, viúva de Antônio Álvares de Sá, em 18 nov. 1736, conf. Liv. Missão Velha de Almofala e teve:

**F1.N3.B1.Tr1. Maria Patrícia** – casou com **Francisco Xavier Caminha**, filho do Sargento-Mor de Olin-da, Caetano Pereira, e de Teresa de Jesus Caminha;

**F1.N3.B2. Nicácio de Aguiar e Oliveira** – casou com **Maria de Góes**, filha do Capitão Manoel Vaz Carrasco e D. Luiza de Sousa, sua primeira esposa. Segundo Sadoc (2015), geraram 2 filhos:

**F1.N3.B2.Tr2. Francisco de Sousa Oliveira** – casou com **Tecla Pinheiro Rodrigues**, no Rio Grande do Norte, e teriam sido os avós de Gonçalo Inácio de Loiola Albuquerque, nome de batismo do Padre Mororó, mártir da “Confederação do Equador”;

**F1.N3.B2.Tr1. Vicente Ferreira de Aguiar** – casado com **Maria da Conceição**, do Rio Grande do Norte – avós dos padres Jorge de Sousa e Vicente Jorge de Sousa, vigários de Sobral;

**F1.N3.B3. Sebastião de Sá e Oliveira** – casou com **Maria Tereza**, filha de Manoel Gomes do Couto e Agostinha de Souza. Tiveram 13 filhos, porém conhecida apenas Inês (Goiana – PE);

**F1.N3.B4. Maria Madalena de Sá e Oliveira** – nasceu por volta de 1694. Casou duas vezes. A primeira, com **Francisco Bezerra de Menezes**, filho de Bento Rodrigues Bezerra e Petronília de Menezes. Tiveram:

**F1.N3.B4.Tr1. Amaro Lopes de Menezes** – capitão de cavalos, casou com **Francisca Bezerra de Menezes**;

**F1.N3.B4.Tr2. Gonçalo João Coimbra**, casou com sua prima, **Cosma de Melo Moura**, filha de Jerônimo Bezerra de Menezes e Maria de Melo e Moura;

**O segundo matrimônio de Maria Madalena de Sá e Oliveira** foi com o viúvo Manoel Vaz Carrasco, filho do casal Francisco Vaz Carrasco e Inês de Vasconcelos. Emigrou com o seu marido para o vale do Acaraú, fixando-se na fazenda Lagoa Seca, próxima da hoje cidade de Bela Cruz. **Maria Madalena de Sá e Oliveira e Manoel Vaz Carrasco são pentavós de Murilo Rocha Aguiar.**

Ainda do segundo enlace de **Luzia de Aguiar e Oliveira com o Capitão Amaro Lopes Madeira**, foi gerada: **Inês Lopes Madeira**, que casou com o tio, irmão de sua mãe, **Domingos de Aguiar e Oliveira**, “Irmão da Misericórdia de Olinda”. Domingos era filho de Simão Gonçalves de Teive e Luzia de Aguiar e Oliveira, a mãe. Foram pais de:

**F2.N1. Isabel de Madeira** – casou com o **Capitão Luís Correia**, que foi o Senhor do Engenho de Tapipité e tiveram:

**F2.N1.B1. Maria Madalena de Souto Maior** – casou com seu parente **Francisco Dias Albuquerque**, filho de Domingos Santiago Montenegro, neto de Felipe de Santiago Oliveira e bisneto de Luzia de Aguiar e Oliveira (filha).

De acordo com Antônio Victoriano Borges da Fonseca, de início vieram para o Ceará, dos descendentes de Luzia de Aguiar e Oliveira, apenas os filhos de Nicácio de Aguiar e Oliveira e Madalena de Sá, com exceção de Sebastião de Sá e Oliveira. E os irmãos Manuel Ximenes de Aragão e Tomé Ximenes Madeira de Vasconcelos, filhos de João Dias Ximenes de Aragão ou João Dias Ximenes Galegos ou (Soledade) e Sebastiana de Vasconcelos, netos de Manoel Vaz Carrasco (Nobiliarquia Pernambucana).

**Manoel Vaz Carrasco**  
**(pentavô de Murilo Rocha Aguiar)**

Filho de **Francisco Vaz Carrasco** e **Brites Vasconcelos**, trineta de Arnaut de Holanda, sobrinho do papa Adriano VI, segundo Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca (Nobiliarquia Pernambucana). Nasceu em 1673 em Ipojuca-PE. Emigrou para o Ceará. Fixou-se na fazenda Lagoa Seca, perto da atual cidade de Bela Cruz. Faleceu em 23 nov. 1753. **Pai das célebres 7 irmãs.**

Manoel Vaz Carrasco conjugou união duas vezes. A primeira, com **Luiza de Sousa**, filha de Sebastião de Vasconcelos e Inês de Sousa, e a segunda com **Maria Madalena de Sá e Oliveira**, filha de Nicácio de Aguiar e Oliveira e Madalena de Sá.

► Filhos do primeiro Matrimônio de Manoel Vaz Carrasco:

**1. Manoel Vaz da Silva (1713)** – casou com **Maria Bezerra Montenegro**, filha de Filipe Bezerra Montenegro e de Maria Montenegro. Maria Bezerra Montenegro era bisneta de Luzia de Aguiar e Oliveira, e seu primeiro marido, o espanhol Domingos de São Thiago Montenegro;

**2. Maria de Góes Vasconcelos** – (primeira das sete irmãs). Casou com **Nicácio de Aguiar e Oliveira**, filho de Nicácio de Aguiar e Oliveira e Madalena de Sá (morreu mendigo). Nicácio de Aguiar e Oliveira (II) era bisneto de Luzia de Aguiar e Oliveira por parte do avô, Domingos de Aguiar e Oliveira, e trineto por parte da avó, Ignês Montenegro;

**3. Sebastiana de Vasconcelos** - (segunda das sete irmãs). Casou com **João da Soledade ou João Dias Ximenes de Galegos**, filho de Domingos de Santiago Montenegro e Lourença Aguiar Dias Ximenes (bisneto de Luzia de Aguiar e Oliveira II).

► Filhos do segundo enlace de Manoel Vaz Carrasco (1694–1758):

**1. Nicácio de Aguiar e Silva Oliveira (1718–1798)** – casou-se com **Micaela da Silva Medeiros**, filha de Tomaz da Silva Porto e Nicácia Alves Pereira, em 02 mar. 1767 na Matriz da Caiçara, e faleceu em 11 jan. 1798, alguns

dias após sua mulher. (Nicácio e Micaela são **tetravós de Murilo Rocha Aguiar**);

**2. Maria Madalena de Sá (terceira das sete irmãs)** – casou-se com **Francisco Ferreira da Ponte**, filho de Gonçalo Ferreira da Ponte e Maria de Barros Coutinho, em 20 set. 1738. Maria Madalena de Sá faleceu devido complicações pós-parto em 16 mar. 1743, a primeira das setes irmãs a falecer, já seu marido faleceu aos 61 anos de idade em 01 nov. 1758. O casal residia na Fazenda Curral Grande;

**3. Inês Madeira de Vasconcelos (quarta das sete irmãs)** – casou duas vezes: seu primeiro enlace, com **Luiz Gonçalves de Matos**, filho de Luiz Gonçalves e Ana Peralta, em 14 set. 1739 (segunda-feira), e o segundo com **Antônio Alves Linhares**, filho de Dionísio Alves Linhares e Rufina Gomes de Sá, em 31 jul. 1758. D. Inês faleceu em 13 ago. 1802;

**4. Rosa de Sá e Oliveira (quinta das sete irmãs)** – casou-se com o **Capitão José de Xerez Furna Uchôa**, filho de Francisco de Xerez Furna e Inês de Vasconcelos Uchôa, em 21 out. 1747 na Matriz de Caiçara. Faleceu com 96 anos de idade em 1812. José de Xerez faleceu em 01 abr. 1797, aos 75 anos;

**5. Brites de Vasconcelos (sexta das sete irmãs)** – casou-se com **José de Araújo Costa**, filho de Pedro de Araújo Costa e Maria de Sá, em 31 jul. 1747. Brites faleceu em 10 fev. 1814, com 90 anos de idade. José de Araújo Costa faleceu em 04 ago. 1791, com 74 anos. Moravam na Fazenda Alagoa Grande;

**6. Ana Maria de Vasconcelos (sétima das sete irmãs)** – casou-se com **Miguel do Prado Leão**, filho de Cosme do Prado Leão e Luzia de Assunção de Oliveira, em 01 nov. 1753 na Capela de Santa Cruz (hoje Bela Cruz). Ana Maria faleceu em julho de 1770 e Miguel do Prado em 11 jul. 1794, com 83 anos de idade, e foi sepultado na Capela de Santa Cruz;

**7. Sebastiana de Sá e Oliveira** – a filha caçula, foi batizada em 06 jul. 1731 e faleceu solteira, aos 60 anos, em 1791;

Obs. **Madalena de Sá e Oliveira**, sogra de Manoel Vaz Carrasco e Silva, era sobrinha de Sebastião de Sá, Capitão-Mor do Ceará. Nomeado por carta patente em 07 mar. 1678, exerceu até 11 set. 1682 (pela 1ª vez). O Capitão-Mor Sebastião de Sá era tio bisavô materno das sete irmãs. (Segundo Antônio Vitoriano Borges da Fonseca – Nobiliarquía Pernambucana).

**Nicácio de Aguiar e Silva e Filhos**  
**(tetravô de Murilo Rocha Aguiar)**

**Nascido em 02 fev. 1718** – 1º filho do casal Manoel Vaz Carrasco e Madalena de Sá e Oliveira, irmão das célebres 7 irmãs. **Nicácio de Aguiar e Silva** casou-se em 20 fev. 1767 (segunda-feira) com **Micaela da Silva Medeiros**, filha de Tomás da Silva Porto e Nicácia Alves Pereira.

Nicácio e Micaela foram morar na Fazenda Remédios (atualmente conhecida como Tuínas), onde fundaram a povoação. Ele foi sepultado na Matriz de Sobral em 21 jun. 1798, aos 80 anos de idade, dez dias após sua esposa (Cronologia Sobralense – vol. I).

### FILHOS

- 1. Narciso Lopes de Aguiar** (nasceu em 1765) – casado com **Maria Quitéria de Araújo** (em 25 jan. 1796), filha de José de Araújo Costa e Brites de Vasconcelos. Narciso faleceu em 18 fev. 1840, aos 75 anos de idade;
- 2. Gabriel Arcanjo de Aguiar** – casou-se com **Domiciana Teresa da Conceição** (1791), filha de João de Sousa Uchôa e Ana Maria de Jesus. Faleceu em 12 de maio de 1846;
- 3. Ana Joaquina de Menezes** – casou-se com **Joaquim Bezerra de Araújo** (Matriz 03 de maio de 1801), filho de Inácio Bezerra e Maria Madalena. Faleceu em 15 dez. 1819 (quarta-feira);
- 4. Antônio Vaz de Aguiar** (nasceu em 1774) – casou-se com sua prima, **Joana da Costa Medeiros** (em 27 de maio de 1800 na Matriz em Sobral), filha de Antônio Alvares Pereira e Francisca de Sousa Medeiros, **Trisavós de Murilo Rocha Aguiar** (Registro de casamento em anexo);
- 5. Tomásia da Silva Aguiar** – casou-se com **Antônio Domingos da Silva**;
- 6. Maria Madalena de Aguiar** – casou-se com **Francisco Rodrigues de Sousa**.



## Observações

♦ **Tomás da Silva Porto** – pai de Micaela da Silva Medeiros, era filho de Marta da Silva e Francisco da Silva (natural da cidade do Porto, em Portugal). **Pentavô de Murilo Rocha Aguiar.**

♦ **Nicácia Alves Pereira** – mãe de Micaela, era filha do Capitão Mathias Pereira de Carvalho (ex-ouvidor geral do Ceará) e Michaela da Silva Medeiros, pernambucana de Igarassu (**pentavô de Murilo Rocha Aguiar**).

♦ **Michaela da Silva Medeiros** – avó de Micaela, era filha de Tomás Pereira Veras e Joana da Costa Medeiros (**heptavós de Murilo**), ambos do Porto, Portugal. Micaela e Matias Pereira de Carvalho eram **hexavós de Murilo Rocha Aguiar.**

♦ **Antônio Vaz de Aguiar** – casou-se com a prima, filha do irmão de sua mãe. Joana da Costa Medeiros era trineta da Joana casada com Tomás Pereira Veras (Cronologia Sobralense Vol. 1).

Conforme pesquisa realizada e dados fornecidos pela prima Maria Rosália Albuquerque Aguiar, neta de Antônio Alves Aguiar (Totonho Aguiar), primo em primeiro grau de Murilo Rocha Aguiar, Antônio Vaz de Aguiar casou-se, em segundas núpcias, com Sabina Maria de Jesus, com sucessões.

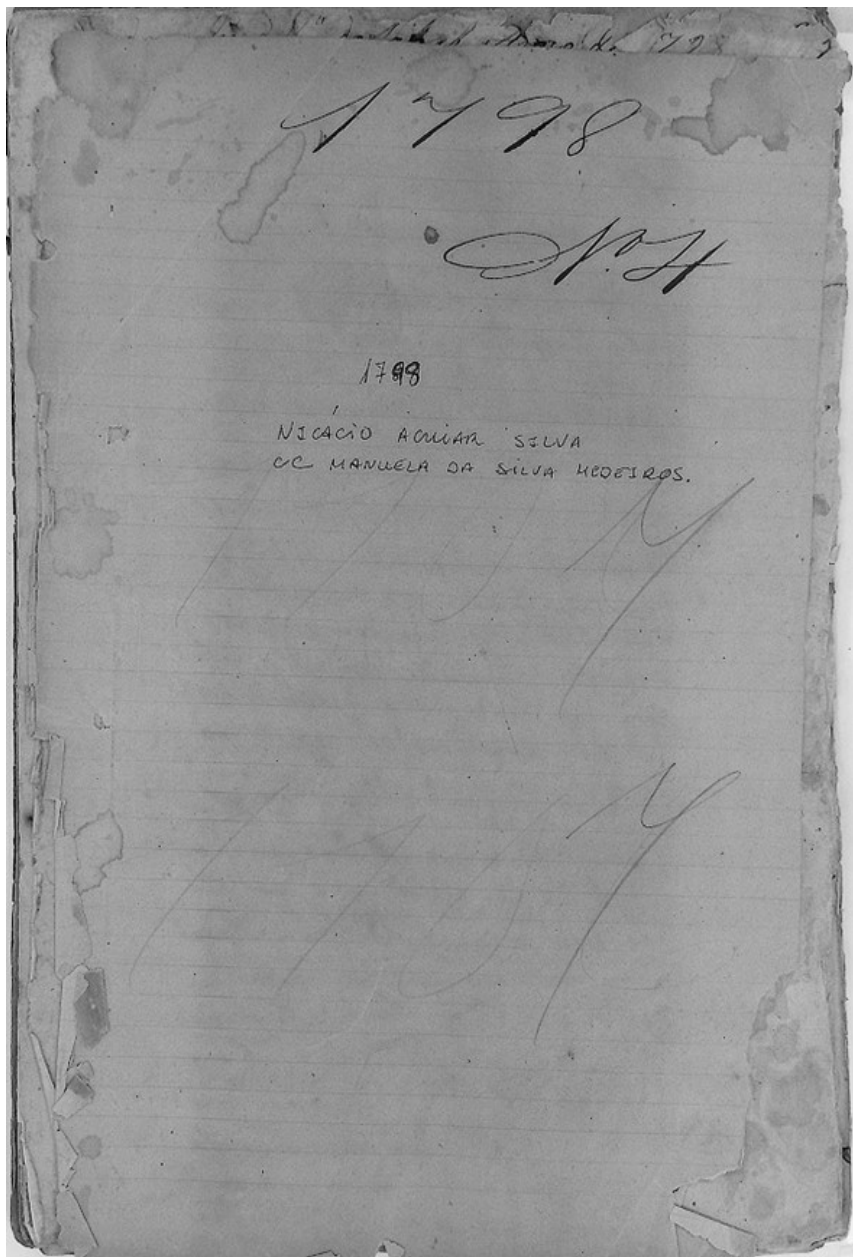
➤ **Nota:** esta pesquisa foi comprovada através do inventário de Antônio Vaz de Aguiar, encontrado no fórum de Coreau.

## **Transcrição do Registro de Casamento de Nicácio de Aguiar e Silva e Micaela da Silva Medeiros**

Aos dois dias do mes de marso de mil e setecentos e sessenta, e sete, de manhã nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Caiçara, feitas as denunciaçoens na forma do Sagrado Concilio. Tridentino, na dita igreja donde o nubente é natural e morador, e dando fiança os banhos da freguesia de Iguarasú onde morou mais de seis meses, e donde a nubente fiança nos banhos de Coreaiú, seu natural, sem se descobrir empedimento, como consta dos banhos, e mandados de casamentos, que ficam em meo poder, em prezença de mim João Ribeiro Pessoa Cura desta freguesia, e das testemunhas o tenente coronel Félix Ribeiro da Silva, e Vicente Ferreira da Ponte e Silva e José da Pascoa Loreto, casados, moradores nesta freguesia, se cazaram em face da igreja solenemente por palavra Nicácio de Aguiar Silva, filho legitimo do capitão Manuel Vaz de Carrasco natural de Ipojuca, e de sua mulher Dona Maria Magdalena de Sá e Oliveira, natural de Iguarasú, já defuntos, com Micaela da Silva de Medeiros filha legitima Francisco da Silva Porto natural da cidade do Porto, e de sua mulher Nicácia Alvares Pereira natural da Caiçara, logo lhe dei as bênçãos na forma do ritos cerimoniais da santa madre igreja, do que fis este termo no mesmo dia para constar, e assinei.

João Ribeiro Pesoa  
Cura e Vigário da Vara da Caiçara  
José da Pascoa Loreto  
Felix Ribeiro da Silva  
Vicente Ferreira da Ponte e Silva.





**Imagem 3** - Capa do Inventário de Nicácio Aguiar e Silva.

**Antônio Vaz de Aguiar**  
**(trisavô de Murilo Rocha Aguiar)**

**Antônio Vaz de Aguiar** casou-se a primeira vez com sua prima, **Joana da Costa Medeiros**. Seu segundo matrimônio foi com **Sabina Maria de Jesus**. Antônio teve 19 filhos, onze do primeiro casamento e oito provenientes do segundo.

**I. FILHOS DO PRIMEIRO CASAMENTO DE ANTÔNIO VAZ DE AGUIAR:**

- 1. Matilde Aguiar Machado**, casou-se com **Domingos Machado Portela**; (filho de Manoel Fernandes de Sousa e Maria Rodrigues Machado Portela;)
- 2. Micaela Vaz de Aguiar**, casou-se com **Vicente Alves Pereira**;
- 3. Antônio Amâncio de Aguiar**, casou-se com **Caetana Maria Nascimento**;
- 4. Francisco Antônio de Aguiar (Bisavô de Murilo)**, casou-se com **Maria Silvéria Gomes do O Coutinho**, filha de Antônio do O' Coutinho e Ana Maria de Jesus;
- 5. Antônio Lopes de Aguiar**, casou-se com **Ana das Virgens Portela**, filha de Joaquim Machado Portela e Ana Maria Prado;
- 6. Alexandre Cipriano de Aguiar**, casou-se com **Catarina Constância de Moura**, filha de Manuel Francisco de Miranda e Francisca Romana da Conceição;
- 7. Luís Antônio de Aguiar (Trisavô de Murilo)**, casou-se com **Antônia Maria Joaquina**, filho de José Ferreira Lima e Maria Joaquina da Conceição;
- 8. Maria do Carmo Camila**, casou-se com **Diogo Rodrigues de Sousa**, filho de Francisco Rodrigues de Sousa e Maria Madalena de Aguiar;
- 9. Ana Florência Clarinha de Jesus**, casou-se com seu primo, **Inácio Bezerra de Araújo**, filho de Joaquim Bezerra de Araújo e Ana Joaquina de Medeiros Aguiar;
- 10. Joana da Costa de Medeiros**, casou-se com **Francisco Ferreira Lima**, filho de José Ferreira Lima e Maria Joaquina da Conceição;

**11. Ana Joaquina de Medeiros**, casou-se com seu primo, **Ignácio José Rodrigues**, filho de Francisco Rodrigues de Sousa e Maria Madalena de Aguiar;

## II. FILHOS DO SEGUNDO CASAMENTO DE ANTÔNIO VAZ DE AGUIAR:

**12. Joaquim Vaz de Aguiar**, casou-se com sua meio sobrinha **Inocência Francisca de Aguiar**, filha de Francisco Antônio de Aguiar e Maria Silvéria do O' Coutinho;

**13. Antonino Vaz de Aguiar**, casou-se com sua meio sobrinha, **Maria Benvinda do Espírito Santo**, filha de Domingos Machado Portela e Matilde Aguiar Machado;

**14. Raimundo Vaz de Aguiar**, casou-se com sua meio sobrinha, **Ana Maria de Jesus** (24 abr. 1857), filha de Domingos Machado Portela e Matilde Aguiar Machado;

**15. Domingos Vaz de Aguiar**, casou com sua meio sobrinha, **Ignês Francisca de Aguiar** (19 jun. 1852), filha de Francisco Antônio de Aguiar e Maria Silvéria Gomes do O' Coutinho;

**16. Catarina Constantina de Jesus Vaz de Aguiar**, casou-se com **Joaquim Alves Ferreira da Ponte** (07 de maio de 1845), filho de Antônio Alves Ferreira da Ponte e Tereza Maria de Jesus;

**17. Quitéria Vaz de Aguiar**, casou-se com **Vicente Ferreira Lima**, filho de José Ferreira Lima e Maria Joaquina da Conceição;

**18. Delfina Vaz de Aguiar**, casou-se com **Norberto Francisco Gomes** (25 de maio de 1852), filho de Manoel Francisco Azevedo e Francisca Romana da Conceição;

**19. Joana Ferreira de Aguiar**, casou-se com **Pedro Rodrigues Cajado**;

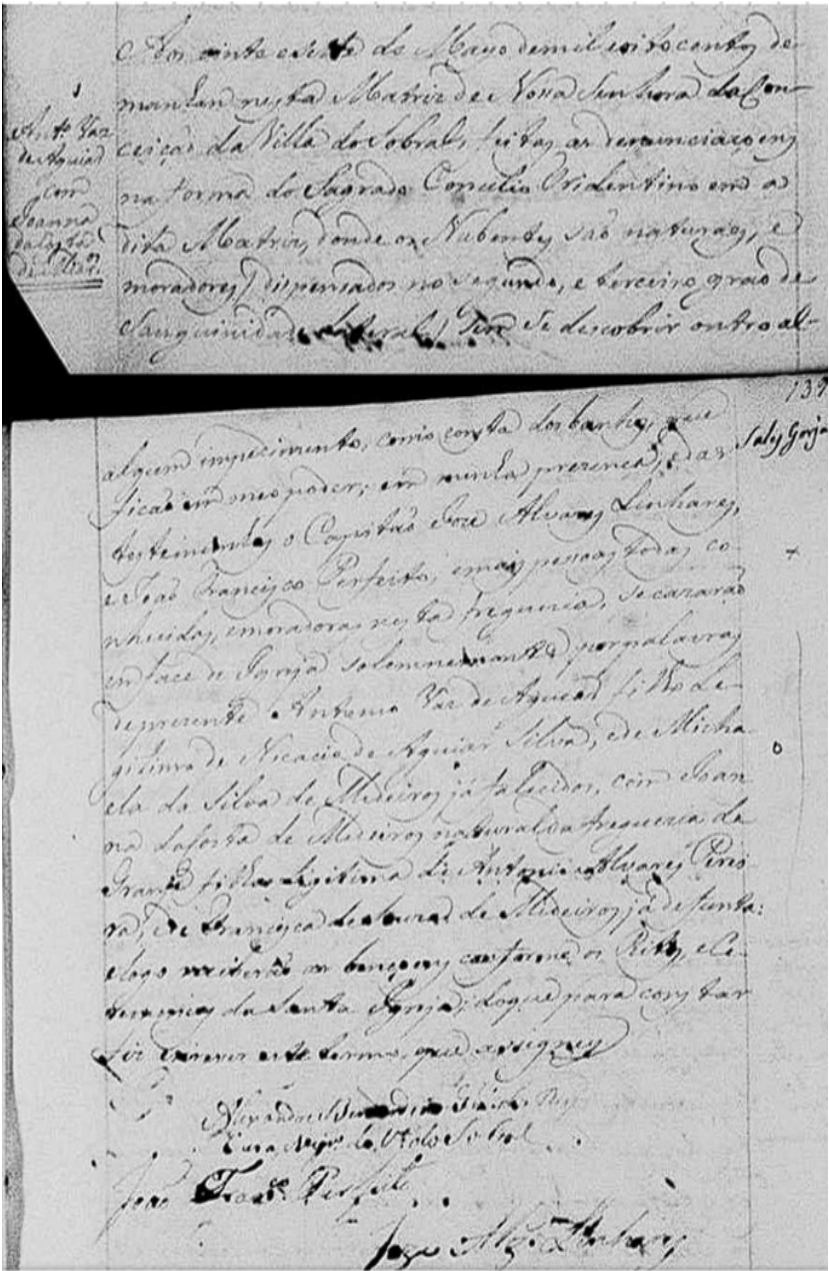


Imagem 4 - Registro de Casamento de Antônio Vaz de Aguiar e Joana da Costa Medeiros.

## **Transcrição do Registro de Casamento de Antônio Vaz de Aguiar e Joana da Costa Medeiros**

Aos vinte e sete de mayo de mil oito centos de manhã nesta Matriz de Nossa Senhora da conceição da vila de Sobral, feitas as denunciações na forma do Sagrado Concílio Tridentino em a dita Matriz, donde os nubentes são naturais e moradores dispensados no segundo e terceiro graus de sanguinidade sem se descobrir outro algum impedimento, como consta dos banhos que ficão em meu poder, em minha presença e das testemunhas o Capitão João Alves Linhares, e João Francisco Perfeito e mais pessoas todas cunhados, e moradores nesta freguesia, se casarão em face da igreja, solenemente, por palavra de presente Antonio Vaz de Aguiar filho legítimo de Nicácio de Aguiar Silva, e de Michaela da Silva de Medeiros já falecidos, com Joana da Costa de Medeiros Natural da freguesia de Granja, filha legítima de Antonio Alvares Pereira e de Francisca de Souza de Medeiros já defunta e logo receberam as bençãos, logo para constar fiz este termo que assigney.

Alexandre Bernardino Gonçalves Reis



**Francisco Antônio de Aguiar e Maria Silvéria Gomes do O' Coutinho de Aguiar (bisavós de Murilo Rocha Aguiar)**

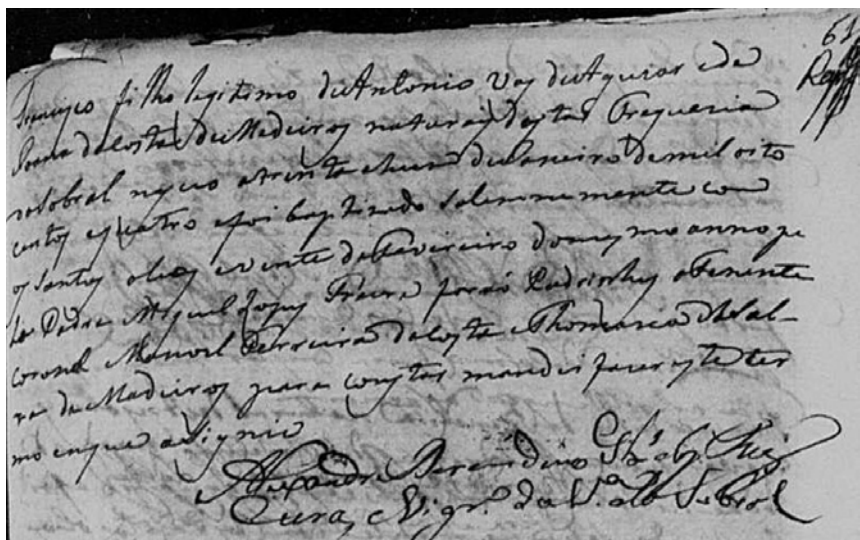
**Francisco Antônio de Aguiar** e sua mulher, **Maria Silvéria Gomes do O' Coutinho de Aguiar**, filha legítima de Antônio do O' e Ana Maria de Jesus, tiveram 12 filhos:

- 1. Manoel Florêncio de Aguiar**, casou-se com **Constância Ximenes Aragão de Aguiar**, filha de Adrião Ximenes de Aragão e Quitéria Joaquina de Carvalho (**Avós de Murilo Aguiar**);
- 2. Trajano Altino de Aguiar**, casou-se com **Anna Francelina de Jesus** (20 ago. 1862 – Sobral-CE), filha de Raimundo de Almeida Ramalho e Maria Alves Pereira;
- 3. Jerônimo Emiliano de Aguiar**, casou-se duas vezes. A primeira com sua prima, **Mariana Francisca de Aguiar** (17 fev. 1874), filha de Antonino Vaz de Aguiar e Maria Benvinda do Espírito Santo, e a segunda com sua cunhada, **Carolina Francisca de Aguiar** (08 de maio de 1880);
- 4. Antônio Gomes de Aguiar**, casou-se com **Antônia Gomes**;
- 5. Raymunda Clarinda de Jesus Aguiar Ramalho**; casou-se com **Raimundo de Almeida Ramalho**, filho de Raimundo de Almeida Ramalho e Maria Alves Pereira;
- 6. Inocência Francisca de Aguiar**, casou-se com seu meio tio, **Joaquim Vaz de Aguiar**, filho de Antônio Vaz de Aguiar e Sabina Maria de Jesus;
- 7. Constantina Maria de Jesus Aguiar Ramalho**, casou-se com **João de Almeida Ramalho**, filho de Raimundo de Almeida Ramalho e Maria Alves Pereira;
- 8. Ignês Francisca de Jesus Aguiar**, casou-se com seu meio tio, **Domingos Vaz de Aguiar** (27 jun. 1852), filho de Antônio Vaz de Aguiar e Sabina Maria de Jesus;
- 9. Ignácia Maria dos Anjos Aguiar**, casou-se com seu primo, **Justino Machado Portela** (29 jun. 1852) filho de Domingos Machado Portela e sua tia, Matilde Aguiar Machado;
- 10. Maria Zeferina Aguiar**, casou-se com **Domingos Rodrigues Lima**;

- 11. Maria da Glória Aguiar**, casada com seu primo, **Inocência Vaz de Aguiar** (20 de maio de 1874), filho de Ignácio José de Sousa (Aguiar) e Ana Joaquina de Medeiros;
- 12. Lourença Gomes de Aguiar** – tia avó de Murilo Rocha de Aguiar, casou-se com o primo de primeiro grau de seu pai, **Manoel Francisco de Aguiar (São Bisavós de Murilo)**.



**Imagem 5** - Capa do Inventário de Francisco Antônio Aguiar.

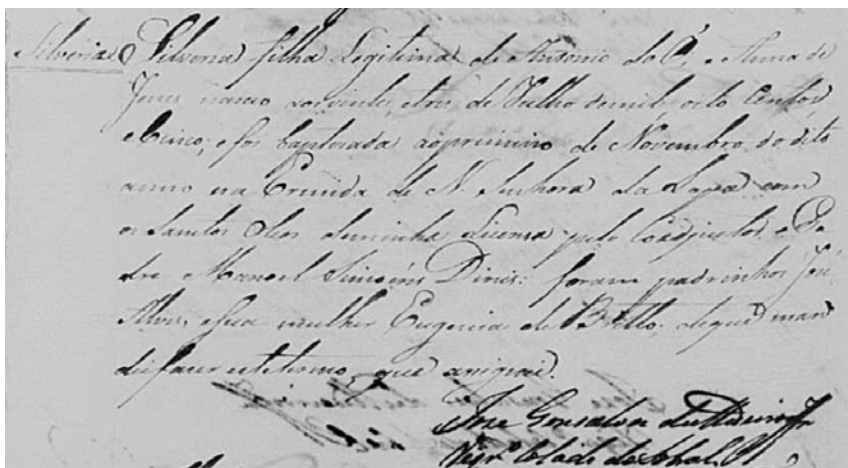


**Imagem 6** - Registro de Batismo de Francisco Antônio Aguiar.

### **Transcrição do Assento de Batismo de Francisco Antônio Aguiar**

“Francisco filho legitimo de Antônio Vaz de Aguiar e de Joana da Costa Medeiros naturais desta freguesia de Sobral, nasceu a trinta e um de janeiro de mil oito centos e quatro foi batizado solenemente com os Santos olhos aos vinte de fevereiro do mesmo anno pelo padre Miguel Lopes Freire, foram seus padrinhos Tenente Coronel Manoel Ferreira da Costa e Francisca da Costa Medeiros para constar mandei fazer esta termo com que assigno”.

“Alexandre Bernardino, Cura e Vigário de Sobral”.



**Imagem 7** - Registro de Batismo de Maria Silvéria Gomes do Ó Coutinho.

### **Transcrição do Assento de Batismo de Silvéria Gomes do Ó Coutinho de Aguiar**

Silveria filha legitima de Antonio do Ó, e Maria de Jesus, nasceo a vinte, e três de julho de mil oitocentos, e cinco, e foi baptizada ao primeiro de novembro do dito ano na Ermida de N. Senhora da Lapa com os santos óleos de minha licença pelo coadjuntor o padre Manoel Simões Diniz; foram padrinhos Jose Alvares e sua mulher Eugenia de Britto, de que mandei fazer este termo, que assignei.

José Gonsalves de Medeiros

Vigário colado do Sobral

## Os Ximenes Aragão / Aguiar



**Imagem 8** - Brasão da Família Ximenes.

O sobrenome Ximenes teve sua origem na região de Navarra, na Espanha, derivado do nome próprio Ximeno, muito frequente em meados do ano de 700 d.C. Ximeno possui variante do latim Simeonis, forma genitiva do prenome Simão ou Simeão, que significa “Aquele que sabe ouvir” (Livro de Ouro dos Ximenes de Aragão - Francisco Ximenes Ibiapina).

Garcia Ximenes de Bigorre foi primeiro usuário do sobrenome Ximenes, filho do Ximeno, príncipe Basco. Gar-

cia nasceu na Espanha e Faleceu no ano de 758 d.C. A Família Ximenes Aragão residiu na cidade de Covilhã, em Portugal. Já no Brasil, estabeleceram-se no estado de Pernambuco, indo depois para o Ceará.

O primeiro entrelaçamento Ximenes de Aragão / Aguiar ocorreu com o casamento de **Domingos de São Thiago Montenegro** com **Lourença de Aguiar Dias Ximenes (hexavós de Murilo Rocha Aguiar)**, filha de Duarte Ximenes Aragão e Felipa de Abreu. Porém, a ascendência de Duarte não é incontroversa entre os autores. No livro *“Família Aguiar – 7 séculos de História”*, João Batista Ximenes é citado como seu pai e avô de Lourença. O genealogista Vitoriano Borges da Fonseca, por sua vez, excluiu sua ascendência judaica.

O autor do *“Livro de Ouro dos Ximenes Aragão”*, Francisco Ximenes Ibiapina Filho, segue uma linha de raciocínio embasada em documentos históricos confiáveis. Ele alega que João Batista Ximenes não teve descendência, o que foi comprovado por seu primo carnal, o primeiro Coronel de Escle, Rodrigo Ximenes de Aragão. Este último solicitou a admissão como Cavaleiro, apresentando toda a documentação necessária ao Grão-Duque de Florença para provar que seu primo, João Batista Ximenes, não deixou nenhum herdeiro. Esses fatos foram cuidadosamente investigados pelo renomado escritor genealogista, seguindo rigorosos procedimentos de análise documental.

1. Duarte Ximenes, Posteriormente “de Aragão”, em homenagem à sua madrinha, Maria de Aragão (filha dos Reis católicos da Espanha e segunda esposa de Dom Emanuel I), era filho dos espanhóis Fernão Ximenes e Joana Nunes (**duodecavós de Murilo**). Médico e conselheiro da Infanta D. Beatriz, filha de D. Manuel, O Venturoso. **Duarte Ximenes Aragão** casou-se com **Isabel Rodrigues da Veiga (Undecavós de Murilo)**, filha de Rodrigo da Veiga e Juliana Meneses, sendo esta neta paterna de Tomás da Veiga e Constância Coronel “Abraham” e bisneta do Grão Rabino

Abraham Senior, que foi batizado em 1492, com o nome FERNÃO PERES CORONEL.

**F. Brites Nunes Ximenes**, filha desse primeiro Duarte Ximenes de Aragão, casou-se com **Manoel Fernandes de Caminha**, seu primo. Brites faleceu em 1618.

BRITES NUNES XIMENES E MANUEL FERNANDES DE CAMINHA - **decavós de Murilo**. Geraram:

**F.N.Duarte Ximenes Caminha II**, que se casou duas vezes. O primeiro enlace foi com **Isabel Peres**. E o segundo, com **Felippa Soares de Abreu**, em 1618 - **eneavós de Murilo**;

**F.N.B. Maria Ximenes de Abreu** nasceu do segundo casamento entre Duarte Ximenes Caminha e Felippa Soares de Abreu. Maria Ximenes de Abreu nasceu por volta de 1619. Casou-se com o primo **Antônio Fernandes Caminha de Medina (português)**, filho de Gaspar Fernandes Caminha Medina e Catarina Caldeira, naturais de Lisboa. Moravam no Engenho Araripe (PE) (**octavós de Murilo**). Geraram:

**F.N.B.Tr. Duarte Ximenes de Aragão** (III), nasceu por volta de 1645. Casou-se com **Felippa de Abreu**, sua prima, filha de Gonçalo Bezerra e Leonor Ximenes.

Duarte Ximenes de Aragão e Felippa de Abreu (**heptavós de Murilo**). E o casal Lourença de Aguiar Dias Ximenes e Domingos de São Thiago Montenegro (**hexavós de Murilo**).

“No dia 16 de outubro de 1777, na Capela de Nossa Senhora do Rosário, Riacho dos Guimarães, casaram-se **Manoel Ximenes de Aragão** (filho de João da Soledade, de Muribeca, e de sua mulher, D. Sebastiana de Vasconcelos, de Goiana) e **D. Antônia Maria de Páscoa** (filha de José Loreto de Jaboatão e de sua mulher, D. Maria Madeira do Amarante) – testemunhas: José de Oliveira e Tomé Ximenes de Aragão (irmão). Manoel Ximenes de Aragão faleceu em 30 out. 1797. Seu pai, João da Soledade, era monge e abandonou a vida religiosa. Seu nome civil era João Dias

Ximenes de Galegos. Sua mãe, Sebastiana de Vasconcelos (**pentavó de Murilo**), era uma das 7 irmãs, filha de Luiza de Sousa, primeira mulher de Manoel Vaz Carrasco. Os irmãos, Manoel Ximenes Aragão e Tomé Ximenes Madeira de Vasconcelos (**Tetravós de Murilo**), vieram para a Ribeira em 11 set. 1778 (Cronologia Sobralense, Vol. I).”

### Observações

- ♦ **João Dias Ximenes Galego ou João da Soledade** era filho de Domingos Bezerra (ou de Santiago) Montenegro e de Lourença de Aguiar Dias Ximenes.
- ♦ **Domingos Santiago Montenegro** era filho de Domingos de Aguiar e Oliveira, filho do segundo casamento de Luzia de Aguiar e Oliveira, com o Capitão português Amaro Lopes Madeira, e de sua esposa e meio sobrinha, Inês Montenegro.
- ♦ **Inês Montenegro** era neta de Luzia de Aguiar e Oliveira, filha de Felipe de São Thiago Oliveira (do casamento de Luzia com o espanhol Domingos San Thiago Montenegro) e de sua esposa, Lourença Maciel de Andrade. Inês era neta e nora de Luzia.



<b>Thomé Ximenes Madeira de Vasconcelos</b>
---

**Thomé Ximenes de Aragão / Margarida Nunes  
Barbosa (tetravós de Murilo Rocha Aguiar)**

**Thomé Ximenes de Aragão** nasceu em Goiana, Pernambuco, por volta do ano de 1731, e faleceu em Sobral, Ceará, a 3 fev. 1794. Casou-se com **Margarida Nunes Barbosa**, filha de Cipriano Barbosa de Pereira, do Cabo de Santo Agostinho, e de Beatriz Nunes Barbosa, de Igarassu-PE. O casal residiu alguns anos no povoado de Araripe – Igarassu, migrando com os filhos para Sobral-CE entre os anos de 1768 e 1771.

**FILHOS**

1. Sebastiana Inácia Ximenes de Aragão;
2. Manoel José Ximenes de Vasconcelos;
3. Maria José da Conceição;
4. João Ximenes de Aragão;
5. Josefa Ximenes de Aragão;
6. Antônia Ximenes de Aragão;
7. Anacleto Francisco Ximenes de Aragão (**trisavô de Murilo**);
8. Thomé Ximenes Madeira de Vasconcelos Filho;

**Anacleto Francisco Ximenes de Aragão /  
Maria Maximiana da Conceição de Aragão (trisavós  
de Murilo Rocha Aguiar)**

Nasceu na freguesia dos Santos Cosme e Damião, em Igarassu-PE. Faleceu em Sobral a 14 out. 1841. **Anacleto** casou-se três vezes.

O primeiro casamento de Anacleto Francisco Ximenes de Aragão foi em 03 fev. 1794, com sua prima de primeiro grau, **Maria Maximiana da Conceição de Aragão**, filha de Manoel Ximenes de Aragão e de Antônia Maria da Páscoa, na Matriz de Sobral. Maria Maximiana nasceu em 11 set. 1778 e faleceu em 27 out. 1816.

### **FILHOS**

1. Cipriano Ximenes de Aragão;
2. Úrsula Ximenes de Aragão;
3. Ana Ximenes de Aragão;
4. Raimunda Francisca de Loiola;
5. Inocência Bernardina da Conceição Ximenes de Aragão;
6. Tomé Ximenes de Aragão
7. Roberto Francisco Ximenes de Aragão
8. Adrião Ximenes de Aragão – casado com Joaquina Quitéria (ou Quintina) de Carvalho (**bisavós de Murilo**);
9. Antônio Francisco Ximenes de Aragão;
10. Francisco das Chagas Ximenes de Aragão.

O segundo Casamento de Anacleto Francisco Ximenes de Aragão foi com **Ana Maria de Anunciação** (filha de Inácio Furtado de Mendonça e de Marta Vicência), em 24 nov. 1818.

### **FILHOS**

1. Joaquim Ximenes de Aragão;
2. Maria Cornélia Ximenes de Aragão;
3. José Ciríaco Ximenes de Aragão;

#### 4. Inácio Ximenes de Aragão.

O terceiro Matrimônio de Anacleto Francisco Ximenes de Aragão foi com **Justa Maria Benvinda da Glória** (10 jul. 1834), filha de Francisco Ferreira da Ponte e Maria do Carmo Fonteles.

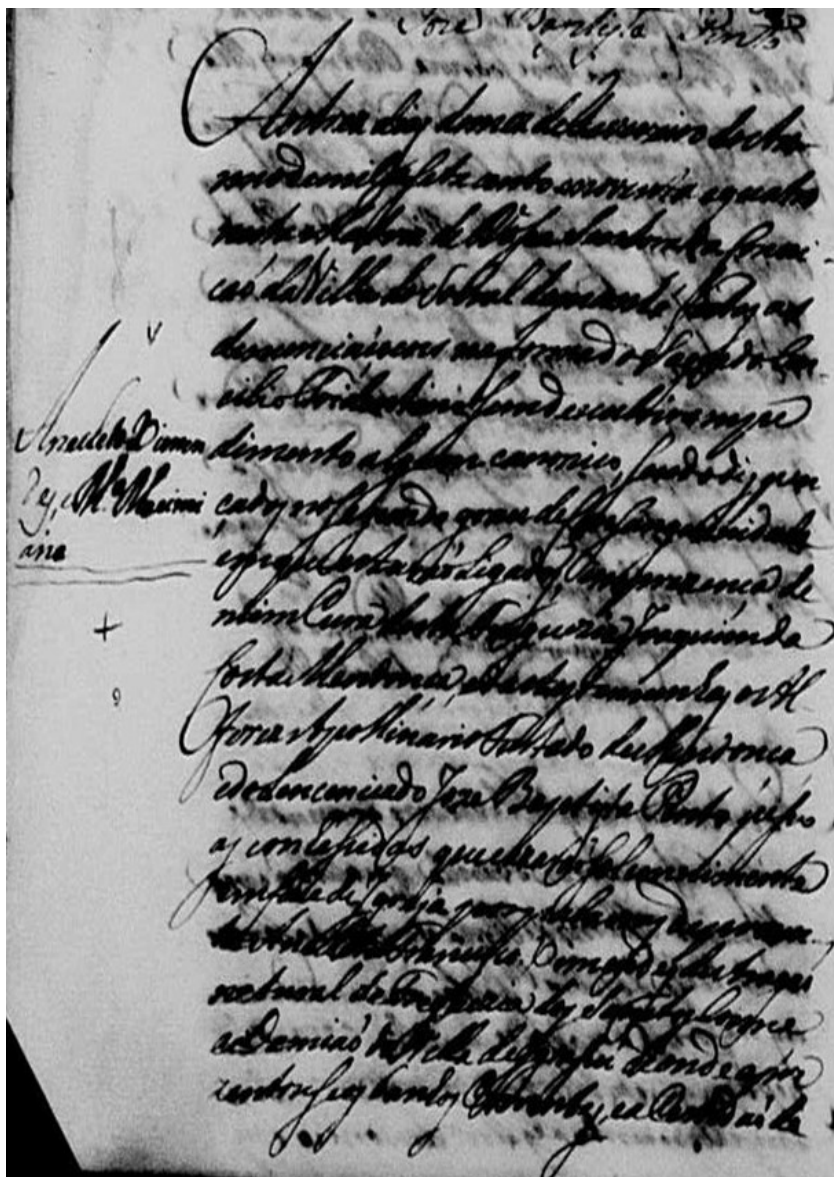
### FILHOS

1. Manoel Cornélio Ximenes de Aragão;
2. Raimundo Ximenes de Aragão;
3. Maria Madalena Ximenes de Aragão.

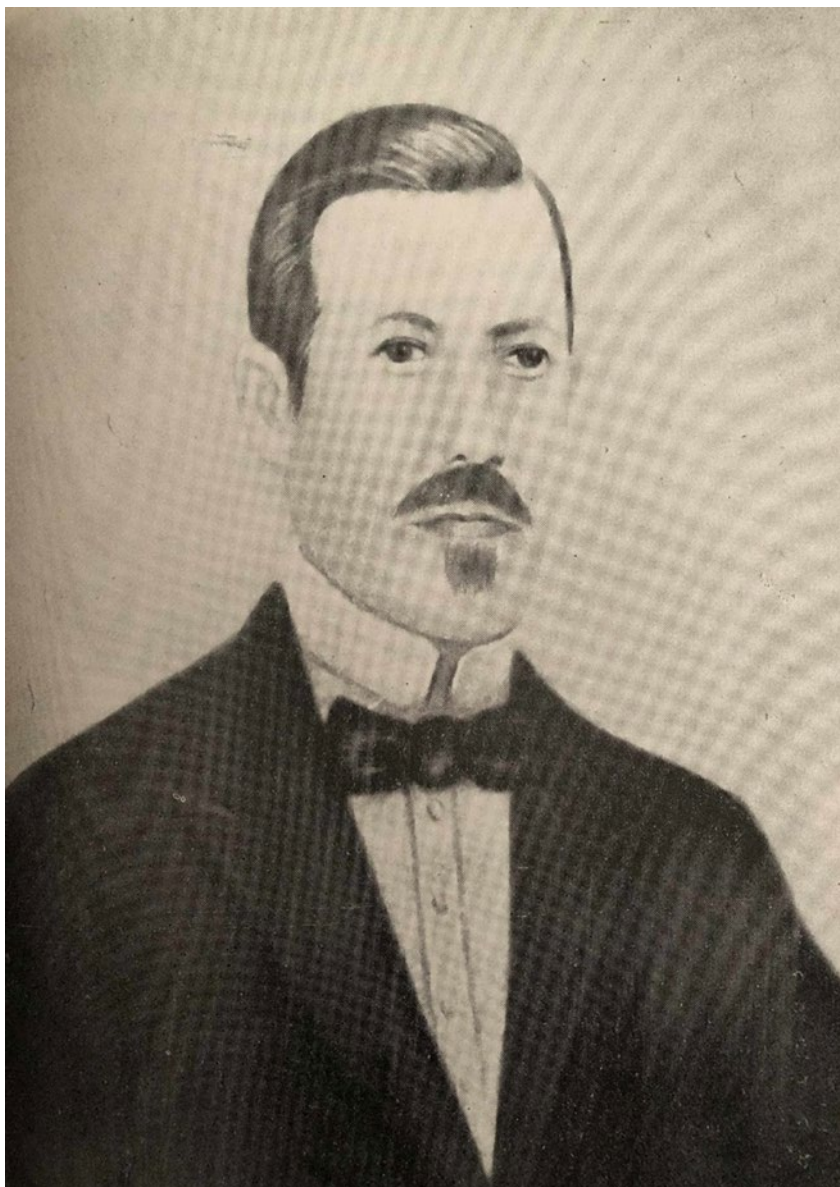
### **Transcrição do Registro de Casamento de Anacleto Francisco Ximenes de Aragão e Maria Maximiana Ximenes de Aragão**

“Aos três dias de fevereiro de mil setecentos e noventa e quatro, na Matriz de Sobral, em minha presença e das testemunhas Alferes Apolianário Furtado de Mendonça e José Batista Pinto, se casarem Anacleto Francisco Ximenes de Aragão, natural da freguesia de São Cosme e Damião da Vila de Igarassu (Pernambuco), donde apresentou os banhos correntes e certidão de batismo e morador nesta freguesia, filho legítimo de Thomé Ximenes Madeira de Vasconcelos e de Margarida Barbosa, natural de Igarassu, com Maria Maximiana de Aragão, desta freguesia, filha legítima de Manuel Ximenes de Aragão e Antônia Maria de Páscoa, e logo lhes dei as bênçãos nupcias do que para constar lavrei este termo em que assigno Vigário Joaquim de Costa Mendonça.”

Livro de Casamento do ano de 1782-1797, folha 254



**Imagem 9** - Registro de Casamento de Anacleto Francisco Ximenes de Aragão e Maria Maximiana Ximenes de Aragão.



**Imagem 10** - Anacleto Francisco Ximenes de Aragão. “Livro de Ouro dos Ximenes de Aragão”.

**Adrião Ximenes de Aragão / Joaquina Quintina  
(Quitéria) de Carvalho  
(bisavós de Murilo Rocha Aguiar)**

**Adrião Ximenes de Aragão** é filho do primeiro casamento de Anacleto Francisco Ximenes de Aragão (com Maria Maximiana da Conceição de Aragão). **Adrião** casou-se com **Joaquina Quintina (ou Quitéria) de Carvalho**, filha de Joaquim José de Carvalho e Maria Francisca do Nascimento. Adrião e Joaquina casaram-se na Matriz em 12 jan. 1832.

### FILHOS

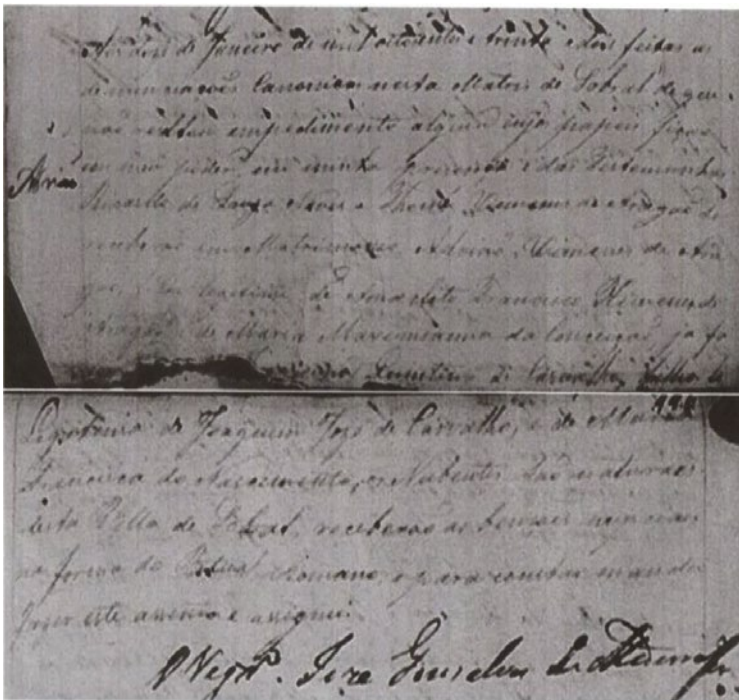
- 1. Francisco Ximenes da Aragão** – casado com **Rita Maria da Conceição**, filha de Joaquim Ferreira da Ponte e Maria Ferreira da Ponte;
- 2. Ana M<sup>a</sup> Conceição** – casada com **Antônio Ferreira da Ponte**, filho de Joaquim Ferreira da Ponte;
- 3. Antônia M<sup>a</sup> da Páscoa** – casada com **Antônio Machado Portela**, filho de Domingos Machado Portela e Matilde F<sup>a</sup> da Conceição a 19 jul. 1860 (Matilde era tia de Manoel Florêncio de Aguiar);
- 4. Constância Quitéria (Gorgulina) Ximenes de Aragão** – casada com **Manoel Florêncio de Aguiar**, filho de Francisco Antônio de Aguiar e Maria Silvéria Gomes do O<sup>o</sup> Coutinho de Aguiar em 02 out. 1862 (**Avós de Murilo Rocha Aguiar**);
- 5. Anacleto Francisco Ximenes de Aragão Neto** – casado com **Clara da Silva Medeiros** (23 nov. 1867), filha de Roberto Francisco Ximenes de Aragão e Ana Benvinda da Silva;
- 6. Joaquim Ximenes Carvalho** – casado com **Hermelinda Jardilina Ximenes** (04 jul. 1874), filha de Joaquim Ximenes de Aragão e Rita Ximenes;
- 7. Maximiana da Conceição** – casada com **Juvenal Idelfonso de Carvalho** (03 set. 1851), filho de José Joaquim de Carvalho e Inocência da Silva Porto;
- 8. Antônio Ximenes de Aragão** – casou-se duas vezes. **O primeiro enlace** foi com **Teresa Maria de Jesus e o segundo** com **Maria Berlamina de Jesus** (04 mar. 1851),

filha de Francisco Ferreira de Paula e Antônia Berlamina da Conceição;

**9. José Gaudêncio Ximenes Aragão** – casado com **Ana Ferreira do Monte**, filha de Manoel José do Monte Coelho e Vicência Ferreira do Monte;

**10. Bernardo Ximenes de Aragão** – casou-se duas vezes: a **primeira vez** com **Filomena Fidelis de Paula**, filha de Manoel Fidelis de Paula, que era filho de Francisco Ferreira de Paula e Antônia Bernardina da Conceição. Seu **segundo matrimônio** com **Maria Diva Ximenes**, sua sobrinha, filha de sua irmã, Constância Gorgulina Ximenes de Aragão Aguiar, casada com o Cel. Manoel Florêncio de Aguiar;

**11. Raimundo Ximenes de Aragão** – casado com **Rita Moreira Lima Ximenes**;



**Imagem 11** - Registro de Casamento de Adrião Ximenes Aragão e Joaquina Quitéria de Carvalho.

## **Transcrição do Registro de Casamento de Adrião Ximenes Aragão e Joaquina Quitéria de Carvalho**

Aos doze de janeiro de mil oito centos e trinta e dois feitas as denúncias canônicas nesta matris de Sobral na qual não tem impedimento algum. Testemunhas Ricardo de Souza Neves e Thomé Ximenes de Aragão. Receberam em matrimônio Adriaio Ximenes de Aragão, filho legítimo Anacleto Francisco Ximenes de Aragão e de Maria Maximiana da Conceição já falecidos, com Joaquina Quitéria de Carvalho filha legítima de Joaquim José de Carvalho e de Maria Francisca do Nascimento. Os nubentes são desta vila de Sobral e receberam as bênção nupcial na forma de ritual romano.



**Imagem 12** - Joaquina Quitéria de Carvalho.



<b>Manoel Florêncio de Aguiar / Constância Ximenes de Aragão Aguiar (avós de Murilo Rocha Aguiar)</b>
---

**Coronel Manoel Florêncio de Aguiar**, proprietário e fazendeiro. A Fazenda Fortuna, em Aroeiras–Palmas, foi alvo de muitas recordações para seus filhos e netos. Nasceu na Vila da Palma, hoje Coreaú, em 18 de dezembro de 1837. Casou-se em 02 de outubro de 1862, com **Constância Quitéria (Gorgulina) Ximenes de Aragão Aguiar**. Houve do consórcio, 20 filhos. O Coronel Manoel Florêncio faleceu no dia 18 jan. 1909 em Massapê, onde residia desde os anos 1880. Tinha 71 anos de idade. D. Constância faleceu em 1941, com 95 anos de idade.

### **FILHOS**

1. Emiliana Aguiar Vaz;
2. Leopoldino Lindolfo Ximenes Aguiar;
3. Francisco Felinto de Aguiar;
4. Adrião Ximenes Aguiar;
5. Maria Diva Aguiar Ximenes;
6. Joaquina Maxima Aragão de Aguiar;
7. Antônia Aguiar Ximenes;
8. Raimundo Aguiar;
9. José Aguiar;
10. Aprigio Aguiar;
11. Gabriel Ximenes de Aguiar;
12. Joaquim Aguiar;
13. Antônio Ximenes Aguiar;
14. Angélica Aguiar Ximenes;
15. Vicente de Paula Aguiar;
16. João Batista Aguiar;
17. Pedro Aguiar;
18. Virgínia Aguiar;
19. Maria de Lourdes Aguiar Farias;
20. Inocencio Aguiar.

**F1. EMILIANA AGUIAR VAZ** – casada com **Manuel Vaz de Aguiar**, filho de Joaquim Vaz de Aguiar e Inocência Vaz de Aguiar. Tiveram sete filhos:

**F1.N1. Francisco Vaz de Aguiar**, casado com **Argentina Angelina Aguiar**;

**F1.N2. Constância Vaz de Aguiar**, casada;

**F1.N3. Teodora Vaz de Aguiar**, casada;

**F1.N4. Rita Vaz de Aguiar**, casada;

**F1.N5. Joaquim Vaz de Aguiar**;

**F1.N6. Raimundo Vaz de Aguiar**;

**F1.N7. Dorinha Vaz de Aguiar**;

**F2. LEOPOLDINO LINDOLFO XIMENES AGUIAR** – casado com **Maria do Livramento Alves Aguiar**, filha de Manuel Alves de Vasconcelos e Teresa Alves de Vasconcelos. Deste casamento houve 5 filhos:

**F2.N1. Teresa Alacoque**, solteira;

**F2.N2. Thaumaturgo Alves Aguiar**;

**F2.N3. Antônio Alves Aguiar**, casado com **Maria Damasceno Vasconcelos Aguiar**, filha de João Damasceno de Vasconcelos e Sabina Aguiar Ferreira Lima Vasconcelos;

**F2.N4. Judite Aguiar Azevedo**, casada com **José Azevedo**;

**F2.N5. Maria Luísa**;

**F3. FRANCISCO FELINTO DE AGUIAR** – firmou enlace, a primeira vez, com **Rosa Carneiro da Frota Aguiar**, filha de Raimundo Carneiro da Frota e sua primeira mulher, Joaquina Zeferina Portela. O segundo matrimônio, com **Firmina Carneiro de Frota**, filha de Raimundo Carneiro de Frota e de sua segunda esposa, Filomena Carneiro de Vasconcelos.

► Filhos do primeiro casamento:

**F3.N1. Manuel Vilebaldo Aguiar**, que se casou com **Maria Magalhães Aguiar**;

**F3.N2. Raimundo Elísio Aguiar**, que se casou, a primeira vez, com **Cefisa Soares Aguiar** e a segunda, com **Guiomar Belchior**;

**F3.N3. Joaquina Aguiar Frota**, casou-se com **Raimundo Medeiros Frota**;

**F3.N4. Constância Aguiar Vasconcelos**, casou-se com **Afonso Damasceno Vasconcelos**;

**F3.N5. Anésio Frota Aguiar**, casou-se duas vezes: a primeira com **Jupira Frota Aguiar**, e a segunda, com **Fortuné Frota Aguiar**;

**F3.N6. Joaquim Piragibe Frota Aguiar**, casado com sua prima legítima, **Moema Rocha Aguiar (irmã de Murilo Rocha Aguiar)**;

**F3.N7. Marion Aguiar Amaral**, casou-se com **Obed Amaral**;

**F3.N8. Neusa Frota Aguiar**, solteira;

**F3.N9. Alcina Aguiar Rocha**, casou-se com seu parente, **Raimundo Campoamor Aguiar Rocha**, filho de Moisés Cavalcante Rocha e Virgínia Aguiar Rocha;

**F3.N10. José Rossy Aguiar**, casado com **Adria Ximenes Aguiar**;

► Filhos do segundo matrimônio:

**F3.N11. Fabíola Frota Aguiar**;

**F3.N12. Dulce Frota Aguiar**, freira – irmã de caridade;

**F3.N13. Ilka Aguiar Albuquerque**, casada com **Adalberto Aguiar Albuquerque**;

**F3.N14. Jair Frota Aguiar**;

**F3.N15. Ieda Frota Aguiar**, casada com **Eduardo Nascimento Gomes Barros** (português);

**F3.N16. Rita Frota Aguiar**, casada com **Apolônio Ibiapina de Moura**;

**F3.N17. José Maria Frota Aguiar**, casado com **Iolanda Mamede de Aguiar**;

**F3.N18. Antônio Frota Aguiar**, faleceu pequeno;

**F3.N19. Antônio Felinto Frota Aguiar**, casado com **Letícia Menezes**;

**F3.N20. José**, faleceu pequeno.

**F4. ADRIÃO XIMENES AGUIAR** – casou-se com sua prima, **Joaquina Ximenes Bernardo Aguiar** (22 out. 1909), filha de Manuel Bernardo Ximenes de Aragão e de Filomena Fidelis de Paula Ximenes. Houve uma filha: Adélia Aguiar. Falecido Adrião, Joaquina Bernardo casou-se com Pompilio F. de Sousa.

**F5. MARIA DIVA AGUIAR XIMENES** – uniu-se em matrimônio com seu tio, **Manuel Bernardo Ximenes**, filho de seus avós, Adrião Ximenes de Aragão e Joaquina Quitéria de Carvalho. Houve sete filhos:

**F5.N1. Filomena Aguiar Ximenes**, casada;

**F5.N2. Quitéria Aguiar Ximenes**, casada;

**F5.N3. Constância Aguiar Ximenes**;

**F5.N4. Luzia Aguiar Ximenes**, casada duas vezes;

**F5.N5. Francisca Aguiar Ximenes**, casou-se, a primeira vez, com **Álvaro Pereira**, e a segunda vez, com **Tomaz**.

**F5.N6. Manuel Belmonte**;

**F5.N7. Francisco Aguiar Ximenes**, casou-se com **Josefa Nogueira Muniz**, filha de Miguel Muniz Farrapo e Joana Nogueira Muniz;

**F6. JOAQUINA MÁXIMA ARAGÃO DE AGUIAR** – casou-se a primeira vez com **Leôncio Licurgo de Aguiar**, seu primo, e a segunda, com **José Tomás de Aguiar**. Houve seis filhos no primeiro casamento, não havendo descendência do segundo enlace.

**F6.N1. Maria Amália Aguiar Andrade**, casada com **José Richilier Andrade**;

**F6.N2. Manuel Alcides de Aguiar**, casado com **Sebastiana Amélia Correia de Aguiar (Sinhá)**;

**F6.N3. Francisca Francinete de Aguiar e Vasconcelos**, casada com **João Enéas Vasconcelos**;

**F6.N4. Lourença de Aguiar Vasconcelos (Dondon)**, casada com **Abdon Damasceno e Vasconcelos**;

**F6.N5. Messias Licurgo Aguiar**, casado com **Irene Rubim de Aguiar**;

**F6.N6. Elon de Aguiar Portela**, casado com **Luís Nogueira Portela**;

**F7. ANTÔNIA AGUIAR XIMENES** – Casou-se com seu primo, **João Francisco Ximenes**, filho de Francisco Antônio Ximenes e Filomena Ferreira Ximenes. Houve 11 filhos:

**F7.N1. Diva Aguiar Ximenes**, faleceu inupta;

**F7.N2. Marieta Aguiar Camilo**, casada com **Francisco Camilo Ximenes**;

**F7.N3. Abigail Aguiar Ximenes**, casada;

**F7.N4. Valdemar Aguiar Ximenes**, casado;

**F7.N5. Clodoaldo Aguiar Ximenes**, casado;

**F7.N6. Brisamor Aguiar Ximenes**, casado com **Laide Pereira de Carvalho**;

**F7.N7. Olga Aguiar Ximenes**, casada;

**F7.N8. Albetisa**;

**F7.N9. Alcinda**;

**F7.N10. Clodoaldo**;

**F7.N11. Biamor**;

**F8. RAIMUNDO AGUIAR** – Nasceu em 1879. Aos 22 anos de idade, casou-se com **Joaquina Amélia Saboia de Aguiar (Tia Quininha)**, filha de João Carlos Saboia e Laurinda Saboia. Houve seis filhos:

**F8.N1. Constância Aguiar Vasconcelos**, casada com **José Osvaldo Vasconcelos**;

**F8.N2. Maria Saboia Aguiar Rocha**, casou-se com seu parente, **Francisco Brisamar Aguiar Rocha**, filho de Moisés Cavalcante Rocha e Virgínia Aguiar Rocha;

**F8.N3. Iracema Aguiar Saboia**, casada com **Antônio Carlos Saboia**;

**F8.N4. Zuila Aguiar Saboia**, casada com **João Saboia**;

**F8.N5. Helena Saboia Aguiar**, casada com **João Batista Araújo**;

**F8.N6. Milton Saboia Aguiar**, casou-se duas vezes: a **primeira** com **Maria Belchior**, e a **segunda**, com **Carmelita**;

**F9. JOSÉ AGUIAR** – (Tio Zeca), nascido em 1876 e casado duas vezes. Seu **primeiro enlace** foi com **Raimunda Rios Cavalcante Lira Aguiar**, filha de Francisco Lira Cavalcante e Amélia Rios Lira, e o **segundo matrimônio**, com **Elvira Carvalho de Aguiar**, filha de Miguel Gaudêncio Carvalho e Ana Carvalho.

› Filhos do primeiro enlace:

**F9.N1. Aparício Rios Aguiar** – casou-se duas vezes. A **primeira**, com **Carmem Verissimo**, e a **segunda**, com **Maria Ximenes**;

**F9.N2. Albany Aguiar Baima**, casou-se com **Francisco Baima**;

**F9.N3. Raimundo Guanabara Aguiar**, casou-se com **Constância Arimar Aguiar**, sua prima, filha de João Batista Aguiar e Isabel Iracy Carvalho Aguiar;

› Filhos do segundo casamento:

**F9.N4. Alba Carvalho Aguiar**, faleceu inupta;

**F9.N5. José Aguiar**, casou-se com **Maria Miranda**;

**F9.N6. Alberto Aguiar**, faleceu solteiro;

**F9.N7. Maria Arolisa Carvalho Aguiar**, casou-se em Fortaleza com **Aliardo Freitas Guimarães**;

**F9.N8. Maria Cearalinda Carvalho Aguiar**, casou-se com **José Murilo Gondim**;

**F9.N9. José Afro Aguiar**, faleceu em tenra idade;

**F10. APRIGIO AGUIAR** – faleceu solteiro;

**F11. GABRIEL XIMENES DE AGUIAR** – Nasceu em 1880, na Palma, atual Coreaú. Faleceu na sua fazenda, em Tejuçuoca, município de Itapajê, aos 107 anos de idade, no dia 27 dez. 1987. Sua longa existência inspira “longevidade” aos seus familiares. Firmou matrimônio duas vezes: A **primeira**, com **Maria do Carmo Andrade**, filha de Antô-

nio Juvêncio de Andrade e de Francisca Laura Andrade. Seu segundo casamento foi com **Maria Nezita Teixeira**.

► Filhos do primeiro enlace:

**F11.N1. Maria Alfa Aguiar Pimenta**, faleceu solteira;

**F11.N2. Zilda Andrade Aguiar**, casou-se com **Edson Maia**;

**F11.N3. Aldair Aguiar Fonseca**, casou-se com **Antônio Fonseca**;

**F11.N4. Constância Albaneza Aguiar Araújo**, casou-se com **Francisco Araújo**;

**F11.N5. Maria Carmen Andrade Aguiar Granjeiro**, casou-se com **José Granjeiro**;

► Filhos do segundo casamento:

**F11.N6. Maria Albanisa Aguiar Sousa**;

**F11.N7. Gabriel Aguiar Filho**;

**F11.N8. Manoel Luciano Aguiar**;

**F11.N9. Maria Neuzita Aguiar**;

**F11.N10. Francisco Ivanildo Aguiar**;

**F11.N11. José Arino Aguiar**;

**F11.N12. Maria Neuzelita Aguiar Ramos**;

**F11.N13. Maria Nilma Aguiar**;

**F11.N14. Maria Nelma Aguiar**.

**F12. JOAQUIM AGUIAR** – (Tio Quincas). Nasceu em Palma, atual Coreaú, em 1881. Morou sempre em Massapê, onde tinha sua famosa fazenda “Bandeira Branca”. Casou-se duas vezes: A **primeira** com **Maria Laura Sousa Aguiar**, filha de José Francisco de Sousa e de Genoveva Miranda de Sousa. O **segundo casamento** foi com **Raimunda Olímpio de Meneses** (31 jul. 1957), filha de Pedro Olímpio de Meneses e de Maria da Conceição Viana.

► **Do primeiro matrimônio, houve seis filhos:**

**F12.N1. Guiomar Aguiar Mendes**, casada com **Moacir Mendes**, filho de Manuel Felizardo Pereira Mendes e Maria José Lopes Mendes;

**F12.N2. Margarida Aguiar Rocha**, casou-se com **José Caramurú Aguiar Rocha**, seu parente, filho de Moisés Cavalcante Rocha e Virginia Aguiar Rocha;

**F12.N3. Luciola Aguiar**, solteira;

**F12.N4. Magnolia Aguiar**, casou-se duas vezes;

**F12.N5. Albetisa Aguiar**, casou-se com **Ernesto Saboia de Figueiredo**;

**F12.N6. Calby Aguiar**, casou-se com **Maria Mamede Aguiar**;

► Filhos do segundo enlace (dois filhos):

**F12.N7. Pedro Olímpio Aguiar**, médico, cirurgião plástico;

**F12.N8. Joaquim Aguiar Filho.**

– Ambos faleceram de Covid-19 –

**F13. ANTÔNIO XIMENES AGUIAR** – (Tio Toinho). Nasceu na antiga Palma, em 1882. Casou-se em 16 jul. 1905, com **Ana Paulina Costa Aguiar**, filha de Joaquim Gregório da Costa e de Emília Carneiro da Costa. Houve seis filhos:

**F13.N1. Maria Luzanira Aguiar Rocha**, Tesoureira da Alfândega, Auditora da Receita Federal, faleceu no Rio de Janeiro. Mozinha, como era carinhosamente chamada, casou-se com **Francisco Cavalcante Rocha (pais de Paulino Rocha)**, filho de Mariano Cavalcante Rocha e Maria José de Lira Rocha;

**F13.N2. Constância Laura Aguiar**, casou-se com **Raimundo Gomes de Andrade**;

**F13.N3. José Paulino Aguiar**, casou-se com **Maria Leorne Aguiar**;

**F13.N4. Manoel Aguiar**;

**F13.N5. Wilson Aguiar** (famoso comediante Cheiroso), casado com **Maria Campos Aguiar**;

**F13.N6. Francisco Aguiar**, casou-se com **Maria José Neves Osterno Aguiar** (pais de Rogério Aguiar – Empresário do Setor Moveleiro, ex-Deputado e Prefeito de Marco).



**F14. ANGÉLICA AGUIAR XIMENES** – Faleceu em 13 abr. 1916. Casou-se com **Antônio Atibone Ximenes**, filho de Francisco Antônio Ximenes e Filomena Lima Ximenes. Geraram:

**F14.N1. Constância Delça Aguiar Ximenes**, casada com **Napoleão Gomes Ximenes**;

**F14.N2. Maria Natividade Aguiar Ximenes**, casou-se com **José Francisco de Albuquerque**;

**F14.N3. Luiz Gonzaga Aguiar Ximenes**, faleceu solteiro;

**F14.N4. Manuel Florêncio de Aguiar Ximenes**, casou-se com **Emília Aguiar**;

**F14.N5. Olindina Ximenes Ramos**, casou-se com **Isaias Ramos**;

**F14.N6. Wagner Aguiar Ximenes**, casado com **Anita**, no Rio de Janeiro;

**F14.N7. Atibones Aguiar Ximenes**, casou-se com **Ferreira**. Falecida esta, casou-se, a segunda vez, com **Expedita Francisca Torres**;

**F14.N8. Gerardo Aguiar Ximenes**, casou-se com **Antonina de Paula Pessoa**, filha de Claudio Miranda de Pessoa e Antônia Frederica de Andrade;

**F14.N9. Francisco Angélico Aguiar Ximenes**, casado com **Maria do Carmo Bastos Ximenes**;

**F14.N10. Filomena Aguiar Ximenes**.

**F15. VICENTE DE PAULA AGUIAR** – casou-se duas vezes: seu **primeiro casamento** foi com **Iracema Aguiar Rocha**, filha de Moisés Cavalcante Rocha e Virginia Aguiar Rocha. O **segundo matrimônio** foi com sua cunhada, **Maria Virginia Aguiar Rocha**. Sua descendência será tratada a seguir.

**F16. JOÃO BATISTA AGUIAR** – (Tio Juca). Era um perfeito anfitrião. Costumava recepcionar os parentes e amigos que passavam por Massapê, viajando de trem, com lutas merendas. Firmou dois enlances, o primeiro com **Izabel Iracy Carvalho Aguiar**, filha de Miguel Gaudêncio

Carvalho e Ana Amélia Frota de Araújo. Desse casamento houve onze sucessões. O segundo enlace, com **Francisca das Chagas Carneiro**, não gerou herdeiros.

**F16.N1. Maria Aladia Aguiar**, solteira;

**F16.N2. Manoel Jarbas Aguiar**, casou com **Margarida Frota Aguiar**, filha de Pergentino Orêncio Aguiar e Margarida Frota Aguiar;

**F16.N3. Constância Arimar Aguiar**, casada com seu primo em primeiro grau, **Raimundo Guanabara Aguiar**, filho de José Aguiar e Raimunda Rios Lira;

**F16.N4. José Maurício Aguiar**, casou-se com **Abigail Mamede de Souza Aguiar**, filha de João Mamede de Souza e Maria Mamede de Souza;

**F16.N5. Ana Aurila Aguiar**, casou-se duas vezes. A primeira, com o **Dr. José Lopes**, e a segunda vez, com **Brisamar Aguiar Rocha**, seu parente, filho de Moisés Cavalcante Rocha e de Virgínia Aguiar Rocha;

**F16.N6. Olavo Carvalho Aguiar**, casado com **Maria da Glória Siebra**;

**F16.N7. João Batista Aguiar Filho**, casou-se com **Iramir Lima Aguiar**;

**F16.N8. Francisca Álcida Carvalho Aguiar**, casada com **Cleto Potiguara Veras**.

**F16.N9. Maria Estela Carvalho Aguiar**, casou-se com **Dr. Eladio Feitosa**, médico e Catedrático da U.F.C.;

**F16.N10. Zélia Carvalho Aguiar**, casada com o Oficial da Marinha, **Carlos Alberto Ferreira Gomes**, filho de Eurípedes Ferreira Gomes e Abgail Montalverne;

**F16.N11. Elda Carvalho Aguiar**, casou-se com **Augusto**, no Rio de Janeiro;

**F17. PEDRO AGUIAR** – (Tio Senhor). Nasceu na Vila da Palma, em Coreau. Morou muitos anos em Camocim, onde faleceu. Sua calçada era “ponto de encontro” dos “Aguiar”, que ali se reuniam à noitinha. Casou-se com **Rita Sabino Aguiar**, filha de Francisco Sabino da Costa e Gerviz da Costa. Houve oito filhos:

**F17.N1. Hindenburg Sabino Aguiar**, casou-se com sua prima, **Elda Aguiar Tavares**, filha de Edson Tavares e Iracema Aguiar Tavares;

**F17.N2. Olivardo Sabino Aguiar**, casou-se com **Teresa Lopes**;

**F17.N3. Dulce Maria Sabino Aguiar Trévia**, casada com **Fernando Trévia**, filho de Giovanni Trévia (italiano) e Amália (Sinhá) Fontenele Trévia;

**F17.N4. Francisco Sabino Aguiar**, casado com **Maria Noélia Rocha Melo**, filha de João Pascoal de Melo e Maria Carmélia Rocha Melo;

**F17.N5. Maria Lucia Sabino Aguiar Caldas**, casada com **Olavo Oliveira Caldas**;

**F17.N6. Teresa Sabino Aguiar Guedes**, casou-se com **Francisco Nilson da Silva Guedes**;

**F17.N7. Armando Sabino Aguiar**, faleceu solteiro;

**F17.N8. Maria do Livramento Sabino Aguiar Muniz**, casou-se com o **Dr. Tácito Mendes Muniz**.

Sobre meu Vô Pedro...

Ele tinha um costume muito dele... Todo final de tarde saía a passear, muito elegante, de terno, uma bengala e um charmoso, e não menos elegante, chapéu. Mas curioso: no seu jeito simples de ser, colocava em um dos bolsos do paletó, pedacinhos de rapadura, ou siriguelas, e assim ia ao seu prazeroso passeio vespertino (Boas lembranças!!! - Rosa Aguiar Trévia -).

**F18. VIRGINIA AGUIAR**- faleceu criança;

**F19.MARIA DE LOURDES AGUIAR FARIAS** – (Tia De Lourdes). Caçula das mulheres. Extrovertida e espirituosa, tivemos o privilégio de seu convívio nos últimos anos de sua existência. Faleceu em 30 dez. 1956. Casada com **Manuel Arthur de Farias** (29 out. 1915), filho de Miguel Farias e Ana da Frota Farias. Houve duas filhas:

**F19.N1. Rita Enoi Farias Jereissati**, casou-se com **José Jereissati**, filho de Aziz Kalil Jereissati e Maria Boutala Jereissati;

**F19.N2. Tereza Aguiar Farias**, casada com **Francisco Leite Albuquerque**, filho do Desembargador Francisco Leite Albuquerque e Filisolina Costa Lima Albuquerque;

**F20.INOCENCIO AGUIAR** – (Tio Inu). O caçula da família viveu muitos anos no Acre, onde possuiu seringais. Voltou a residir no Ceará, em Fortaleza, onde faleceu. Casou-se no Amazonas com **Maria do Carmo Carlos**, filha de José Carlos e Ana Carlos. Houve seis filhos:

**F20.N1. Albano Aguiar;**

**F20.N2. Assiton Aguiar;**

**F20.N3. Maria Carmem Aguiar;**

**F20.N4. Albanesa Aguiar;**

**F20.N5. Albanir Aguiar;**

**F20.N6. Almano Aguiar;**



**Imagem 13** - Fazenda Fortuna, em Aroeiras-Palmas (2022).



**Imagem 14** - Cel. Manoel Florêncio de Aguiar.



**Imagem 15** - Constância Ximenes de Aragão Aguiar.

## **De Arnaut de Holanda a Murilo Rocha Aguiar (linha materna)**

**Duodecavós** – Arnaut de Holanda (1515-1594) / Brites Mendes de Vasconcelos (1530 – 09 dez. 1620), filha de Bartolomeu Rodrigues de Sá (ou Falcão) e Joana de Goés Vasconcelos;

**Undecavós** – Christovão de Holanda de Vasconcelos (1561-1614) / Catarina Cavalcante de Albuquerque (1557-1620), filha de Felipe Cavalcante e de Catarina de Albuquerque;

**Decavós** – Christovão de Holanda e Albuquerque (1584-1682) / Catarina da Costa, filha de Manoel da Costa Calheiro e de Catarina Rodrigues;

**Eneavós** – João Cavalcante de Albuquerque – conhecido por “o bom” - (1604-1690) / Bernarda de Albuquerque, filha de Jorge Teixeira de Albuquerque e N... da Rosa, filha de Belchior da Rosa;

**Octavós** – Cristóvão de Holanda Cavalcante / Ana Freire de Azevedo, filha de Domingos Gonçalves Freire e Ana de Azevedo;

**Heptávós** – Bernarda de Sá Cavalcante D’ Albuquerque / Fernão Carvalho de Sá, filho de Diogo Carvalho de Sá e D. Leonor da Cunha Pereira;

**Hexavós** – Ana de Sá Cavalcante de Albuquerque / Domingos Alvares Ribeiro, filho de Domingos Alvares e Margarida Gonçalves;

**Pentávós** – Bernarda de Sá Cavalcante / Bento Pereira Viana casados em 1750, filho de João de Lima e Joana Pereira;

**Tetravós** – Maria da Ressurreição Viana / José Joaquim da Rocha, filho de Bernardino José da Rocha;

**Trisavós** – Bernardino José da Rocha / Rosa Maria de Jesus, filha de Antônio Alves de Holanda e Mariana de Lira Pessoa;

**Bisavós** – Mariano Cavalcante Rocha (1805-1852) / Teresa Holanda Cavalcante, filha de Arnaut de Holanda Cavalcante e Joaquina Ferreira da Costa;

**Avós** – Moisés Cavalcante Rocha / Virgínia Gomes Aguiar casados em 09 jan. 1894, filha de Manoel Francisco de Aguiar e Lourença Gomes de Aguiar;

**Pais** – Iracema Aguiar Rocha / Vicente de Paula Aguiar, filho de Manoel Florêncio de Aguiar e Constância Ximenes Aragão Aguiar;

**Arnaud Florentz Boeyens van Holland - Arnaut de Holanda** (nascido por volta de 1515), foi um mercador e senhor de engenho holandês que migrou para as terras de Pernambuco no período colonial. Veio acompanhando Duarte Coelho, primeiro Donatário da Capitania, no ano de 1535.

A origem de Arnaut é controversa, visto que o genealogista Borges da Fonseca o identifica como filho de Henrich van Holand, Barão de Rhenobourg com uma tal Margaretha Florenz Boeyens, irmã do Papa Adriano VI, endossando assim as afirmações do padre Antônio Carvalho da Costa em sua obra, *“Corografia Portuguesa”*. Há, contudo, problemas históricos no que tange a essa informação, afinal, o referido Papa Adriano teve apenas irmãos e nenhuma irmã, e o tal barão Henrich não tem existência documentada. Ademais, conforme aponta o historiador Evaldo Cabral de Mello, causa estranheza que o suposto filho de um barão e sobrinho-neto de um Papa jamais tenha arvorado para si tal origem. Segundo o historiador Carlos Xavier Paes Barreto, o genealogista Sanches Baena atribui a paternidade de Arnaut ao mercador judeu holandês Jacob de Holanda, hipótese também sustentada pelo genealogista Francisco Dória (*“Codex Sancti Simeonis”, exhibens Lectionarium Ecclesiae Graecae, DCCC. Cireiter Annorum Vetustate Insigne*).

**Do Coronel Manuel Francisco de Aguiar  
(neto de Antônio Vaz de Aguiar)  
a Murilo Rocha Aguiar (linha materna)**

Conforme referido anteriormente, o terceiro (ou quarto) filho do casal **Nicácio de Aguiar e Silva** e **Mikaela da Silva Medeiros** teve 19 filhos, sendo onze do primeiro casamento e oito do segundo.

**Antônio Vaz de Aguiar** nasceu e se casou em Sobral. Após seu primeiro casamento, foi residir na Fazenda Cajazeiras, antigamente pertencente a Granja, onde viveu a vida toda (**Tetravô de Murilo Rocha Aguiar**).

Do enlace de Antônio com sua prima, Joana da Costa Medeiros, nasceu, entre outros, **Luis Antônio de Aguiar**, que se casou com **Antônia Maria Joaquina**, filha de José Ferreira Lima e Maria Joaquina da Conceição.

**LUIS ANTÔNIO DE AGUIAR E ANTÔNIA MARIA JOAQUINA SÃO TRISAVÓS DE MURILO.** Geraram:

**N1. Ignácio Luiz de Aguiar**, casou-se três vezes: o primeiro enlace foi com **Thereza Francisca de Aguiar**, o segundo com **Severina Francisca de Aguiar** e o terceiro com **Cândida Josina de Aguiar**;

**N2. Luis Antônio de Aguiar**, casou-se com **Estephânia Rubim Maria do Espírito Santo**;

**N3. Joaquim Silvério de Aguiar**, casou-se duas vezes. A sua primeira esposa foi **Carolina de Aguiar**, filha de Joaquim Vaz de Aguiar e Inocência Francisca de Aguiar. Casou-se a segunda vez com **Amélia Memória de Aguiar**, filha de Antônio de Castro Memória e Anna Lauriana de Jesus;

**N4. Manoel Francisco de Aguiar**, nasceu em Palma, a 22 ago. 1841, e faleceu em 29 jul. 1925, em Tianguá. Casou-se em 04 jul. 1863, com sua prima de primeiro grau, **Lourença Gomes de Aguiar**, filha de Francisco Antônio



de Aguiar e Maria Silvéria Gomes do O' Coutinho. Manoel Francisco de Aguiar e Lourença Gomes de Aguiar são **Bisavós de Murilo**;

**N5. Raimunda**;

**N6. Maria.**

O **Coronel Manoel Francisco de Aguiar** mudou-se para Tianguá em 1878, onde foi coronel da Guarda Nacional, Delegado de Polícia, Juiz de Paz, Suplente de Juiz substituto, Vereador, Prefeito três vezes, Deputado Provincial e vice-presidente do Ceará. Manoel e Lourença foram pais de oito filhos:

**B1. Leôncio Licurgo Gomes de Aguiar**, nasceu em 16 dez. 1868, casou-se com sua prima legítima, **Joaquina Máxima de Aguiar**, filha do Coronel Manoel Florencio de Aguiar e de Constância (Gorgulina) Quitéria Ximenes de Aguiar. "Quininha" faleceu em 1939;

**B2. Maria Leonília Gomes de Aguiar**, casada com seu primo, **José Tomaz de Aguiar**, filho de Vicente Ferreira Lima e de Quitéria Vaz de Aguiar, (filha de Antônio Vaz de Aguiar e Sabina Maria de Jesus);

**B3. Monsenhor Doutor Agesilau de Aguiar**, nasceu em 09 de maio de 1879, no Barroão, atual Tianguá. Faleceu em 04 fev. 1957;

**B4. Odilon Gomes Aguiar**, nasceu em 1884, em Tianguá. Casou-se com sua parente, **Constância de Aguiar e Vasconcelos**, filha do Cel. João Damasceno e Vasconcelos e Sabina de Aguiar e Vasconcelos. Sabina era filha de Quitéria e neta de Antônio Vaz de Aguiar;

**B5. Achilles de Aguiar**, nascido em 1880. Casou-se em 1907, com **Gerviz Nunes de Vasconcelos**;

**B6. Artichilino Gomes de Aguiar**, nasceu em 1888. Casou-se em 1918 com sua prima, **Catharina de Aguiar**, filha de Jerônimo Emiliano de Aguiar e Carolina Francisca de Aguiar;

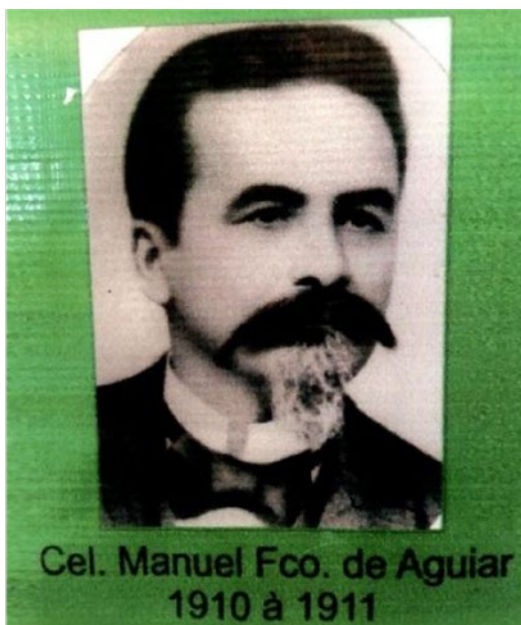
**B7. Elisa Gomes de Aguiar Nogueira**, filha caçula do Coronel, nasceu em 1891, em Tianguá, e faleceu em Esperantina, Piauí, no ano de 1971. Casou-se com o seu primo, **José Nogueira de Aguiar**, filho de Domingos Ferreira de Aguiar e Máxima Amélia Nogueira de Aguiar. Domingos era filho de Quitéria e neto de Antônio Vaz de Aguiar;

**B8. Virgínia Gomes de Aguiar**, nasceu em 1876, na Vila de Palma, atual Coreaú. Casou-se em 1894 com **Moisés Cavalcante Rocha**, 14º filho de Mariano Cavalcante Rocha e Thereza de Holanda Cavalcante Rocha, sua primeira esposa (**avós de Murilo**);

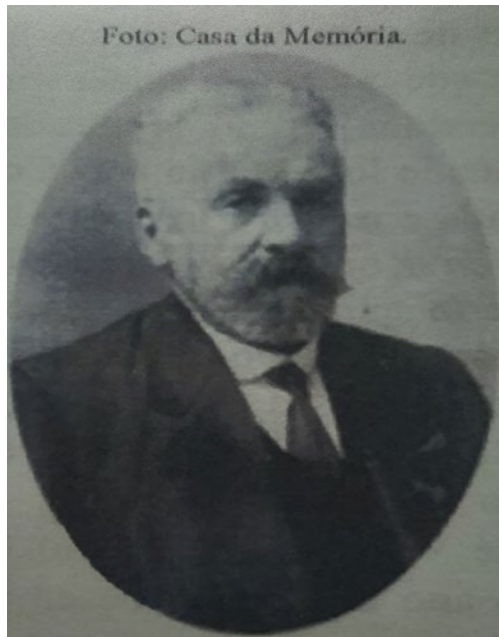
O Tenente Coronel Mariano Cavalcante Rocha, pai de Moisés, era filho de Bernardino José da Rocha e sua segunda esposa, Rosa Maria de Jesus Lira Pessoa Holanda. Bernardino José da Rocha era filho de José Joaquim da Rocha e de D. Maria da Ressurreição Viana. José Joaquim era natural de Goiana, Pernambuco, onde faleceu. Irmão do Padre visitador Manuel Antônio da Rocha, ambos filhos do português Bernardino José da Rocha. D. Maria da Ressurreição Viana era filha do Capitão-Mor Bento Pereira Viana e de D. Bernardina de Sá Cavalcante.

Dona Tereza de Holanda Cavalcante Rocha, primeira esposa de Mariano, era filha de Arnout de Hollanda Cavalcanti e sua primeira esposa, Joaquina Ferreira da Costa.

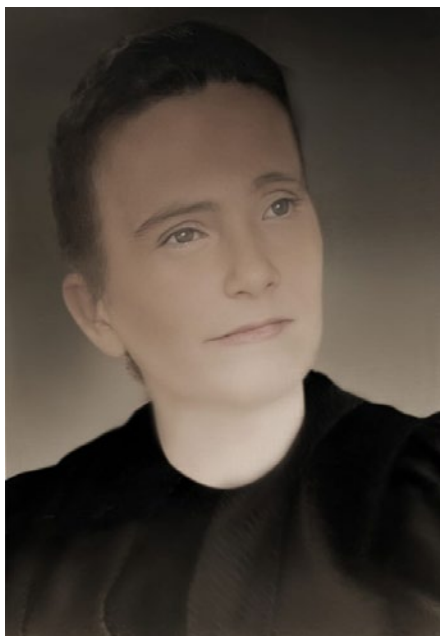
Ficando viúvo, Mariano uniu-se em segundas núpcias com D. Maria José de Lyra, filha de Francisco de Lyra Pessoa e Rita Bemvinda de Holanda Cavalcante. Desse enlace, nasceram mais seis filhos, perfazendo em um total de 21, dos dois matrimônios.



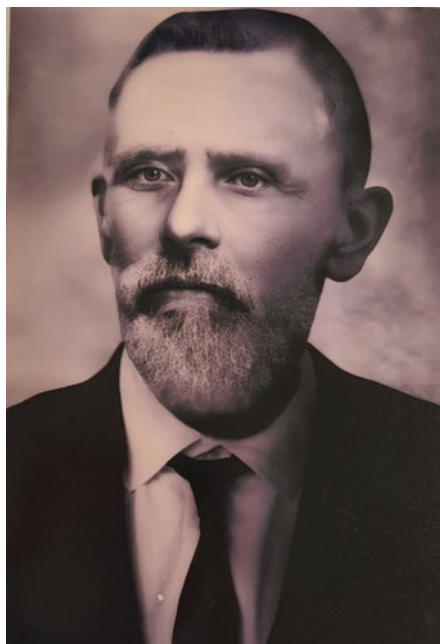
**Imagem 16** - Cel. Manoel Francisco de Aguiar.



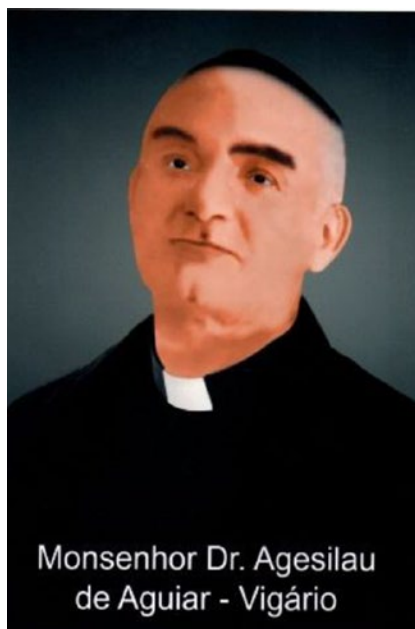
**Imagem 17** - Coronel Manoel Francisco de Aguiar.



**Imagem 18** - Lourença Gomes de Aguiar.



**Imagem 19** - Mariano Cavalcante Rocha.



**Imagem 20** - Monsenhor Dr. Agesilau de Aguiar.

## **Moisés Cavalcante Rocha e Virgínia de Aguiar Rocha (avós maternos de Murilo)**

Moisés Cavalcante Rocha nasceu em 05 abr. 1871, no distrito de Santo Antônio de Aracati Assu, da comarca de Sobral. Moisés foi Intendente de Massapê; terceiro Prefeito de Camocim, onde residiu e foi Presidente da Associação Comercial, sendo reeleito várias vezes. Em Tianguá, foi prefeito e Coletor de Rendas Estaduais. O casal Moisés e Virgínia geraram 18 filhos. Apenas 11 chegaram à idade adulta.

**1. Iracema de Aguiar Rocha**, casou-se com seu parente, **Vicente de Paula Aguiar**, cuja sucessão será tratada adiante – **pais de Murilo**;

**2. Oscar**;

**3. Tereza**;

**4. Ubaldo**;

**5. Raimundo Campoamor de Aguiar Rocha**, casou-se com sua parenta, **Alcina Frota Aguiar** (19 fev. 1924), filha de Francisco Felinto de Aguiar e Rosa Carneiro Frota Aguiar;

**6. Francisco Brisamar de Aguiar Rocha**, casou-se duas vezes. A primeira com sua parenta, **Maria Saboia Aguiar Rocha**. Falecida esta, casou-se com **Ana Aurila Aguiar Rocha**, filha de João Batista Aguiar e de Izabel Iracy Carvalho Aguiar, também sua parenta;

**7. Maria Virginía Aguiar Rocha**, casou-se com seu cunhado, **Vicente de Paula Aguiar**, viúvo de sua irmã Iracema;

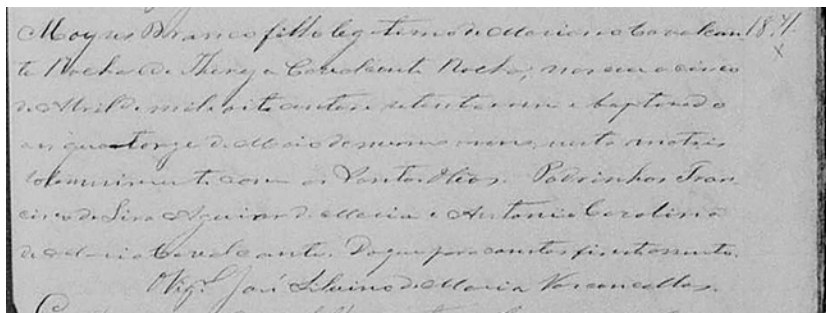
**8. Guiomar de Aguiar Rocha**, casou-se com seu primo em primeiro grau, **Raimundo Cavalcante Rocha**, filho do irmão de seu pai, Bernardino Smaragno Cavalcante Rocha, e de D. Maria Amélia Cavalcante;

**9. Nahyda**;

**10. Ligia**;

**11. José Caramuru de Aguiar Rocha**, casou-se com sua parenta, **Margarida Sousa Aguiar (Rocha)** (29 jul. 1938), filha de Joaquim Aguiar e Maria Laura Sousa Aguiar;

12. Nahyda;
13. **Helena de Aguiar Rocha Araújo**, casou-se com **José Maximino Araújo**;
14. **Alzira de Aguiar Rocha Fonseca**, casou-se com **Oscar Fonseca**;
15. **Maria da Conceição Aguiar Rocha Barbosa**, casou-se com **Paulo Barbosa de Lima**, em 30 abr. 1943;
16. **Benjamin de Aguiar Rocha**, casou-se com sua parenta, **Angélica Aguiar Ximenes**, filha de Napoleão Ximenes e Constança Delça Aguiar Ximenes;
17. **Nancy de Aguiar Rocha Granjeiro**, casou-se com **João Granjeiro de Amorim**, em 08 jun. 1945;
18. **Alba**, falecida criança;



**Imagem 21** - Registro de Batismo de Moisés Cavalcante Rocha.

### **Transcrição do Registro de Batismo de Moisés Cavalcante Rocha**

Moisés, branco, filho legítimo de Mariano Cavalcante Machado e de Thereza Cavalcante Rocha, nasceu a cinco de abril de mil oitocentos e setenta e nove e batizado aos quatorze de maio do dito ano, nesta Matriz, solenemente com os santos óleos. Padrinhos Francisco de Lira Aguiar de Maria e Antônia Carolina de Maria Cavalcante. Do que para constar fiz este assento.

O vigário José Silvino de Maria Vasconcelos



**Imagem 22** - Moisés Cavalcante Rocha.



**Imagem 23** - Virginia de Aguiar Rocha.



## Vicente de Paula Aguiar

Nasceu na Vila da Palma (atual Coreaú), em 16 out. 1886. Foi o 14º dos 20 filhos do Cel. Manoel Florêncio de Aguiar e de D. Constância (Gorgulina) Ximenes de Aragão Aguiar. **Casou-se, a primeira vez, em 30 de maio de 1911, com Iracema Aguiar Rocha**, ele aos 25 e ela aos 16 anos de idade. Sua primeira esposa era filha de Moisés Cavalcante Rocha e Virginia Gomes Aguiar Rocha.

Falecida dona Iracema Aguiar Rocha em 20 ago. 1917, Vicente de Paula **contraiu matrimônio novamente**, com sua cunhada, irmã de Iracema, **Maria Virginia Aguiar Rocha**, nascida em 15 out. 1902. O segundo enlace foi realizado na data de 06 nov. 1917. Da união com D. Iracema, nasceram quatro filhos, e com D. Maria Virginia (Maroquinha), 15, havendo falecido dois bebês.

Foi comerciante em Camocim, chefe da empresa V. Aguiar & Cia e Chefe Político filiado ao partido Democrata. Faleceu em Fortaleza, onde se encontrava tratando de sua saúde, em 17 set. 1952.

### FILHOS

1. **JOSÉ MOACYR ROCHA AGUIAR;**
2. **MURILO ROCHA AGUIAR;**
3. **MOEMA ROCHA AGUIAR;**
4. **IRACEMA ROCHA AGUIAR TAVARES;**
5. **GERALDO ROCHA AGUIAR;**
6. **JOSÉ ALTAMOR ROCHA AGUIAR;**
7. **FRANCISCO ROCHA AGUIAR;**
8. **RITA CÉLIA AGUIAR BELCHIOR;**
9. **MARIA ROCHA AGUIAR;**
10. **ZELIA ROCHA AGUIAR;**
11. **JOSÉ ROCHA AGUIAR;**
12. **LEYDE ROCHA AGUIAR;**

- 13. ALAYDE ROCHA AGUIAR;**
- 14. RAIMUNDO JOSÉ ROCHA AGUIAR;**
- 15. JOÃO BATISTA ROCHA AGUIAR;**
- 16. MARIA DE JESUS AGUIAR BARROS;**
- 17. VICENTE DE PAULA AGUIAR FILHO;**
- 18. LUIZ DE GONZAGA ROCHA AGUIAR;**
- 19. MOISÉS ROCHA AGUIAR.**

► **FILHOS DO PRIMEIRO MATRIMÔNIO DE VICENTE DE PAULA AGUIAR:**

**F1. JOSÉ MOACYR ROCHA AGUIAR**, nascido em 20 fev. 1912, casado com **Francisca Lira Aguiar**, filha de Antônio de Lira Pessoa e Eugenia Rodrigues de Sousa. Faleceu em 03 de maio de 2002. Geraram:

**F1.N1. Magnólia Aguiar Mota**, casada com **João Turíbio Fonseca Mota** (falecido), filho de Fernando Cavalcante Mota e Maria Helena Cavalcante Fonseca Mota. Filhos:

**F1.N1.B1. Francisco Regis Aguiar Mota;**

**F1.N1.B2. Maria de Fátima Aguiar Mota;**

**F1.N1.B3. Eduardo Aguiar Mota;**

**F1.N2. Iracema Maria Lira Aguiar;**

**F1.N3. Marília Lira Aguiar**, falecida criança;

**F1.N4. José Moacyr Rocha Aguiar**, falecido criança;

**F1.N5. Carlos Augusto Lira Aguiar (Carlito)**, casado com **Helane Ibiapina Lira Aguiar**, filha de Hélio Ibiapina Lima e Zilma Cabral Ibiapina Lima. Filhos:

**F1.N5.B1. Helena Cristina Ibiapina Lira Aguiar;**

**F1.N5.B2. Luciana Ibiapina Lira Aguiar;**

**F1.N5.B3. Gabriela Ibiapina Lira Aguiar;**

**F1.N6. Lucia de Fátima Aguiar de Sousa**, casada com **Adivaldo Batista de Souza** (falecido), filho de Antônio Batista de Souza e Alcina Gonçalves de Souza. Filhos:

**F1.N6.B1. Alberto Fabrício Aguiar Batista de Souza;**

**F1.N6.B2. Adivaldo Batista de Souza Júnior;**

**F1.N6.B3. Marco Aguiar Batista de Souza;**

**F1.N7. Marília Lira Aguiar,** falecida;

**F1.N8. Maria das Dores Lira Aguiar;**

**F1.N9. Maria Elizabete Lira Aguiar.**

**F1.N10. José Moacyr Rocha Aguiar,** foi casado com **Maria do Socorro de Oliveira Aguiar,** filha de José Moura e Ilza Batista de Oliveira. Filha:

**F1.N10.B1. Eugênia de Oliveira Aguiar;**

**F2. MURILO ROCHA AGUIAR,** nascido em 25 nov. 1914, casado com **Maria Stela Angelim Rocha Aguiar.** Faleceu em 01 mar. 1985. Cujá descendência será tratada a seguir;

**F3. MARIA MOEMA ROCHA AGUIAR,** nascida em 07 jul. 1916, casou-se com seu primo legítimo, **Piragibe Frota Aguiar,** filho de Francisco Felinto de Aguiar e Rosa Carneiro da Frota. Faleceu em 17 jun. 1994. Houve uma filha adotada;

**F3N1. Rosimeire Frota Aguiar Borges,** casada com o **Dr. Sidney dos Santos Borges,** filho de Geraldo Borges Sobrinho e Angelina dos Santos Borges. Filhos:

**F3.N1.B1. Felipe Aguiar Borges;**

**F3.N1.B2. Juliana Aguiar Borges;**

**F3.N1.B3. Luciana Aguiar Borges;**

**F4. IRACEMA ROCHA AGUIAR TAVARES,** nascida em 24 jul. 1917, casada com **Edson Vasconcelos Tavares,** filho de Carlos Tavares e Ana Vasconcelos Tavares. Faleceu em 03 jul. 2017, aos 100 anos de idade. Geraram:

**F4.N1. Elda Maria Tavares Aguiar,** casou-se duas vezes: a primeira com seu primo **Hindenburg Sabino Aguiar,** filho de Pedro Aguiar e Rita Sabino Aguiar. Ficando viúva, firmou enlace novamente com **Carlos Didier dos Santos Mello,** fi-

lho de Trasíbulo de Carvalho Mello e Pergita Lima dos Santos. Elda teve filhos apenas em seu primeiro casamento.

**F4.N1.B1. Cristiane Tavares Aguiar;**

**F4.N1.B2. Marcos Tavares Aguiar (falecido);**

**F4.N1.B3. Danila Tavares Aguiar;**

**F4.N2. Roberto Aguiar Tavares;**

**F4.N3 Plácido Aguiar Tavares**, casado com **Rita Lopes Tavares**, filha de Cassiano de Souza Lopes e Raimunda de Souza Lopes. Filhos:

**F4.N3.B1. Raquel Lopes Tavares;**

**F4.N3.B2. Paulo Henrique Lopes Tavares;**

**F4.N3.B3. Patricia Rina Lopes Tavares.**

**F4.N4. Moema Aguiar Tavares**, foi casada com **Nilson Moraes Seixas**, filho de Nilson Sylvio Moraes Seixas e Elvira Moraes Seixas. Filhos:

**F4.N4.B1. Marcio Tavares Seixas;**

**F4.N4.B2. Gustavo Tavares Seixas;**

**F4.N4.B3. Helena Maria Tavares Seixas;**

**F4.N5. Zélia Tavares Beleza**, casada com **Flávio Gondim Beleza**, filho de José de Moura Beleza e Maria Margarida Gondim Beleza. Filhos:

**F4.N5.B1. Flávia Tavares Beleza;**

**F4.N5.B2. José de Moura Beleza Neto;**

**F4.N5.B3. Edson Tavares Beleza.**

➤ **FILHOS DO SEGUNDO ENLACE DE VICENTE DE PAULA AGUIAR.**

**F5. GERARDO ROCHA AGUIAR**, nasceu em 09 ago. 1918 e falecido em 12 de maio de 1919;

**F6. JOSÉ ALTAMOR ROCHA AGUIAR**, nasceu em 15 fev. 1920 e falecido em 07 abr. 1920.

**F7. FRANCISCO ROCHA AGUIAR (DR. ROCHA)**, nasceu em 02 mar. 1921. Casou-se com **Maria Antonieta An-**

**gelim Rocha Aguiar**, filha do Dep. Antônio de Carvalho Rocha e Maria Eduvirges Angelim Rocha. Faleceu em 01 fev. 2001. Geraram:

**F7.N1. Grace Mary Rocha Aguiar de Oliveira**, casada com **Hermeto Soares de Oliveira Filho**, filho de Hermeto Soares de Oliveira e Lindalva Fontelene de Oliveira. Filhos:

**F7.N1.B1. Isabelle Maria Aguiar de Oliveira Correia;**

**F7.N1.B2. Fernanda Paola Aguiar de Oliveira;**

**F7.N1.B3. Hermeto Soares Aguiar de Oliveira Júnior;**

**F7.N1.B4. Carlos Henrique Aguiar de Oliveira.**

**F7.N2. Francisco Rocha Aguiar Filho (Aguiarzinho)**, casou-se a primeira vez com **Maria Assunção Carlos**, filha de Manoel Carlos de Lima e Maria Rodrigues de Lima. Filhos:

**F7.N2.B1. Clarissa Aguiar Macedo;**

**F7.N2.B2. Felipe Carlos Aguiar;**

♦ **Francisco Rocha Aguiar filho** uniu-se a segunda vez com **Claudia Rocha de Aguiar**. Houve:

**F7.N2.B3. Maria Fernanda Rocha Aguiar;**

**F7.N3. Maria Elizabete Aguiar Paiva**, casada com **Francisco Luciano de Paiva**, filho de Antônio de Paiva Dias e Rosa Amélia de Paiva. Filha:

**F7.N3.B1. Stephanie Aguiar de Paiva;**

**F7.N4. Ana Cristina Rocha Aguiar**, casada com **José Irã Belém Rocha**, filho de Vicente Belém Rocha e Sebastiana Pinho Rocha. Filhos:

**F7.N4.B1. Alexander Aguiar Rocha;**

**F7.N4.B2. Maximiliano Aguiar Rocha.**

**F7.N5. Nadson Rocha Aguiar**, casado com **Maria Leide Aragão Ximenes Aguiar**, filha de Antônio Ximenes Veras e Angélica Pessoa Aragão Ximenes. Filhos:

**F7.N5.B1. Daniel Ximenes Aguiar;**

**F7.N5.B2. Nadson Rocha Aguiar Júnior;**

**F7.N5.B3. Maria Gabriela Ximenes Aguiar.**

**F1.N6. Ricardo Rocha Aguiar**, casado com **Maria Geihise de Paula Aguiar**, filha de Antônio Vicente de Paula e Maria dos Prazeres Soares de Paula. Filhos:

**F7.N6.B1. Gustavo de Paula Rocha Aguiar;**

**F7.N6.B2. Leonardo de Paula Rocha Aguiar;**

**F7.N6.B3. Ricardo Rocha Aguiar Filho.**

**F8. RITA CÉLIA AGUIAR BELCHIOR**, nasceu em 18 jan. 1922. Casada com **Gentil Belchior**, filho de Antônio Belchior Fernandes e Emilia Belchior. Falecida em 12 jun. 2013. Geraram:

**F8.N1. Célia Maria Aguiar Maranhão**, casada com **José Gerardo Maranhão**, filho de José Damasceno Maranhão e Nilda Araújo Maranhão. Filhos:

**F8.N1.B1. Waleska Belchior Maranhão;**

**F8.N1.B2. Vanessa Belchior Maranhão;**

**F8.N1.B3. Tatiana Belchior Maranhão;**

**F8.N1.B4. Nilton Belchior Maranhão.**

**F8.N2. José Gentil Aguiar Belchior**, constituiu dois enlaces: o primeiro com **Valéria Maria Ramos Ferreira Gomes**, filha de Francisco José Ramos Ferreira Gomes e Maria Norma Aguiar Ferreira Gomes, e o segundo com **Maria Edite Alves Leitão**, filha de Raimundo Correia e Maria Edite Alves Leitão. Durante o primeiro matrimônio, houve dois filhos:

**F8.N2.B1. Igor Gentil Ramos Belchior;**

**F8.N2.B2. Waleska Ramos Gentil Aguiar Belchior.**

**F8.N3. Antônio Aguiar Belchior (falecido)**, casado com **Maria de Lourdes dos Santos**. Filha:

**F8.N3.B1. Natacha dos Santos Belchior.**

**F8.N4. Maria de Lourdes Aguiar Belchior (Lourdinha);**

**F8.N5. Vicente de Paula Aguiar Belchior (Vevê)**, casado com **Fátima Maria Moura Belchior**, filha de Francisco Moura e Jesumira Perdigão Moura. Filhos:

**F8.N5.B1. Tiziano Moura Belchior;**

**F8.N5.B2. Thiago Moura Belchior;**

**F8.N5.B3. Felipe Holanda Belchior.**

**F9. MARIA ROCHA AGUIAR (COTINHA)**, nasceu em 30 jan. 1923. Casada com **José Heiman (Húngaro)**. Faleceu em 08 fev. 1974. Sem descendência;

**F10. ZEILA ROCHA AGUIAR**, nasceu em 06 mar. 1925. Solteira. ZEILINHA hoje é a grande Matriarca espiritual da família Vicente Aguiar;

**F11. JOSÉ ROCHA AGUIAR (DEINHO)**, nasceu em 01 mar. 1926. Casou-se com **Maria Inês Ribeiro Aguiar**, filha de Raimundo Edmundo Ribeiro e Luiza Pimenta Ribeiro. Faleceu em 14 mar. 1980. Geraram:

**F11.N1. José Adriano Ribeiro Aguiar (falecido)**, casado com **Antônia Edinalda de Lima**, filha de Francisco Anacleto de Lima e Raimunda Nilça do Nascimento Lima. Filhos:

**F11.N1.B1. Vitória Emanuele de Lima Aguiar;**

**F11.N1.B2. Pedro Paula Dein de Lima Aguiar.**

**F11.N2. Pedro Julião Ribeiro Aguiar;**

**F11.N3. Luis Estanislau Ribeiro Aguiar;**

**F11.N4. Maria Tereza Ribeiro Aguiar**, casada com **Francisco Antônio Ribeiro Guedes**, filho de Potengy Moreira Guedes e Olga B. Ribeiro. Filha:

**F11.N4.B1. Luiza Aguiar Guedes.**

**F11.N5. Paula Suzana Ribeiro Dornelles**, casada com **Liautey Turene Dornelles Junior**, filho de Liautey Turene Bastos Dornelles e Maria de Jesus Almeida Dornelles. Filha:

**F11.N5.B1. Bruna Turene Ribeiro Dornelles.**

**F11.N6. Rosa Luiza Aguiar Pessoa**, casada com **Celio Vidal Pessoa**, filho de José Pessoa de Carvalho Filho e Teresinha Vidal Pessoa. Filhos:

**F11.N6.B1. Vanessa Maria Aguiar Pessoa;**

**F11.N6.B2. Patricia Aguiar Pessoa;**

**F11.N6.B3. Gabriela Aguiar Pessoa.**

**F11.N7. Inês Helena Aguiar de Vasconcelos**, casada com **Edmilson Correa de Vasconcelos Junior**, filho de Edmilson Correa de Vasconcelos e Francisca Colaço de Vasconcelos. Filhos:

**F11.N7.B1. Bianca Aguiar de Vasconcelos;**

**F11.N7.B2. Lis Aguiar de Vasconcelos;**

**F11.N7.B3. Isaac Aguiar de Vasconcelos.**

**F11.N8. João Dagoberto Ribeiro Aguiar**, casado com **Sandra Regina Freitas Aguiar**, filha de José Valente da Silva e Erivanda Aparecida Freitas da Silva. Filhos:

**F11.N8.B1. João Pedro Freitas Aguiar;**

**F11.N8.B2. Jorge Freitas Aguiar.**

**F12. LEYDE ROCHA AGUIAR**, nasceu em 07 fev. 1929. Casou-se duas vezes: a primeira com o **Argentino, Carlos**, e a segunda com **Antônio Batista de Sousa**. Sem descendência. Faleceu em 16 jan. 1995;

**F13. ALAYDE ROCHA AGUIAR**, nasceu em 22 jan. 1930. Casada com **José Maria Pimenta Ribeiro**, filho de Raimundo Edmundo Ribeiro e Luiza Pimenta Ribeiro. Faleceu em 24 abr. 2018. Geraram:

**F13.N1. Jaqueline Aguiar Ribeiro**, casou-se a primeira vez com **Edilson Cosme Tavares**, filho de Antenor Tavares e Maurina Cosme Tavares, e a segunda com **Joaquim Helder Saraiva Girão**, filho de José Hugo Nogueira Girão e Maria Noeme Saraiva Girão.

➤ Filha do primeiro enlace:

**F13.N1.B1. Ingrid Ribeiro Tavares.**

➤ Filha do segundo Matrimônio:

**F13.N1.B2. Brenda Ribeiro Girão Papa.**



**F13.N2. José Jeovane Aguiar Ribeiro;**

**F13.N3. Sergio Alexandre Aguiar Ribeiro**, casado com **Sâmia do Vale Oliveira**, filha de Marcondes Francisco de Oliveira e Maria Raimunda Vale Albino Oliveira. Filhos:

**F13.N3.B1. Rafael Vale Ribeiro;**

**F13.N3.B2. Samuel Vale Ribeiro;**

**F13.N3.B3. Alexandre Vale Ribeiro.**

**F13.N4. Carlos Cesar Aguiar Ribeiro**, médico, faleceu solteiro.

**F14. RAIMUNDO JOSÉ ROCHA AGUIAR**, nasceu em 19 mar. 1932. Casado com **Rita Maria Colares**, filha de José Colares e Maria José Alves. Faleceu em 26 out. 2008. Filha (biológica de Rita Maria):

**F14.N1. Sharon Colares Aguiar**, foi casada com **José Veras Filho**. Geraram:

**F14.N1.B1. Hannelore Aguiar Veras;**

**F143.N1.B2. David Aguiar Veras.**

**F15. JOÃO BATISTA ROCHA AGUIAR**, nasceu em 14 jan. 1934. Casado com **Maria Navarro Veras (Maricota)**, filha de Joaquim Rocha Veras e Beatriz Pessoa Navarro Veras. Geraram:

**F15.N1. Iuri Veras Aguiar**, casado com **Regina Pretti Aguiar**, filha de Luiz Carlos Pretti e Maria Gicelda Pretti. Filhos:

**F15.N1.B1. Carolina Pretti Aguiar;**

**F15.N1.B2. Laís Pretti Aguiar.**

**F15.N2. Glauco Veras Aguiar**, casou-se duas vezes: a primeira com **Ana Paula Coelho Aguiar**, filha de Tomaz Zeferino Veras Coelho e Ediolanda Pinto Coelho (houve 2 filhos). O segundo matrimônio com **Tatiana Coelho Sintra**, filha do Dr. Abel Fernandes de Souza e Maria Elizabete Coelho Sintra de Souza (ainda sem sucessão).

**F15.N2.B1. Marina Veras Aguiar Arrais;**

**F15.N2.B2. Veras Coelho Aguiar.**

**F15.N3. Magnus Veras Aguiar**, firmou dois matrimônios: o primeiro com **Ana Maria Gomes Aguiar**, filha de Antônio Araújo e Maria Ione Martins de Araújo (com sucessão), e o segundo, com **Karina Simões Aguiar**, filha de Murilo Rocha Aguiar Filho e Simone Simões Cipião (sem Filhos):

**F15.N3.B1. Diego Gomes Aguiar;**

**F15.N3.B2. Lícia Gomes Aguiar.**

**F15.N4. Giovana Veras Aguiar** (divorciada), foi casada com **Romero Barbosa Pereira**, filho de Brás Matias Pereira e Solange Barbosa Pereira. Filha:

**F15.N4.B1. Leticia Aguiar Pereira.**

**F16. MARIA DE JESUS AGUIAR BARROS**, nasceu em 29 de maio de 1941. Casada com **Nobile de Barros Correia**. Geraram:

**F16.N1. Maria Virgínia de Barros Correia Vieri**, casada com **Mauro Sérgio Penteado**, filho de Cássio Penteado e Ester Penteado. Filhas:

**F16.N1.B1. Danielle Vieri Rechtenwald;**

**F16.N1.B2. Thais Vieri Baston.**

**F16.N2. Maria de Jesus Aguiar de Barros Correia (Duzinha)**, falecida;

**F16.N3. Mário Aguiar de Barros Correia**, casado com **Fabiana Saraiva de Barros Correia**, filha de Roberto Luiz D'ávila Saraiva e Hermínia Metzler Saraiva. Filho:

**F16.N3.B1. Davi Saraiva de Barros Correia;**

**F16.N4. Lívia Maria de Barros Correia Solon**, casada com **Rodrigo Solon Chaves**, filho de Régio Lima Chaves e Maria Valdelúcia Solon Chaves;

**F17. VICENTE DE PAULA AGUIAR FILHO (VEVÊ)**, nasceu em 08 fev. 1943 e faleceu em 10 ago. 1998. Casou-se duas vezes. A primeira, com sua prima legítima, **Alcina Maria Rocha Aguiar**, filha de Campomor Aguiar Rocha e Alcina Aguiar Rocha, e a segunda, com **Maria Margarida**

**Brandão Aguiar**, filha de Félix Manuel Brandão e Raimunda Xavier Brandão. Com sucessão:

- ▶ Filho do primeiro casamento:

**F17.N1. Vicente de Paula Aguiar Neto** (médico), casado com **Telma Dourado Lopes**. Filho:

**F17.N1.B1. Paulo Gabriel Dourado Aguiar Rocha.**

- ▶ Filho do segundo casamento:

**F17.N2. Victor Brandão Aguiar**, casado com **Kezia Roberta Carvalho Teles Aguiar**, filha de Antônio Teles Monteiro e Iraci Maria de Carvalho Teles. Pais de:

**F17.N2.B1. Maria Virginia Teles Aguiar;**

**F17.N2.B2. Giovanna Teles Aguiar.**

**F18. LUIZ DE GONZAGA ROCHA AGUIAR**, nasceu em 27 jun. 1944. Casou-se duas vezes. A primeira com **Maria Lucia da Silva Aguiar**, filha de Otávio Alves da Silva e Enedina da Cunha Silva, com geração de cinco filhos. Do segundo enlace, com **Joana D'arc Pontes**, filha de Juarez Arruda de Pontes e Maria Rodrigues de Macedo Pontes, não houve filhos.

**F18.N1. Erich Aguiar**, casou-se duas vezes: a primeira vez com **Anita Ares Braga**, filha de Raimundo de Moreira Braga e Bernadete Ares Braga. Falecida esta, Erich formou segundo enlace com **Denilma Viana de Oliveira**, filha de João Lopes de Oliveira e Maria de Fátima Viana de Oliveira.

- ▶ Filhos do primeiro casamento:

**F18.N1.B1. Priscila Ares Aguiar;**

**F18.N1.B2. Patrícia Ares Aguiar.**

- ▶ Filhos do segundo matrimônio.

**F18.N1.B3. Miguel de Oliveira Aguiar;**

**F18.N1.B4. Maria de Oliveira Aguiar;**

**F18.N1.B5. Miriam de Oliveira Aguiar;**

**F18.N1.B6. Matheus de Oliveira Aguiar.**

**F18.N2. Patrícia Aguiar Hoyt**, casada com **John Andrew Hoyt**, filho de James Leslie Hoyt e Ruth Garner Hoyt, sem filhos.

**F18.N3. Luís André Aguiar**, casado com **Sandra Gouveia Quinto Aguiar**, filha de José Moacir Rodrigues Quinto e Teresinha Gouveia Quinto. Filhos:

**F18.N3.B1. Thiago Gouveia Aguiar;**

**F18.N3.B2. Gabriel Gouveia Aguiar;**

**F18.N4. Ulrich Aguiar** (falecido);

**F18.N5. Lucas Aguiar**, solteiro.

**F19. MOISÉS ROCHA AGUIAR**, nasceu em 14 de maio de 1947. Casado com **Neusa**. Faleceu em 29 jul. 2011. Geraram:

**F19.N1. Igor Aguiar.**



**Imagem 24** - Vicente de Paula Aguiar.



**Imagem 25** - Família Vicente de Paula Aguiar.



**Imagem 26** - Iracema Aguiar Rocha – Mãe de Murilo.

## A descendência de Murilo Rocha Aguiar e Maria Stela

**F1. MARIA ZELMA AGUIAR CÂMARA** – Servidora da Alfândega de Fortaleza; Analista Tributário da Receita Federal do Brasil (aposentada), nascida em 25 ago. 1938. Casada com o advogado **Adrisio Barbosa**, filho de Adriano Câmara e Maria Luisa Barbosa Câmara. Filhos:

**F1.N1. Murilo Aguiar Câmara**, empresário do ramo imobiliário, casado com **Tereza Smith Castro Câmara**, filha de Dr. Valzenir de Castro e Dra. Leda Smith de Castro. Filhos:

**F1.N1.B1. Amanda Castro Câmara**, arquiteta, casada com o dentista, **Dr. Marcelo Portela Napoli**, filho de Flávio Napoli e Tereza Cristina Barreira Portela Napoli. Filhos:

**F1.N1.B1.Tr1 João Marcelo Câmara Napoli;**

**F1.N1.B2. Rafael Castro Câmara.** Filho:

**F1.N1.B2.Tr1 Paulo Cesar Corrêa Câmara;**

**F1.N1.B3. Gabriel Pedro Castro Câmara;**

**F1.N2. Adrisio Barbosa Câmara Junior**, sócio proprietário da AGIL Publicidade. Foi casado com **Celina de Castro Alves**, filha de Ivan de Castro Alves e Margarida Lopes de Castro Alves. Filhos:

**F1.N2.B1. Camila Castro Alves Câmara**, empresária do ramo da gastronomia, casada com **Luciana Maia Senna**, filha de Marcos Aurélio de Oliveira Senna e Maria Celeste Lima Maia. Filhos:

**F1.N2.B1.Tr1. Miguel Senna Câmara;**

**F1.N2.B1.Tr2. Henrique Senna Câmara.**

**F1.N2.B2. Eduardo Castro Alves Câmara**, sócio proprietário da AGIL Publicidade, casado com **Vanessa Serra Maia Câmara**, filha de Milton Murta Maia Neto e Maria Kátia Serra Fontenele. Filhos:

**F1.N2.B2.Tr1. Maria Eduarda Maia Câmara;**

**F1.N2.B2.Tr2. Caio Maia Câmara.**

**F1.N3. Adriano Barbosa Câmara**, engenheiro civil, casado com a enfermeira, Mestre **Nair Assunta Antônia Corso**, filha de Ângelo Corso e Graciema Dal Bosco Corso. Filhos:

**F1.N3.B1. André Corso Câmara**, advogado;

**F1.N3.B2. Felipe Corso Câmara**, engenheiro civil.

**F1.N4. Max Aguiar Câmara**, proprietário do escritório Aguiar Câmara Advogados, firmou laços matrimoniais duas vezes. Sua primeira esposa, **Magdala Cavalcanti de Brito**, é filha de Jório de Brito e Zuleide Cavalcanti. **Selle-ne Lustosa da Costa Martins Câmara**, sua segunda consorte, é filha de José Evenilde Benevides Martins e Lúcia Maria Lustosa da Costa Martins. Filhos:

► Filhos do primeiro enlace:

**F1.N4.B1. Jório Brito Câmara**, médico;

**F1.N4.B2. Manuela Brito Câmara**, advogada, casada com **Tomás Brito de Moraes**, filho de Filomeno de Moraes Filho e Maria Gorete Brito de Moraes.

► Filho do segundo enlace:

**F1.N4.B3. Marcelle Lustosa da Costa Martins Câmara**.

**F1.N5. Magno Aguiar Câmara**, advogado e sócio diretor na MC CONSULT Imobiliários, casado com a Fonoaudióloga, **Marilia Fontenele e Silva Câmara**, filha de João Wagner Mourão e Silva e Zilmar Fontenele e Silva. Filhos:

**F1.N5.B1. Adrísio Barbosa Câmara Neto**, advogado;

**F1.N5.B2. Magno Aguiar Câmara Filho**, engenheiro mecânico.

**F1.N6. Joseane Aguiar Câmara**, advogada, especialista em Direito Público, foi casada com **André Luis Bessa Pinheiro**, filho de Luis Gonzaga Porto Pinheiro e Sheridan Maria Bessa Pereira Pinheiro. Filhos:

**F1.N6.B1. Agostinho Câmara Pinheiro**, médico;

**F1.N6.B2. Natalia Câmara Pinheiro**;

**F1.N6.B3. Leticia Câmara Pinheiro**.

**OBS: Natalia e Leticia são gêmeas.**

**F2. JOSÉ STÉLIO ROCHA AGUIAR** – Contador; Administrador e Auditor da Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará – SEFAZ (aposentado), nascido em 30/Mai/1940. Casado com sua prima, servidora pública da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará – ALECE (aposentada), **Mirna Mauricia Mamede Aguiar**, filha de José Mauricio Aguiar e Abigail Mamede de Sousa Aguiar; Geraram:

**F2.N1. José Stélio Rocha Aguiar Júnior**, carcinicultor, casou a primeira vez com **Mônica Maria Moreira de Arruda**, filha de Antônio Adolfo Pompeu de Arruda e Francisca Edilza Moreira de Arruda; O seu segundo enlace foi com a economista **Ivana Rosa Carvalho Aguiar**, filha de Antônio Carvalho e Consuelo Lima Carvalho;

► Filhos de primeiro casamento:

**F2.N1.B1. Raphael Arruda Rocha Aguiar**, fisioterapeuta e formando em medicina, foi casado com **Amanda Coelho**, filha de Edilson Veras Coelho e Liduina Brito Coelho; Filho:

**F2.N1.B1.Tr1. Gabriel Coelho Aguiar;**

**F2.N1.B2. Ingrid Arruda Rocha Aguiar**, foi casada com **Jonas de Sousa Paim**, filho de Júlio Paim e Cristina Soares de Sousa; Filho:

**F2.N1.B2.Tr1. Daniel Aguiar Paim;**

► Filha do segundo matrimônio:

**F2.N1.B3. Raquel Carvalho Aguiar**, engenheira de pesca.

**F2.N2. José Alexandre Aguiar (Dr. Alexandre)** – Engenheiro Civil, proprietário da empresa ALX Engenharia, casado com a servidora pública, **Nelia Siebra Aguiar**, filha de Carlos José Feitosa Siebra e Noemia Guimaraes Siebra. Filhos:

**F2.N2.B1. João Pedro Siebra Aguiar**, advogado, casado com a formanda de odontologia, **Andressa Carneiro Paixão**, filha de André Simão Ramos da Paixão e Cintya Carneiro Damasceno. Filho:



**F2.N2.B1.Tr1. Lourenzo Carneiro Siebra Aguiar.**

**F2.N3. Virna Lisi Aguiar Brito**, Administradora e Servidora Pública, casada com o Vereador de Cariré, **Marcio Antônio Rodrigues Brito**, filho de Gerardo Honório de Brito e Maria Terezinha Rodrigues Brito. Filhos:

**F2.N3.B1. Yuri Aguiar Brito;**

**F2.N3.B2. Vivian Maria Aguiar Brito.**

**F2.N4. Yvina Maria Aguiar Benicio**, servidora pública, casada com o comerciante do ramo de veículos, **Reginaldo Ferreira Benicio**, filho de Vicente Benicio de Vasconcelos e Maria Angelita Ferreira Benicio. Filhos:

**F2.N4.B1. José Vicente Aguiar Benicio.**

**F3. MARIA NUSIA ROCHA AGUIAR** - Administradora da Previdência Social; Auditora da Receita Federal (aposentada); Diretora Adjunta Operacional da ALECE; Diretora Administrativa e Financeira da FAS; Gerente da ASSEFAZ, nascida em 20 dez. 1941. Foi casada com **Luiz Carlos da Cunha Ribeiro**, filho de João da Cunha Ribeiro e Alice de Sá Ribeiro. Filhas:

**F3.N1. Maria Stella Aguiar Ribeiro**, psicóloga, mestre em engenharia de produção de mídia e conhecimento; servidora pública do Estado do Paraná, foi casada com **Júlio Celestino Pedron Romani**, filho de Vilamir Romani e Aldina Pedron Romani. Filhos:

**F3.N1.B1. Sofia Ribeiro Romani**, formada em publicidade e propaganda;

**F3.N1.B2. Luiza Ribeiro Romani**, acadêmica de design.

**F3.N2. Larissa Aguiar Ribeiro**, publicitária; especialista em gerenciamento de projetos, uniu-se com **Sergio Ricardo Dias dos Reis**, filho de Sergio Ricardo Fontelles Dias dos Reis e Ana Maria Carvalhedo Dias dos Reis. Filho:

**F3.N2.B1. Mateus Aguiar Ribeiro Dias dos Reis.**

**F4. MARIA CLAUDIA AGUIAR NEVES** – Funcionária Aposentada da ALECE; foi Vereadora (1993-1996) e Vice-Prefeita do município de Camocim no período de 1996-2000, nascida em 12 mar. 1943. Casada com o engenheiro agrônomo do DNOCS, fazendeiro e agropecuarista, **Francisco Frota Neves Filho (Dr. Neves, falecido)**, filho de Francisco Frota Neves e Juraci Ponte Frota Neves. Geraram:

**F4.N1. Juliana Aguiar Frota Neves Garcia**, acadêmica de direito, casada com o médico, **Fábio Vieira Garcia Netto**, filho de João Baptista Garcia e Maria Aparecida Jorge. Filhos:

**F4.N1.B1. Natalia Neves Garcia;**

**F3.N1.B2. Guilherme Neves Garcia.**

**F4.N2. Leonardo Aguiar Frota Neves**, engenheiro civil; secretário da SEINFRA do Município de Camocim por duas gestões (2013 a 2016 e 2017 a 2020); diretor do SAAE de Camocim, casado com a acadêmica de psicologia, **Ana Paula Macêdo Neves**, filha de Francisco Ary Lopes Macedo e Maria do Carmo Holanda Macedo. Filhos:

**F4.N2.B1. Monalisa Macêdo Aguiar Neves**, cirurgiã dentista;

**F4.N2.B2. Leticia Macêdo Aguiar Neves**, acadêmica de medicina;

**F4.N2.B3. Leonardo Aguiar Frota Neves Filho.**

**F4.N3. Cynthia Aguiar Frota Neves**, cirurgiã dentista, mestre em odontologia clínica e cirúrgica, casou-se duas vezes: seu primeiro casamento foi com **Carlos José Rios Osterno**, filho de Carlos José Osterno e Fátima Liduina Rodolfo Rios. A sua segunda união foi com o empresário do ramo de construção civil, **Marcio Helius Pinto Bilhar**, filho de Francisco de Assis Bilhar e Maria Ionete Pinto Bilhar, sem filhos. Cynthia teve uma filha em seu primeiro casamento:

**F4.N3.B1. Luana Aguiar Neves Osterno.**

**F4.N4. Francisco Frota Neves Neto**, administrador, empresário do ramo de vendas de carro, casado com a administradora e empresária do ramo de móveis e decorações, **Fernanda Luiza Macêdo Osterno**, filha de Fernando Luiz Macêdo Osterno e Iná Maria Macêdo Osterno. Filhos:

**F4.N4.B1. Júlia Osterno Neves**, acadêmica de medicina;

**F4.N2.B2. Francisco Fernando Osterno Aguiar Neves**, acadêmico de medicina.

**F5. MURILO ROCHA AGUIAR FILHO** – Diretor Administrativo da Secretaria da Indústria e Comércio; Diretor Administrativo da CEPESCA; Diretor Presidente da IOCE (Imprensa Oficial do Ceará), Prefeito de Camocim (1989-1992), nascido em 20 nov. 1945. Casou-se duas vezes. Sua primeira esposa foi **Simone Simões dos Santos Aguiar**, filha de Messias Simões dos Santos e Valquíria Maia Scipião dos Santos. Seu segundo enlace foi com **Maria Leny Campos Rocha Aguiar**, filha de José Alves Campos e Maria Borges Campos.

➤ FILHOS DO PRIMEIRO ENLACE DE MURILO ROCHA AGUIAR FILHO:

**F5.N1. Ricardo Simões Aguiar**, economista e proprietário da locadora de veículos Marina Rent a car, casado com **Sandra Eveline Feitosa de Castro Aguiar**, filha de Francisco José de Castro e Maria de Lourdes Feitosa de Castro. Filhas:

**F5.N1.B1. Marina Feitosa Aguiar**;

**F5.N1.B2. Marília Feitosa Aguiar**.

**F5.N2. Karina Simões Aguiar**, comerciante no ramo de veículos e eventos, gerou com **Anderson Garcia Palermo**, filho de Orlando Palermo e Iraíldes Garcia, uma filha. Seu segundo casamento foi com **Magnus Veras Aguiar**, filho de João Batista Rocha Aguiar e Maria Navarro Veras. Não houve sucessão.

**F5.N2.B1. Sabrina Aguiar Palermo.**

**F5.N3. Fabrício Simões Aguiar**, proprietário da locadora de veículos Ceará Rent a car, casado com **Luciana Sousa e Silva Vasconcelos Aguiar**, filha de Luciano Parente Vasconcelos e Maria da Conceição Sousa e Silva Vasconcelos. Filhos:

**F5.N3.B1. Gustavo Vasconcelos Aguiar;**

**F5.N3.B2. Felipe Vasconcelos Aguiar.**

**F5.N4. Murilo Neto Simões Aguiar**, trabalha com irmão, Ricardo, casado com **Nomalee de Pontes Saboia Aguiar**, filha de Francisco Sales Saboia e Maria Marlene de Pontes Saboia. Filhos:

**F5.N4.B1. Vinicius Saboia Aguiar;**

**F5.N4.B2. Bernardo Saboia Aguiar.**

➤ **FILHOS DO SEGUNDO CASAMENTO DE MURILO ROCHA AGUIAR FILHO:**

**F5.N5. Mel Campos Rocha Aguiar**, acadêmica de odontologia;

**F5.N6. Lya Campos Rocha Aguiar**, casada com **Francisco Renato Silva Barros**, filho de Francisco Cícero de Barros e Aldenora Vieira da Silva Barros. Filhas:

**F5.N6.B1. Sarah Campos Rocha Aguiar Barros;**

**F5.N6.B2. Sofia Campos Rocha Aguiar Barros.**

**F6. FRANCISCO DE PAULA ROCHA AGUIAR** – Nascido em 04 nov. 1947, Gerente da CAPEME; Deputado Estadual por 5 legislaturas; Presidente da Comissão de Constituição, Justiça e Redação por 11 anos; Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará no período de 1993 a 1994; Foi Governador do Estado do Ceará no período de 09 out. a 01 jan. 1995; Conselheiro e Presidente do Tribunal de Contas dos Municípios do Ceará (TCM).

**Francisco de Paula** casou-se três vezes: a primeira com **Alba de Araújo Lima Aguiar**, filha do Desembargador Aurino Augusto de Araújo Lima e Albanisa Pereira de Araújo Lima. Falecida Alba, Francisco casou-se com **Olivia Maria Vasconcelos**, filha de Raimundo Nelson de Vasconcelos e Maria Geralda Vasconcelos. Do terceiro enlace, com **Adriana Freire de Castro**, filha de Juarez José de Castro e Guilhermina Freire de Castro, ainda não houve sucessão.

► FILHOS DO PRIMEIRO CASAMENTO DE FRANCISCO DE PAULA ROCHA AGUIAR:

**F6.N1. Sergio de Araújo Lima Aguiar**, advogado; administrador; economista; mestre em gestão pública; vereador (1993-1996) e Prefeito de Camocim por dois mandatos (1997-2000; 2001-2004); Deputado estadual do Estado do Ceará na quinta legislatura, casado com a Advogada, **Mônica Gomes Aguiar**, Prefeita de Camocim por duas legislaturas, filha de Francisco Cláudio Gomes e Maria de Fátima da Silva Gomes. Filhos:

**F6.N1.B1. Alba Maria Gomes Aguiar**, Advogada;

**F6.N1.B2. Andrezza Maria Gomes Aguiar**, acadêmica de medicina;

**F6.N1.B3. Amanda Maria Saraiva Leão Aguiar**, médica, casada com o médico, **Dr. Daniel Saraiva Leão Cunha**, filho de Hélio Rufino Cunha e Sara Saraiva Leão Cunha;

**F6.N1.B4. Monalisa Frota dos Santos Aguiar**, enfermeira, farmacêutica e acadêmica de medicina, foi casada com **Robson dos Santos Sousa**. Filho:

**F6.N1.B1.Tr1. Luiz Fernando de Sousa Aguiar.**

**F6N2. Daniele de Araújo Lima Aguiar**, economista, seu primeiro marido foi o advogado e tabelião **Ricardo Luis Neves Solon**, filho de Luis Ubaldo Solon e Maria Izabel Neves Solon. Seu segundo enlace foi com **Wharles Antônio Ferreira de Paiva**, filho de Charles Antônio Ximenes Paiva e Veleida Ferreira Paiva.

- ▶ Filhos do primeiro matrimônio:
  - F6.N2.B1. Ana Luiza Aguiar Solon**, bacharel em direito;
  - F6.N2.B2. Francisco de Paula Rocha Aguiar Neto**, acadêmico de medicina.
  
- ▶ Filho da segunda união:
  - F6.N2.B3. Benjamin Aguiar Paiva.**
  - F6.N3. Patrícia de Araújo Lima Aguiar**, economista, casou-se duas vezes: seu primeiro esposo foi **Ivan Pereira de Matos Júnior**, filho de Ivan Pereira de Matos e Lúcia Maria Veras Pereira de Matos. O seu segundo enlace foi com **Vladimir França de Araújo**, filho de Júlio Maria Lima de Araújo e Sônia Maria Ribeiro de França Araújo.
  
- ▶ Filhos do primeiro casamento:
  - F6.N3.B1. Maria Patrícia Aguiar Pereira de Matos;**
  - F6.N3.B2. Maria Sofia Aguiar Pereira de Matos;**
  
- ▶ Filhos do segundo enlace:
  - F6.N3.B3. Maria Beatriz Aguiar França de Araújo;**
  - F6.N4. Geovana de Araújo Lima Aguiar Frederico**, fonoaudióloga, casada com o empresário do ramo de construção civil, **Luiz Raimundo Frederico Filho**, filho de Luiz Raimundo Frederico e Maria de Fátima Osterno Frederico. Filhos:
    - F6.N4.B1. Luiz Victor Aguiar Osterno Frederico;**
    - F6.N4.B2. Luiz Gabriel Aguiar Osterno Frederico;**
    - F6.N4.B3. Maria Luiza Osterno Frederico.**
  
- ▶ FILHAS DO SEGUNDO MATRIMÔNIO DE FRANCISCO DE PAULA ROCHA AGUIAR:
  - F6.N5. Karizia Vasconcelos Aguiar;**
  - F6.N6. Jessica Vasconcelos Aguiar de Araújo Lima**, arquiteta, casada com **Sávio Leite de Araújo Lima**, filho de Raimundo Sávio de Araújo Lima e Diana Silvia Leite de Araújo Lima.

**F7. ANTÔNIO ALBERTO ROCHA AGUIAR** – Ex-Capitão da Marinha do Brasil; Diretor financeiro e cooperativo do METROFOR; Secretário de governo, Coordenador do Sistema da Previdência Parlamentar da ALECE, nascido em 15 jun. 1955. Casado com **Francisca Inês Holanda Aguiar**, filha de Juvenal Holanda Brasil e Maria Rosalia Cabral Menezes Holanda. Filhos:

**F7.N1. Melissa Holanda Aguiar**, médica, casada com a médica, **Natacha Feitosa Eleutério**, filha de Francisco José Costa Eleutério e Ana Lucia Feitosa Eleutério. Filha:

**F7.N1.B1. Stella Eleutério Aguiar.**

**F7.N2. Livia Holanda Aguiar Vilela**, publicitária, diretora do Centro de Eventos do Estado do Ceará, casada com **Eduardo Vilela Veloso Júnior**, filho de Eduardo Vilela Veloso e Rosangela Teixeira Colares. Filha:

**F7.N2.B1. Beatriz Holanda Aguiar Vilela.**

**F7.N3. Alberto Rocha Aguiar Júnior**, advogado; empresário do ramo de construção, casado com sua parente, a empresária do ramo de móveis e decorações, **Riana Neves Aguiar**, filha de Francisco Rogério Osterno Aguiar e Vera Lúcia Neves Aguiar. Filhos:

**F7.N3.B1. Antônio Alberto Rocha Aguiar Neto;**

**F7.N3.B2. Isabelle Aguiar.**

Antônio Alberto Rocha Aguiar teve um relacionamento em sua juventude com Waldenise Goes Janibelli que gerou:

**F7.N4. André Luis Goes Aguiar**, casado com Luana do Nascimento Aguiar, filha de Gilberto Nepomoceno Texeira e Ana de Fatima Melo do Nascimento: tiveram:


**F7.N4.B1. João Pedro do Nascimento Aguiar;**

**F7.N4.B2. Antônia Nataly Venâncio Bruno Aguiar.**



**Imagem 27** - Família de Murilo Rocha Aguiar.







REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

## CERTIDÃO DE NASCIMENTO

NOME:  
**MURILO ROCHA AGUIAR**

— CPF —  
XXX SEM INFORMAÇÃO XXX

MATRÍCULA:  
**015826 01 55 1914 1 00002 056 0000000 31**

— DATA DE NASCIMENTO POR EXTENSO —  
VINTE E CINCO DE NOVEMBRO DE MIL NOVECENTOS E QUATORZE

DIA — MÊS — ANO  
25 — 11 — 1914

HORA DE NASCIMENTO \_\_\_\_\_ NATURALIDADE  
CAMOCIM-CE

MUNICÍPIO DE REGISTRO E UF \_\_\_\_\_ LOCAL DE NASCIMENTO E UF \_\_\_\_\_ SEXO  
CAMOCIM - CE RESIDÊNCIA Masculino

— FILIAÇÃO —  
VICENTE DE PAULO AGUIAR e IRACEMA ROCHA AGUIAR

— AVÓS/ASCENDENTES —  
PATERNOS: MANUEL FLORENCIO DE AGUIAR e CONSTANCIA GORGULINA XIMENES DE AGUIAR;  
MATERNOS: NÃO CONSTA NO TERMO

— GÊMEOS —  
NÃO

NOME E MATRÍCULA DOS GÊMEOS)

— DATA DO REGISTRO POR EXTENSO —  
VINTE E SEIS DE NOVEMBRO DE MIL NOVECENTOS E QUATORZE

N° DA DNV (DECLARAÇÃO DE NASCIDO VIVO)  
NÃO CONSTA NO TERMO

— AVERBAÇÕES/ANOTAÇÕES A ACRESCER —  
OBSERVAÇÕES: Não consta no termo a hora do nascimento. A presente Certidão (2ª Via) envolve elementos de Averbação datada de 06.08.1956. Selo de Autenticidade n° AJ-486424.


ANOTAÇÕES DE CADASTRO	DOCUMENTO	NUMERO	EXFEDICAO	ORGÃO EXPEDIDOR	VALIDADE
PS-VEIS	--o--	--o--	--o--	--o--	--o--
PASSAPORTE	--o--	--o--	--o--	--o--	--o--
CART. NAC. SAÚDE	--o--	--o--	--o--	--o--	--o--

DOCUMENTO	NUMERO	ZONA/SEÇÃO	MUNICÍPIO	UF	CEP	SANGUE
TITULO CÍVIL	--o--	--o--	--o--	--o--	--o--	--X--

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.

CARTÓRIO COELHO - 1º OFÍCIO  
MARIA ENILDA VASCONCELOS COELHO,  
Registradora.  
CAMOCIM - Ceará  
RUA JOSÉ DE ALENCAR, 149 SALAS 01/02  
CENTRO  
62400000  
Tel. 88 3621-0085

CAMOCIM, 16 de fevereiro de 2019.



MARIA ENILDA VASCONCELOS COELHO  
Oficial do Registro Civil

NARA MARIA V. COELHO MAGALHÃES  
SUBSTITUTA  
CPF: 218.563.203-59

VALIDADAMENTE COMISSO DE AUTENTICIDADE

**Imagem 28** - Certidão de Nascimento de Murilo Rocha Aguiar.



**Imagem 29** - Murilo e seu primeiro neto, Murilo Aguiar Câmara.



**Imagem 30** - Murilo e sua primeira neta, Maria Stella Aguiar Ribeiro.

## Imagens

<b>Imagem 1</b>	
Brasão da família Aguiar.....	165
<b>Imagem 2</b>	
Registro de Casamento de Nicácio de Aguiar e Silva e Micaela da Silva Medeiros.....	177
<b>Imagem 3</b>	
Capa do Inventário de Nicácio Aguiar e Silva.....	178
<b>Imagem 4</b>	
Registro de Casamento de Antônio Vaz de Aguiar e Joana da Costa Medeiros. ....	181
<b>Imagem 5</b>	
Capa do Inventário de Francisco Antônio Aguiar. ....	184
<b>Imagem 6</b>	
Registro de Batismo de Francisco Antônio Aguiar.....	185
<b>Imagem 7</b>	
Registro de Batismo de Maria Silvéria Gomes do O' Coutinho. ....	186
<b>Imagem 8</b>	
Brasão da Família Ximenes.....	187
<b>Imagem 9</b>	
Registro de Casamento de Anacleto Francisco Ximenes de Aragão e Maria Maximiana Ximenes de Aragão.....	194
<b>Imagem 10</b>	
Anacleto Francisco Ximenes de Aragão. “Livro de Ouro dos Ximenes de Aragão”. ....	195
<b>Imagem 11</b>	
Registro de Casamento de Adrião Ximenes Aragão e Joaquina Quitéria de Carvalho.....	197

<b>Imagem 12</b>	
Joaquina Quitéria de Carvalho.....	198
<b>Imagem 13</b>	
Fazenda Fortuna, em Aroeiras-Palmas (2022). .....	211
<b>Imagem 14</b>	
Cel. Manoel Florêncio de Aguiar.....	211
<b>Imagem 15</b>	
Constância Ximenes de Aragão Aguiar. ....	212
<b>Imagem 16</b>	
Cel. Manoel Francisco de Aguiar. ....	217
<b>Imagem 17</b>	
Coronel Manoel Francisco de Aguiar. ....	218
<b>Imagem 18</b>	
Lourença Gomes de Aguiar. ....	218
<b>Imagem 19</b>	
Mariano Cavalcante Rocha.....	219
<b>Imagem 20</b>	
Monsenhor Dr. Agesilau de Aguiar.....	219
<b>Imagem 21</b>	
Registro de Batismo de Moisés Cavalcante Rocha.....	221
<b>Imagem 22</b>	
Moisés Cavalcante Rocha.....	222
<b>Imagem 23</b>	
Virgínia de Aguiar Rocha. ....	222
<b>Imagem 24</b>	
Vicente de Paula Aguiar. ....	234
<b>Imagem 25</b>	
Família Vicente de Paula Aguiar.....	235
<b>Imagem 26</b>	
Iracema Aguiar Rocha – Mãe de Murilo. ....	235
<b>Imagem 27</b>	
Família de Murilo Rocha Aguiar. ....	246
<b>Imagem 28</b>	
Certidão de Nascimento de Murilo Rocha Aguiar. ....	247
<b>Imagem 29</b>	
Murilo e seu primeiro neto, Murilo Aguiar Câmara. ....	248
<b>Imagem 30 - Murilo e sua primeira neta, Maria Stella Aguiar Ribeiro.....</b>	<b>248</b>

## Fontes

AGUIAR, Francisco Ayrton de; AGUIAR, José Anastácio de Sousa. *Família Aguiar. 7 séculos de história*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005.

ARAÚJO, Pe. F. Sadoc de. *Cronologia Sobralense - Séculos XVII e XVIII-1604-1800*. 2ª ed. Volume 1 ao 5. Fortaleza: Edições ECOA, 2015.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ. *Memorial da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará. Cinquentenário da Carta Magna Estadual 1947-1997*. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – INESP.

BAPTISTA, Walter Santos. *Investigação e releitura dos sobrenomes luso- brasileiros*.

BARRETO, Carlos Xavier Paes. *Os Primitivos Colonizadores Nordestinos e seus Descendentes*. Rio de Janeiro: Editora Melso, 1960, página 257. [S.l.: s.n.].

COLEÇÃO BORGES DA FONSECA. *Cândido Pinheiro Koren de Lima Branca Dias: Tomos 1 ao 3* – Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2016.

DIÓGENES, Osmar Maia Diógenes. *Cronografia do Ceará social, política e legislativa*. Fortaleza, Edições INESP – 2021.

DÓRIA, Francisco Antônio. *Sangue Converso no Brasil Colônia*. [S.l.: s.n.].

FamilySearch. Registro da Igreja Católica: Batismo. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7=-LB2C2-QP?owc=waypoints&wc-MHNS-PP8%3A369860801%2C369860802%-2C370168501&cc=2175764>. Acesso em 2021 - 2022.

FamilySearch. Registro da Igreja Católica: Matrimônio. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7=-LB2C2-QP?owc=waypoints&wc-MHNS-PP8%3A369860801%2C369860802%-2C370168501&cc=2175764>. Acesso em 2021 - 2022.

FamilySearch. Registro da Igreja Católica: Óbito. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7=-LB2C2-QP?owc=waypoints&wc-MHNS-PP8%3A369860801%2C369860802%-2C370168501&cc=2175764>. Acesso em 2021 - 2022.

FONSECA, Antônio José Victoriano Borges da. *Nobiliarquia Pernambucana*. Biblioteca Nacional. Vol. II, Rio de Janeiro, 1935.

GENEANET. Árvore Genealógica. Disponível em: [https://pt.geneanet.org/fonds/individus/?go=1&nom=-do+%C3%92+Coutinho&nom\\_conjoint=de+Aguiar&pre-nom=Maria+Silveira&prenom\\_conjoint=Francisco+Antonio&prenom\\_conjoint\\_operateur=or&prenom\\_operateur=or&utm\\_campaign=search&utm\\_medium=partner&utm\\_source=partner\\_familysearch](https://pt.geneanet.org/fonds/individus/?go=1&nom=-do+%C3%92+Coutinho&nom_conjoint=de+Aguiar&pre-nom=Maria+Silveira&prenom_conjoint=Francisco+Antonio&prenom_conjoint_operateur=or&prenom_operateur=or&utm_campaign=search&utm_medium=partner&utm_source=partner_familysearch). Acesso em: 2021 - 2022.

GUIMARÃES, Hugo Victor. *Deputados Provinciais e Estaduais do Ceará*. Assembleias Legislativas, 1835-1947. Fortaleza: Editora Jurídica LTDA.

IBIAPINA FILHO, Francisco Ximenes. *Livro de Ouro dos Ximenes de Aragão*. Brasília: Edição do Autor, ano de 2015. 986p.

INVENTÁRIO DE ADRIÃO XIMENES ARAGÃO. Arquivado no Fórum de Coreaú, CE. 1897.

INVENTÁRIO DE ANTÔNIO VAZ DE AGUIAR. Arquivado no Fórum do Coreaú, CE. 1850.

INVENTÁRIO DE FRANCISCO ANTÔNIO DE AGUIAR. Arquivado no Fórum de Coreaú, CE. 1860.

MELLO, Evaldo Cabral de Mello. *O Nome e o Sangue*. São Paulo. Companhia das Letras: 2009, página 86-87). [S.l.: s.n.] ISBN 978-85-359- 1397-2.

ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (direcção), *Armorial Lusitano- Genealogia e Heráldica*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1961.

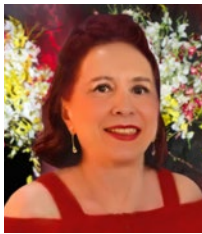






### **Carlos Augusto Pereira dos Santos**

Professor Adjunto do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Graduado em Estudos Sociais e História pela UVA (1990 e 2015). Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ (2000) e Doutor em História do Norte e Nordeste do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE (2008), pós-doutor em Estudos Culturais do Programa Avançado de Cultura Contemporânea PACC/UFRJ (2016). Autor de vários livros sobre história local, especialmente nas temáticas do cotidiano, cultura, história do trabalho e trabalhadores. É membro do Coletivo de Historiadores de Camocim.



### **Maria Núzia Rocha Aguiar**

Terceira filha do casal Murilo e Maria Stela Rocha Aguiar. Graduada em Administração pela Faculdade de Economia e Finanças do Rio de Janeiro (SUESC). Administradora da Previdência Social /INPS/INAMPS/ SEMOR (Secretaria de Modernização Administrativa); Auditora Fiscal da Receita Federal concursada em 1980. Foi Diretora Adjunta Operacional da Assembleia Legislativa do Ceará (ALECE - 1993 a 1995). Diretora Administrativa e Financeira da Fundação de Ação Social do Estado do Ceará (FAS - 1995 a 1997) e gerente da Fundação ASSEFAZ no Estado do Ceará de 1997 a 1999. Membro da Associação Memória Salva Vale do Coreaú.

Apaixonada por história, interessou-se por genealogia ao ler o livro “Família Aguiar: 7 séculos de História”, de Francisco Ayrton de Aguiar e José Anastácio de Sousa Aguiar.

Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**

Este livro foi composto em fonte Bookman Old Style, impresso no formato 15 x 22 cm em pólen 80g/m<sup>2</sup>, com 256 páginas e em e-book formato pdf.  
Julho de 2023.



“Murilo era um homem medularmente político”.

*Lúcio Alcântara.*

“Ele era um político nato. Para ele, o sentido de ganhar uma eleição era ajudar a população”.

*Francisco Carneiro da Rocha (Chico Branco).*

“Eu tinha pouco menos de vinte anos e ele, como político, as pessoas falavam que ele ajudava os pobres, os necessitados e era conhecido de muita gente”.

*José da Costa Sotero.*

“Meus pais são da Serra da Meruoca e vieram pra cá [...]. Nessa época, o seu Murilo ainda tinha o escritório dele ao lado da Estação. Meu pai foi lá e começou a trabalhar pro seu Murilo, carregando aqueles caixão de Quinado Imperial”.

*Francisca das Chagas de Oliveira (Chiquinha Fumaça).*

Guardadas as devidas proporções e seu tempo, todos puderam fazer algo, entretanto, eu costumo dizer que Chico Aguiar, Sérgio Aguiar, Cláudia, que já foi vereadora e vice-prefeita, Stélio Júnior, que já foi vereador, Murilo Filho que já foi prefeito, todos nós Aguiar, descendentes de Murilo Aguiar, não conseguimos chegar ainda à metade da experiência, da vivacidade e da capacidade que ele tinha de poder olhar as coisas e conseguir encontrar ali as suas respostas adequadas.

*Sérgio de Araújo Lima Aguiar.*

